

COLEÇÃO DE LINGUAGEM E LINGÜÍSTICA

A ESTRUTURA MORFO-SINTÁTICA DO PORTUGUÊS

Yvan Dantas

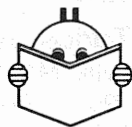
PIONEIRA — MANUAIS DE ESTUDO

José Rebouças Macambira

A ESTRUTURA MORFO-SINTÁTICA DA PORTUGUÊS

aplicação do estruturalismo lingüístico

5ª Edição



LIVRARIA PIONEIRA EDITORA
São Paulo

Capa de
Jairo Porfírio

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios desejados (mimeografia, xerox, datilografia, gravação, reprodução em disco ou em fita), sem a permissão, por escrito, da Editora. Aos infratores se aplicam as sanções previstas nos artigos 122 e 130 da Lei nº 5.988 de 14 de dezembro de 1973.

1987

Todos os direitos reservados por
ENIO MATHEUS GUAZZELLI & CIA. LTDA.
02515 - Praça Dirceu de Lima, 313
Telefone: 858-3199 – São Paulo

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

À minha esposa

ROSA MARIA

e

a meus filhos

RÓSCIO e ROSANE

ÍNDICE

1 — <i>PRINCÍPIOS BÁSICOS</i>	15
1.1 — Forma, Função e Sentido	17
1.2 — Sistema Aberto e Sistema Fechado	22
1.3 — Forma Livre e Forma Presa	25
2 — <i>CLASSIFICAÇÃO DOS VOCÁBULOS</i>	29
2.1 — O Substantivo	31
2.2 — O Adjetivo	36
2.3 — O Verbo	39
2.4 — O Advérbio	42
2.5 — O Artigo	46
2.6 — O Numeral	50
2.7 — O Pronome	53
2.8 — A Preposição	62
2.9 — A Conjunção	67
2.10 — A Interjeição	80
2.11 — Estrutura e Classificação do Advérbio	85
2.12 — Estrutura das Preposições	88
2.13 — Estrutura das Conjunções	97
2.14 — Classificação das Conjunções	109
2.15 — A Locução Verbal	110
2.16 — Os Processos Morfológicos	118
3 — <i>A ESTRUTURA SINTÁTICA DO PORTUGUÊS</i>	123
3.1 — As Categorias Duplas	125
3.2 — Os Processos Sintáticos	129
3.3 — Pronome-Sujeito e Pronome-Complemento	136
3.4 — A Predicação Verbal	143
3.5 — Termos Subordinantes e Termos Subordinados	151

4 —	<i>TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO</i>	160
4.1 —	O Binômio Sujeito-Predicado.....	163
4.2 —	O Sujeito.....	166
4.3 —	A Oração Mínima	189
4.4 —	Do Predicativo em Geral	199
4.5 —	O Predicativo do Sujeito.....	203
4.6 —	O Predicativo do Objeto.....	212
5 —	<i>TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO</i>	221
5.1 —	O Objeto Direto	223
5.2 —	Acusativo com Infinitivo.....	234
5.3 —	O Objeto Indireto.....	240
5.4 —	O Agente da Passiva	255
5.5 —	O Complemento Nominal.....	260
6 —	<i>TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO</i>	285
6.1 —	O Adjunto Adnominal.....	287
6.2 —	O Adjunto Adverbial.....	313
6.3 —	O Aposto	341
6.4 —	O Vocativo.....	349
7 —	<i>APÊNDICE</i>	355
7.1 —	A Forma <i>Um</i> ⁴	357
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	361

PREFÁCIO

Vimos acompanhando há muito tempo o trabalho do Prof. Rebouças Macambira no campo da Lingüística Aplicada, com tanto maior interesse quanto sabemos a oportunidade dos seus estudos, ante a carência de obras lingüísticas concernentes à morfologia e à sintaxe do nosso idioma, pelo menos sob o influxo da Lingüística Moderna.

Na direção do Centro de Cultura Portuguesa, facilitamos tudo para que se mimeografassem as suas pesquisas, que tantos aplausos têm merecido no Ceará e noutros Estados brasileiros. A Classificação dos Vocábulos, A Língua pela Língua, A Estrutura da Oração Interrogativa e A Forma Simples do Verbo nasceram e cresceram ao calor do Centro de Cultura Portuguesa, conforme o declara freqüentemente o próprio autor.

Já na Pró-Reitoria de Extensão, colaboramos com a Faculdade de Letras e a Inspeção Seccional de Fortaleza para a realização do 3.º Seminário de Português e dois Cursos de Extensão Universitária, um em janeiro e o outro em julho de 1970. Restava-nos a publicação de A Estrutura Morfo-Sintática do Português, que recomendamos a quantos estudam e cultivam a nossa língua, de tão longa tradição e de tanta glória.

PROF. CARLOS D'ALGE
Pró-Reitor de Extensão

INTRODUÇÃO

Instalado em 1965 o Centro de Cultura Portuguesa, da Universidade Federal do Ceará, convidava-nos o Prof. Carlos d'Alge a colaborar nas incipientes atividades culturais e apresentar-lhe o primeiro plano de trabalho. Ocorreu-nos à mente, como curso inicial, a Estrutura Morfo-Sintática do Português, à luz da lingüística moderna. O alto interesse dos alunos causou-nos profunda impressão. Aceitavam e aplaudiam a mensagem nova, e deram-nos tanto estímulo e coragem, que propusemos a introdução da matéria na Faculdade de Letras, onde se repetiu alvissareiramente a vitoriosa experiência. Começamos a escrever as aulas e distribuí-las entre os alunos, cada vez mais confiantes, cada vez mais entusiasmados. Colecionamos todos os trabalhos, publicamo-los em edição mimeografada sob o título A LÍNGUA PELA LÍNGUA, e remetemos alguns exemplares às capitais mais importantes. Com surpresa nossa e maior contentamento, dentro em breve no-la pediam a Universidade Nacional de Brasília e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, além de outras universidades menos importantes. Preparados outros trabalhos como A ESTRUTURA DA ORAÇÃO INTERROGATIVA e A FORMA SIMPLES DO VERBO, enviamo-los a várias universidades brasileiras. Reiterou-se o êxito de A LÍNGUA PELA LÍNGUA e firmou-se-nos a certeza de que trilhávamos o caminho certo.

Por ocasião dos três seminários havidos em Fortaleza, do 4.º Seminário de Lingüística no Recife, bem como dos cursos intensivos em Maceió e João Pessoa, pronunciamos várias conferências, e tivemos a grata satisfação de ver que a gramática pode ser renovada e que promissoramente estava ensaiando os primeiros passos. Incentivado e apoiado pelo Prof. Carlos d'Alge, Coordenador do Centro e Pró-Reitor da Universidade, estamos apresentando a segunda edição de A ESTRUTURA

MORFO-SINTÁTICA DO PORTUGUÊS, que não é outra coisa senão A LÍNGUA PELA LÍNGUA, refundida e ampliada.

Não se trata de abolir a gramática tradicional, que tantos e tão bons serviços prestou e vem prestando ao estudo e ao ensino de línguas, nacionais ou estrangeiras. O que cumpre e urge é favorecê-la com as conquistas da lingüística moderna, que já são inúmeras e se alargam a cada passo. Não é mais possível ensinar pela boca de Apolônio Discolo, que viveu e gramaticou no segundo século da era cristã. O termo gramatiquice testemunha penosamente o descrédito que invadiu a esfera dos estudos gramaticais, e adverte-nos que se deve mudar, conservando-se o que esteja certo e alterando-se o que for errado.

J. R. M.

PRINCÍPIOS BÁSICOS

“A lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua encarada em si mesma e por si mesma.”
(SAUSSURE, 78.)

1.1 — FORMA, FUNÇÃO E SENTIDO

1.1.1 — As palavras existentes em qualquer língua distribuem-se em várias classes, conforme as *formas* que assumem ou as *funções* que desempenham, e para alguns autores conforme o *sentido* que expressam.

Entende-se por *forma* um ou mais fonemas providos de significação; a conjunção *e* é uma forma constituída por apenas um fonema, que sob o aspecto semântico exprime a idéia de adição; o adjetivo *só* é também uma forma, constituída por um só morfema, que denota a idéia de solidão, ao passo que *sós* contém duas formas — *só* e *s* —, cujo segundo elemento acrescenta a noção de plural.

CARRETER(19) define a forma como “o aspecto sob o qual se nos apresenta um elemento lingüístico, abstraindo-se-lhe a função e o sentido”. É claro, porém, como observa SAUSSURE, que “as formas e as funções são solidárias e, para não dizer impossível, seria difícil separá-las”. Não se há tampouco de separar o sentido, pois, consoante o próprio SAUSSURE, “na língua não se pode isolar o som da idéia, nem a idéia do som”(78).

A classificação das palavras deve basear-se primariamente na forma, isto é, nas oposições formais ou mórficas que a palavra pode assumir para exprimir certas categorias gramaticais — o que se chama *flexão*, ou para a criação de novas formas — o que se chama *derivação*.

O português é relativamente abundante em construções formais; o termo *ferro*, por exemplo, exhibe as seguintes formas: *ferro-ferros*, *ferrinho-ferrinhos*, *férreo-férrea-férreos-férreas*, *ferrão-ferrões*, *ferreiro-ferreiros*, *ferragem*, *ferraria*, *ferrenho-ferrenha-ferrenhos-ferrenhas*, e mais outras que seria ocioso enumerar, como *aferrar* e *desferrar* para incluir também o verbo com vários tempos, números e pessoas, o mais opulento paradigma português pela magnífica exuberância de formas. Ao lado porém de *ferro*, há substantivos pobres como *pires*, com talvez *piresinho* e o respectivo plural.

O verbo português é indubitavelmente muito rico sob o aspecto formal: *louvar* ostenta luxuosamente cinquenta formas diversas, enquanto o inglês *to praise* possui apenas quatro: *praise, praises, praised, praising*. É por isto que o estudante distingue o verbo com muita facilidade: perguntado se *amei* é verbo, aflui-lhe à mente um pomposo cortejo de formas, a configurar sobejamente a classe gramatical.

Há certos idiomas em que a palavra é sempre invariável, em que não há, *verbi gratia*, desinência que distinga o singular do plural, o masculino do feminino e, umas das outras, as pessoas verbais. Outros há em que as palavras são morficamente tão pobres que se torna impossível classificá-las sob o critério mórfico. Em inglês, o vocábulo *must* só pode classificar-se como verbo pelo critério sintático; é invariável, tão invariável como o advérbio, a preposição e a conjunção: não há *musts*, nem *musted*, nem *musting*, nem outra cousa que lembre fisionomia verbal.

Quando falecem as indicações formais, a classificação deve basear-se no critério sintático, que não é tão seguro como o critério morfológico. “O emprego sintático das palavras é tão vasto, e muitas vezes tão variado, que se torna muito difícil determinar as ocorrências mais significantes em que se basear.” (BLOCH e TRAGER, 12.)

1.1.2 — *Critério sintático* é praticamente critério grupal — a palavra estudada não em suas partes, ou em seus elementos mórficos, mas em grupo, em sociedade, ao contacto de outras formas lingüísticas; mas, se todo *sintático* é grupal, nem todo *grupal* é sintático, porque para sê-lo devem combinar-se os elementos agrupados, funcionalmente relacionando-se uns com os outros. Em

A torre de Babel

a construção é grupal e sintática, porque os quatro componentes constituem um todo interdependente; mas em

Torre a Babel de

a construção é grupal, não porém sintática, já que os elementos constituintes não são interdependentes, isto é, significativamente, funcionalmente associados.

Por outro lado, quem diz *sintático* está dizendo *funcional*, pois a sintaxe estuda a função das palavras organizadas em grupos. Em lugar de FORMA, FUNÇÃO E SENTIDO, podíamos ter elegido FORMA, SINTAXE E SENTIDO, para intitular o presente capítulo. Paralelamente, *formal*, *mórfico* e *morfológico* são adjetivos sinónimos.

1.1.3 — A classificação tradicional das palavras em classes, que remonta aos gramáticos gregos e latinos, toma como base os critérios

mórfico e sintático, de que acima nos ocupamos, e o critério semântico de que passamos a nos ocupar. Fá-lo, porém, dentro de critérios heterogêneos, ora prevalecendo o mórfico, ora o sintático, ora o semântico, sem determinar portanto a hierarquia dos critérios.

O termo *semântico*, de origem grega, deriva-se de *sema*, que significa *senal*, da mesma forma que *significação* se deriva de *signum*, que também significa *senal*. *Significativo* portanto é a versão latina do grego *semântico*. É tão estreita a relação entre a forma grega e a latina que o inglês possui *significs* e *semantics* para designar sinonimicamente a ciência do significado. *Semântico*, pois, quer dizer *significativo*, embora a correspondência não seja total. Não se vai dizer por exemplo que *o olhar daquela morena foi muito semântico!*

Convém acrescentar que o sentido, ou a significação, pode ser *gramatical* ou *lexical*. *Gramatical* é o que distingue, uns dos outros, os diversos membros de um paradigma, como o singular *sertão* e o plural *sertões*, o masculino *aluno* e o feminino *aluna*, o presente *amo* e o passado *amei*. *Lexical* é o sentido básico, que se conserva inalterado em todos os membros do paradigma, como em *belo-bela-belos-belas*, *embelezo-embelezas-embeleza*, *belamente*, *beleza*, *beldade*, e que se substancia na forma *bel-*.

“Embora seja importante fazer a distinção entre sentido gramatical e lexical, e necessário na descrição sistemática da língua definir pelo menos o sentido gramatical tão cuidadosamente quanto possível, todas as classificações devem basear-se exclusivamente na *forma*, nas diferenças e semelhanças que apresenta a estrutura fonológica das bases e afixos, ou na ocorrência das palavras em tipos especiais de frases e orações. Ao fazer nossas classificações, não devemos apelar nem para o sentido, nem para a lógica abstrata, nem para a filosofia. As classes de palavras devem ser definidas ou pela flexão ou então, na falta da flexão, pelas funções sintáticas; nunca pelo sentido real ou imaginado que possam traduzir.” (BLOCH e TRAGER, 12, p. 68.)

Como se deduz com facilidade, o critério semântico é totalmente abandonado. Mais adiante o autor afirma que as definições tradicionais aprendidas nos tempos escolares são amplamente baseadas em considerações filosóficas do sentido, e cita a definição de substantivo, para concluir que não serve para nada.

Podiam citar-se outras autoridades que rejeitam a significação como critério classificatório. Ouçamos Charles Charpenter FRIES e Noam CHOMSKY (*apud* ELSON e PICKETT, 22, p. 19.)

“Este tipo de análise gramatical que parte do sentido total, e usa o sentido como a base de análise é o que a ciência da lingüística moderna descarta como pertencente à era pré-científica.” (FRIES, 31.) “As

noções semânticas são realmente sem qualquer importância para o problema de como descrever a estrutura formal.” (CHOMSKY, 20.)

“Em qualquer língua que se considere, declara VENDRYES (82), as categorias gramaticais não se definem senão pela forma que as exprime”, o que não proscreve propriamente o critério sintático, mas amplia consideravelmente o critério formal.*

Mattoso CÂMARA inclui o critério semântico entre os elementos classificatórios, assumindo atitude francamente mentalista no trato da questão. “A melhor solução, escreve o mestre, é conservar as denominações tradicionais e distribuí-las rigorosamente de acordo com os seus valores semânticos, mórficos e funcionais”, enumerando o adjetivo *semântico* em primeiro lugar. “Para isso, prossegue, deve-se associar o critério semântico e o mórfico, que estão intimamente ligados, pois conforme GROOT o termo *sentido* só pode ser definido com o auxílio do conceito *formal*.” (17, p. 133.) ELSON e PICKETT autores de obras importantes, estão com MATTOSO na defesa do critério semântico: “Embora a análise científica e sistemática do sistema semântico esteja longe de ser coisa simples, pois faltam ainda processos que de modo completo analisem o sentido, não podemos consentir que tal fato nos induza a ignorá-lo, porquanto, ao que parece, não existe outro meio para compreender a estrutura da língua” (22, p. 19).

A combinação de forma e sentido é sem dúvida importante, um e outro sem dúvida inseparáveis na descrição lingüística. O próprio BLOOMFIELD, antimentalista e arauto do mecanicismo, é quem nos assegura o seguinte: “Seria desinteressante e talvez pouco proveitoso estudar o simples som da língua sem qualquer consideração do sentido(13).

* *Formal*, referente à *forma*, é muito mais amplo que *mórfico*, referente ao *morfe* — elemento mórfico ou forma em sentido estrito. É preciso ter cuidado, porque *formal* em sentido lato inclui o próprio *sintático*. Senão ouçamos como se manifesta Nelson Frances em “Revolution in Grammar” (apud ALLEN, I, p. 55):

“The second point brought out by a formal analysis of English is that it uses four principal devices of form to signal structural meanings:

I) *Word order* — the sequence in which words and word-groups are arranged;
II) *Function words* — words devoid of lexical meaning which indicate relationships among the meaningful words with which they appear;

III) *Inflections* — alterations in the forms of words themselves to signal changes in meaning and relationship;

IV) *Formal contrasts* — contrasts in the forms of words signaling greater differences in function and meaning. These could also be considered inflections, but it is more convenient for both the lexicographer and the grammarian to consider them separately”.

Como se pode observar pelo item I, de *word order*, nas orações *morreu grande poeta* e *grande poeta morreu* a diferença é formal em sentido lato, e por conseguinte sintática. O substantivo *morfe* é criação norte-americana; em português seria preferível *a morfa*, do grego *mórfhê*; mas o termo já está consagrado, e seria difícil modificá-lo.

A conclusão que se tira é que uns autores incluem, outros excluem o critério semântico na descrição das categorias gramaticais. A orientação que adotamos é conciliatória, e representa o pensamento de vários lingüistas: a significação deve ser usada como simples ponto de referência, somente para fazer a oposição *igual/diferente*, e não para conceituar esta ou aquela palavra, mas para mostrar por exemplo que o *dia* é diferente da *noite*, que o sufixo *inho* de *livrinho* é semanticamente diverso do sufixo *inho* de *bonitinho*; só excepcionalmente e com muita cautela, é que ousamos socorrer-nos do critério semântico como elemento classificatório.

Se tivéssemos que nos definir entre *mentalista* (quem acha que o nosso comportamento está subordinado à mente) ou *mecanicista* (quem acha que o comportamento, e portanto a linguagem, está subordinado ao sistema), diríamos que somos *mecanicistas*, porém com moderação e no que tange à estrutura da língua.

E importante observar que o mecanicismo bloomfieldiano não é uma filosofia do universo, nem tampouco um sistema psicológico, mas apenas um método a ser usado na conceituação científica.*

* Mais algumas considerações sobre o sentido:

"The reader cannot have failed to observe that meaning has been little discussed in this book and has never been used as primary tool of analysis". Um pouco abaixo: "In terms of the familiar three-level map of linguistics, meaning exists only on the meta-linguistic level. As long as one operates strictly within the microlinguistic, only what has been called *differential meaning* is relevant. By this term is meant no more than identity and difference — microlinguistically we can say that two items are *sames* or *differents* and nothing else. *Same* and *different*, in turn, are identity or difference in speaker-hearer behavior. *Meaning* proper is ultimately correspondence between a linguistic item and an item in the nonsymbolic world, or between a linguistic structure of many items and a similar structure in the nonsymbolic world." (HILL, 43, p. 409.)

"One trouble with the tradition grammar is that it relies heavily on *the most subjective element* in language — *meaning*". (Nelson Francis. *Apud* ALLEN, 1, p. 54.)

As a general principle I would insist that, in linguistic study and analysis, any use of meaning is unscientific whenever the fact of our knowing the meaning leads us to stop short of finding the precise formal signals that operate to convey the meaning". (FRIES, 31, p. 8.)

"Some who are counted among our linguistic scholars have so vigorously condemned all *uses of meaning* that for many linguistic students the word *meaning* has almost become anathema". (FRIES, 3d, p. 95.)

1.2 — SISTEMA ABERTO E SISTEMA FECHADO

1.2.1 — O vocabulário de que se compõe um idioma distribui-se em duas partes: o sistema aberto e o sistema fechado, ou o inventário aberto e o inventário fechado, que são expressões sinonímicas. Preferimos entretanto a palavra *sistema*, pois inventário evoca entre nós a lembrança de alguém que se foi, e não raro a dissensão entre aqueles que ficaram. Além disto, sistema é termo lingüístico: a própria língua é um sistema, formado por vários subsistemas, entre os quais figura o semântico, expresso no vocabulário.

1.2.1.1 — Chama-se *aberto*, porque o número das palavras é ilimitado e tende a crescer no decorrer do tempo. Ao sistema aberto pertencem as quatro classes seguintes: o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio nominal, que de quando em quando agasalham novo termo, às vezes cunhado na própria terra, outras vezes importado:

a) *Novos substantivos*: jipe, aerovia, cardápio, avião, aviador, aeroporto, aeromoça, radar, televisão, televisor, telespectador, crediário, diapositivo, esclerose, *video-tape*, dublagem, sanatório, decalque, nazista, nazismo, diacronia, postrídio;

b) *Novos adjetivos*: hertziano, aeroviário, ferroviário, aviatório, venusiano, telespectador, ciclótico, diacrônico, nazista, esquizotímico, eurásico, interiorano, classificatório, esclerose, grã-fino, encampatório (este último apareceu por ocasião do movimento destinado à encampação da Faculdade Católica de Filosofia), psicodélico;

c) *Novos verbos*: sintonizar, parabenizar, alunissar, decolar, aterrissar, amerissar, craniar, esclerosar, dublar, decalcar, detectar, paquerar;

d) *Novos advérbios nominais*: todos os advérbios terminados pelo sufixo *-mente*, que se originam de novéis adjetivos: ciclótomicamente, classificatoriamente, grã-finemente, psicodelicamente.

1.2.1.2 — Chama-se *fechado*, porque o número das palavras não tende a crescer, mas antes a se conservar como era no tempo de Pedro Álvares Cabral. Ao sistema fechado pertencem as sete classes seguintes: o artigo, o numeral, o pronome, o advérbio pronominal, a preposição, a conjunção e a interjeição. Ao que se vê, na sociedade das palavras, como na sociedade das pessoas, são mais os que servem do que aqueles que são servidos.

É difícil aumentar o sistema fechado. Imagine-se por exemplo novo artigo em português! Algum colunista social tem usado a preposição francesa *chez*, sem talvez atentar que está procurando, por certo inutilmente, introduzir um novo termo no sistema fechado da língua.

O sistema fechado pode ser assimilado com relativa facilidade, ao passo que o aberto nunca o será totalmente, pois é impossível saber todos os substantivos, adjetivos e verbos pertencentes ao idioma; entretanto, qualquer pessoa consegue aprender por exemplo todos os pronomes, preposições e conjunções, todos os termos enfim pertencentes ao sistema fechado.

1.2.2 — O numeral exige comentário especial. Embora não se possa negar que os números sejam ilimitados, no final de contas reduzem-se todos aos números dígitos. Partindo-se da unidade forma-se *dois* com o acréscimo de *um*; começando-se por *dois* consegue-se formar *três* por igual processo, de *três* formar *quatro*, e assim por diante, de zero ao infinito: sempre *mais um*. Sabemos hoje praticamente os números que aprendemos na escola; mas os substantivos, adjetivos e verbos, estes cresceram, ninguém se atreve a contestá-los. Muitos cearenses interioranos estão empregando por aí afora o emprestado *vídeo-tape*, que até bem pouco nem suspeitavam que existisse. Por outro lado, não se podia incluir o numeral no sistema aberto, pois aí só figuram palavras conceituais, palavras idéia, o ponto mais alto, a nobreza do pensamento humano. Por mais estranho que pareça, o número pertence a esta nobreza de que falamos, não porém os numerais.

A propósito, em português os cardinais começam em *um* e parecem terminar em 999999, pois aí entra o milhão, que não é numeral, pelo menos em nossa língua: ninguém dirá que possui um milhão cruzeiros, mas um milhão de cruzeiros, conforme o requer a sintaxe do substantivo; 1000001 porém é numeral. . .

1.2.3 — Se abriremos qualquer gramática escolar, encontraremos infalivelmente a costumeira lista das classes fechadas, pois elas, sobretudo, é que refletem a estrutura gramatical da língua. O sistema fechado é de grande utilidade na identificação do sistema aberto e na descrição

lingüística de modo geral. É por meio do artigo que se identifica o substantivo, por meio do pronome identifica-se o verbo; o advérbio pronominal, no caso de *tão*, nos aponta o advérbio nominal; a preposição nos ensina quais os termos equivalentes ao substantivo e nos esclarece a natureza de certos complementos; a conjunção nos anuncia o princípio de nova oração e nos adverte sobre as funções idênticas.

É verdade que o sistema aberto é também de certa utilidade classificatória, pois o adjetivo não deixa de servir para identificar o substantivo; mas é classe ilimitada, e como tal difícil de manejar.

Embora numericamente inferior, o sistema fechado ocorre porém com maior frequência do que o sistema aberto. As preposições *em*, *de*, *a*, por exemplo, encontram-se, em geral, mais freqüentes em qualquer trecho do que um substantivo, adjetivo ou verbo qualquer. Haja vista o seguinte rubai de Omar KHAYYAM, traduzido por nós, em que os elementos *meu*, *e*, *de* aparecem cada um duas vezes, e nem um só substantivo, nem um só verbo se repetem:

*Ó Tu que meu Caminho hás semeado
De Armadilhas e Laços, e o meu Fado
Emananhaste com Teus próprios Dedos,
Por que me argüis, Senhor, de ter pecado?*

O estudioso deve dominar plenamente o sistema fechado, para o que tem à sua disposição todo e qualquer compêndio escolar, ora mais, ora menos completo.

1.2.4 — O sistema aberto corresponde ao que VENDRYES (82) consagrou com o nome de *semantema*, e que outros, como BORIS (*apud* CARRETER, 19, p. 361), CANTINEAU e MARTINET (54) preferem chamar de *lexema* — forma lingüística de sentido lexical.

O sistema fechado corresponde ao que VENDRYES consagrou com o nome de *morfema* — forma lingüística de sentido gramatical.

Chama-se *lexical* por constituir a parte maior e mais importante do léxico; chama-se *gramatical*, porque, sobretudo funcional ou instrumental, interessa particularmente ao domínio da gramática.

Monema é um termo genérico, empregado por MARTINET (54) para abranger o morfema e o semantema, e corresponde ao morfema da lingüística norte-americana — também um termo genérico.

1.3 — FORMA LIVRE E FORMA PRESA

↳ É aquela que pode aparecer sozinha no discurso, especialmente numa pergunta ou numa resposta

↳ É aquela que não pode aparecer sozinha no discurso

1.3.1 — Não é difícil comprovar que certas palavras estão sempre acompanhadas, e, portanto, jamais figuram sozinhas em pergunta ou resposta, ou noutra situação qualquer; são como parasitos sonoros cuja existência depende completamente de outros vocábulos.

Quem já viu a preposição *de* ou o pronome *te* apresentar-se no discurso, que não estejam incorporados em algum membro da oração? No entanto o advérbio *não* anda solto e solitário por todas as bocas, a soltar por certo maior tristeza do que alegria. “Não!”, exclama fulano; “Não!” repete sicrano; mas o pobre *de* jamais comparece sozinho no colorido intercâmbio cotidiano.

Não há dúvida que o *não* anda solto por aí afora, mais amiudado e altivo do que o colega *sim*; não porém um *não* qualquer, pois que são dois, mas aquele se pronuncia *não* e rima com *pão*, e não aquele que se pronuncia *num* e rima com *algum*; este, sempre atrelado à escravidão do verbo, é o *não* cativo do linguajar coloquial.

1.3.2 — O vocabulário que constitui um idioma divide-se em forma livre — o *não* pronunciado *não*; e forma presa — o *não* pronunciado *num*.

1.3.2.1 — Forma livre é aquela que pode aparecer sozinha no discurso, especialmente numa pergunta ou numa resposta:

- Você vai à festa?
- *Sim*.
- *Onde?*
- *Lá*.
- Vai muita gente?
- *Vai*.

Sim, onde, lá e vai são formas livres, porquanto podem funcionar sozinhas em pergunta e resposta. De certa maneira são de maioridade sob o aspecto vocabular.

1.3.2.2 — *Forma presa* é aquela que não pode aparecer sozinha no discurso, especialmente numa pergunta ou numa resposta. A preposição *de* é forma presa, pois é impossível encontrá-la sozinha, pelo menos como preposição. Ao contrário do advérbio *não*, ainda se acha em plena menoridade vocabular.

1.3.3 — O termo *contra* é preposição e como tal se acha consignado em todo compêndio escolar. Na fala, como toda preposição autêntica, está sempre anunciando um substantivo seguinte ou coisa equivalente, a que sempre acompanha e serve como laçao; entretanto, em certas ocasiões consegue alforria e se apresenta no discurso, então porém sob a forma de substantivo ou advérbio, categoricamente transformada:

- És a favor ou *contra* (adv.).
- *Contra!*
- Vim buscar um pró e vou levar um *contra* (subst.).

1.3.4 — O que se dá com a preposição *contra* observa-se naturalmente com todas as outras classes: *logo*, por exemplo, é forma livre ou forma presa, conforme seja temporal na classe dos advérbios, ou conclusivo na classe das conjunções:

- Resolva *logo!* (adv.)
- Penso, *logo* existo! (conj.)

1.3.5 — É tão importante a distinção entre forma livre e forma presa que, segundo BLOOMFIELD (13) e outros americanos, somente a forma livre se considera palavra, propriamente dita, donde o concluir-se que apenas os substantivos, adjetivos, verbos, advérbios nominais podem chamar-se *palavra*. O próprio Mattoso CÂMARA(17), no seu *Dicionário de Filologia e Gramática*, escreve que “palavra é uma forma livre”, devendo as outras classes — artigo, certos pronomes, preposição e conjunção — ser consideradas como vocábulos, termo geral que abrange a própria palavra.

1.3.6 — Os monossílabos e dissílabos, constituídos por forma livre, chamam-se tônicos; os constituídos por forma presa chamam-se átonos:

- a) *Tônicos*: já, si, vá, quer (verbo), cem, pára, sobre, entre (verbo), pôr, nu;
- b) *Átonos*: em, o, no, me, te, se, quer (conjunção), sem, para, sobre, pelo, entre (preposição), por.

Observe-se a diferença entre *Estudo cem livros* e *Estudo sem livros* para comprovar que o numeral é tônico e a preposição é átona.

1.3.7 — O tipo de forma, livre ou presa, pode ter repercussão na estrutura sintática:

- a) *com elas mesmas*, em que *mesmas* concorda com a forma livre *elas*;
- b) *conosco mesmas* parece inusitado, porque *mesmas* não se combina com a forma presa *-nosco*, incluída em *conosco*.

1.3.8 — No campo da morfologia, são formas presas todos os afixos, conforme o próprio nome está indicando: *afixo* = *fixado em, pregado em, preso em*.

1.3.9 — Os advérbios interrogativos se distinguem das conjunções correspondentes por serem formas livres e poderem ser repetidos sozinhos, ao passo que as conjunções são formas presas e não podem ser repetidas sozinhas:

- Diga-me *por que* fugiu. *Por quê?*
- Fugi *porque* tive medo.
- Diga-me *onde* você mora. *Onde?*
- Moro *onde* morava o seu compadre.
- Você já sabe *quando* volta. *Quando?*
- Volto *quando* terminar o inverno.
- Conte *como* foi a festa. *Como?*
- Foi *como* eu esperava.

1.3.10 — Os artigos, alguns pronomes, as preposições e as conjunções são formas presas, o que muito contribui para identificá-los em certas situações.

CLASSIFICAÇÃO DOS VOCÁBULOS

“As categorias gramaticais são sempre relativas a determinada língua e a certo período da história de cada língua. O optativo em grego só existiu durante um período, cujos limites podem ser exatamente traçados.” (VENDRYES, 82, p. 107.)

*“A teoria das partes do discurso, como já observou John Lyons, merece ser considerada com mais simpatia do que a que tem recebido da maioria dos lingüistas nestes últimos anos.” (MATTOSO CÂMARA, *Problemas de Lingüística Descritiva*, 1966, p. 53.)*

2.1 — O SUBSTANTIVO

2.1.1 — *Sob o aspecto mórfico*

2.1.1.1 — O substantivo divide-se em quadriforme, biforme e uniforme, segundo apresente quatro, duas ou apenas uma forma de flexão:

- a) *quadriforme*: menino, menina, meninos, meninas;
- b) *biforme*: livro, livros; animal, animais;
- c) *uniforme*: lápis, pires, óculos, férias.

O quadriforme não é propriamente um substantivo com quatro formas, senão que dois substantivos, cada qual com duas formas; entretanto, só podemos afirmar isto *a posteriori* — após haver feito a classificação; é possível imaginar que se trata de adjetivo quadriforme como *claro-clará-claros-claras*, ou de pronome, ou de numeral, ou talvez até de artigo.

Esta divisão não classifica formalmente o substantivo; pois aplica-se também ao artigo, ao adjetivo, ao numeral e ao pronome; adverte porém para o que se chama de critério mórfico ou formal:

- a) *artigo*: o, a, os, as; um, uma, uns, umas;
- b) *adjetivo*: belo, bela, belos, belas; grande, grandes; simples;
- c) *numeral*: segundo, segunda, segundos, segundas; dois, duas; quatro;
- d) *pronome*: ele, ela, eles, elas; qual, quais; tudo.

Ele-ela-eles-elas está na situação de *menino-menina-meninos-meninas*: dois pronomes, e não apenas um, cada qual com duas formas.

2.1.1.2 — Se não podemos classificar o substantivo com base no paradigma flexional, pode-se porém fazê-lo com base no paradigma derivacional, lançando mão de *oposições formais*.

Pertence à classe do substantivo toda palavra variável que admite os sufixos *-inho* ou *-zinho*, *-ão* ou *-zão*, correspondentes a *pequeno* e *grande*, respectivamente:

- a) *livro*: donde *livrinho* = livro *pequeno*;
- b) *pé*: donde *pezinho* = pé *pequeno*;
- c) *canto*: donde *cantinho* = canto *pequeno*;
- d) *homem*: donde *homão* = homem *grande*;
- e) *cavalo*: donde *cavalão* = cavalo *grande*;
- f) *nó*: donde *nozão* = nó *grande*.

Quanto mais usado, quanto mais popular, tanto mais interessante o exemplo: exatamente por ser coloquial, *homão* pode ser mais útil do que o literário *homenzarrão*.

Se o gênero não for masculino, é claro que o sufixo há de ser *-inha*, mais fácil e mais formalizada a classificação: *mesa*: *mesinha*, *mesona*; *livro*: *livrinho*, *livrão*; *cachorra*: *cachorrinha*, *cachorrona*.

Se o gênero não for masculino, é claro que o sufixo há de ser *-inha* ou *-zinha*, *-ona* ou *-zona*: *mesa*: *mesinha*, *mesona*; *nó*: *nózinho*, *nózão*.

Alguns adjetivos, pronomes e advérbios assumem familiarmente os sobreditos sufixos, não porém correspondentes a *pequeno* e *grande*, o que os coloca fora da regra:

- a) *bonitinha*, de *bonita*, não quer dizer *pequena bonita*; *a casa é bonitinha* não é a mesma coisa que *a casa é pequena bonita*;
- b) *bonitona*, de *bonita*, não quer dizer *grande bonita*, mas *um tanto bonita*, *muito bonita* ou coisa semelhante;
- c) *certinho*, de *certo*, não quer dizer *pequeno certo*, mas alguma coisa diferente, como *bem certo*, por exemplo;
- d) *nadinha*, de *nada*, não quer dizer *pequeno nada*. *Não quero nadinha* tem significação; já *não quero pequeno nada* não tem significação alguma;
- e) *tudinho*, de *tudo*, não quer dizer *pequeno tudo*, mas *cubinho* quer dizer *pequeno cubo*, por tratar-se de substantivo;
- f) *cedinho*, de *cedo*, não quer dizer *pequeno cedo*; *acordei cedinho* é uma coisa, mas *acordei pequeno cedo* não é coisa alguma;
- g) *agorinha*, de *agora*, não quer dizer *pequeno agora*; *cheguei agorinha* não é o mesmo que *cheguei pequeno agora*, pois esta construção é vazia de significado.

No caso dos pronomes e advérbios a carência de flexão numérico-genérica basta, só por si, para excluí-los completamente da nossa regra:

- a) *pertinho*, de *perto*, não se flexiona em *pertinhos*, como *livrinho*, que pode flexionar-se em *livrinhos*;
- b) *devagar* e *devagarinho*, nunca porém *devagarinhos*, pois o advérbio rejeita a flexão de número.

Se — o que nem sempre, o que nunca talvez se possa provar — o substantivo não suportar a flexão de grau, neste caso deve recorrer-se ao critério sintático, e até possivelmente ao semântico, para classificar a palavra.

Um colega de magistério, aliás uma colega, perguntou-me como seria possível, dentro deste critério, determinar a classe da palavra *êxtase*. *Extasinho* ou *extasão* pareciam inadmissíveis. Em tal situação, embora não se deva dizer que tais formas não existem, recorra-se a novas oposições e formulem-se outras regras como por exemplo a seguinte:

Pertencem à classe do substantivo todas as palavras terminadas em *-se*, *-ez*, *-eza*, *-ância* ou *-ança*, *-ência* ou *-ença*, bem como em *-ura* e noutros sufixos, que formem parêntese, isto é, que gerem oposições formais com os adjetivos correspondentes:

- a) *êxtase* — extático; *prótase* — protático;
- b) *síntese* — sintético; *hipótese* — hipotético;
- c) *análise* — analítico; *eclipse* — eclíptico;
- d) *neurose* — neurótico; *narcose* — narcótico;
- e) *urdir* — urdidura; *sacudir* — sacudidura.
- f) *escasso* — escassez; *tímido* — timidez;
- g) *fraco* — fraqueza; *puro* — pureza;
- h) *constante* — constância; *tolerante* — tolerância;
- i) *lembrar* — lembrança; *cobrar* — cobrança;
- j) *clemente* — clemência; *obediente* — obediência;
- k) *doente* — doença; *presente* — presença;
- l) *gordo* — gordura; *farto* — fartura.

O processo de oposições formais pode estender-se a muitos outros casos, produzir muitas outras regras, como os substantivos terminados em *-ção* e *-dura*, correspondentes a infinitivos em *-ar*, *-er*, *-ir*, da primeira, segunda e terceira conjugações:

- a) *cassar* — cassação; *cessar* — cessação;
- b) *render* — rendição; *perder* — perdição;
- c) *punir* — punição; *medir* — medição;
- d) *assar* — assadura; *ligar* — ligadura;
- e) *urdir* — urdidura; *sacudir* — sacudidura.

É preciso advertir que jamais se pode totalmente abstrair do critério semântico, isto é, da significação que a palavra encerra; não há dúvida que a significação é a base, mas apenas como ponto de referência, apenas para constatar que semanticamente tal forma é igual a ou diferente de tal outra, e não para se adentrar profundamente, pois esta é a missão da lexicografia e da semântica.

Quando apelamos para as oposições *livro-livrinho* e *livro-livrão*, invocamos o critério semântico ao prevenir que o sufixo diminutivo corresponde ao adjetivo *pequeno*, e o aumentativo ao adjetivo *grande*: é pois o critério semântico a serviço do critério mórfico. Não vamos porém definir o que seja *pequeno* e *grande*, mas apenas constatar se funciona a substituição – *ão/grande*, – *inho/pequeno*.

Em línguas como o chinês, em que praticamente não existem afixos, o critério mórfico é de pouca valia. Noutras porém como o nauatle, do grupo asteca, todo substantivo termina por *tl*, ou por suas variantes, que podem ser *tli*, *li*, *tsi* ou *tu*, e toda criança que fala o nauatle pode facilmente identificar o substantivo. *Tomatl* 'tomate', por exemplo, é substantivo porque termina em *-tl*. A forma portuguesa é um empréstimo ao asteca.

2.1.2 — Sob o aspecto sintático

Pertence à classe do substantivo toda palavra que se deixar preceder por artigo ou pronome adjetivo, especialmente possessivo, demonstrativo ou indefinido.

- a) *artigo*: o aluno, um aluno; a casa, uma casa;
- b) *pronome possessivo*: meu filho, minha filha;
- c) *pronome demonstrativo*: este caderno, esta sala;
- d) *pronome indefinido*: todo dia, cada vez, pouca gente.

O artigo e os pronomes têm o nome de *function words*, que se podia traduzir por *palavras fúntivas* ou apenas *funtores*, elementos que geralmente pouco ou nada contribuem para a significação, mas que têm grande importância como índices estruturais.

2.1.3 — Sob o aspecto semântico

2.1.3.1 — Substantivo é a palavra que serve para designar os seres. Esta definição tem o seu valor para os seres concretos como o cavalo e o jumento, a casa e a floresta; para os seres abstratos, como a esperança, o nada e o infinito, é sem dúvida pouco proveitosa.

Acrescente-se que toda e qualquer palavra pode ser usada como substantivo, e, portanto, ser considerada como um ser: o *sim*, o *não*, o *amanhã*, o *se*, o *talvez*, o *mas*, o *quando* e todos os termos que se acham no léxico.

O Joãozinho perguntou se *nada* era substantivo, e teve como resposta que sim. “O nada é um ser”, disse o mestre de português. “É antes um não-ser”, retrucou-lhe o Joãozinho. “É um ser negativo”, esclareceu-lhe o professor. A esta altura seria necessário evocar o espírito de um grande filósofo para resolver um problema de. . . português!

2.1.3.2 — Ouçamos o que pensa BLOOMFIELD:

“A gramática escolar nos ensina que substantivo é a palavra que serve para dar o nome a pessoa, lugar ou cousa. Esta definição pressupõe mais saber filosófico e científico do que a raça humana pode assimilar, e, além disto, que as classes existentes em uma língua concordam com as classificações que seriam feitas por um filósofo ou um cientista. *Fogo*, por exemplo, é uma cousa? Por cerca de um século, os físicos acreditaram que fosse uma ação ou um processo, e não, propriamente, uma cousa. Nossa língua emprega o adjetivo *hot* (quente), o substantivo *heat* (calor) e o verbo *to heat* (aquecer) para designar o que os físicos acreditam ser o movimento de moléculas em um corpo.” (13, p. 266.)

2.2 — O ADJETIVO

2.2.1 — Sob o aspecto mórfico

2.2.1.1 — Pertence à classe do adjetivo toda palavra que produz oposições formais, correspondentes ao grau positivo e ao grau superlativo, sufixado por *-íssimo*, *-érrimo*, *-lmo*; noutros termos, toda palavra que admitir os sufixos supracitados:

- a) gostoso — gostosíssimo; bom — boníssimo;
- b) célebre — celebérrimo; magro — macérrimo;
- c) fácil — fácilimo; frágil — fragílmo.

Os pronomes indefinidos *pouco* e *muito* parecem constituir exceção, pois assumem o sufixo *-íssimo*: *pouco-pouquíssimo*, *muito-muitíssimo*. Dizemos que parecem constituir porque nas orações *é pouca a diferença*, *é muita a diferença* são perfeitamente substituíveis pelos adjetivos *pequena* e *grande*: *é pequena ou grande a diferença*.

O sufixo *-íssimo* deve corresponder semanticamente ao advérbio *muito*: *gostosíssimo*, *celebérrimo* e *boníssimo* querem dizer *muito gostoso*, *muito célebre* e *muito bom*, apoiando-se a forma na significação. Diante disto, coloca-se fora da regra o pronome demonstrativo *mesmo*, que na linguagem coloquial apresenta a forma sufixada *mesmíssimo*: *é o mesmíssimo* não quer dizer que seja o *muito mesmo*; fora também o familiar *cousíssima* e algum outro que deve existir na língua portuguesa.

Sem-vergonho, popularmente pronunciado *sem-vergõe* no masculino e *sem-vergõia* no feminino, reage formalmente como verdadeiro adjetivo porquanto já se ouve o superlativo *sem-vergonhíssimo*, proferido sem a nasal mediopalatal (nh).

2.2.1.2 — Pertence à classe do adjetivo toda palavra que admita o sufixo adverbial *-mente*, do que resultam oposições formais entre adjetivos e advérbios:

- a) calmo — calmamente; alegre — alegremente;
- b) doce — docemente; sábio — sabiamente;
- c) carinhoso — carinhosamente; fraternal — fraternalmente.

Encontram-se poucas exceções a esta regra, entre as quais os numerais ordinais, pertencentes a classe recentemente criada:

- a) primeiro — primeiramente; segundo — secundamente;
- b) duplo — duplamente; tríplice — triplicemente.

É possível a oposição *próprio-propriamente*, mas acreditamos que neste caso a oposição que se apresenta é com adjetivo e advérbio, e não com pronome, como à primeira vista poderia parecer: *não era propriamente o que procuravas* — *não era exatamente o que procuravas*, com que se tenta provar que *propriamente*, sinonimizando-se com *exatamente*, se deriva de *próprio* adjetivo, e não de *próprio* pronominal.

2.2.1.3 — Este método pode estender-se a muitas outras oposições como por exemplo os adjetivos terminados por *-ento* e *-vel*, correspondentes a vocábulos terminados em vogal simples e *-bilidade* respectivamente:

- a) cinza — cinzento; bulha — bulhento;
- b) ciúme — ciumento; sede — sedento;
- c) nojo — nojento; barulho — barulhento;
- d) amávei — amabilidade; sensível — sensibilidade;
- e) móvel — mobilidade; volúvel — volubilidade;
- f) afável — afabilidade; flexível — flexibilidade.

É fácil concluir que a oposição correspondente pertence à classe do substantivo: cinza, barulho, ciúme, amabilidade. . .

2.2.2 — *Sob o aspecto sintático*

Pertence à classe do adjetivo toda palavra variável que se deixar preceder pelos advérbios correlativos *tão* ou *quão*, de preferência o primeiro, pertencente ao dialeto coloquial. Podíamos até dispensar o literário *quão*, mas afinal de contas não há inconvenientes em deixá-lo ficar:

- a) bom — tão bom, tão bons; quão bom, quão bons;
- b) alto — tão alto, tão altos; quão alto, quão altos;
- c) feio — tão feio, tão feios; quão feio, quão feios.

Pouco se deixa preceder pelo advérbio *tão*; mas, como acima dissemos, é suspeito de *adjetividade*.

Alguns substantivos se deixam também preceder; neste caso porém se comportam sintaticamente como verdadeiros adjetivos:

- a) tão homem = tão macho, tão valente;
- b) tão burro = tão ignorante, tão atrasado;
- c) tão cavalo, tão jumento, tão anjo etc.

Burro já pode considerar-se entre os adjetivos, pois ao par de *tão burro* encontra-se a forma *burríssimo*.

2.2.3 — *Sob o aspecto semântico*

Pertence à classe do adjetivo toda palavra que exprime qualidade.

Esta definição não resiste à menor crítica, pois a bondade é sem dúvida uma qualidade, e no entanto não se pode considerá-la como adjetivo. A maioria dos advérbios terminados em *-mente* expressam também qualidade; outros que não terminam em *-mente*, como *bem* ou *mal*, expressam também qualidade; mas por isto não vão chamar-se de adjetivos. O ser variável ou não ser variável não serve para nada, pois, se o substantivo é variável, o advérbio é classe que não varia. É preciso portanto acrescentar outra coisa — o elemento sintático, e daí procurar definir o adjetivo sob o triplice critério morfo-sintático-semântico:

“Adjetivo é a palavra variável que serve para modificar o substantivo”.

A definição é *mórfica* porque apela para o *variável*, isto é, para a flexão numérico-genérica. É *sintática* porque supõe o grupo formado por adjetivo e substantivo. É *semântica* porque usa o verbo *modificar*, de sentido um tanto vago, pois, como observa FRIES (31) em *o chapéu do menino e seu chapéu, do menino e seu* não deixam de modificar *chapéu*; pelo menos está claro que não se trata de um chapéu qualquer.

2.3 — O VERBO

2.3.1 — *Sob o aspecto mórfico*

2.3.1.1 — Pertence à classe do verbo toda palavra que admitir as seguintes flexões ou, mais tecnicamente, que se enquadrar no seguinte paradigma:

- a) *-r*: correspondente ao infinitivo, donde *amar, vender, partir, pôr*;
- b) *-ndo*: correspondente ao gerúndio, donde *amando, vendendo, partindo, pondo*;
- c) *-rei*: correspondente ao futuro do presente, donde *amarei, venderei, partirei, porei*;
- d) *-ria*: correspondente ao futuro do pretérito, donde *amaria, venderia, partiria, poria*.

2.3.1.2 — É a classe de maior riqueza formal e por conseguinte a mais facilmente identificável: só no modo indicativo são trinta e poucas formas, completamente diversas; entretanto, abandonando tanta opulência morfológica, é ao sentido que a tradição recorre para identificar o verbo.

2.3.2 — *Sob o aspecto sintático*

2.3.2.1 — Pertence à classe do verbo toda palavra que se combinar, isto é, concordar com os pronomes pessoais *eu, tu, ele, nós, vós, eles*:

- a) *eu*: *vou, sei, estou, vi, vim, pude*;
- b) *tu*: *vais, és, estás, viste, vieste, pudeste*;

- c) *ele*: vai, é, está, viu, veio, pôde;
- d) *nós*: somos, temos, partimos, pomos, andamos;
- e) *vós*: sois, tendes, amais, perdeis, puseram, venderam, foram.
- f) *eles*: amaram, puseram, venderam, foram.

2.3.2.2 — Os verbos impessoais podem causar certo embaraço, pois como impessoais não aceitam conseqüentemente os pronomes sobreditos; mas se podem usar em sentido figurado, e por isto nunca será difícil descobrir-lhes um exemplo:

- a) Ele *trovejou* a princípio, mas em seguida arrulhava;
- b) Por que *choves* tanta pedra sobre a multidão?
- c) Ela *relampejou-me* os seus olhos enfurecidos.

As formas nominais, por serem semiverbos, ou verbóides como preferem outros, não se enquadram nem podiam enquadrar-se na regra que apresentamos, a não ser o infinitivo pessoal que deu mais um passo em direção à plenitude verbal incorporando as pessoas gramaticais; sintaticamente porém não se comporta como verbo, visto não se deixar ligar por conjunção subordinativa.

2.3.3 — *Sob o aspecto semântico.*

2.3.3.1 — Pertence à classe do verbo toda palavra que exprime a coisa na perspectiva do tempo: ação, fenômeno, estado e outras coisas que o verbo possa exprimir (Larochette, *apud* CARRETER, 19, p. 243):

- a) *passado*: amei, vendi, parti, pus;
- b) *presente*: amo, vendo, parto, ponho;
- c) *futuro*: amarei, venderei, partirei, porei.

Marco Terêncio VARRÃO observara na longínqua era pagã, que o verbo é palavra de tempo, e talvez por esta causa *verbo* em alemão é *Zeitwort*, que traduzido significa *palavra de tempo*.

A definição tradicional:

Verbo é a palavra que exprime ação, fenômeno ou estado, só tem valor se for encarada na perspectiva do tempo; mas, ainda assim, é difícil acreditar que o verbo não exprima outras coisas como por exemplo qualidade, no caso do verbo azul: "Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema".

É impossível negar que *inundação* e *tiroteio* expressem ação; que *chuva* e *trovão* não sejam fenômenos; que *sono* e *morte* não se

admitam como estado; impossível porém afirmar que são verbos. O que vale, portanto, é a *perspectiva do tempo*, e o mais que se acrescenta há de, por certo, atrapalhar.

2.3.3.2 — Em lugar de ação, fenômeno, estado, qualidade, ou qualquer outra coisa, modernamente adotou-se o termo *processo*, do latim *processus* — *aquilo que se passa*, “para designar a noção geral em que se resolvem as diferentes noções expressas pelo verbo” (MAROUZEAU, 53): verbo, então, é a palavra que indica *processo*, isto é, aquilo que se passa, naturalmente aquilo que se passa no tempo.

Encerremos o assunto com Antoine MEILLET: “O verbo indica os processos, quer se trate de ações, estados ou passagens dum estado para o outro” (58, p. 175).

2.4 — O ADVÉRBIO

2.4.1 — *Sob o aspecto mórfico*

Pertence à classe do advérbio toda palavra que termina por meio do sufixo *-mente*, donde resultam oposições formais com o adjetivo que lhe corresponde:

- a) doce — docemente; santo — santamente;
- b) nobre — nobremente; sábio — sabiamente;
- c) regular — regularmente; caridoso — caridosamente.

Os outros advérbios não podem ser formalmente determinados, aqueles que pertencem ao sistema fechado, e respondem às perguntas *onde?*, *quando?*, cujas respostas são, por exemplo, *aqui*, *ali*, *hoje* e *nunca*. A gramática enumera cuidadosa e completamente a relação destes advérbios.

2.4.2 — *Sob o aspecto sintático*

2.4.2.1 — Pertence à classe do advérbio toda palavra invariável que se articula com os advérbios *tão*, *quão* ou *bem*:

- a) *tão* depressa, *quão* depressa, *bem* depressa;
- b) *tão* tarde, *quão* tarde, *bem* tarde;
- c) *tão* cedo, *quão* cedo, *bem* cedo;
- d) *tão* perto, *quão* perto, *bem* perto;
- e) *tão* longe, *quão* longe, *bem* longe;
- f),, *bem* aqui, *bem* ali, *bem* acolá.

Aqui, *ali*, *acolá* e alguns outros não se deixam preceder por *tão* nem *quão*, só usado este no dialeto literário: “Ai! quão cedo fenece o roseiral da vida. . .”

Esta conceituação é propriamente morfo-sintática, porque lança mão do termo *variável*, que distingue o advérbio do adjetivo.

2.4.2.2 — Pertence à classe do advérbio toda forma invariável e livre que funcione como terceiro elemento dentro da seguinte forma, composta de pronome subjetivo e verbo intransitivo:

- a) Eu trabalho *sempre*; eu demorei *muito*; eu *pouco* demorei;
- b) Tu *sempre* concordas; eu *já* dormia; tu *quase* ficavas;
- c) Eu *nunca* voltarei; aqui *nós* pernoitamos; ele mora *lá*;
- d) Vós sorrireis *então*; *talvez* eles concordem; eu falo *devagar*.

2.4.3 — *Sob o aspecto semântico*

2.4.3.1 — Pertence à classe do advérbio toda palavra que exprime qualidade ou circunstância.

Esta definição não serve, porque o exprimir qualidade compete igualmente ao substantivo e ao adjetivo. Em

- a) Eu durmo com *tranqüilidade*;
- b) Eu durmo *tranqüilo*;
- c) Eu durmo *tranqüilamente*;

o substantivo, o adjetivo e o advérbio, iguais sob o aspecto semântico, sem qualquer dúvida exprimem qualidade: conceitualmente são iguais, só lingüisticamente é que diferem.

O exprimir circunstância não tem muita valia, pois a palavra é tão vaga que nos faz cair em círculo vicioso. Para saber o que é advérbio, é preciso saber o que é circunstância. . . Dizer simplistamente que *lugar* e *tempo* são circunstâncias equivale a dizer que o *sertão* e o *passado* são duas circunstâncias, o que há de ser absurdo.

2.4.3.2 — A conclusão é que o advérbio é indefinível sob o aspecto semântico, pois o fenômeno gramatical só pode ser definido em termos lingüísticos. É preciso pois acrescentar outras cousas — o elemento mórfico e o elemento sintático, donde a definição tradicional geralmente adotada:

“Advérbio é a palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio”,

que supõe já sabermos o que procuramos saber, pois em parte o advérbio é a palavra que modifica o advérbio. . .

Com o advento da Nomenclatura Gramatical Brasileira (14) torna-se necessário ampliar-lhe a latitude sintática, incluindo o pronome e o numeral, que dantes pertenciam à classe do adjetivo:

“Advérbio é a palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo, o pronome, o numeral e o próprio advérbio”.

Acontece que o advérbio, embora excepcionalmente, pode modificar o próprio substantivo:

- a) Homens *assim* mudarão a face da terra;
- b) O *então* rei da França era o cardeal;
- c) *Apenas* o médico esperava o desfecho;
- d) *Só* Deus é grande;
- e) *Somente* o futuro entenderá;
- f) Eu era *quase* o dono;
- g) O exemplo *acima* elucida a regra;
- h) A citação *abaixo* vai convencê-lo;
- i) Meu amigo *aqui* formou-se em Roma;
- j) *Até* os defuntos votaram;
- k) A *não* observância da lei tem causado muita desgraça.

2.4.3.3 — NESFIELD (62) ensina que o advérbio modifica também a preposição e a conjunção; a definição geralmente dada está incorreta, proclama ele, pois o advérbio qualifica muitas vezes as preposições e as conjunções:

- a) O pássaro voava *exatamente sobre* a cabeça do adormecido;
- b) Pagava as contas *exatamente no* dia fixado;
- c) Chegou *muito após* a hora marcada;
- d) Aborreço este lugar *somente porque* o ar é muito quente;
- e) Fechou a porta *pouco antes que* o ladrão viesse;
- f) Encontrou-se o relógio *muito após que* o ladrão foi capturado.

Não tem importância, prossegue NESFIELD (62), se dissermos que o advérbio qualifica apenas a preposição ou *toda a frase* introduzida pela preposição. Similarmente podíamos afirmar com igual justeza que o advérbio qualifica apenas a conjunção ou *toda a cláusula* que o segue.

E acrescenta em *observação*:

“Se em lugar do advérbio simples pusermos uma frase adverbial, observamos então que a frase pode qualificar a preposição ou a conjunção, da mesma forma que o faz o advérbio simples:

- a) Chegou *poucas horas após* a meia-noite;
- b) Restabeleceu-se *nove dias após que* adoecera.

Concordamos com NESFIELD (62) em que o advérbio modifica a preposição e a conjunção, mas preferimos considerá-lo como elemento ampliativo das preposições e conjunções, bem como das locuções

correspondentes, assunto de que nos ocupamos na estrutura das preposições e conjunções. Não fora isto, admitiríamos que o advérbio modifica toda classe gramatical, excetuando-se o artigo e a interjeição.

Parece que a questão está encerrada com tantas classes atingidas pelos tentáculos adverbiais; entretanto, não é verdade, porque o advérbio pode modificar toda a oração, e não apenas esta ou aquela palavra:

- a) Felizmente ele não morreu; ele não morreu felizmente.
- b) Lamentavelmente não pude comparecer;
- c) Naturalmente você não concorda;
- d) Evidentemente você tem razão.

Quando modifica toda a oração, o advérbio pode resolver-se em oração nominal: a) É uma felicidade que ele não tenha morrido; b) É pena que eu não tenha podido comparecer; c) É natural que você não concorde; d) É evidente que você tem razão.

2.5 — O ARTIGO

2.5.1 — *Sob o aspecto mórfico*

O artigo não tem forma especial que o distinga como classe gramatical; assume as flexões de gênero e número que não são classificatórias, pois são comuns ao substantivo, ao adjetivo, ao pronome e ao numeral. À semelhança do pronome, recusa os sufixos aumentativo e diminutivo, característicos do substantivo, e os sufixos superlativos, característicos do adjetivo — um motivo entre outros para incluí-lo na classe do pronome.

É no entanto muito fácil identificá-lo, por contar somente oito formas, que se resumem a duas: *o, a, os, as* e *um, uma, uns, umas*, isto é, *o* e *um* com os femininos e plurais correspondentes.

2.5.2 — *Sob o aspecto sintático*

2.5.2.1 — Pertencem à classe do artigo as formas presas *o, a, os, as* e *um, uma, uns, umas*, que imediata ou mediatamente precedem o substantivo, e com ele formam sintagma:

Imediatamente

- a) o professor, a professora, os professores, as professoras;
- b) um herói, uma heroína, uns heróis, umas heroínas;

Mediatamente

- a) o bom filho, a boa filha, os bons filhos, as boas filhas;
- b) um bom irmão, uma boa irmã, uns bons irmãos, umas boas irmãs.

A precedência é imediata quando não figura outra palavra entre o artigo e o substantivo; mediata, quando figura, como acima o vocábulo *bom* e as suas flexões.

2.5.2.2 — O substantivo pode haver sido mencionado antes, e neste caso ser omitido e dado como subentendido:

a) O cavalo branco é bravo, ao passo que o negro é manso;

b) O amigo fiel vale um tesouro, mas o infiel é um perigo;

em que os substantivos *cavalo* e *amigo* estão subentendidos nas segundas orações, e os adjetivos *negro* e *infiel* estão modificando um substantivo elíptico.

2.5.2.3 — Em

a) Teu gabinete é moderno, mas o de Cláudio é mais arejado;

b) A vida que levo é a que posso levar;

os elementos *o* e *a* não são classificados como artigos, e sim como pronomes demonstrativos, embora a situação seja paralela à de *o negro* e *o infiel*, acima citados. Ensina-se que os monossilabos *o*, *a*, *os*, *as*, seguidos por *de* ou *que*, são demonstrativos sem que se possam exibir as razões que o justifiquem. Esta análise deve inspirar-se na morfologia do francês e do inglês, em que o artigo e o demonstrativo formalmente se distinguem: *le-celui*, *la-celle*, *the-that*, *the-those*.

Eliminando-se a classe do artigo, que seria incluído na do pronome, tal aberração não mais se constataria.

2.5.2.4 — Em

Escapou um amigo de Jarbas, um de Luciano e outro de Abelardo qual será então a classe de *um* na segunda ocorrência? Artigo, pronome ou numeral?*

Chamá-lo de pronome é coerente com o tratamento que se deu ao artigo definido em *Teu gabinete é moderno, mas o de Cláudio é mais arejado*; chamá-lo de numeral é muito razoável; e, se o numeral fosse agregado à classe do pronome, como adiante advogamos, a questão estaria encerrada.

2.5.2.5 — A inclusão do artigo e do numeral na classe do pronome não é iniciativa nossa, e, se a esposamos, é premido pelas circunstâncias que o fazemos. Ouçamos a JESPERSEN (45) que muito nos impressionou:

* Neste caso não parece haver dúvida que *um* é demonstrativo, pelo que sugere a correspondência do pronome *outro*, que ocupa a mesma posição sintática.

“Os numerais são muitas vezes considerados como distinta classe de palavra; seria provavelmente preferível tratá-los como subclasse dos pronomes, com os quais têm muitos pontos em comum. *One*, além de ser numeral, é pronome indefinido em inglês, bem como outros idiomas. (*One, never knows* = nunca se sabe); outro tanto pode ser dito sobre a combinação *oneself*.* A forma fraca de *one* é o chamado *artigo indefinido*, e se a contraparte — o artigo definido — é com razão contato entre os pronomes, o mesmo devia dar-se com o inglês *a, an*, o francês *un* e assim por diante. Estabelecer classe separada para os dois artigos, como se faz em algumas gramáticas, é irracional”, conclui o ilustre dinamarquês.

Reforçam estas palavras o inglês Harold E. PALMER em *A Grammar of Spoken English*(66) e vários outros lingüistas, entre os quais o nosso MATTOSO CÂMARA:

“Essa partícula é *o, a, os, as*, correspondendo ao emprego adjetivo de um demonstrativo vago” (17, p. 53).

2.5.2.6 — Outro fator, igualmente ponderável, que nos induz a incluir o artigo, o pronome e o numeral na mesma classe, é a distribuição sintática destas classes, isto é, a ordem ou posição que regularmente ocupam na frase:

- a) os bons amigos = os amigos bons
- b) dois bons amigos = dois amigos bons
- c) meus bons amigos = meus amigos bons
- d) estes bons amigos = estes amigos bons
- e) que bons amigos! = que amigos bons!
- f) alguns bons amigos = alguns amigos bons

em que os pronomes figuram em sintagma de três palavras distribuídas na seguinte ordem: pronome-adjetivo-substantivo e pronome-substantivo-adjetivo.**

2.5.3 — *Sob o aspecto semântico*

O artigo é a palavra acessória que particulariza ou generaliza o substantivo, conforme se trate do artigo definido ou indefinido, e

* Em castelhano existe o pronome *uno — se*: nunca sabe uno = nunca se sabe.

** “A distribuição é a soma de todos os contextos em que ocorre a forma lingüística, em contraste com todos aqueles em que não ocorre.” (GLEASON, 37.)

“Algumas escolas lingüísticas procuram assentar toda a descrição lingüística no critério da distribuição”; e no mesmo parágrafo: “Independentemente dessa atitude teórica exagerada, a técnica descritiva é muito auxiliada pelo critério da distribuição lingüística”. (MATTOSO CÂMARA, 17, p. 118.)

muitas vezes apenas um índice do substantivo, chamado por isto palavra classificatória.

Estas e outras definições não podem ser sustentadas, porquanto há outras palavras que particularizam e generalizam, e nem por isto vão ser artigos, como, por exemplo, *meu*, *qualquer*, e muitas outras.

O artigo, por conseguinte, deve ser estudado na classe do pronome, como o fez ARISTÓTELES, que o denominou *árthron*, e não ilhado em minúscula classe, composta de só duas palavras, contraditórias entre si — uma que particulariza e outra que generaliza o substantivo.

2.6 — O NUMERAL

2.6.1 — *Sob o aspecto mórfico*

2.6.1.1 — O cardinal, de que nos ocupamos em primeiro plano, tem apenas um número, pelo que pode chamar-se uninumérico: apenas o singular *um* e *uma*, correspondente a *dois* e *duas*, bem como a todos os cardinais indefinidamente. *Um* é o singular de dois, três, quatro, cinco, vinte, cem, mil e de até novecentos e noventa e nove mil novecentos e noventa e nove (999999), um milhão (1.000.000) interrompe como substantivo; e um milhão e um (1.000.001) continua como numeral!

É justamente o fato de não ter singular, mas, à exceção da unidade, o plural somente, que nos serve para lingüisticamente identificar o cardinal:

Pertence à classe do numeral, propriamente dito, toda palavra supletiva* cujo singular seja *um* ou *uma*; o ordinal e o multiplicativo, conforme adiante se verá, nós os consideramos como numerais impropriamente ditos.

2.6.1.2 — Alguns termos que denotam número como *dezena*, *dúzia*, *vintena*, *cento*, *centena*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, *quatrilhão*, *quintilhão*, *sextilhão*, *setilhão*, e *octilhão*, não são numerais, pois admitem a flexão de plural: *dezenas*, *centenas*, *milhares* e *milhões*.

Note-se, como curiosidade, que o russo possui apenas cinco numerais cardinais: a partir de cinco, afirma Lucien TESNIÈRE, o russo tem apenas substantivos numerais.

*- *Supleção*, donde *supletivo*, é o processo morfológico que consiste na substituição duma forma por outra: os femininos *nora*, *cadela*, *vaca* são formas supletivas, concernentes a *genro*, *cão*, *touro* para suprirem a falta de *noro*, *cadelo*, *vaco*; normalmente as formas paralelas.

À semelhança do pronome, o cardinal rejeita os sufixos aumentativo e diminutivo, pertencentes ao substantivo, bem como o superlativo e o adverbial *-mente*, pertencentes ao adjetivo. O acréscimo destes sufixos produz estranhas construções morfológicas:

- a) *quatro*: quatrinho, quatrão; quatríssimo, quatramente;
- b) *seis*: seisinho, seisão; seisíssimo, seismente.

Quatrinho e *quatrão*, *seisinho* e *seisão* existem como graus aumentativo e diminutivo dos substantivos *quatro* e *seis*, não porém como cardinais.

2.6.1.3 — Os ordinais e os multiplicativos comportam-se diversamente dos cardinais: sob o aspecto formal assumem a flexão numérico-genérica e também o sufixo *-mente*, em atitude francamente adjectiva:

- a) primeiro(s), primeira(s), primeiramente;
- b) duplo(s), dupla(s), duplamente.

Foi por este motivo que tomamos o cardinal como ponto de partida — por considerá-lo o numeral puro, o numeral propriamente dito, que exprime a quantidade sem aludir à ordem ou ao número de vezes.*

2.6.2 — Sob o aspecto sintático

2.6.2.1 — Não basta indicar número para pertencer à classe do numeral; é preciso combinar-se ou poder combinar-se *imediatamente* com o substantivo, à imitação do artigo, do pronome e do adjetivo:**

* Exceto de *primeiro* a *décimo nono*, todos os ordinais apresentam caracterização formal, terminados que são pelo sufixo *ésimo*: *vigésimo*, *trigésimo*, *ducentésimo*, *bilionésimo*. Daí pode partir-se para formalmente identificar o cardinal.

Salvo em *primeiro* e *segundo*, a cada ordinal corresponde geralmente um cardinal visivelmente cognato:

- a) terceiro = três
- b) quarto = quatro
- c) sexto = seis

Os multiplicativos, com poucas exceções, são marcados formalmente pelos sufixos *-plo* e *-plice*:

- a) duplo, dúplice; triplo, tríplice; quádruplo; quántuplo;
- b) sétuplo, setêmplice; óctuplo; nônuplo; undécuplo.

** É necessário criar o termo geral *adnome*, para denotar aquelas classes que se combinam imediatamente com o substantivo e, se possível, concordam em gênero e número. São quatro classes: o artigo, o pronome adjectivo, o numeral e o adjetivo, que junto ao substantivo exercem a função de *adjunto adnominal*

- a) dois cadernos, duas colegas;
- b) o duplo aspecto, a tríplice aliança;
- c) o primeiro filho, a primeira comunhão.

Por não se combinarem imediatamente com o substantivo é que *dúzia*, *cento*, *milheiro*, *milhão* e alguns outros não se incorporam à classe do numeral:

- a) uma dúzia de camisas, um cento de bananas;
- b) um milheiro de telhas, um milhão de habitantes;

em que a preposição *de* torna mediata a combinação sintática.

É curioso observar que os ordinais terminam, ao que sabemos, em *octilionésimo*, correspondente ao *octilhão*; daí por diante não nos consta que haja outros ordinais, a não ser, correspondente ao cardinal *n*, o indefinido *enésimo*:

- a) Teve *n* oportunidades, e perdeu-as todas;
- b) Ao *enésimo* grau = ao extremo.

2.6.2.2 — O numeral, ao contrário do adjetivo, não se deixa preceder pelos advérbios *tão* ou *quão*, nem tão pouco por *bem*. Não se dirá:

- a) tão um, quão um, bem um;
- b) tão primeiro, quão primeiro, bem primeiro;
- c) tão duplo, quão duplo, bem duplo.

2.7 — O PRONOME

2.7.1 — *Sob o aspecto mórfico*

2.7.1.1 — Como o artigo e o numeral, o pronome rejeita os sufixos aumentativos *-ão*, *-zão* e diminutivos *-inho*, *-zinho*, particulares ao substantivo, bem como os superlativos *-íssimo*, *-érrimo*, *-limo* e o adverbial *-mente*, particulares ao adjetivo. Não se dirá:

- a) euzinho, euzão; euíssimo, eumente;
- b) nossinho; nossão; nossíssimo, nossamente;
- c) estinho, estão; estíssimo, estamente;
- d) qualzinho, qualzão; qualíssimo, qualmente;
- e) alunzinho, alunzão; aluníssimo, algumamente;
- f) ninguenzinho, ninguenzão; ninguenzíssimo, ninguenmente.

Nestas e outras circunstâncias, o artigo e o numeral comportam-se da mesma forma que o pronome. É pena que a Nomenclatura Gramatical Brasileira os haja distribuído em três classes diferentes.

2.7.1.2 — Alguns pronomes admitem familiarmente os sufixos *-inho*, *-íssimo* e *-ão*, aparentemente contrariando a regra; mas *-inho* não quer dizer *pouco*, *-íssimo* não quer dizer *muito*, nem *-ão* quer dizer *grande*:

- a) tudinho — de tudo — não quer dizer *pequeno tudo*;
- b) nadinha — de nada — não quer dizer *pequeno nada*;
- c) mesmíssimo — de mesmo — não quer dizer *muito mesmo*;
- d) muitão — de muito — não quer dizer *grande muito*;

assunto que já discutimos quando falamos sobre o adjetivo.

Muitíssimo e sobretudo *pouquíssimo*, também já comentados, aceitam plenamente o sufixo *-íssimo*, com a significação de *muito*, e situam-se formalmente na classe do adjetivo. *Pouquíssimo* quer dizer *muito pouco*; *muitíssimo* quer dizer *muito muito*, embora essa expressão regularmente não se use.

2.7.1.3 — *Certamente, propriamente, variamente, diversamente e semelhantemente* não invalidam a regra, porquanto *certo, próprio, vários, diverso e semelhante* podem ser adjetivos ou pronomes:

Adjetivos:

- a) O amigo *certo* se conhece na hora incerta (verdadeiro);
- b) Cheguei no momento *próprio* (oportuno);
- c) Tu és *vária* e melindrosa qual formosa borboleta (volúvel);
- d) O homem voltou tão *diverso*, tão estragado no moral (mudado);
- e) Os dois irmãos são muito *semelhantes* (parecidos).

Pronomes:

- a) *Certo* dia tudo se fez claro (um);
- b) O *próprio* pai concordara (mesmo o);
- c) *Vários* prisioneiros escaparam (muitos);
- d) Tenho *diversas* coleções (muitas);
- e) Não diga *semelhante* blasfêmia (tal).

Neste caso é geralmente a posição *antes* ou *depois*, com relação ao substantivo, que os estrutura respectivamente como pronome ou adjetivo.

2.7.1.4 — Definição mórfica: O pronome é um tipo de nome que admite a oposição de pessoas gramaticais.*

1.^a x 2.^a:

1.^a pessoa definida, oposta à 2.^a pessoa definida: *eu* oposto a *tu*; *meu* oposto a *teu*; *este* oposto a *esse*.

* *Nome* é um termo que abrange substantivo, adjetivo, pronome e às vezes infinitivo e particípio:

- a) *Substantivo*: O verdadeiro *amor* precisa de outro amor que o sustente;
- b) *Adjetivo*: *Bela*, sempre *o* foste;
- c) *Pronome*: O amor, como as trepadeiras, morre se não tem *o que* abraçar;
- d) *Infinitivo*: *Amar-te*, nunca *o* prometi.

Em nossa definição, nome abrange substantivo e adjetivo.

1.^a/2.^a x 3.^a;

1.^a e 2.^a pessoas definidas, opostas à 3.^a pessoa definida: *eu* e *tu*, opostos a *ele*; *meu* e *teu*, opostos a *seu*; *este* e *esse*, opostos a *aquele*.

1.^a/2.^a/3.^a x III:

1.^a, 2.^a e 3.^a pessoas definidas, opostas à 3.^a pessoa indefinida: *eu*, *tu*, *ele*, opostos a *alguém* etc.; *meu*, *teu*, *seu*, opostos a *alheio*; *este*, *esse*, *aquele*, opostos a *outro* e *qualquer*.

As abreviaturas 1.^a, 2.^a e 3.^a, com algarismos arábicos, representam as pessoas definidas: o algarismo romano III representa a 3.^a pessoa indefinida, de que nos ocuparemos em *Sob o aspecto semântico*, alguns parágrafos abaixo. Abstemo-nos de citar as oposições do plural — *nós* x *vós*, *nosso* x *vosso* etc. — porque não criam problemas, e são perfeitamente dispensáveis.

“Por sua vez, os chamados *indefinidos* e *interrogativos* participam da natureza dos pronomes em virtude do que podemos designar como uma *dêixis-zero* (cf. port. *quem?*, que pode ser *eu*, *tu*, *ele*, ou analogamente, *alguém* etc.).” (MATTOSO CÂMARA, 18, p. 185).

Alguém não é substantivo, porque não se articula com adnome em, por exemplo, *o* ou *meu alguém*, salvo quando substantivado; e rejeita a flexão de plural: *alguéns* só pode admitir-se como plural de *alguém* substantivo, na mesma situação gramatical de *quatro* e *cinco*.

2.7.1.5 — As formas pronominais não se distinguem por meio de flexão, mas por heteronímia ou supleção. Quer isto dizer que das formas *eu* e *tu* não se pode fazer o plural pelo acréscimo de sufixo. Em termos flexionais o plural de *eu* e *tu* seria *eus* e *tus*, exatamente como *eles* e *elas*, e não *nós* e *vós*, heteronímica ou supletivamente formados.

Em português o plural é sempre flexional, ao contrário do feminino, que geralmente o é, como, por exemplo, em *sogra/sogra*: mas é supletivo ou heteronímico em *bode/cabra*, que flexionalmente seria *bode/boda* ou *cabro/cabra*, se alguém optar por esta possibilidade.

É verdade que há um rudimento de flexão casual nos pronomes pessoais (HILL, 43, p. 145): *me/mim/migo*, *tu/ti/tigo*, *se/si/sigo* não podem ser dados como simples coincidências formais. Entretanto a sistematização é muito precária, e, por isto, mais prático analisar *te* como acusativo heteronímico, e não flexional, de *tu*. Se o nominativo de *te* é *tu*, alguém talvez queira que o nominativo de *me* seja *mu*, estri-

bado em argumentação analógica, porém própria de *mu* ou *muar*; e talvez haja quem almeje o aparecimento do reflexivo *su*, correspondente a *ele/ela*: se *tu* produziu *te*, é óbvio que *se* poderia ser produzido por *su*. Não tinha o grego ático o nominativo *spheĩs*, correspondente a *eles/elas*? (GOODWIN, 39, p. 81).

Em *nós/nos* e *vós/vos*, está bem patente o processo morfológico de alternância vocálica.

2.7.2 — *Sob o aspecto sintático*

2.7.2.1 — O pronome divide-se em duas subclasses: o pronome substantivo, que não se articula com o substantivo; o pronome adjetivo, que se articula com o substantivo, à semelhança do adjetivo. *Isto*, por exemplo, é pronome substantivo: não se diria *isto mundo*; *este* é pronome adjetivo: articula-se com o substantivo no sintagma *este mundo*. Sempre que for possível, isto é, sempre que houver flexão, o articular-se implica em concordância. *Cada* é pronome adjetivo, e não concorda com o substantivo, mas exclusivamente por ser invariável: *cada filho, cada filha*.

2.7.2.2 — São pronomes substantivos:

a) Os pessoais:

Definidos: eu, me, mim, migo; tu, te, ti, tigo; ele, ela, se, si, sigo, o, a, lhe; nós, nos, nosco; vós, vos, vosco; eles, elas, se, si, sigo, os, as, lhes; incluem-se os pronomes de reverência: o Sr., a Sr.^a, V. S.^a, V. Ex.^a, etc.

Indefinidos: alguém, ninguém;

b) Os possessivos:

Definidos: (faltam);

Indefinidos: (faltam);

c) Os demonstrativos:

Definidos: isto, isso, aquilo;

Indefinidos: outrem, al;

d) Os relativos:

Definidos: quem;

Indefinidos: quem, que*;

* Cf. 4.3.1.1.

e) Os numerais:

Definidos: (faltam);

Indefinidos: nada, tudo, algo, cada um, cada qual, qualquer um;

Al é arcaico, e quer dizer outra coisa: “Mas a vossa nudez al me desperta” (PÔRTO ALEGRE).

Alguém, ninguém, outrem, quem não são pronomes pessoais, pois acrescentam a idéia do indefinido: não são puros. Os pessoais só têm pessoas, mas não acrescentam outra idéia: são pronomes puros.

Tudo é pronome adjetivo nas combinações *tudo isto, tudo isso, tudo aquilo, tudo o*, e conseqüentemente adjunto adnominal.

Dado este comportamento sintático, BLOCH e TRAGER afirmam que o pronome é uma subclasse de substantivos que se classificam pelas pessoas gramaticais, e possuem outros traços distintivos como, posse, dixis, referência, interrogação (12, p. 61).

Henry SWEET (*apud SAID ALI, M.*, 76, p. 92) o considera um substantivo geral, o que tanto mais se justifica pelo fato de muitos substantivos se haverem convertido em pronomes:

a) *francês*: *on, personne, rien*, cognatos de *homem, pessoal, real*; do latim *homo* — *homem, persona* — *pessoa, res* — *cousa*;

b) *alemão*: *man*, derivado de *Mann* — *homem*;

c) *italiano*: *cosa*, derivado de *cosa* — *cousa*, em *Cosa fate?* — *O que você está fazendo?*

d) *português*: *beltrano, a gente, o bicho, você, vossência, V. Ex.^a* e os outros pronomes tratamentais.

A gente e o *bicho* são correntes na linguagem coloquial:

A gente compra um carro de segunda mão, pensando que *o bicho* presta, e não vale nada.

correspondente a *Compra-se um carro de segunda mão, pensando que ele presta, e não vale nada.*

2.7.2.3 — São pronomes adjetivos:

a) Os pessoais:

Definidos: (faltam);

Indefinidos: (faltam);

b) Os possessivos:

Definidos: meu, teu, seu, nosso, vosso, com os femininos e plurais correspondentes;

Definidos: alheio(s), alheia(s);

c) Os demonstrativos:

Definidos: o, este, esse, aquele, tal, mesmo, próprio, semelhante, com os femininos e plurais correspondentes;

Indefinidos: outro, qualquer;

d) Os relativos:

Definidos: cujo, o qual, quanto, com os femininos e plurais correspondentes;

Indefinidos: quanto(s), quanta(s);

e) Os numerais:

Definidos: um, dois, três; primeiro, segundo, terceiro; duplo, triplo; meio, terço, quarto; com os femininos e plurais correspondentes, se for o caso;

Indefinidos: nenhum (correspondente à cifra zero); um, algum, certo (correspondentes à cifra 1), cada, diversos, muito, pouco, todo, vários; com os femininos e plurais se for o caso;

f) Os interrogativos:

Definidos: (faltam);

Indefinidos: que, qual, quanto, com os femininos e plurais correspondentes.

Não é comum empregar-se o relativo indefinido *quanto(s)*, *quanta(s)*, articulado com substantivo:

Voltaram nervosos *quantos* soldados foram à guerra.

Observe-se que os pronomes adjetivos são geralmente variáveis, ao invés dos pronomes substantivos que geralmente o não são.

Preferimos considerar pronome adjetivo aquele que pode acompanhar-se de substantivo, embora na ocorrência (*Este* livro é novo, *aquele* é usado) o pronome possa não estar acompanhado por substantivo. Não vamos dizer por exemplo que o adjetivo deixe de ser adjetivo por estar modificando um substantivo subentendido... (BECHARA, 10, p. 114).

Às vezes a língua distingue morficamente o pronome substantivo do pronome adjetivo correspondente, do que resultam parênteses opostas:

a) isto x este, isso x esse, aquilo x aquele;

b) outrem x outro, alguém x algum, ninguém x nenhum.

2.7.2.4 — Pertence à subclasse do pronome adjetivo todo nome que ordinariamente ocupe a posição pontilhada no seguinte esquema:

- a) filme foi bom: *teu* filme. . .
- b) filme foi bom: *este* filme. . .
- c) filme foi bom: *todo* filme. . .
- d) filme foi bom? *que* filme. . .

em que *filme* pode ser substituído por *feira*, e ambos postos no plural, para exemplificar a flexão de gênero e número: *esta feira foi boa, estas feiras foram boas, estes filmes foram bons, estas feiras foram boas*.

O artigo e o numeral podem também ocupar esta posição — mais um argumento para os enquadrar na classe do pronome. O ordinal, o multiplicativo e o fracionário, como de costume, comportam-se meio adjetivamente, recusando ajustar-se dentro do nosso esquema: a oração *primeiro filme foi bom* não é ordinária no linguajar coloquial.

2.7.3 — Sob o aspecto semântico

2.7.3.1 — Sob o aspecto semântico dividem-se os pronomes em *possessivos, demonstrativos, relativos, numerais e interrogativos*, e subdividem-se em *definidos e indefinidos*, conforme denotem a idéia de *possesão, posse, dixeis, referência, número ou interrogação* de maneira *precisa* ou de maneira *vaga*.

Se o pronome é definido, não pode ser interrogativo, porque as duas categorias entram em conflito. Um pronome definido interrogativo é contra-senso, e por isto falta em nosso quadro esquemático.

2.7.3.2 — Definidos x Indefinidos:

I — *Pessoais*. Não se pode negar que *alguém* seja pronome pessoal, pois indica pessoa. Como os pronomes pessoais, responde à pergunta *quem?*

— *Quem* bate à porta?

— *Eu* ou *alguém*.

II — *Possessivos*. *Alheio* é o só pronome possessivo indefinido que podemos encontrar; *livro alheio* é o que não é nem *meu*, nem *teu*, nem *seu*: dele(s), dela(s). Este pronome oferece algo de anormal: sempre se põe ao substantivo, ao contrário de todos os seus pares; esperava-se *alheio livro* e não *livro alheio*.

Deveria responder à pergunta *cujo?*, se este pronome tivesse continuado como interrogativo; por falta de *cujo*, a pergunta é *de quem?*

— De quem é o terreno?

— É nosso, é alheio.

Em

Sou alheio ao caso

alheio quer dizer *estranho*, e nesta acepção é verdadeiro adjetivo.

III — *Demonstrativos*. *Outro* significa nem *este* nem *esse* nem *aquele*; *qualquer* corresponde semanticamente a tanto *este*, como *esse* ou *aquele*; demonstram pois indefinida ou imprecisamente.

A gramática inclui *outro* e *qualquer* entre os indefinidos, com base classificatória no gênero e não na espécie. É como dizer que o gato é um animal, e não um irracional. De qualquer forma estará certa a classificação

IV — *Relativos*. Chama-se *pronome relativo definido* aquele cujo antecedente é um pronome de 1.^a, 2.^a ou 3.^a pessoa:

a) Eu, *que* sabia tudo, me calei;

b) Tu, *que* nada sabias, falaste tanto;

c) Ele, *que* soube calar-se, conquistou o prêmio.

O pronome relativo definido *quem* vem obrigatoriamente preposicionado:

A pessoa com *quem* falavas é um portento.

Usa-se a expressão *pronome relativo* em lugar de *pronome relativo definido*.

Chama-se *pronome relativo indefinido* (simplificativamente: *relativo indefinido*) aquele cujo antecedente é apenas concebível, ou, mais praticamente, *quem* transformável, em *aquele que* ou *a pessoa que*:

Quem nasce tatu morre cavando,

isto é, *aquele que nasce tatu morre cavando*; ou *quanto(s)*, *-a(s)* transformável em *todos/todas/tudo que*:

a) *Quantos* tentarem fugir serão mortos;

b) Perderás *quantas* amaste;

c) *Quanto* me contaram não passava de mentira;

isto é, *todos que tentarem*, *todas que amaste*, *tudo que me contaram*.

Pode empregar-se no singular:

Salvarás *quanta* gente puderes,

conversível em *salvarás toda a gente que puderes*.

Acrescente-se também *que*, conversível em *quem* ou *aquele(s)/aque-la(s) que*:

Sou eu *que* decido = *quem* ou *aquele que* decide (cf. 4.3).

V — *Numerais*. Chamam-se *numerais definidos* os cardinais, bem como os ordinais, multiplicativos e fracionários correspondentes; *numerais indefinidos* aqueles que a gramática tradicional inclui entre os pronomes indefinidos e denotam imprecisamente a idéia de número.

Pode usar-se a expressão *pronome numeral* em lugar de *pronome numeral definido*, e *pronome indefinido* em lugar de *pronome numeral indefinido*, à semelhança do que se dá com o pronome *quem*.

Negar o caráter de numeral a, por exemplo, *nada* e *algum* é o mesmo que não admitir como números o *zero* e a unidade *um*.

2.7.3.3 — Cumpre advertir com BRUNOT (15) que o pronome não se refere somente ao nome, mas também ao verbo e à própria oração:

- a) *Viajar*, sempre o desejei;
- b) *Cumpriste o dever*, o que muito nos honra.

Como o infinitivo é a forma substantiva do verbo, *viajar* poderia considerar-se como substantivo.

2.8 — A PREPOSIÇÃO

2.8.1 — *Sob o aspecto mórfico*

2.8.1.1 — A preposição não tem flexões em português (o que se dá no irlandês), e por isto só pode ser classificada pelos critérios sintático e semântico. *Ante*, *contra* e outras conseguem produzir derivados por meio de sufixos; o que porém não conseguem é constituir paradigmas. De:

- a) *Contra*, contrário, contrariedade, contrariar, contrariamente;
- b) *Ante*, diante, perante, anterior, anterioridade, anteriormente;
- c) *Pós*, após, póstero, posterior, postremo, posteridade;

absolutamente nada se pode concluir de utilidade classificatória, por ser impossível enquadrar a preposição dentro de qualquer paradigma, pela simples evidência de que tal não existe.

Em português, há quem flexione incorretamente a locução prepositiva *em que pese a*, deformada por vezes em *em que pesem*:

- a) *Em que pese a* meus adversários;
- b) *Em que pesem* meus adversários.

Outra locução que se flexiona, até na pena de autores consagrados, é *a não ser*, cujo sentido é *menos* ou *excepto*:

- a) “A não serem dois escanos de estanho” (CAMILO);
- b) “A não serem as paixões ridículas” (M. ASSIS);
- c) “A não serem dívidas e desgostos” (M. ASSIS);

em lugar de *a não ser* que estaria de acordo com a natureza da preposição.

2.8.2.1 — Sintaticamente, dividem-se as preposições em duas sub-classes, ditas *essenciais* e *acidentais* (cf. 2.12 — Estrutura das Preposições).

2.8.2.2 — Pertence à subclasse das essenciais toda palavra que ocupar a posição pontilhada em um dos três esquemas seguintes:

.....*mim*,*ti*,*si*.

- a) ..*A*.. *mim*, ..*a*.. *ti*, ..*a*.. *si*;
- b) ..*De*.. *mim*, ..*de*.. *ti*, ..*de*.. *si*;
- c) ..*Para*.. *mim*, ..*para*.. *ti*, ..*para*.. *si*;
- d) ..*Por*.. *mim*, ..*por*.. *ti*, ..*por*.. *si*;
- e) ..*Em*.. *mim*, ..*em*.. *ti*, ..*em*.. *si*;
- f) ..*Contra*.. *mim*, ..*contra*.. *ti*, ..*contra*.. *si*;
- g) ..*Sobre*.. *mim*, ..*sobre*.. *ti*, ..*sobre*.. *si*;
- h) ..*Sem*.. *mim*, ..*sem*.. *ti*, ..*sem*.. *si*;
- i) ..*Sob*.. *mim*, ..*sob*.. *ti*, ..*sob*.. *si*;
- j) ..*Ante*.. *mim*, ..*ante*.. *ti*, ..*ante*.. *si*;
- k) ..*Entre*.. *mim*, ..*entre*.. *ti*, ..*entre*.. *si*;
- l) ..*Após*.. *mim*, ..*após*.. *ti*, ..*após*.. *si*;
- m) ..*Perante*.. *mim*, ..*perante*.. *ti*, ..*perante*.. *si*;
- n) ..*Desde*.. *mim*, ..*desde*.. *ti*, ..*desde*.. *si*;
- o) ..*Até*.. *mim*, ..*até*.. *ti*, ..*até*.. *si*;
- p) ..*Trás*.. *mim*, ..*trás*.. *ti*, ..*trás*.. *si*.

Com é preposição essencial; apenas em lugar de combinar-se com *mim*, *ti*, *si*, preferiu fazê-lo com *-migo*, *-tigo*, *-sigo*, historicamente constituindo redundância, pois encontra-se repetida na sílaba final *-go*. O regular teria sido *com mim*, *com ti*, *com si*; mas o sistema lingüístico envereda pelo caminho que lhe apraz, e ninguém consegue obstá-lo.

Não sabemos a que subclasse pertence *mediante*. Consultamos alguns dicionários sem que nos fosse possível precisar se deve ser *mediante eu* ou *mediante mim*. O que devia ser, com base em argumento histórico, era *mediante eu*, pois as preposições criadas entre nós, isto é, *made in Brazil*, são normalmente acidentais; as que foram herdadas é que são essenciais. Acontece porém que *mediante* parece haver-se deixado influenciar por *ante* e suas cognatas, com as quais etimologicamente nada contém de comum e daí ter sido arrastado para a subclasse das essenciais.*

* *Mediante* é um adjetivo verbal que se deriva do verbo *mediar*; *ante*, *perante* e *diante* são formas cognatas, sendo a primeira o termo primitivo.

Além do critério sintático, por nós adotado, e do critério histórico, citado ao comentar *mediante*, há mais um critério, que se podia chamar de *apriorístico*: consiste em apurar se a palavra é, ou não, exclusivamente preposição. Parte do princípio que já sabemos *a priori* classificar as palavras, quando apenas estamos aprendendo a fazê-lo. Se o adotássemos, o problema estaria resolvido, supondo-se naturalmente não se ignorar que *mediante* pode ser adjetivo em português, o que geralmente ou sempre o estudante ignora. . .

A vantagem do critério sintático é levar o discente a descobrir e classificar por si próprio, sem apelar para a memória, todas as preposições existentes.

2.8.2.3 — Pertence à subclasse das acidentais toda palavra invariável que, não se combinando com *mim, ti, si*, ocupar a posição pontilhada no seguinte esquema: *Aqui tudo muda o inverno*:

- a) Aqui tudo muda ..durante.. o inverno;
- b) Aqui tudo muda ..exceto.. o inverno;
- c) Aqui tudo muda ..fora.. o inverno;
- d) Aqui tudo muda ..afora.. o inverno;
- e) Aqui tudo muda ..salvo.. o inverno;
- f) Aqui tudo muda ..menos.. o inverno;
- g) Aqui tudo muda ..malgrado.. o inverno;
- h) Aqui tudo muda ..conforme.. o inverno;
- i) Aqui tudo muda ..consoante.. o inverno;
- j) Aqui tudo muda ..segundo.. o inverno;
- k) Aqui tudo muda ..visto.. o inverno; (coloquial)
- l) Aqui tudo muda ..dado.. o inverno; (coloquial)
- m) Aqui tudo muda ..devido.. o inverno. (coloquial)

Situam-se fora da regra os termos *nem, até, mesmo, só* e talvez outros, especialmente sinônimos, que possam expandir o sujeito na seguinte posição pontilhada: *o inverno falhou*.

- a) ..Nem.. o inverno falhou;
- b) ..Até.. o inverno falhou;
- c) ..Mesmo.. o inverno falhou;
- d) ..Só.. o inverno falhou.

Como pode ocupar a posição pontilhada, e neste caso considerar-se preposição, equivalente às locuções *à semelhança de, à imitação de* . . . O inglês inclui *like* — *como* entre as preposições, conforme por exemplo o dicionário de WEBSTER(83) que cita vários casos: *His house is like*

a barn — sua casa é como um celeiro, *acts like a fool* — age como um bobo. Gil VICENTE usou *como* seguido por *ti*, tratando-a pois como essencial: *Porque fui tal como ti* (SAID ALI, 76, p. 95) e ainda hoje na Beira emprega-se *como mim*. Em italiano *come* rege preposicionalmente a forma oblíqua *me*: *È buono come te* — é bom como tu. Ante a eloqüência de tantos fatos, é difícil negar-lhe um lugar no grêmio das preposições.

2.8.3 — *Sob o aspecto semântico*

2.8.3.1 — A preposição é palavra conectiva, o que a confunde com a conjunção, o pronome interrogativo e relativo, o advérbio interrogativo, bem como o próprio verbo de ligação; portanto o sentido falha como critério classificatório. Por outro lado, o termo *conectivo* supõe grupo, supõe sintaxe, pois só pode haver conexão gramatical se houver dois vocábulos a ser unidos. Os termos entreligados chamam-se *antecedente* e *conseqüente*.

2.8.3.2 — O antecedente deve ser verbo, substantivo, adjetivo ou pronome:

- a) *Verbo*: *Gosto do Ceará*; *gosto do meu Brasil*;
- b) *Substantivo*: *Noite de luar*; *saudade da minha serra*;
- c) *Adjetivo*: *Digno de perdão*; *útil à comunidade*;
- d) *Pronome*: *Qual de vós*; *algum de nós*.

Os autores incluem o advérbio em *-mente* como antecedente; preferimos porém considerá-lo como elemento de locução prepositiva, pelas razões que abaixo enumeramos (cf. 2.12.4. — Estrutura das Preposições):

a) São poucos os advérbios que serviriam de antecedente, quicá nove apenas em: *relativamente a*, *favoravelmente a*, *independentemente de*, *contrariamente a*, *diversamente de*, *posteriormente a*, *semelhantemente a*, *conformemente a*, *diferentemente de**, *paralelamente a*.

b) Formam semanticamente perfeita unidade com a preposição seguinte, o bastante para incluí-los como parte, entre as locuções prepositivas. É tamanha a unidade significativa, que geralmente o grupo formado pode ser substituído por outras preposições, simples ou compostas: *Falei relativamente ao caso* — *falei sobre o caso*, em que o

* Em lugar de *conformemente a* usa-se também *conforme a*: “Estes índios foram resgatados conforme à dita lei”. (VIEIRA). Coloquialmente *diferente de* sinonimiza-se com *diferentemente de*, levando-lhe vantagem: *Eu penso diferente de você*; *uns pensam diferente dos outros*.

sintagma não é *falei relativamente*, mas sim *relativamente ao caso*. Não se trata de falar relativamente nem absolutamente, mas *sobre o caso*.

c) Considerá-los em locução é tornar mais fácil e mais simples o processo analítico, sem absolutamente prejudicar-lhe a qualidade científica.

2.8.3.3 — O conseqüente é sempre substantivo ou cousa equivalente:*

- a) *Substantivo*: O povo da *serra*; o anjo da *guarda*;
- b) *Pronome*: Terra de *ninguém*; lembra-te de *mim*;
- c) *Infinitivo*: O direito de *nascer*; o receio de *morrer*;
- d) *Advérbio*: A gente de *lá*, o Brasil de *amanhã*;
- e) *Adjetivo*: Não há nada de *novo* sob o sol.

Usado como conseqüente, perde o advérbio o seu caráter adverbial, reduzindo-se a mero pronome. Advirta-se que todo advérbio contém implicitamente certa preposição. *Amanhã*, por exemplo, equivale a *no futuro*, estando pois implícita a preposição *em*. Em *o Brasil de amanhã*, o advérbio vale apenas por *o futuro*. Se fôssemos fazer a transformação normal e devida para provar que se trata de advérbio, teríamos *o Brasil de no futuro*, em que sobeja a preposição *em* inclusa na contração *no*.

Em *não há nada de novo sob o sol* não se deve considerar o *de* um expletivo, como, pelo simples fato de ser omissível, nos pareceu à primeira vista. Em *há sempre alguma cousa de novo sob o sol*, a preposição *de* não pode ser omitida por causa da concordância. Seria incorreto *alguma cousa novo* em lugar de *alguma cousa nova*. Isto nos esclarece que a preposição *de* não pode ser tratada como expletivo, e que *novo* está substantivado como conseqüente, tanto no primeiro como no segundo caso.

Em casos como os seguintes, em que denotam a circunstância de causa, não parece haver dúvida que o adjetivo e o particípio servem de conseqüentes a preposições:

- a) Não te derrotei *de bobo*;
- b) Não pude comer *de cansado*;
- c) A fruta caiu *de madura*.

O considerá-las como expletivo seria complicar inutilmente a descrição gramatical.

* A preposição tem o dom mágico de converter em substantivo ou cousa equivalente qualquer palavra ou locução, incluindo-se até a própria oração: *Deixe para quando você puder*, onde *quando você puder* tem o valor de substantivo oracional, regido pela preposição *para*.

2.9 — A CONJUNÇÃO

2.9.1 — *Sob o aspecto mórfico*

2.9.1.1 — Como é palavra invariável, não pode ser identificada pelo critério mórfico.

Embora *conforme*, *mediante* e alguma outra possam encaixar em paradigmas, é impossível tirar conclusões que nos ajudem a classificá-las pelo critério formal. De:

- a) forma, formar, *conforme*, conformar, conformação, conformidade;
- b) soar, soante, consoar, *consoante*, consoantemente;

nada se pode concluir para a classificação destas conjunções. Se nos fôssemos arrastar pelas oposições formais, tão frutuozas em outras aplicações, iríamos inferir que *deforme* pode ser conjunção, fundamentado em confrontos paradigmáticos: forma, formar, *deforme*, deformar, deformação, deformidade.

2.9.1.2 — Se pela forma da conjunção não é possível identificá-la, é fácil determinar, pela forma do verbo, se a conjunção é coordenativa ou subordinativa. É o que se pode chamar de critério *verbo-mórfico*:

Conjunção subordinativa é a que figura em oração cujo verbo esteja, ou possa estar, no modo subjuntivo. Exemplo:

Eu irei, se puder,

em que o *se* é subordinativo, porque *puder* se acha no futuro do subjuntivo.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) *Deves esquecer-la, embora seja difícil;*

- b) *Farei conforme quiseseres;*
- c) *Estou aqui para que voltes;*
- d) *Eu desejaria tanto que voltasses;*
- e) *Contarei tudo quando vieres para casa;*
- f) *Não sou tão bobo que vá cair nessa;*
- g) *Falarei tão alto quanto me for possível;*

em que as conjunções subordinativas têm o verbo no modo subjuntivo.

2.9.1.3 — A conjunção *quer...quer* em, por exemplo,

Eu sairei, quer chova, quer faça sol,

não está regendo o subjuntivo, em que pese à doutrina de alguns autores, entre os quais Carlos PEREIRA (69, p. 174). O período analisa-se da seguinte maneira:

Eu sairei: principal

Quer chova, quer faça sol: subordinadas concessivas, coordenadas pela conjunção alternativa *quer...quer*.

A conjunção concessiva é necessariamente zero, quando as subordinadas estão entrelaçadas por *quer...quer*. Noutros casos pode usar-se:

- a) *Eu sairei, que chova ou que faça sol;*
- b) *Eu sairei, que chova ou faça sol;*
- c) *Eu sairei, chova ou faça sol;*
- d) *Eu sairei, chova, faça sol (de qualquer forma eu sairei).*

É também possível construir do seguinte modo:

- a) *Eu sairei, ou que chova, ou que faça sol;*
- b) *Eu sairei, ou chova, ou faça sol;*

com várias opções estilísticas que a gramática nos põe à disposição. O que não se possibilita é o seguinte arranjo sintático:

Eu sairei, quer que chova, quer que faça sol,

que o sistema da língua rejeita, embora seja o que regularmente se deveria esperar.

Tanto é verdade tratar-se de subordinadas adverbiais concessivas que se pode fazer a seguinte substituição:

Eu sairei, com chuva ou com sol,

em que *com chuva* e *com sol* são adjuntos adverbiais de concessão: *eu sairei, embora chova, embora faça sol.*

2.9.2 — *Sob o aspecto sintático*

2.9.2.1 — Chama-se conjunção subordinativa aquela que introduz, ou pode introduzir, oração inversível, isto é, que no período composto por duas orações ocupa, ou pode ocupar, a primeira ou a segunda posição:

Eu vi por trás o cadafalso (1.^a posição), *quando me ofereceram o trono* (2.^a posição),

que admite a seguinte inversão:

Quando me ofereceram o trono (1.^a posição), *eu vi por trás o cadafalso* (2.^a posição),

construções em que a oração *quando me ofereceram o trono* se encontra tanto na primeira como na segunda posição.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) *Eu irei, se puder;*
Se puder, eu irei;
- b) *Deves esquecê-la, embora seja difícil;*
Embora seja difícil, deves esquecê-la;
- c) *Farei conforme quiseres;*
Conforme quiseres, farei;
- d) *Estou aqui para que voltes;*
Para que voltes, estou aqui;
- e) *Vou embora, porque não me querem;*
Porque não me querem, vou embora;
- f) *Eu desejava tanto que voltasses;*
Que voltasses, eu desejava tanto;
- g) *Não sei se haverá excursão;*
Se haverá excursão, não sei;
- h) *Eu sou mais alto do que tu;*
Do que tu, eu sou mais alto.

Pouco importa que a inversão, como nos itens *f*, *g*, *h*, empreste especial colorido à construção; o que estrutura a categoria de subordinativa é o ser possível a inversão.

2.9.2.2 — Em alemão há *denn*, explicativa, e *weil*, causal. Em

Ich muss gehen, denn ich habe Eile
(Eu devo ir, pois eu tenho pressa.)

o traço que estrutura a conjunção como coordenativa é a posição do verbo, que não se acha no fim da oração, o que seria de rigor no caso de conjunção subordinativa. Em

Ich muss gehen, weil ich Eile habe
(Eu devo ir, porque eu pressa tenho.)

é a transposição do verbo ao fim da oração que estrutura a conjunção como subordinativa.

Denn e *weil* são ambas causais, como o são *pois* e *porque* no português, *gar* e *hóti* no grego, ou *nam* e *quia* no latim. A denominação *explicativa*, em lugar de *causal*, como dantes se chamava, é desconcertante, porque tanto a explicativa como a causal exprimem causa. O que as individualiza é a maneira como se comportam na tessitura do período, e não, por certo, a menor ou maior, a mais tênue ou mais forte causalidade.

“Saetze mit beordnenden Bindewoerter des Grundes koennen fast durchgaengig in untergeordneter Satzverbindung gegeben werden: * *Ich muss gehen, denn ich habe Eile* = *Ich muss gehen, weil ich Eile habe*” (BASLER, 6, p. 136).

No português com *pois/porque*, em alemão com *denn/weil*, no inglês com *for/because*, no francês com *car/parce que*, ou no grego e no latim, a distinção entre, por exemplo.

Eu devo ir, pois tenho pressa

e

Eu devo ir, porque tenho pressa

não é semântica, mas apenas estrutural: *pois* e *que* não sofrem a inversão, *denn* rejeita a transposição.

Quando explicativas, *que* e *pois* são intercambiáveis: *vamos que estamos atrasados* = *vamos, pois estamos atrasados*.**

* “As orações unidas por conjunções coordenativas causais (explicativas) podem também, quase sem exceção, ser apresentadas sob a forma de orações subordinadas.”

** Só é possível considerar *porque* e outras causais como explicativas, partindo-se de argumentos extralingüísticos, geralmente muito pessoais e portanto anticientíficos. Toda explicativa é causal, porque denota a causa; e toda causal tem de ser explicativa, pois está explicando qual é a causa.

2.9.2.3 — As únicas conjunções subordinativas que resistem à inversão da ordem são as consecutivas e a comparativa *como*; com efeito, não é factível a inversão de

- a) Foi tamanho o susto que desfaleceu;
- b) Sou tão alto como tu;

em

- a) Que desfaleceu, foi tamanho o susto;
- b) Como tu, sou tão alto.

Por esta e outras causas, escreve CARRETER (19) que às vezes as consecutivas e as comparativas são incluídas entre as coordenativas (1962, 92). José OITICICA (64) e Rocha LIMA (50) vão mais avante, e criam, a par das coordenativas e subordinativas, a categoria das conjunções correlativas.

“Introduzem uma frase em que se exprime um pensamento preso, não à ação principal com que apenas se coordena, mas a um termo *intensivo*, claro ou oculto. São: *que* e às vezes *como*:

- a) Subi tanto, que perdi o fôlego;
- b) Esforçou-se de maneira tal, que adoeceu.” (OITICICA, 64, p. 66.)

“Não há interdependência das orações componentes, como na coordenação, nem subdependência como na subordinação. Existe, a rigor, *paradependência*.” (Rocha LIMA, 50, p. 69)

Não negamos a natureza um tanto híbrida que ressumbra das consecutivas e comparativas, mormente *como*; parece-nos entretanto mais simples incluí-las entre as subordinativas, do que abrir a subclasse das correlativas, categoria mista — nem coordenativa, nem subordinativa.

É interessante observar que a consecutiva pode ser descartada mediante a simples inversão das orações:

- a) Falei tanto, que fiquei rouco:
Fiquei rouco, falei tanto;
- b) Foi tamanho o susto que desfaleceu:
Desfaleceu, foi tamanho o susto;
- c) Falou de tal modo que todos se comoveram:
Todos se comoveram, de tal modo falou;

em que não deixa de ter havido a inversão.

2.9.2.4 — Evidencia-se que as conjunções coordenativas se comportam de maneira diversa:

- a) *Aditiva*: Odeia, e serás escravo;
- b) *Adversativa*: Sofro, mas espero;
- c) *Alternativa*: Crê ou morre;
- d) *Conclusiva*: Comprei, logo devo pagar;
- e) *Explicativa*: Vamos, que está na hora.

Não seria possível inverter a ordem:

- a) E serás escravo, odeia;
- b) Mas espero, sofro;
- c) Ou morre, crê;*
- d) Logo devo pagar, comprei;
- e) Que está na hora, vamos;

o que seria feito, se a conjunção fosse subordinativa: *sofro, porque espero* — *porque espero, sofro*.

Por outro lado, é justamente a posição que distingue *pois* conclusivo e *pois* explicativo; se conclusivo, é pospositivo:

O sino tocou, são pois seis horas;

se explicativo, é inicial:

O sino tocou, pois são seis horas.

Como *pois* e *que* não podem ser inversíveis, deduz-se daí que são conjunções explicativas e não causais:

- a) Acalme-se, que tudo se ajeita;
- b) Acalme-se, pois tudo se ajeita;

em que não seria possível alterar-lhes a posição:

- a) Que tudo se ajeita, acalme-se;
- b) Pois tudo se ajeita, acalme-se.

Conclui-se que somente *pois* e *que* são explicativas; *porque* e as outras congêneres são todas subordinativas.

* Algumas alternativas — ora . . . ora, quer . . . quer — são descontínuas:

Ou crê, ou morre;

o primeiro elemento, que pode omitir-se nalguns casos (*crê, ou morre*), deve ser descartado para efeito classificatório. Parece que se deve a repetição ao colorido adverbial que ainda conservam.

2.9.2.5 — À semelhança do que ocorre a *como* (cf. 2.8 — *A Preposição*), as conjunções *que* e *do que* se comportam como verdadeiras preposições, quando não está expresso o verbo da oração conjunçãoada:*

- a) Por que mataste aquele mouro que era melhor que ti?
(*Livro de Linhagens*, XXI);
- b) Sois maior cavaleiro e mais ardido ca mim (*Idem*);
- c) O mundo em estátua é muito maior que si mesmo (VIEIRA);

em que a forma oblíqua do pronome denuncia a presença de verdadeiras preposições, e preposições essenciais! A forma oblíqua da preposição impede que se desdobre

Sodes mais ardido ca mim

em

Sodes mais ardido ca mim sou,

pois o pronome oblíquo não pode servir de sujeito. Não funciona pois a costumeira manobra que se faz para demonstrar a natureza conjuncional das comparativas. É claro, naturalmente, que se há dois verbos finitos expressos, o conectivo é sem dúvida conjunção:

- a) Fui tão bom como você foi ruim;
- b) Seja mais professor do que foi aluno;

tal como sucede com *segundo*, *conforme*, *consoante*, que são preposições ou conjunções de acordo com o termo que se lhes segue.

O caráter prepositivo das comparativas reflete-se também na sintaxe de outros idiomas. “Frequentemente na linguagem cotidiana e ocasionalmente nas obras de bons escritores, *than* — *do que* rege a forma oblíqua, e neste caso constrói-se como preposição, sintaxe considerada geralmente incorreta, excetuando-se apenas a frase *than whom*”. (WEBSTER, 83.) Do mesmo autor no verbete *me*: “O emprego de *me* por *I* é frequente no dialeto coloquial”.

Em italiano, *do que* se traduz por *di*:

- a) *Sono più alto di te* = sou mais alto do que tu;
- b) *Giovanni é meno pigro di Mario* = João é menos preguiçoso do que Mário.

* Os exemplos foram tomados a SAID ALI, *Gramática Histórica Portuguesa* (76, p. 95). *Ca* é conjunção equivalente a *que*; o autor não exemplifica *do que*.

“In un paragone, quando il secondo termine è un pronome di prima, seconda e terza persona singolare e di terza plurale, dopo il *come* si usano *me, te, lei, loro* (MESTICA, 59, p. 17, sob *come*):

- a) *È buono come te* = é bom como tu;
- b) *Faró come loro* = farei como eles”.

A nossa conjunção *do que* muitas vezes corresponde ao ablativo latino, que tem muito em comum com as preposições, nada porém com as conjunções:

- a) *Luce clarior* = mais claro do que a luz;
- b) *Melle dulcior* = mais doce do que o mel.

Originariamente o morfema comparativo do português era a preposição *de*, situação que se conservou no italiano: *sou mais alto de você*, como se dizia primitivamente. Mais tarde a expressão *o que* se contaminou do valor comparativo ao contato da sua incauta vizinha, e terminou por esvaziá-la, ou eliminá-la e substituí-la completamente. Hoje *do que* se usa mais amiúde, mas o primeiro elemento pode ser omitido — embora seja o legítimo — sobretudo na linguagem literária:

Mais claro que a luz, mais doce que o mel.

2.9.2.6 — A causal *como*, ao contrário das outras subordinativas, ocorre ordinariamente na posição inicial, quiçá para ocasionalmente distinguir-se de *como* conformativo e outros tipos de *como*:

- a) *Causal*: Como você pediu, eu farei;
- b) *Conformativa*: Farei como você pediu.

Como inicialmente só pode ser usado em lugar de *conforme* se não houver ambigüidade:

Como você quiser, nós faremos.

2.9.2.7 — A conjunção subordinativa requer necessariamente um verbo finito em que se apoiar, e nunca um *verbóide* — o que também se chama de *forma nominal*. É por isto que *segundo, conforme, consoante* são ora preposições, ora conjunções, conforme sejam seguidos ou não por verbo finito:

Preposição:

- a) Farei conforme as tuas ordens;
- b) Farei segundo as tuas ordens;
- c) Farei consoante as tuas ordens.

Conjunção:

- a) Farei conforme ordenaste;
- b) Farei segundo ordenaste;
- c) Farei consoante ordenaste.

Para demonstrar que *conforme*-preposição é diferente de *conforme*-conjunção, basta observar que o primeiro não, ao passo que o segundo pode ser sempre substituído por *como*. É possível empregar equivalentemente

Farei conforme ordenaste

e

Farei como ordenaste,

não porém *farei como as tuas ordens.*

Em inglês, *after, before, since* e outros conectivos são preposição ou conjunção, segundo a classe do termo seguinte — nome ou verbo finito:

Preposição:

- a) I sleep *after* midnight — durmo *depois de* meia-noite;
- b) I'll come *before* midnight — virei *antes de* meia-noite;
- c) I wait *since* midnight — espero *desde* meia-noite.

Conjunção:

- a) I sleep *after* you leave — durmo *depois que* você sai;
- b) I'll come *after* you go — voltarei *depois que* você for;
- c) I wait *since* you left — espero *desde que* você saiu.

2.9.2.8 — Praticamente a conjunção, tanto coordenativa como subordinativa, é o vocábulo preso que ocupa a posição pontilhada no esquema seguinte, constituído por *verbo finito, posição pontilhada, verbo finito*:

- a) Penso ..*logo*.. existo;
- b) Choro ..*porque*.. sofro;
- c) Espero ..*e*.. confio;
- d) Seguirei ..*quando*.. puder;
- e) Voltarei ..*embora*.. lamente.

Se dissermos

Entreí, depois sai

não é o caso, já que *depois* é forma livre, pode ocorrer sozinha, como, por exemplo, na seguinte resposta:

— *Vais almoçar antes ou depois?*

— *Depois.*

As conjunções e outras classes invariáveis são classes sintáticas, ocorrem nos mesmos ou em ambientes semelhantes, e devem portanto ser definidas com base na sintaxe, ainda que o emprego das palavras seja muito variado e se torne às vezes difícil determinar em que se basear.

2.9.3 — *Sob o aspecto semântico*

2.9.3.1 — A conjunção é palavra conectiva, o que a confunde com a preposição, o pronome e o advérbio, interrogativo ou relativo, e o próprio verbo de ligação, pois conectivo é termo genérico com que se designam todos os elementos lingüísticos que funcionam como nexos — conjunções, preposições, pronomes e advérbios relativos ou interrogativos, verbos de ligação (CARRETER, 19, p. 106).

JESPERSEN declara em *The Philosophy of Grammar* que a conjunção subordinativa é a preposição da oração (sentence preposition) excluindo a coordenativa, que de modo algum podia ser incluída, pois toda preposição é subordinativa, e só subordinativa (45, p. 89).

Os pronomes e advérbios interrogativos ou relativos, usados em interrogação indireta, tomam também o nome de *conjuntivos*, porque desempenham a função de conectivo. Por sua vez, o verbo de ligação é um vocábulo esvaziado que se reduziu a simples conectivo da relação sujeito-predicativo (cf. 3.4 — *Predicação Verbal*).

A conjunção difere dos outros conectivos por ligar dois termos sintáticos idênticos, isto é, dois termos que desempenham a mesma função sintática na oração:

- a) 2 predicados: *Canto, porque sonho*;
- b) 2 predicativos do sujeito: *Sou nobre e generoso*;
- c) 2 predicativos do objeto: *Nomeio-te chefe e dono*;
- d) 2 objetos diretos: *Ofereço-te ouro e fama*;
- e) 2 objetos indiretos: *Agradeço a você e ao acaso*;
- f) 2 agentes da passiva: *Foi adorado por ricos e pobres*;
- g) 2 complementos nominais: *Indigno de amor e perdão*;
- h) 2 apostos: *Jesus, Deus e homem*;
- i) 2 vocativos: *Mãe e amiga saudosa, embalde te procuro*.

O critério semântico é inferior ao mórfico e ao sintático, porque não ensina a descobrir por meios lingüísticos a divisão das conjunções. Para determinar se a conjunção é coordenativa, cumpre saber se a oração é independente, ou vice-versa; para determinar se é subordinativa, se a oração é dependente, ou vice-versa. Como a subordinação pode ser nocional, e por isto carecer de conjunção subordinativa, é óbvio que o analista não encontra em que se agarrar para estabelecer a distinção. Em, *verbi gratia*,

O empate hoje levará o Brasil ao México,

de um jornal local, há *nocionalmente* duas orações — a principal e a subordinada adverbial condicional:

Se hoje houver empate, o Brasil irá ao México.

2.9.3.2 — Na construção

Eu amo a luz e o descampado

não se devem admitir duas orações, mas apenas uma; o que há duplo são dois objetos, isto é, duas funções ou termos idênticos, enlaçados pela conjunção *e*. Outro tanto se dá em

Sou pobre, mas honesto

em que há dois predicativos entreligados por *mas*.

Em um e outro caso, há no máximo dois objetos e dois predicativos. O desdobramento em duas orações —

a) Eu amo a luz e amo o descampado;

b) Eu sou pobre, mas sou honesto;

prova somente que a língua tem outro recurso sintático para dizer exatamente a mesma coisa, e não que haja duas orações.

Se o professor, fundamentado no desdobramento, admitir que são duas orações, pode acontecer que o Joãozinho apareça e faça o pedido seguinte:

— Fessor, desdobre *dois e dois são quatro*,

o que vai pôr o professor em maus lençóis, pois é impossível sustentar que *dois é quatro*.

Acresce outro inconveniente. Em por exemplo

Eu sou o caminho, a verdade e a vida,

é inquestionável que a vírgula pode substituir a conjunção, e que se torna fácil transformar em três orações:

Eu sou o caminho, eu sou a verdade e eu sou a vida.

Se a vírgula substitui o *e*, por que não desdobrar em três, e não em duas orações? A situação ficaria mais embaraçosa, quando o Joãozinho perguntasse quantas orações há em cada um dos períodos seguintes:

- a) Eu amo a luz, o descampado, o horizonte, a liberdade;
- b) Eu amo a luz, o descampado, o horizonte e a liberdade;
- c) Eu amo a luz e o descampado, o horizonte e a liberdade;
- d) Eu amo a luz, e o descampado, e o horizonte, e a liberdade.

O Joãozinho estudara estilística, e o professor ensinara o efeito literário que pode haurir pela sábia distribuição das aditivas.

2.9.3.3 — A coordenação e a subordinação são categorias gramaticais que apresentam duas idéias como independentes ou uma na dependência da outra:

Coordenação:

- a) Vai e verás; ou você crê, ou morrerá;
- b) Matou um guarda, e foi preso;
- c) Comprei um carro, é muito bom;
- d) Ofereceram-me o trono, e vi por trás o cadafalso;
- e) Sou rico, mas estou insatisfeito;
- f) Falou demais, e perdeu a voz;
- g) Você quer voltar e preciso arranjar um passaporte.

Subordinação:

- a) Se fores, verás; se você não crer, morrerá;
- b) Foi preso, porque matou um guarda;
- c) O carro que comprei é muito bom;
- d) Quando me ofereceram o trono, vi por trás o cadafalso;
- e) Embora seja rico, estou insatisfeito;
- f) Falou tanto, que perdeu a voz;
- g) Preciso arranjar um passaporte, para que você possa voltar;

com as orações coordenadas convertidas em orações subordinadas. É que não há oração subordinada que não se possa expressar por meio da coordenação. Se não fosse desta maneira, que seria do hebraico e do galês, onde não há subordinação gramatical? (GIRSDANSKY, 36, p. 72.)

“Opomos a frase de proposições coordenadas à frase composta de uma oração principal e de proposições secundárias. Cumpre-nos fazer notar que essas duas formas diferentes para os olhos ou para o

ouvido são equivalentes muitas vezes quanto ao sentido, e que a frase de coordenação tem não raro, no fundo, uma contextura tão firme como se fosse formada de membros estreitamente ligados por conjunções e pronomes relativos. Predomina um ou outro desses dois processos, conforme a índole do gênero literário, do assunto, do escritor:

- a) O dia está bonito; não temos que fazer; vamos passear:
Porque o dia está bonito e porque não temos o que fazer, vamos passear;
- b) Era inocente e condenaram-no:
Condenaram-no, ainda que era inocente.

Os vários modos de exposição são expedientes para chamar mais especial atenção a um ou a outro aspecto de um fato e de suas causas; são antes um ornamento do que um meio substancial da fala, e servem a um intento estilístico.” (BARRETO, 5, p. 61.)

É imprescindível distinguir a coordenação e a subordinação, como categoria gramatical, da coordenação e subordinação como categoria nocional. Em

Vai e verás

há coordenação gramatical e subordinação nocional; em

Se fores, verás

a subordinação é gramatical e nocional.

2.10 — A INTERJEIÇÃO

2.10.1 — *Sob o aspecto mórfico*

2.10.1.1 — A interjeição, visto ser palavra invariável, não devia ser definida pelo critério mórfico. A verdade porém é que algumas podem sê-lo, por contrariarem o sistema fonológico, exibindo fonemas, combinação ou distribuição de fonemas estranhos à estrutura do idioma:

- a) ah, ha, eh, he, ih, hi, oh, ho, uh, hu;
- b) psit, pitsiu, hum-hum, chit, fu;

que se divorciam do sistema fonológico português, introduzindo formas que normalmente não se deparam no vernáculo.

Observemos a propósito:

- a) *Ah* e *ha*, com *h* inicial ou final, proferido “com certo grau de aspiração”^{*};
- b) *Pitsiu*, com a oclusiva africada *ts*, própria do italiano, do alemão e do russo, não porém do português;
- c) *Hum-hum*, cujo *h* simboliza a oclusiva glotal ou o *glottal stop* inglês, cujo sentido é *sim* no Ceará, e *não* no Piauí, pelo menos em Parnaíba;
- d) *Psit* e *chit*, terminados por *t* e proferidos efetivamente como *pst* e *cht*, funcionando as fricativas como verdadeiros silábicos;
- e) *Fu*, como o *f* inspirado ou para dentro, muito ao gosto dos hotentotes e bosquímanos. A vogal, apenas esboçada como em *psit* e *chit*, serve para compor graficamente a palavra.

^{*} Carneiro RIBEIRO, *Serões Gramaticais* (73, p. 259). “A letra *h* em posição final marca uma aspiração pós-vocálica, que só aparece em português neste caso (Mattoso CÂMARA, *Dicionário de Filologia e Gramática* (17).

A fricativa aspirada, as oclusivas africada e glotal, o *t* final e o *f* inspirado ou chupado são segmentos marginais em português.

Pode concluir-se facilmente que, salvo empréstimos vocabular, qualquer palavra terminada por *t*, ou noutra das situações precedentes, pertence à classe da interjeição.

2.10.1.2 — Há outra manifestação formal, de ordem prosódica ou supra-segmental*, que geralmente marca a presença da interjeição: é a entoação. “As interjeições tiram todo o seu valor significativo, toda a sua força, da expressão do acento, que as anima e vivifica, tornando-se impossível imitá-las.” (Carneiro RIBEIRO, 73, p. 259.) A mesma interjeição pode exprimir alegria, tristeza, espanto, aborrecimento ou desprezo, além doutros sentimentos, conforme o tom especial de que se acompanha.

Isso não quer dizer que as outras classes escapem à influência do tom; sofrem-na por certo, mas com muito menor frequência e quiçá diversamente, bem como em circunstâncias especiais. A interjeição *hum* por exemplo, que exprime dúvida ou desconfiança, entoa-se tão especificamente que provavelmente o quadro prosódico jamais se repetirá na realização de outra classe gramatical.

2.10.1.3 — Algumas interjeições não se denunciam formalmente nem pela violação do sistema fonológico, nem pela entoação especial: *tomara*, *oxalá*, *eis* e *cadê* não oferecem nada que as particularize sob o aspecto fonológico ou supra-segmental. Em

- a) Tomara que você volte;
- b) Deus queira que você volte;

não parece haver diferença tonal entre a voz *tomara* e a oração *Deus queira*.

2.10.2 — Sob o aspecto sintático

2.10.2.1 — A interjeição (do latino *interjicere* — *lançar entre*) “é a palavra invariável, *isolada*, completa por si própria, sem relação com as outras palavras, *entre* as quais está como *lançada*,** e para exprimir os movimentos vivos e súbitos da alma” (LAROUSSE du XX.^e Siècle)(57).

* *Supra-segmental*, muito em voga entre lingüistas estadunidenses, é sinónimo de *prosódico*.

** “A interjeição é a palavra ejaculatória, em geral entremetida sem conexão gramatical, mais um grito do que propriamente uma palavra.” (Webster, 83.)

Esta definição morfo-sintático-semântica serve para esclarecer o sentido etimológico do vocábulo: é a palavra *interjecta*, isto é, lançada entre os outros elementos oracionais; bem assim para mostrar-lhe o valor sintático ou mais propriamente o valor assintático: é a palavra *isolada*, *sem relação com as outras palavras*, o que a exclui dentre as classes gramaticais, onde só por conveniência didática se acha colocada. Em

Ai! o lobo matou o cordeiro

a interjeição está sintaticamente solta, não forma sintagma com membro algum da oração; não se combina nem com *o lobo*, nem com *matou*, nem com *o cordeiro*, podendo lançar-se no começo ou no fim, bem como entre qualquer sintagma sintático sem alterar-se a estrutura oracional:

- a) Ai! o lobo matou o cordeiro;
- b) O lobo, ai!, matou o cordeiro;
- c) O lobo matou, ai!, o cordeiro;
- d) O lobo matou o cordeiro, ai!;

em que a interjeição está solta entre os outros termos e ademais independente sob o aspecto tonal.

Em geral, também o advérbio pode colocar-se em qualquer parte da oração sem alterar-lhe a estrutura, porém nunca isolado, porque sempre formando sintagma com o verbo:

- a) Impiedosamente o lobo matou o cordeiro;
- b) O lobo impiedosamente matou o cordeiro;
- c) O lobo matou impiedosamente o cordeiro;
- d) O lobo matou o cordeiro impiedosamente;

cujo sintagma *matou impiedosamente* se conserva inalterado em todas as posições.

2.10.2.2 — O isolamento da interjeição é sempre restrito, é talvez o que denote CARRETER (20) ao afirmar que “desempenha as funções lingüísticas de modo elementar”. Há certos casos portanto em que se relaciona com termos oracionais:

a) *Ai de mim*, em que o segundo termo não pode ser analisado separadamente, porque não há como chamar o complemento da interjeição *ai*;

b) *Cadê a polícia?* em que se vislumbra um como que sujeito, dada a transformação *cadê ela?*, onde o pronome reto sugere a função de sujeito;

c) *Eis o homem!* em que o sintagma *o homem*, substituível por *lo*, sugere que a interjeição se comporta como verbo transitivo direto;

d) *Tomara que chova!* em que parece haver objeto oracional, pois *tomara-o*, com a substituição de *que chova* por *o*, afigura-se possível, mormente no dialeto literário.

De qualquer maneira, não se pode falar em sujeito e objeto por não constar o verbo a que associá-los, falecendo os outros atributos, como a pessoa e o tempo, que delimitam a categoria verbal.

2.10.3 — *Sob o aspecto semântico*

2.10.3.1 — A interjeição é a classe gramatical que geralmente forma sentido completo por si própria — é a palavra-frase na expressão de Mattoso CÂMARA(17):

- a) Oh! ‘estou admirado’;
- b) Ai! ‘sinto uma dor’;
- c) Hui! ‘tomei um susto’.

Se não forma sentido completo é pelo menos frase parcial, como em

- a) Eis o homem;
- b) Cadê a polícia?
- c) Viva o Brasil;

onde *eis*, *cadê* e *viva* representam mais que palavras, pois equivalem a respectivamente *aí está*, *onde está?* e *seja aplaudido*, transcendendo a simples classe gramatical para acercar-se ao nível da oração. Admitir *viva* como interjeição e levá-lo ao plural em *Vivam nossos heróis* é incorrer na contradição de termos, pois o verbo varia, mas é invariável a interjeição. *Vivam os mortos de novembro!* é sempre absurdo: primeiro porque não mais podem dar vivas; segundo, porque não podem ressuscitar.

A propósito de não-concordância, vem a pelo mencionar a locução interjectiva *era uma*, cujo verbo não se deve pluralizar: *era uma vez dois valentes*.

Eis é habitualmente classificado como advérbio, por talvez esquecimento de que está longe o tempo em que “interjectionem Graeci inter adverbia ponunt”, de que nos fala Prisciano.

Cadê possui, além de outras, as características próprias ao advérbio interrogativo, ao ponto de, na interrogação indireta, exercer a função de conectivo oracional:

Não sei cadê o livro,

em que a nossa curiosa interjeição serve de advérbio interrogativo, conectivo oracional e verbo de ligação. Os pronomes e advérbios interrogativos, que nos herdaram avoengos indo-europeus, tomaram talvez cinco milênios para acolher um irmãozinho na sua grei limitada.*

2.10.3.2 — KARCEVSKI (*apud* CARRETER, 19, p. 243) combateu a definição da interjeição como equivalente da frase, alegando que toda frase pode ser enunciada no estilo indireto, ao passo que o não pode a interjeição. O brasileiro *cadê* veio confirmar a definição, mostrando que a interjeição pode ocorrer no estilo indireto:

a) Estilo direto: Cadê o livro? diga-me.

b) Estilo indireto: Diga-me cadê o livro.

Oxalá e *tomara* talvez possam também figurar no estilo indireto:

a) Você disse que tomara não houvesse aula;

b) Eu disse que oxalá corresse tudo bem.

Por outro lado, se a interjeição é de natureza assintática, como exigir-lhe que se ajuste ao estilo indireto?

2.10.3.3 — A interjeição exprime geralmente as emoções súbitas, como a surpresa, o júbilo, a dor, sem necessidade de conexão gramatical, pois é o equivalente da oração: geralmente, nem sempre. Algumas há que não exprimem nem emoção nem subitaneidade, entre as quais *eis*, *cadê*, *oxalá* e *tomara*. São vozes algo civilizadas, acomodadas ao sistema fonológico e que, só por serem palavras oracionais, se classificam na classe da interjeição: os fonemas e o tom são perfeitamente normais.

Certa vez estávamos em Palmácea, fruindo a recompensa das férias, quando um serrano entrou na bodega; mandou *botar* um mata-bicho que meteu de um trago, após haver proferido com certa sole-nidade:

Deus primeiro fez os anjo,

adispois o firmamento;

Em seguida os aratório,

E os santo tibungo dento.

Saboreou ele o seu trago, nós a mais gostosa interjeição da nossa vida. Também *pudera!* com tão poética embalagem!**

* O irmãozinho *cadê* tem afinidade semântica, não etimológica (ou, segundo HJELMSLEV, lexicológica) com os outros membros interrogativos do grupo *qu-* (cf. 3.1, *As Categorias Duplas*).

** Releve-se-nos o galicismo, que se nos antolha indispensável.

2.11 — ESTRUTURA E CLASSIFICAÇÃO DO ADVÉRBIO

2.11.1 — O advérbio desdobra-se em preposição mais substantivo, isto é, o advérbio é um substantivo que implicitamente contém uma preposição:

- a) *docemente*: com doçura;
- b) *mansamente*: com mansidão;
- c) *devagar*: com lentidão;
- d) *hoje*: neste dia;
- e) *algures*: em algum lugar;
- f) *onde?*: em que lugar?;
- g) *(a casa) onde*: na qual casa.

2.11.2 — O advérbio divide-se em nominal e pronominal. Advérbio nominal é aquele que se desdobra em substantivo sem pronomes:

- a) *grosseiramente*: com grosseria;
- b) *depressa*: com presteza;
- c) *bem*: com bondade (Tratei-te bem);
- d) *mal*: sem bondade (Tratei-te mal).

Advérbio pronominal é aquele que se desdobra em substantivo com pronomes — demonstrativo, indefinido, interrogativo, relativo:

- a) demonstrativo: *aqui*: neste lugar;
- b) indefinido: *nunca*: em tempo algum;
- c) interrogativo: *como?*: de que modo?
- d) relativo: (o modo) *como*: pelo qual modo.

2.11.3 — Os advérbios relativos são apenas três, e têm sempre como antecedente um substantivo a que se referem, donde o nome de *relativo*:

- a) A *casa onde* moras é muito confortável;
- b) A *maneira como* falas é presunçosa;
- c) “Ditoso o *dia e hora quando* tão delicados olhos me feriam”.
(CAMÕES).

2.11.4 — *Onde* tem por antecedente um substantivo locativo; *como* substantivo modal, geralmente *modo, maneira, forma* ou *jeito*; *quando*, “que está em desuso” (Laudelino FREIRE, 29) substantivo temporal:

- a) ONDE: a casa onde nasceste (na qual casa);
a terra onde vives (na qual terra);
o ambiente onde trabalhas (no qual ambiente);
- b) COMO: o modo como te portas (conforme o qual modo);
a maneira como censuras (conforme a qual maneira);
o jeito como te sentas (conforme o qual jeito);
- c) QUANDO: foi num tempo quando não havia lei (no qual tempo);
era à hora quando tudo dorme (na qual hora).

Como *quando* é arcaizante, modernamente só temos *onde* e *como* entre os advérbios relativos.

2.11.5 — Como se observa pela exemplificação do item precedente, o advérbio relativo é transformável em preposição mais substantivo com pronome relativo. É raro, e até de mau gosto, exhibir o antecedente do relativo; entretanto César não hesita em fazê-lo na sua *Guerra das Gálias*:

Erant omnino itinera duo, quibus itineribus domo exire possent =
= Ao todo havia dois caminhos, pelos quais caminhos podiam sair do seu país (tradução literal).

Encontramos um exemplo em que Sá de MIRANDA exhibe o antecedente:* “O Pompônio tem um filho, o qual filho o pai e a mãe andam por tirar do cativoiro”.

* *Obras Completas*, 2.ª edição, Volume II, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1943, p. 189.

Outra definição, que nos parece mais prática, é a seguinte:

Advérbio pronominal é aquele que responde às perguntas *onde?*, *quando?*, *quanto?*:

- *Onde* moras?
- Moro *ali*.
- *Quando* voltas?
- Volto *amanhã*.
- *Quanto* demoraste?
- Demorei *pouco*.

A resposta à pergunta *como?* não ajuda nada, pois comporta indistintamente o advérbio nominal e o pronominal:

- *Como* passaram nos exames?
- Eu passei *assim*; meu irmão passou *bem*; meu colega passou *mal*;

em que *bem* e *mal* são advérbios nominais, ao passo que *assim* é advérbio pronominal.

2.12 — ESTRUTURA DAS PREPOSIÇÕES

2.12.1 — As preposições podem ser essenciais ou acidentais.

2.12.2 — *Preposições essenciais*: qualquer palavra que se combina com *mi*, *ti* ou *si*, pois apenas *com* se combina com *-migo*, *-tigo* ou *-sigo* (cf. 2.8 — *A Preposição*):

- a) *A*: A mim também me fez o Amor Eterno;
- b) *ANTE*: Ante mim desenrola-se o infinito;
- c) *APÓS*: Após mim o dilúvio;
- d) *ATÉ*: Até mim chego o teu grito de revolta;
- e) *COM*: A paz esteja contigo (em lugar de *com ti*).
- f) *CONTRA*: Contra mim teu ódio é impotente;
- g) *DE*: De mim só espere amor e perdão;
- h) *DESDE*: Foi desde mim que as cousas mudaram;
- i) *EM*: Podes confiar em mim;
- j) *ENTRE*: Dividiram entre si o fruto da maldade;
- k) *PARA*: És tudo para mim;
- l) *PERANTE*: Perante mim continuas como dantes;
- m) *POR*: Ao longe, o Futuro está esperando por ti;
- n) *SEM*: Sem mim nada podes fazer;
- o) *SOB*: Sob mim ruge o mar furiosamente;
- p) *SOBRE*: Sobre ti perde-se o infinito azulado;
- q) *TRÁS*: Deixava trás si a solidão e a morte.

2.12.2.1 — Ampliação das essenciais:

- a) *ATÉ ANTE*: Até ante a morte contava piadas;
- b) *LOGO APÓS*: Voltarei logo após a festa;
- c) *EXATAMENTE ATÉ*: Contei baixinho, exatamente até mil;

- d) *SÓ COM*: Só com você tem sentido a vida;
- e) *MUITO CONTRA*: Sou muito contra essa medida;
- f) *LOGO DESDE*: Logo desde o começo apareceram problemas;
- g) *SÓ EM*: Só em gado possui grande fortuna;
- h) *MESMO ENTRE*: Mesmo entre bandidos a palavra tem valor;
- i) *ATÉ PARA*: Até para você foi difícil;
- j) *SÓ PERANTE*: Só perante o mundo vales tão pouco;
- k) *MESMO POR*: Mesmo por ti não boto a mão no fogo;
- l) *TÃO SEM*: Ando tão sem coragem;
- m) *EXATAMENTE SOB*: Escondera-se exatamente sob meus pés;
- n) *ATÉ SOBRE*: Até sobre a mesa encontrava-se gente;
- o) *POUCO TRÁS*: Pouco trás si arrastava-se o traidor.

2.12.2.2 — Em *A vida só tem sentido com você* o sintagma é sem dúvida *só com você*, o que não impede que a oração possa ordenar-se de outro jeito como *A vida só tem sentido com você*. Neste e noutro exemplo é possível a transformação; a maioria porém a rejeita.

A oração *Contei exatamente até cem* presta-se a dupla interpretação, conforme o advérbio modifique o verbo ou a preposição: *contei até cem sem errar e contei até cem sem passar*.

2.12.3 — *Preposições acidentais*: são aquelas que não se combinam com *mim*, *ti* ou *si*, mas se for o caso, com *eu* ou *tu*. São adjetivos, advérbios e participios que desempenham cumulativamente a função de preposição; *durante* e *exceto* no entanto raramente exercem outra função.

Para que sejam preposições, exigem para completá-las um substantivo ou cousa equivalente (pronome ou infinito, e às vezes advérbio):

- a) *DURANTE*: Todos se divertem durante a festa;
- b) *EXCETO*: Todos se divertem exceto o diretor;
- c) *MALGRADO*: Todos se divertem malgrado a carestia;
- d) *CONFORME*: Todos se divertem conforme as posses;
- e) *VISTO*: Todos se divertem visto a despreocupação (coloquial);
- f) *CONSOANTE*: Todos se divertem consoante as posses;
- g) *SEGUNDO*: Todos se divertem segundo as posses;
- h) *MEDIANTE*: Todos se divertem mediante ajuda;
- i) *TIRANTE*: Todos se divertem tirante o diretor;
- j) *FORA*: Todos se divertem fora o diretor;
- k) *SALVO*: Todos se divertem salvo o diretor;
- l) *AFORA*: Todos se divertem afora o diretor.

A preposição *senão*, que não se ajusta dentro do esquema precedente, de certo modo situa-se à parte entre as acidentais. Para identificá-la, basta poder substituí-la por *a não ser*, locução prepositiva:

m) *SENÃO*: Não tenho outro recurso senão fugir (*a não ser* fugir).

Visto é preposição quando sinônimo de *por* ou *por causa de*:

- a) Visto haver confusão;
- b) Visto a confusão (coloquial).

No dialeto literário só é preposição quando seguido por infinitivo: *visto chover muito*; seguido por substantivo é particípio e portanto deve concordar: *vista a situação do povo*.

Popularmente outros participios são empregados como preposições:

- a) *Terminado as aulas* em lugar de *terminadas as aulas*;
- b) *Passado a primeira semana* em lugar de *passada a primeira semana*;
- c) *Dado as circunstâncias* em lugar de *dadas as circunstâncias*.

2.12.3.1 — Ampliação das acidentais: *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e *durante*:

- a) Executei o plano exatamente conforme as suas ordens;
- b) Executei o plano exatamente segundo as suas ordens;
- c) Executei o plano exatamente consoante as suas ordens;
- d) Somente mediante ajuda é que posso escapar;
- e) Só durante o carnaval, tranquei mil desordeiros.

As outras acidentais parece que recusam ser ampliadas.

O ampliante geralmente precede a preposição, noutros casos como neste:

Somente mediante ajuda é que posso escapar;

entretanto pode colocar-se após o conseqüente da preposição:

Mediante ajuda somente é que posso escapar.

2.12.4 — As locuções prepositivas ou preposições compostas dividem-se em sete subclasses, conforme os elementos que as compõem:

Subclasse A: *preposição + preposição*;

Subclasse B: *advérbio + preposição*;

Subclasse C: *preposição + advérbio + preposição*;

Subclasse D: *preposição + substantivo + preposição*;

Subclasse E: *preposição + preposição + substantivo + preposição*;

Subclasse F: *anômalas ou heterogêneas*;

Subclasse G: *ampliadas (seqüentes a cada classe)*.

A subclasse G amplia-se por meio de advérbios, entre os quais *até, bem, exatamente, imediatamente, inteiramente, logo, mesmo, muito, pouco, só e tão*, conforme será exemplificado mais adiante.

2.12.4.1 — Subclasse A: *preposição + preposição*:

Para com, até a, por entre, por sobre, de sobre, de sob, após de, de per;

Exceto em, exceto de, exceto com, exceto para, etc.;

Salvo em, salvo de, salvo com, salvo para, etc.;

Menos em, menos de, salvo em, salvo para, etc.

Até a é locução prepositiva quando substituível por *até*; *preposição ampliada* quando substituível por *mesmo a*:

a) Irei até ao fim do mundo = até o fim. . . ;

b) Lutarei até a cabo de vassoura = mesmo a cabo. . .

2.12.4.1.1 — Ampliação da subclasse A:

a) ATÉ PARA COM: És cruel até para com os amigos;

b) EXATAMENTE ATÉ A: Irei exatamente até ao meio;

c) BEM POR ENTRE: Passei bem por entre o estreito;

d) EXATAMENTE POR SOBRE: Voara exatamente por sobre a ponte;

e) EXATAMENTE DE SOBRE: Exatamente de sobre o caibro saltara eu;

f) EXATAMENTE DE SOB: Exatamente de sob a terra saíras tu;

g) LOGO APÓS DE: Logo após desse fantasma correrá ele.

Parece que as exclusivas *exceto, salvo, menos, fora, tirante e afora* não se deixam ampliar.

2.12.4.2 — Subclasse B: *advérbio + preposição*:

Acima de, abaixo de, longe de, perto de, antes de, depois de, através de, fora de, dentro de, diante de, detrás de, além de, aquém de, trás de, atrás de, dentro em, junto a, junto com, quanto a, debaixo de, embaixo de:

a) Longe dos olhos, perto do coração;

b) Além daquela serra nasceu Iracema.

Alguns advérbios em *-mente*, como *relativamente*, *favoravelmente*, *independentemente*, *contrariamente*, combinados com *a* ou *de*, formam locução prepositiva, em que pese a doutrinas contrárias como de LAROUSSE(48); “Les adverbs *contrairement*, *indépendamment*, *préféablement*, *relativement* peuvent avoir un complément”. A maior prova de que há locução é que podem ser substituídas pelas preposições simples correspondentes (cf. 2.8 — *A Preposição*).

- a) Relativamente ao assunto = sobre o assunto;
- b) Favoravelmente ao acusado = pelo acusado (a favor do acusado);
- c) Independentemente de concurso = sem concurso;
- d) Contrariamente ao projeto = contra o projeto.

A preposição não admite advérbio como antecedente: seriam apenas esses quatro e mais alguns, quiçá doze ao todo: *referentemente a*, *diferentemente de*, *diversamente de*, *paralelamente a*, *respectivamente a*, *posteriormente a*. . .*

2.12.4.2.1 — Ampliação da subclasse B:

Muito acima de, muito abaixo de, tão longe de, tão perto de, pouco antes de, logo depois de, mesmo fora de, mesmo dentro de, até diante de, até detrás de, muito além de, muito aquém de, imediatamente trás de, bem atrás de, só dentro em, bem junto a, bem junto de, exatamente junto com, até quanto a, inteiramente debaixo de:

- a) Muito além daquela serra nasceu Iracema;
- b) Ela estava bem detrás de mim;
- c) Até detrás da porta puseram soldado.

O exemplo (b) presta-se à confusão: *Bem atrás de mim estava ela* = = *Atrás de mim ela estava bem*. Não faltam casos como este que apresentam ambigüidade.

2.12.4.3 — Subclasse C: *preposição + advérbio + preposição*:

Por longe de, para longe de, de longe de, por perto de, para perto de, de perto de, para antes de, para depois de, para lá de, para fora de, por fora de, para dentro de, por dentro de, para cá de, por diante de, por detrás de, para além de, para aquém de, por trás de, para trás de, de trás de, por dentro em, para dentro em, para junto a, por junto a, de junto a, para junto de, por junto de, por debaixo de, para debaixo de:

* *Posteriormente a*: V. AULETE em *Preposição*.

- a) Irei para longe de meus pais;
- b) Marcou-se o encontro para depois de almoço;
- c) Saia de trás da porta.

2.12.4.3.1 — Ampliação da subclasse C:

Para muito longe de, por muito longe de, de muito longe de, para muito perto de, por muito perto de, de muito perto de, para tão longe de, por tão longe de, de tão longe de, para tão perto de, por tão perto de, de tão perto de, para tão antes de, para imediatamente depois de, para tão fora de, para tão dentro de, para muito além de, para muito aquém de, bem para atrás de, bem para diante de, bem de trás de, bem por dentro de, bem para junto de, bem por debaixo de:

- a) Vou para muito longe de meu país;
- b) Corra para bem dentro da casa;
- c) Venha para bem perto de mim.

São muitas as preposições compostas, ampliadas ou não, e não podemos exauri-las, embora citemos um número bastante avantajado.

2.12.4.4 — Subclasse D: *preposição + substantivo + preposição*:

a) À procura de, à frente de, à custa de, à busca de, à cata de, à mercê de, à exceção de, à fé de, à força de, à beira de, à guisa de, à maneira de, à feição de, à luz de, à medida de, à moda de, à disposição de, à altura de, à espera de, às ocultas de, às escondidas de.

Deve ter crase a locução constituída por substantivo feminino, haja ou não a fusão de preposição e artigo: *à custa de*.

b) Ao fim de, ao pé de, ao cabo de, ao correr de, ao longo de, ao ponto de, ao dispor de, ao encalço de, ao contrário de, ao lado de, ao rés de, aos olhos de, a par de, ao redor de, ao sabor de, ao léu de, aos fins de, a despeito de, a bem de, a favor de, a braços com, ao encontro de, ao invés de, ao revés de, ao serviço de, a respeito de, a propósito de, a salvo de, ao largo de, ao gosto de, ao capricho de, ao alcance de, a pretexto de, a modo de, ao modo de, ao ensejo de, ao nuto de;

c) De acordo com, de conformidade com, de parceria com, de cima de, de baixo de, de maneira a, de modo a, de encontro a;

d) Em troca de, em atenção a, em direção a, em vista de, em face de, em forma de, em nome de, em prol de, em pró de, em frente de, em proveito de, em favor de, em lugar de, em vez de, em via de, em casa de, em cima de, em meio de, em caso de, em termos de, no número de, no caso de;

e) Para cima de, para baixo de;

f) Por cima de, por baixo de, por volta de, por intermédio de, por meio de, por causa de, por motivo de, por ocasião de;

g) Sob pena de, sob capa de.

Foram tidos como substantivos o infinitivo, o adjetivo e o particípio, por serem nominais e se acharem preposicionados, bem como para maior simplicidade expositiva: *ao dispor de*, *ao longo de*, *às escondidas de*.

A maioria dos exemplos ocorrentes nesta subclasse podia perfeitamente deixar de considerar-se como locuções; entretanto é mais prático aceitá-los como tais. Nada impede que por exemplo a frase *Ao alcance do povo* se analise de uma só vez como adjunto adverbial, ou então de duas, admitindo-se *do povo* como complemento nominal.

Imagine-se a pena de analisar *Eu estava de olho na rua*, sem tomar *de olho em* como locução prepositiva:

a) predicativo do sujeito: *de olho na rua*;

b) complemento nominal: *na rua*;

c) adjunto adnominal: *a*;

d) conectivo vocabular: *de, em*;

em lugar de:

a) predicativo do sujeito: *de olho na rua*;

b) adjunto adnominal: *a*;

c) conectivo vocabular: *de olho em*.

Acrescente-se que a construção é fechada, o que justifica o tratá-la como locução.

2.12.4.4.1 — Ampliação da subclasse D:

a) Tão à frente de, inteiramente à mercê de, bem à beira de, muito à maneira de, até à custa de, só à força de;

b) Bem ao pé de, logo ao cabo de, inteiramente ao dispor de, tão ao gosto de, exatamente a respeito de;

c) Tão de conformidade com, até de baixo de, até de cima de, só de acordo com, mesmo de parceria com;

d) Exatamente em forma de, bem em frente de, só em caso de, até no meio de, inteiramente em proveito de;

e) Até para cima de, só por baixo de, mesmo para efeito de;

f) Só por cima de, até por baixo de, exatamente por intermédio de, até por causa de, mesmo por meio de;

g) Mesmo sob pena de.

2.12.4.5 — Subclasse E: *preposição + preposição + substantivo + preposição*:

- a) De ao pé de: “Venho de ao pé do leito de minha mãe” (CAMILO);
- b) Ao de cima de = por cima de: “A justiça tem vindo ao de cima das tormentas” (CAMILO);
- c) Ao de riba de = em cima de: “Uma deusa em pirueta ao de riba duns lírios” (FIALHO DE ALMEIDA).

2.12.4.5.1 — Ampliação da subclasse E:

- a) Exatamente de ao pé de, muito ao de cima de, bastante ao de cima de, pouco ao de riba de.

2.12.4.6 — Subclasse F: *anômalas ou heterogêneas* são aquelas que não podem ser enquadradas nos itens precedentes:

Não obstante, a não ser, graças a, apesar de, devido a, rumo a, em que pese a, acerca de, face a, frente a, quando de.

É difícil descobrir a razão por que aglutinam *apesar de*, que o espanhol separa. *Devido* é usado correntemente como preposição simples: *devido o atraso do povo*. *Não obstante* oferece a curiosidade de poder colocar-se após o conseqüente: *isto não obstante = não obstante isto*. *A não ser* deve permanecer invariável como toda boa preposição: “Todos se salvaram, a não ser aqueles que saltaram durante a confusão”.*

Face a e frente a são coloquiais.

2.12.4.6.1 — Ampliação da subclasse F:

Só graças a, até apesar de, inteiramente devido a, só acerca de, só quando de, mesmo frente a, mesmo face a.

2.12.4.7 — Subclasse G: *Ampliadas*: foram enumeradas imediatamente após a subclasse correspondente. Cumpre acrescentar, porém, que os ampliamentos são muitos, e nem todos puderam ser incluídos. Eis por que vamos citar alguns exemplos nos períodos seguintes:

- a) *Lá em casa* não falta luz; o pessoal *lá de casa* não concordou;
- b) *Aqui no sertão* a vida não é fácil;
- c) *Assim com* medo, a vitória custa muito caro.

* Isto não obsta que bons autores a tenham flexionado: “*Isso ninguém soube, a não serem as paredes mudas do quarto*”. (M. Assis, *A Mão e a Luva*, Jackson, 179.)

Não há dúvida que *lá em casa, aqui no sertão e assim com medo* estão inteiramente unidos; tanto é verdade que o primeiro equivale a *em minha casa*, o segundo a *em meu sertão*, o terceiro a *com tanto medo*. Separá-los é desfigurar os fatos e forçar uma solução *bem comportada*.

2.13 — ESTRUTURA DAS CONJUNÇÕES

2.13.1 — As conjunções dividem-se em essenciais e acidentais.

2.13.1.1 — Essenciais estritas são aquelas que desempenham exclusivamente o papel de conjunção; são apenas quatro as estritamente essenciais: *e*, *mas*, *porém*, *ou*.*

2.13.1.1.1 — Ampliação das essenciais estritas:

E também; e sim; ou então, ou senão, ou antes; mas antes (mas porém), mas sim; porém sim.

Só em sentido lato *conquanto*, *contudo*, *porquanto*, *porque*, *portanto* e *todavia* podem ser incluídas entre as essenciais, pois em verdade são conjunções compostas cujos elementos se aglutinaram. Haja nova reforma de ortografia, que decida escrevê-las separadas, era uma vez as conjunções essenciais, e *todavia* por exemplo seria também *toda* pronome e *via* substantivo.

2.13.1.1.2 — Ampliação das essenciais latas:

E contudo (mas contudo), só porque, até porque, mesmo porque, todavia (mas todavia), portanto (e portanto).

Em lugar de ampliação, pode considerar-se o *e* como conjunção aditiva, e *contudo*, *todavia* como advérbio de adversão ou advérbio adversativo. Seria porém complicar a descrição dado que o fenômeno *ampliação* é indispensável e muito vasto.

Conquanto e *porquanto* se nos antolham inampliáveis.

* "Maximino Maciel, levando em conta o valor adverbial de muitas palavras que em geral são apontadas como conjunção, reduziu o grupo desta última classe a: *e*, *ou*, *mas*." (BECHARA, 10, p. 202.)

2.13.1.2 — Acidentais são aquelas que, além de pertencerem à classe da conjunção, podem pertencer a outra classe qualquer, sobretudo o advérbio:

- a) *nem*: Discursou e nem tremeu (advérbio);
- b) *pois*: Não quer estudar? Pois fique burro (advérbio);
- c) *ora*: Interessa-me o assunto ora em discussão (advérbio);
- d) *então*: Eu então era solteiro (advérbio);
- e) *logo*: Confessa logo o teu engano (advérbio);
- f) *que*: Que há de novo? (pronomes);
- g) *como*: Como escapaste? (advérbio);
- h) *quanto*: Quanto não sofreste! (advérbio);
- i) *embora*: Vamos embora (advérbio);
- j) *caso*: O caso é muito grave (substantivo);
- k) *conforme*: Conforme a situação (preposição);
- l) *segundo*: Segundo o comentário geral (preposição);
- m) *consoante*: Consoante o laudo médico (preposição);
- n) *quando*: Quando voltas? (advérbio);
- o) *apenas*: Falo apenas francês (advérbio);
- p) *mal*: Conte mal a história (advérbio);
- q) *onde*: Onde o encontraste? (advérbio);
- r) *salvo*: O enfermo está salvo (adjetivo);
- s) *entretanto*: Entretanto Botelho chega a Roma (advérbio);
- t) *posto*: Posto haver greve (preposição);
- u) *dado*: Dado haver guerra (preposição);
- v) *suposto*: Suposto haver protesto (preposição).

2.13.1.2.1 — Ampliação das acidentais:

- a) *nem*: (e nem)
- b) *pois*: pois que
- c) *ora*: (e ora)
- d) *então*: pois então
- e) *logo*
- f) *que*: do que
- g) *como*: bem como, assim como, como quer que, exatamente como;
- h) *quanto*: até quanto;
- i) *embora*: muito embora, embora que, embora mesmo, mesmo embora, embora mesmo que, mesmo embora que;
- j) *caso*: só caso, mesmo caso, caso que, mesmo caso que, no caso que, mesmo no caso que;

- k) *conforme*: exatamente conforme, bem conforme;
- l) *segundo*: exatamente segundo, inteiramente segundo;
- m) *consoante*: inteiramente consoante, exatamente consoante;
- n) *quando*: até quando, mesmo quando, logo quando, quando quer que, só quando;
- o) *apenas*
- p) *mal*
- q) *onde*: aí onde, lá onde, onde quer que;
- r) *salvo*: salvo se;
- s) *entretanto*: e entretanto (mas entretanto), (no entretanto);
- t) *posto*: posto mesmo, posto que, posto mesmo que;
- u) *dado*: dado mesmo, dado que, dado mesmo que;
- v) *suposto*: suposto mesmo, suposto que, suposto mesmo que;
- w) *se*: (se acaso, se porventura).

Antônio José da SILVA usou a forma expressiva *e ora*: “Ora rio, ora choro e ora me assanho; ora perco e ora ganho”;* CÂMARA e *pois*: “Este é um critério subjetivo e, pois, precário” **

Os exemplos entre parênteses ou são incorretos ou desaconselháveis.

2.13.2 — As locuções conjuntivas são sempre acidentais e dividem-se em seis subclasses, conforme os elementos que as compõem:

Subclasse A: *preposição + que*;

Subclasse B: *advérbio + que*;

Subclasse C: *substantivo + que*;

Subclasse D: *descontínuas*;

Subclasse E: *anômalas ou heterogêneas*;

Subclasse F: *ampliadas (seqüentes a cada subclasse)*.

2.13.2.1 — Subclasse A: *preposição + que*:

Para que, sem que, a não ser que, a fim de que, apesar de que, desde que, após que, até que, no que, segundo que, visto que, dado que.

A preposição, é claro, pode ser simples como em *para que*, ou composta como em *a fim de que*, *a não ser que*, *apesar de que*.

O elemento *que* não deixa de ser conjunção integrante, salvo em *no que*; é porém mais prático incluí-lo em locuções conjuntivas.

* *Obras Completas*, Volume I, Lisboa Livraria Sá da Costa, 1957, p. 103,

** MATTOSO Câmara, *Dispensos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972, p. 141.

No que se usa muito entre nós, e acha-se consignado no dicionário de Laudelino FREIRE(29): “No que eu baixei a cabeça, ele golpeou”.

2.13.2.1.1 — Ampliação da subclasse A:

Só para que, até para que, até sem que, a fim mesmo de que, logo após que, muito após que, imediatamente após que.

2.13.2.2 — Subclasse B: *advérbio + que*:

Já que, depois que, antes que, ainda que, bem que, logo que, assim que, agora que, sempre que, hoje que, então que, mesmo que, nem que, entretanto que.

2.13.2.2.1 — Ampliação da subclasse B:

Logo depois que, mesmo depois que, muito antes que, ainda mesmo que, logo assim que, só agora que, nem hoje que, nem sempre que, nem mesmo que, logo hoje que, se bem que.

2.13.2.3 — Subclasse C: *substantivo + que*:

Uma vez que, toda vez que, de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que, de modo que, da maneira que, da forma que, do jeito que, à proporção que, à medida que, ao passo que, cada vez que.

Note-se que *de maneira que* e *da maneira que*, por exemplo, se assemelham muito sob o aspecto formal, entretanto muito diferem sob o aspecto significativo:

- a) Falo de maneira que agrada (expansível em *de tal maneira que*);
- b) Da maneira que falo não agrado (expansível em *desta maneira que*).

2.13.2.3.1 — Ampliação da subclasse C:

Quase toda vez que, de tal sorte que, de tal modo que, de tal maneira que, de tal forma que, deste modo que, desta maneira que, desta forma que, deste jeito que, do mesmo modo que, da mesma maneira que, da mesma forma que, do mesmo jeito que.

O pronome *tal* pode pospor-se ao substantivo: *de modo tal que, de maneira tal que*. . .; o demonstrativo pode ser também *esse-essa: desse modo que, dessa maneira que*, e assim por diante.

Em *do jeitinho que* tem-se ampliação morfológica, e não sintática.

2.13.2.4 — Subclasse D: *descontínuas*, isto é, aquelas entre cujos elementos há sempre um ou mais termos interpostos:

Tanto...como, ou...ou, quer...quer, ora...ora, já...já, seja...seja, seja...ou, quer...ou, quando...quando, não só...mas, não somente...mas, não só...como, não só...porém, não somente...porém, não só...senão.

2.13.2.4 — Ampliação da subclasse D:

Ou...ou então, ou...ou senão, não só...mas também, não só...mas ainda, não só...senão também, não só...como também.

Em lugar de *só* e *mas* pode usar-se *somente* e *porém* respectivamente: *não somente... porém, não só... porém ainda* etc.

Não há dúvida que a conjunção *não somente... senão que também* constitui o *e* mais comprido que se possa imaginar, um perfeito verso de nove sílabas!

2.13.2.5 — Subclasse E: *anômalas ou heterogêneas*, isto é, aquelas que não se enquadram nas subclasses precedentes:

Contanto que, quanto mais, quanto menos, a menos que, por conseguinte, no entanto, por mais que, por menos que (no entretanto), por pouco que, visto como, contanto que.

2.13.2.5.1 — Ampliação da subclasse E:

E por conseguinte, e no entanto (e no entretanto).

Em lugar de ampliação, pode considerar-se o *e* como conjunção aditiva, *por conseguinte* e *no entanto* como advérbio, sobre o que já se tratou no capítulo *A Conjunção* (cf. 2.13.1.1.2).

2.13.2.6 — Subclasse F: *ampliadas*, que foram enumeradas após cada subclasse, para fácil distribuição.

2.13.2.7 — As ampliadas são como tais consideradas sob o aspecto descritivo; sob o aspecto histórico muitas ampliadas seriam propriamente reduzidas. Não parece haver dúvida, *verbi gratia*, que a forma primeira tenha sido *posto que*, havendo-se dado posteriormente a supressão do elemento *que*. A nossa tarefa porém é sincrônica e não diacrônica.

2.14 — CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

2.14.1 — As conjunções podem ser *coordenativas* ou *subordinativas*.

2.14.1.1 — Coordenativa é a que liga dois termos independentes e equivalentes: dois predicados e portanto duas orações, dois predicativos, dois sujeitos, dois objetos etc.; ao contrário da subordinativa, não pode sofrer inversão: *Vá e fique*; não porém *E fique vá* (cf. *A Conjunção*).

As coordenativas subdividem-se em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.

2.14.1.1.1 — *Aditiva*: *e* e as que podem ser substituídas por *e*:

- a) Eu *e* você;
- b) *Tanto* eu *como* você;
- c) *Não só* eu *como também* você;
- d) Eu *assim como* você;
- e) *Não só* eu *mas também* você;
- f) *Não só* eu *mais ainda* você;
- g) Não brinco *nem* estudo.

Obs.: *Nem* é um *e* negativo, igual a *e não* (Não estudo *nem* aprendo = não estudo *e não* aprendo).

2.14.1.1.2 — *Adversativa*: *mas* e as que podem ser substituídas por *mas*:

- a) Sofro, *mas* espero;
- b) Sofro, *porém* espero;
- c) Sofro, *contudo* espero;
- d) Sofro, *todavia* espero;
- e) Sofro, *entretanto* espero;
- f) Sofro, *no entanto* espero;
- g) Não dá quem tem, *senão* quem ama.

2.14.1.1.3 — *Alternativa*: *ou...ou* e qualquer conjunção descon-
tínua emparelhada:

- a) *Ou* brinco *ou* estudo;
- b) *Quer* brinque, *quer* estude;
- c) *Ora* brinco, *ora* estudo;
- d) *Já* brinco, *já* estudo;
- e) *Seja* de noite, *seja* de tarde.

Senão é um caso especial, porque não requer a repetição:

Saia, senão eu grito.

Nem...nem é a única conjunção emparelhada que não é alterna-
tiva; pertence à subclasse das aditivas.

Às vezes fica subentendido o primeiro elemento alternativo: *Crê
ou morre (ou crê ou morre).*

2.14.1.1.4 — *Conclusiva*: *logo* e as que podem ser substituídas
por *logo*:

- a) Penso, *logo* existo;
- b) Penso, *portanto* existo;
- c) Penso, *por conseguinte* existo;
- d) Penso, existo *pois* (positivo, para distinguir da expli-
cativa);
- e) Penso, *então* existo;
- f) Penso, *por isso* existo.

2.14.1.1.5 — Explicativas são *pois* e *que*, sempre intercambiáveis*:

- a) Fuja, *que* estou morrendo (*pois* estou morrendo);
- b) Brinquemos, *pois* a vida é passageira (*que* a vida é pas-
sageira);
- c) Vamos, *que* está na hora (*pois* está na hora).

Conforme DUDEN, as explicativas podem geralmente converter-se
em causais:

- a) Ich muss gehen, denn ich habe Eile;
Ich muss gehen weil ich Eile habe;
(Eu devo ir, pois tenho pressa.)

* Segundo a teoria exposta em 2.9.2.4, só admitimos duas conjunções explica-
tivas: *pois* e *que*.

2.14.1.1.6 — Certas conjunções coordenativas estão a meio caminho do advérbio; basta precedê-las por *e* para que se adverbializem completamente:

- a) Estudei, *e contudo* não pude passar;
- b) Estudei, *e todavia* não pude passar;
- c) Penso, *e por isso* existo;
- d) Penso *e por conseguinte* existo.

É porém preferível considerar o *e* como elemento expansivo, conforme já nos pronunciamos sobre o assunto em capítulo precedente.

2.14.1.1.7 — As orações conclusivas podem inverter-se em orações causais:

Existo, *porque* penso.

2.14.1.2 — Subordinativa — é a que liga dois predicados, um subordinante e o outro subordinado, e pode sofrer inversão:

Se você quiser, tudo se ajeita.

(subordinada) (subordinante)

Tudo se ajeita, se você quiser.

(subordinante) (subordinada)

Os dois predicados devem ser entendidos como dois verbos finitos, embora as subordinadas adjetivas e completivo-nominais se apresentem como exceção a esta regra.

Geralmente, porém nem sempre, a subordinante é a principal; pode acontecer que seja subordinada com relação à principal, e subordinante com relação a outra subordinada:

a) *Eu não fui ao encontro / porque seria punido /*

— principal — — subordinada —

se faltasse ao trabalho

— subordinada —

em que *porque seria punido* é subordinada com relação a *eu não fui ao encontro*, e subordinante com relação a *se faltasse ao trabalho*, por conseguinte subordinada subordinante; com efeito, *seria punido se faltasse ao trabalho*, e não *eu não fui ao encontro se faltasse ao trabalho*, incorreto, confuso e desconexo.

2.14.1.2.1 — Integrantes: *que* e *se*; a primeira é a integrante por excelência, por ser completamente esvaziada; *se* é propriamente *dubitativa*, pois exprime dúvida.

O *que* e o *se* colocam-se em situação especial no concerto das conjunções irmãs: são as únicas subordinativas que não podem introduzir oração subordinada adverbial, mas apenas substantiva.

O que determina o *que* integrante é o deixar-se preceder por *isto*, sem alterar o sentido:*

- a) Espero que volte — espero *isto*: que volte.
- b) É preciso que estude — é preciso *isto*: que estude.

A oração que se segue a *isto* analisa-se como subordinada apositiva, donde chamar-se apositiva a conjunção integrante no inglês.

A integrante *se* pode ser completada por *ou não*, se já não estiver correlacionada com *ou*; de qualquer maneira a conjunção *ou* está inseparavelmente associada com *se*, pois, como trazem dúvida, um e outro são dubitativos:

- a) Não sei se vá (ou não);
- b) Pergunte se fica (ou não);
- c) Diga-me se vai ou fica.

NESFIELD (62) classifica *whether* no inglês como dubitativa.

2.14.1.2.2 — Causais: *porque* e as que podem ser substituídas por *porque*:

- a) Partamos, *porque* anoiteceu;
- b) Partamos, *já que* anoiteceu;
- c) Partamos, *visto que* anoiteceu;
- d) Partamos, *visto como* anoiteceu;
- e) Partamos, *uma vez que* anoiteceu;
- f) Partamos, *porquanto* anoiteceu;
- g) Partamos, *pois que* anoiteceu.

A causal *como* deve ser anteposta à subordinante:

Como anoiteceu, partamos.

2.14.1.2.3 — Comparativas: *como*, *quanto* e *quão* em correlação com *tão* ou *tanto*, *que* ou *do que* com *mais* ou *menos*:

* Naturalmente o *que* deve ser esvaziado; em *não sei que faça*, não há comparação integrante, pois o *que* significa *que coisa*, e constitui um pronome interrogativo. Noutros termos: *que* não deve alternar com o *que*, nem articular-se imediata ou mediamente com substantivo, como em

- a) Não sei que faça = não sei o que faça;
- b) Veja que prêmio você ganhou;
- c) Diga-me que novo rumo devo tomar.

- a) Falo *tão* alto *como* ou *quanto* você (fala alto);
- b) És *tão* inteligente *quão* ambicioso (quão ambicioso és);
- c) Falo *tanto* *como* ou *quanto* você (fala);
- d) Sou *mais* alto *que* ou *do* *que* você (é alto);
- e) Sou *menos* alto *que* ou *do* *que* você (é alto).

Existe a variante *de que* = *que*, *do que*.

Como se pode observar nos exemplos precedentes, as comparativas aparecem com o verbo subentendido; se porém os dois elementos comparados forem diferentes, ambos então devem ser expressos:

- a) Não choro tanto quanto ris;
- b) Grita mais do que canta;
- c) Fala mais do que trabalha.

O antecedente pode estar subentendido:

- a) Falo alto como você = falo *tão* alto como você;
- b) Sou forte como você = sou *tão* forte como você.

2.14.1.2.4 — Concessivas: *ainda que* e as que podem ser substituídas por *ainda que*:

- a) Aguardarei, *ainda que* demore;
- b) Aguardarei, *embora* demore;
- c) Aguardarei, *posto que* demore;
- d) Aguardarei, *se bem que* demore;
- e) Aguardarei, *conquanto* demore;
- f) Aguardarei, *apesar de que* demore;
- g) Aguardarei, *por mais que* demore;
- h) Aguardarei, *mesmo que* demore;
- i) Aguardarei, *ainda mesmo que* demore;
- j) Perdoarei, *por menos que* implore;
- k) Perdoarei, *por pouco que* implore.
- l) Não perdoarei, *por muito que* implore.

2.14.1.2.4 — Condicionais: *se* e as que podem ser substituídas por *se*:

- a) Viajarei, *se* puder;
- b) Viajarei, *salvo se* não puder;
- c) Viajarei, *exceto se* não puder;
- d) Viajarei, *caso* possa;
- e) Viajarei, *desde que* possa;

- f) Viajarei, *contanto que* possa;
- g) Viajarei, *a não ser que* não possa;
- h) Viajarei, *a menos que* não possa;
- i) Viajarei, *uma vez que* possa.

A conjunção *sem que* só é condicional quando substituível por *se não* (cf. Consecutivas):

a) Não irei *sem que* você me acompanhe = não irei *se* você *não* me acompanhar.

2.14.1.2.6 — Conformativas: *conforme* e as que podem ser substituídas por *conforme*:

- a) Farei *conforme* pediste;
- b) Farei *segundo* pediste;
- c) Farei *como* pediste;
- d) Farei *da forma que* pediste;
- e) Farei *da maneira que* pediste;
- f) Farei *do jeito que* pediste;
- g) Farei *consoante* pediste;
- h) Farei *do modo que* pediste.

Cumpra observar que só pode haver conjunção subordinativa se completada por verbo; *conforme*, *segundo* e *consoante*, completados por substantivo, não são conjunções, mas apenas preposições:

Farei *conforme*, *segundo* ou *consoante* o teu pedido.

2.14.1.2.7 — Consecutivas: *que*, correlacionado com *tal*, *tão*, *tanto-a-s* ou *tamanho-a-s*, bem como *de sorte que* e as que podem ser substituídas por *de sorte que*:

- a) Foi tal a satisfação *que* chorei;
- b) Fiquei tão satisfeito *que* chorei;
- c) Correu tanto *que* se prostrou;
- d) Foi tamanha a satisfação *que* chorei;
- e) Falou *de sorte que* agradou;
- f) Falou *de modo que* agradou;
- g) Falou *de maneira que* agradou;
- h) Falou *de forma que* agradou.

O antecedente pode estar subentendido:

- a) *Falei que fiquei rouco* = falei tanto *que* fiquei rouco.

- b) Ergueu-se um vento na serra
Que toda tremeu a ermida;*

As conjunções *de sorte que, de modo que, de maneira que e de forma que* podem ser ampliadas por *tal*.

Falou *de modo tal* ou *de tal modo* que agradou.

Sem que, ou apenas *que*, pode ser incluída entre as consecutivas:

Não abre a boca que não diga besteira.

Chega é a consecutiva de cunho popular: *Rodei tanto chega fiquei tonto = que fiquei tonto.*

2.14.1.2.8 — Finais: *para que* e as que podem ser substituídas por *para que*:

- a) Luta *para que* venças;
- b) Luta *a fim de que* venças;
- c) Luta *porque* venças.

O que assinala *porque* final é o modo subjuntivo: *venças*.

2.14.1.2.9 — Proporcionais: *à proporção que* e as que podem ser substituídas por *à proporção que*:

- a) Aprendo, *à proporção que* estudo;
- b) Aprendo, *à medida que* estudo;
- c) Aprendo, *ao passo que* estudo;
- d) Tanto mais aprendo, *quanto mais* estudo;
- e) Tanto menos aprendo, *quanto menos* estudo.

2.14.1.2.10 — Temporais: *quando* e as que podem ser substituídas por *quando*, e várias outras que indiquem tempo:

- a) Partirei, *quando* voltares;
- b) Partirei, *logo que* voltares;
- c) Partirei, *assim que* voltares;
- d) Partirei, *sempre que* voltares;
- e) Partirei, *cada vez que* voltares;
- f) Partirei, *toda vez que* voltares;
- g) Partirei, *depois que* voltares;
- h) Partirei, *após que* voltares;
- i) Não partirei, *enquanto* chorares;

* CASTILHO, *Poesias* (72).

- j) Há dois anos *que* não descanso (que = desde que);
- k) Partirei, *antes que* volte;
- l) Partirei, *apenas* volte;
- m) Partirei, *mal* volte;
- n) Não partirei, *até que* volte;
- o) Partirei, *agora que* voltaste;
- p) Partirei, *hoje que* voltaste.

2.14.1.2.11 — Locativas: embora não constem da Nomenclatura Gramatical Brasileira, *onde*, *donde*, *aonde*, *por onde* e *para onde* são conjunções locativas, nos seguintes casos e noutros semelhantes:

- a) *Onde* passas, impera a felicidade;*
- b) *Donde* saís, ausenta-se a ternura;
- c) *Aonde* fores, eu irei contigo;
- d) *Por onde* andas, encontra-se o riso;
- e) *Para onde* partires, partirei contente.

Seria temerário considerar *quando* e *onde* como classes diferentes nos seguintes exemplos:

- a) *Onde* apareces, aparece a felicidade; *quando* apareces, aparece a felicidade;
- b) *Onde* sofre, eu sofro contigo; *quando* sofres, eu sofro contigo.

Entre os autores que admitem a conjunção locativa citamos os seguintes:

- a) NESFIELD, *English Grammar, Past and Present* (62);
- b) BASLER, *Der Grosse Duden* (6);
- c) WEBSTER, *New International Dictionary* (83);
- d) GRIESBACH-SCHULZ, *Grammatik der Deutschen Sprache* (40);
- e) BEVAN, *Method of Analysis* (11).

2.14.1.2.12 — Segundo LOCKE, é no exato emprego das conjunções que se acha a clareza e a concisão do bom estilo.

* Atente-se em que a oração *onde passas* pode ser substituída pelo advérbio *ai* (*ai impera a felicidade*); logo a subordinada é adverbial, e pressupõe a presença de conjunção subordinativa.

2.15 — A LOCUÇÃO VERBAL

2.15.1 — Locução verbal é aquela cujos componentes constituem um todo indivisível, de tal modo que um só deles pode ser entendido como parte, seja sob o aspecto mórfico, seja sob o aspecto semântico.

É pluralidade de forma e unidade de sentido. Haja vista a locução verbal *havia chovido*, em que há duas formas e apenas uma significação, de tal modo que se pode substituí-la por um tempo simples — *chovera*.

Sempre que houver um sinônimo simples, como em *havia chovido* e *chovera*, para substituir a locução, está comprovada a unidade de sentido, e não resta dúvida que os elementos constituem locução. Locução é síntese, e não soma, o que importa em dizer que *um* e *um* não são dois, mas apenas *um*, composto por dois elementos: é um processo químico, à semelhança de “H₂O”, que unitariamente resulta em *água*. Em *havia chovido* tem-se *um* mais *um*, igual a *chovera*, portanto igual a *um*.

Para que haja locução verbal, é preciso que um termo acrescentado se refira à locução, e não a qualquer dos seus componentes, isoladamente considerado. Em *estou fugindo* pode colocar-se o advérbio *agora* no começo, no meio ou no fim, sem que se altere o sentido, pois ele modifica sempre a locução e não apenas um de seus componentes:

- a) Agora estou fugindo;
- b) Estou agora fugindo;
- c) Estou fugindo agora.

2.15.2 — A locução verbal se apresenta sob quatro tipos: locução verbal com infinitivo, locução verbal com gerúndio, locução verbal com particípio, locução verbal com substantivo.

2.15.2.1 — *Locução verbal com infinitivo*

A locução verbal com infinitivo pode ser *bimembre*, quando formada por verbo auxiliar mais infinitivo: *vou partir* ou *trimembre*, quando por auxiliar mais preposição mais infinitivo: *comecei a entender*.

O primeiro elemento é aspectivo e aparece ordinariamente sob a forma finita, donde poder chamar-se praticamente o verbo finito; o segundo, por ser mais importante estruturalmente, denomina a locução; em *vim brincar* e *tornei a falar*, têm-se dois infinitivos empregados como núcleo da construção, e duas formas locucionais dos infinitivos, tanto é verdade que a locução é substituível por uma forma simples do elemento final:

- a) Hei de vencer = vencerei;
- b) Havia terminado = terminaras.

2.15.2.1.1 — A locução com infinitivo enseja dois tipos estruturais que descreveremos nos itens seguintes; são eles: o tipo insubstituível e o tipo predicativo.

I — *Tipo insubstituível*: é aquele em que o infinitivo não é substituível por *isto*:

- | | |
|---------------------|----------------------|
| a) hei de vencer | j) devo de haver** |
| b) tenho de sair | k) deitou a correr |
| c) tenho que sair | l) veio a falecer |
| d) tenho a dizer* | m) serve de assustar |
| e) vou renunciar | n) vim trabalhar |
| f) posso ajudar | o) tornei a insistir |
| g) devo impedir | p) acabo de chegar |
| h) peguei a chorar | q) entrou a falar |
| i) peguei de cantar | r) costumavas correr |

* “Os usos *tenho a fazer*, *tenho que fazer* estão consagrados; é mais idiomático dizer: *tenho de sair*, *tenho que andar* etc. Em vez de *tenho à sair*. Entretanto *tenho de sair*, *de andar* são expressões diversas e necessárias.” (João Ribeiro, *apud* FERNANDES, 26, p. 567).

** “Também *acertar de*, *dever de*, *tornar a* têm força de auxiliares, o primeiro para exprimir a *casualidade*, o segundo a *probabilidade* de uma ação, e o terceiro a *renovação*, como:

- a) Acertou de passar,
isto é, *casualmente* passou;
- b) Os autos devem de ser perdidos,
isto é, *provavelmente* se perderam;
- c) Não tornes a pecar,
isto é, não peques *outra vez*.” (OLIVEIRA, 65, p. 34.)

- | | |
|-------------------------|---------------------|
| s) deu a correr* | w) dei a entender |
| t) parei de respirar | x) deu de farrear |
| u) cessei de respirar | y) duvidei a entrar |
| v) entendi de protestar | z) pôs-se a cantar. |

em que por exemplo não se pode substituir *hei de vencer* ou *vou renunciar* por *hei disto* ou *vou isto*.

Mais outros exemplos:

- | | |
|--------------------------|------------------------|
| a) comecei a mudar | h) principiei a beber |
| b) comecei de mudar | i) continue a estudar |
| c) aprenda a obedecer | j) custei a entender** |
| d) achou de zombar | k) demorei a responder |
| e) tardava de anoitecer | l) tardei a dormir |
| f) desaprendeu de chorar | m) assentei de ficar |
| g) acabou por fugir | n) terminou por fugir. |

“É má técnica de descrição gramatical considerar formas perifrásticas a combinação de dois verbos numa única oração em que ambos guardam a sua significação verbal e a significação total é uma soma das duas significações (CÂMARA, 17, p. 86):

Quero sair,

e não houve a gramaticalização do primeiro verbo.” Em *quero sair* o infinitivo não constitui locução, porquanto é substituível por *isto*:

Quero sair — quero isto.

Não há locução verbal quando o infinitivo, embora insubstituível por *isto*, exerce a função de adjunto adverbial:

Tu passaste a cantar

* “Este verbo serve, às vezes, de auxiliar a outros, com preposição *a*, *em* ou *para*, dando-lhes significação incoativa:

- a) dar a fugir
- b) dar a correr
- c) dar em estudar
- d) deu para negar a evidência.” (Laudelino FREIRE; 29).

Em *dar a entender* o caso é diferente: quer dizer *mostrar*, *fazer entender*.

** Em lugar de *custei a entender* prefere-se *tardei a entender* no bom linguajar português. “Conquanto o bom uso mande que se diga *custa crer*, *custa fazer*, e não *custa a crer*, *custa a fazer*, encontram-se nos melhores escritores inúmeros exemplos desta última construção. Não há porém exemplos autorizados de *custo a crer*.” (João Ribeiro, *apud* FERNANDES, 26, p. 177.)

em que o infinitivo exerce a função de adjunto adverbial. Neste caso é comum interpor-se um termo entre os elementos locucionais:

Tu passaste a vida a cantar.

II — *Tipo predicativo*: é aquele em que o infinitivo está geralmente preposicionado, e tem como auxiliar aspectivo qualquer verbo de ligação que não seja o verbo *ser*:

- | | |
|----------------------|---------------------------|
| a) estou para viajar | d) fiquei de resolver |
| b) estou a refletir | e) parecias sorrir |
| c) fiquei a meditar | f) estou a ponto de cair* |

Em

- a) O caso é de lamentar
- b) Não sou de brigar
- c) Viver é lutar

não há locução verbal, visto que se trata do verbo *ser*, dado como exceção. Acresce que *de lamentar* é substituível por *lamentável*, e *brigar/lutar* por *briga/luta*, o que demonstra o caráter individual dos infinitivos.

Chama-se *predicativo* porque seria possível analisar o infinitivo como predicativo do sujeito.

A propósito de verbo auxiliar, parece-nos oportuno citar o seguinte trecho de GLEASON, 37, p. 104: “The definition of a verbal auxiliary must be based largely on syntax rather than on the somewhat debatable inflection, and is therefore a syntactic rather than a paradigmatic class”.

2.15.2.1.2 — Os auxiliares *ir*, *poder*, *vir* e alguns outros podem expandir qualquer locução — com infinitivo, com gerúndio, com participípio:

Com infinitivo: a) *Vou* cessar de ser tolo;
b) Não *posso* vir trabalhar;
c) Não *devo* continuar a fugir;

Com gerúndio: a) *Devas* estar esperando;
b) *Posso* ficar estudando;

Com participípio: a) *Vou* ser vigiado;
b) *Devo* ser promovido.

* A locução coloquial é *estar em tempe de* ou *estar em teme de*, que deve ser a transformação de *em tempo de*:

Estava em tempe ou *em teme de cair*.

Pode acontecer que haja dupla expansão como em

Devia poder ser definido

ser definido expandido em *poder ser definido*, que por sua vez se expandiu em *devia poder ser definido*.

Quando o infinitivo exerce a função de objeto, costuma-se, por comodidade analítica, considerar a construção como locução verbal em sentido lato, em que pese ao prof. Mattoso CÂMARA, supracitado:

- | | |
|--------------------|---------------------|
| a) desejo vencer | c) gosto de ler |
| b) prometo estudar | d) cuidei de voltar |

em que os infinitivos desempenham conforme o caso a função de objeto direto ou indireto. É óbvio que, tratando-se do infinitivo como sujeito, seria completamente absurda a simplificação:

Convém aguardar

em que o infinitivo é sujeito do verbo finito.

Como o búlgaro, o grego moderno, o albanês e o romeno carecem do infinitivo, é claro que lá não haja tal forma de locução. Em lugar por exemplo de *posso ter*, se dirá em búlgaro

Moga da imam = posso que tenha,

literalmente traduzido. Em português existem as duas formas, a infinitiva e a finita, o que possibilita a *escolha* e tem portanto conseqüências estilísticas:

Farei tudo para seres feliz

ou

Farei tudo para que sejas feliz.

Locução verbal com gerúndio é aquela em que o auxiliar aspectivo é um verbo de ligação:

- | | |
|----------------------|--------------------|
| a) estou gostando | e) vou escapando |
| b) fiquei sabendo | f) andava bebendo |
| c) permaneceu orando | g) acaba morrendo |
| d) vive jogando | h) termina ficando |

Em *acaba morrendo*, não é difícil interpretar *acabar* como verbo de ligação; porque

Acabarei morrendo à mingua brevemente

é conversível em *estarei morrendo à mingua brevemente*; e *acabar* é verbo de ligação em *verbi gratia*

Você acabará um sábio,

correspondente a *você será um sábio algum dia*; finalmente, porque não se trata de acabar alguém, mas ao contrário de alguém *tornar-se* ou *vir a ser* alguma coisa. O mesmo argumento aplica-se a *terminar*.

Como no tipo predicativo, *ser* não figura entre os verbos de ligação: *sou escapando*, ou coisa equivalente, não tem vez em nosso idioma.

Na construção

Venceste lutando

não há locução verbal, porquanto o primeiro elemento é nocional.

O verbo *andar*, *viver* e outros podem acompanhar-se de gerúndio e conservar o sentido intransitivo, deixando neste caso de formar locução verbal:

- a) você anda coxeando = caminha coxeando;
- b) só viverás operando-te = só viverás se te operares;
- c) fico, trabalhando menos = trabalhando menos, eu fico.

Em *só viverás operando-te agora*, o advérbio não pode ser colocado indiferentemente em qualquer posição: *só viverás agora operando-te* é diverso de *só viverás operando-te agora*.

2.15.2.3 — Locução verbal com participio

Locução verbal com participio é aquela em que os auxiliares *ter* e *haver* se articulam com o participio para formar os tempos compostos, ou com o auxiliar *ser* para formar a voz passiva:

Tempos compostos

Voz passiva

- | | |
|------------------------------|-----------------------|
| a) ter ou haver amado | a) ser amado, amada |
| b) tendo ou havendo amado | b) sendo amado, amada |
| c) tenho ou hei amado | c) sou amado, amada |
| d) tenha ou haja amado | d) seja amado, amada |
| e) tinha ou havia amado | e) era amado, amada |
| f) tivesse ou houvesse amado | f) fosse amado, amada |

O participio fica invariável nos tempos compostos, e por conseguinte não é propriamente participio, porque perde o caráter adjetivo,

já que não mais participa (cf. 3.1 — *As Categorias Duplas*: *tenho, tens, tem, temos, tendes, têm amado*. Na voz passiva, o particípio varia conforme o gênero e o número do sujeito: *sou, és, é amado/amada, somos, sois, são amados/amadas*.

2.15.2.3.1 — Os tempos passivos tomam exatamente o nome do verbo auxiliar: *ser amado* e *sendo amado* são pois o infinitivo e o gerúndio passivo; *sou amado* e *fui amado* — o presente e o pretérito perfeito do indicativo; *serei amado* e *seria amado* — o futuro do presente e do pretérito de *amar* respectivamente.

Nos tempos compostos as cousas se passam de maneira diversa. É certo que tomam geralmente o nome temporal do auxiliar *ter* ou *haver*: *terei amado* é o futuro do presente, *teria amado* o futuro do pretérito. Se porém o auxiliar estiver no infinitivo presente, o tempo se denominará:

I — *Infinitivo perfeito*: *ter/haver amado*;

se no gerúndio presente —

II — *Gerúndio perfeito*: *tendo/havendo amado*;

se no presente do indicativo —

III — *Pretérito perfeito do indicativo*: *tenho/hei amado*;

se no presente do subjuntivo —

IV — *Pretérito perfeito do subjuntivo*: *tenha/haja amado*;

se no imperfeito do indicativo —

V — *Pret. mais-que-perf. do indicativo*: *tinha/havia amado*;

se no imperfeito do subjuntivo —

VI — *Pret. mais-que-perf. do subjuntivo*: *tivesse/houvesse amado*.

Conclui-se que o presente do auxiliar gera o perfeito composto, e o imperfeito do auxiliar gera o mais-que-perfeito composto; nos outros tempos há coincidência nomenclatória: *terei/haverei amado* é o futuro composto de *amar*.

A diferença entre *ter* e *haver* na formação dos tempos compostos é meramente estilística: *ter* é coloquial, *haver* literário:

Hei pensado muito em você

significa o mesmo que *tenho pensado muito em você*, mas a primeira forma tem dimensão literária. Advirta-se porém que a distinção entre *tinha* e *havia* é muito menos acentuada:

Tinhas sofrido muito e havias sofrido muito

mais ou menos se equivalem sob o aspecto estilístico; pelo menos a distância não é tão grande como entre *tenho sofrido muito* e *hei sofrido muito*.

Na formação da voz passiva, só se admite o auxiliar *ser*; outro verbo de ligação não pode constituir a voz passiva. Em

O ladrão foi preso

o predicado é verbal, pois se trata de *prender* na voz passiva; em

O ladrão está preso

o predicado é nominal, e *preso* predicativo do sujeito.

O que marca a passividade não é o verbo *ser*, mas o particípio; em *o ladrão está preso* há passividade por causa do particípio, não porém voz passiva por falta do verbo *ser*.

2.15.2.4 — Locução verbal com substantivo é aquela cujo substantivo não pode ser expandido por subordinada adjetiva:

Eu *dei fé* do perigo

que não pode expandir-se em *fé do perigo que dei*. O pronome da oração adjetiva deve referir-se ao substantivo locucional — portanto *fé*; o verbo da oração adjetiva deve ser o verbo locucional — portanto *dei*. Em

Eu *tenho fé* no futuro

não há locução verbal com substantivo, visto que *fé* pode ser expandido por subordinada adjetiva: *fé que tenho no futuro*.

A locução é construção fechada; por este motivo não pode ser parcialmente expandida. É possível dizer-se *tenho fé inabalável no futuro*, expandido *fé*; não porém *dei fé imediata do perigo*, pois aí é inadmissível a expansão: *dei fé do perigo imediatamente* é o que se deve dizer, expandida totalmente a locução.

Dar fé sinonimiza com *notar*, *ter fé* com *acreditar*, mas a sinonímia não é um traço estrutural da locução.

2.16 — OS PROCESSOS MORFOLÓGICOS

2.16.1 — Chamam-se *processos morfológicos* os recursos que distinguem as palavras de um paradigma.* Os verbos *amar, vender, partir*, os substantivos, *rosa* e *flor*, os adjetivos *alto* e *grande* pertencem a diferentes paradigmas. *Amar, vender, partir* distinguem-se, além de outros traços, pelas vogais temáticas *a, e, i*, que formam três paradigmas diferentes, chamados *conjugações*; *rosa* e *flor* pela formação do plural (*rosa-s* com desinência *-s*, *flor-e-s* com vogal temática *-e* e desinência *-s*) e pelo sufixo diminutivo (*ros-inha* com o alomorfe *-inha*, *flor-zinha* com o alomorfe *-zinha*); *alto* e *grande* pelo comparativo e superlativo (*mais alto, altíssimo*, com o advérbio *mais* e o sufixo *-íssimo*; *maior, máximo* com os sufixos *-ior* e *-imo*).

2.16.2 — São cinco os principais processos morfológicos:

- a) afixação
- b) alternância
- c) redobramento
- d) supleção
- e) flexão zero.

A palavra *supleção* deriva-se do latim *suppletio*: é o *ato de completar* ou *suprir*; é cognata de *suprir, suplente, supletivo*; para que haja *supleção* é necessário suprir alguma coisa.

2.16.2.1 — Afixação é o processo que consiste em acrescentar os afixos à base** para modificar-lhe a significação. O afixo toma o nome de *prefixo, infixo* ou *sufixo*, conforme esteja no início, no meio ou no fim da raiz.

* *Paradigma* é o conjunto de formas aparentadas que servem de modelo aos diversos tipos lexicais e flexionais.

** *Base* é um termo geral, oposto a flexão, que abrange raiz, radical e tema.

Em *destemor*, cuja raiz é *tem*, encontram-se os seguintes afixos:

- a) *des*: afixo inicial portanto *prefixo*;
- b) *or*: afixo final, portanto *sufixo*;

além do morfema *zero*, que denota o singular, de que mais adiante nos ocuparemos.

O sufixo pode ser *lexical* ou *flexional*; o primeiro serve para indicar a classe de palavras a que o vocábulo pertence: substantivo, adjetivo e outras classes. Toda palavra por exemplo que possui o sufixo *-os** é um adjetivo, e representa novo termo dentro do *léxico*, donde o qualificativo *lexical* que recebe o sufixo. *Léxis* em grego quer dizer *palavra*.

Flexional é o sufixo final que distingue as formas dum paradigma nominal ou verbal, e, por ser variável ou flectir-se, expressa as diversas relações sintáticas; “marca a função na frase” (MEILLET, 58). Em

a) Tu bem o sabes; b) Noite saudosa; c) Velhos tempos; d) *Lapsus calami*;

as flexões pessoal, genérica, numérica e casual expressam a relação de *sabes* com *tu*, *noite* com *saudosa*, *velhos* com *tempos*, *calami* com *lapsus*.

O sufixo flexional denomina-se particularmente *desinência*, e pode ser numérico, genérico, casual, modo-temporal e número-pessoal.

2.16.2.2 — Alternância é a permuta de um ou mais fonemas em duas formas lingüísticas que se correspondem regularmente; pode ser *vocálica* (de timbre ou quantidade), *consonântica* e *acentual* (de intensidade ou altura), conforme o elemento que se permuta seja vogal, consoante ou acento (dinâmico ou cromático). Exemplificação de

- a) *Alternância vocálica de timbre*: português: *faz-fez, pode-pôde*, inglês: *foot-feet, sing-sang*; alemão: *Mutter-Mütter, rief-ruf*; francês: *pouvons-peuvent, fais-fis*; latim: *facio-feci, jacio-jeci*;
- b) *Alternância vocálica de quantidade*: francês: *patte-pâte*; latim: *mālum-mālum*, respectivamente *mal* e *maçã*;
- c) *Alternância consonântica*: inglês: *advise-advise*; francês: *vif-vive*; português: *trago-trazes*; é muito comum no lapão e no finlandês.
- d) *Alternância acentual dinâmica*: português: *sabia-sabiá*; espanhol: *término-terminó*; inglês: *transfer-transfér*.

* *-oso*, com a vogal temática.

Observação:

dinâmico, expiratório, tasmático são sinônimos: significam de intensidade.

- e) *Alternância acentual cromática*: japonês: *hi-hi, haná-hana*, que significam respectivamente *fogo-sol, flor-nariz* (o acento agudo assinala a sílaba de acento alto, oposta à sílaba de acento baixo, que não traz acento); chinês setentrional: *ma-ma-ma-ma*, que significa respectivamente *mãe, cânhamo, cavalo, ralhar*, conforme a natureza do tom, isto é, do acento cromático.* V. BLOOMFIELD, p. 116; SPRACHEN, p. 48.

2.16.2.3 — Redobramento é o processo que consiste na repetição total ou parcial da base. O morfema correspondente chama-se *morfema redobrado*:

- a) *Redobramento total*: latim: *quisquis, quamquam, murmur*; português: *papá, mamã, nenem, ioiô, iaiá, cuco, ticotico, Zezé*;
b) *Redobramento parcial*: latim: *cucurri, susurrusum, pipio, pependi, didici, cecidi, memoria*; grego: *léluca, gargáirô, dédoka, kékausa*; sânscrito: *tatána, tutóda, dadháu, nináya, babhúva*; português: *tiquetaque, papai, mamãe, titio, titilar, ziguezague, burburinho*.

O redobramento era normal na morfologia do indo-europeu.

2.16.2.4 — Supleção é o processo que consiste na substituição duma forma por outra. O morfema correspondente chama-se *morfema supletivo*, porque *supre* a falta de alguma cousa. Exemplificação:

- a) Em português: *sou-fui-era, vou-fui-ir, bom-melhor-ótimo, grande-maior-máximo, pequeno-menor-mínimo, boi-vaca, homem-mulher, eu-me, ele-se*;
b) Em inglês: *go-went, am-was-be, good-better, bad-worse, boy-girl, ox-cow, I-me, he-she*;
c) Em latim: *fero-tuli-latum, sum-fui, bonus-melior-optimus, malus-peior, ego-me, femina-vir, bos-vacca*.

* *Cromático, musical, melódico* são sinônimos: significam de altura. *Tônico* significa propriamente *cromático*, mas o português e outros idiomas o empregam com a significação de *expiratório*: a sílaba tônica por exemplo é a sílaba pronunciada com maior intensidade, e não maior altura.

2.16.2.5 — Flexão *zero* é o processo que consiste em não assinalar a forma lingüística, o que redundando em ausência significativa, por oposição a outra forma que apresenta suporte material. O morfema correspondente chama-se *morfema zero*, simbolizado por O cortado (Ø) para evitar confusão com a letra O.

Em português o plural é geralmente indicado pelo morfema /s/; mas em *lápis* o plural não traz indicação, pois o *s* pertence ao singular; neste caso, a flexão é imaterial, é privativa, é *zero*, e a falta de morfema tem valor morfológico — é o que se chama de *ausência significativa*. Em inglês o plural de *sheep* é indicado por *zero*: *sheep-sheep*.

Na segunda conjugação, a segunda pessoa singular do presente é assinalada pelo morfema *s*: *vende-s/corre-s*, de *vender* e *correr*; mas em *vende*, de *vender*, falta o morfema *s*, encontra-se apenas a base: a flexão *zero* é que se opõe à flexão *-s* da segunda pessoa singular.

No verbo *ir*, o morfema da raiz é *i*, *zero* a vogal temática, e *r* o sufixo do infinitivo.

O genitivo plural em russo é geralmente expresso pelo morfema *-ov*: nominativo singular *kapitán*, genitivo plural *kapitánov*; mas o genitivo de *roza* é *roz*, sem o morfema *-ov*, considerado como ausente ou de férias, pois está ocupando o cargo, embora se ache noutros ambientes.

Em inglês *kiss-kissed* são formas paralelas a *cut-cut*; entretanto não há nada em *cut* passado que o distinga de *cut* presente, a não ser o morfema *zero*, correspondente ao sufixo *-ed*, suporte material em *kissed*.

Em latim a segunda pessoa singular do imperativo presente é marcada pela desinência zero: *ama, vide, lege, audi*, cujos *-a, -e, -i* finais pertencem ao tema verbal. Em grego, a situação é idêntica, pois o imperativo tende a ter formas particularmente breves. Em português também a desinência é zero: *am-a-Ø, vend-e-Ø, part-e-Ø*.

“No grego *zéugnu* = ‘atrela’, oposto a *zéugnute* = ‘atrelai’, ou no vocativo *rhêtôr*, oposto ao genitivo *rhêtoros*, bem como no francês /marʃ/, oposto a /marʃõ/, as formas estão flectidas com desinência *zero*.” (SAUSSURE, 78, p. 254.)

“Um sinal material não é necessário para exprimir uma idéia; a língua pode contentar-se com a oposição de alguma coisa com *nada*.” (SAUSSURE, 78, p. 124.) É o que se dá com o português *pé*, cujo singular é sinalizado pela falta do *-s* plural.

2.16.3 — Os processos morfológicos freqüentemente se acumulam, freqüentemente se combinam, opulendo as oposições, gerando assim formas redundantes como *bondoso-bondosos*, em que, além do *-s* plural, alternam superfluamente *o* aberto e *o* fechado. Exemplificação de redundância morfológica:

- a) *trago-trazes* — em que na base alternam *g* e *z* e *-o* e *-s* na parte desinencial; *trazo* se diferenciaria perfeitamente de *trazes*, da mesma forma que *traduzo* se diferencia de *traduzes*, pela simples oposição de *-o* e *-s*.
- b) *devo-deves* — em que na base alternam *e* aberto e *e* fechado, diferença de timbre que a grafia não acusa /'devu-'devis/, além de *-o* e *-s* grifo na parte desinencial. Há quem pronuncie /'devu-'devis/, com o *e* da base sempre fechado, sem que daí se origine confusão. Cf. *durmo-dormes*, *sinto-sentes*, *corro-corres*.
- c) *pãozinho-pãezinhos* — o plural é duplamente marcado — pelo sufixo *-s* e pela alternância de *ão* e *ãe*. Cf. *pauzinhos*, em que somente o sufixo indica o plural, pois *au* não alterna com *ai*: *paizinhos* é outra cousa.
- d) *facit-fecit* — em que a vogal da base é breve no presente, e longa no perfeito, sem haver propriamente necessidade, porquanto bastava a diferença de timbre (*a* oposto a *e*) para marcar a oposição, como em português *faz-fez*, que diferem somente pelo contraste de *a* e *e*.
- e) *hut-hüte* em que o plural *hüte* 'chapéus' é redundante; consta de fixação e alternância vocálica: permuta de *u* por *ü*, bem como acréscimo da desinência *-e*.

Assim são as cousas: enquanto as marcas formais abundam e sobejam em certos idiomas, há outros como o tibeto-chinês em que faltam completamente. Não se vá porém supor que os idiomas formalmente opulentos não escondam muitas vezes a sua carência de formas. O latim, por exemplo, tão exuberante em recursos positivos, não distingue *bibit-bibit*, respectivamente presente e perfeito de *bibere*, nem *icit-icit*, e mais alguns outros; tão pouco distingue *consules-consules*, *manus-manus* e *dies-dies*, respectivamente nominativo e acusativo plural, da terceira, quarta e quinta declinações.

A ESTRUTURA SINTÁTICA DO
PORTUGUÊS

3.1 — AS CATEGORIAS DUPLAS

3.1.1 — O infinitivo, o particípio, o gerúndio e os interrogativos-relativos são categorias duplas.*

3.1.1.1 — O infinitivo é simultaneamente verbo e substantivo. Em

Não consigo aprender piano

aprender, como substantivo, é objeto direto de *consigo*; como verbo tem objeto direto no termo *piano* (LAROUSSE, 48, p. 43).

Infinitivo significa *sem fim, sem limite*, porque o infinitivo não sofre o limite de pessoa que aparece nas outras formas verbais. Em sentido lato, são infinitivos o particípio, o gerúndio e o próprio infinitivo. Neste caso porém se prefere usar a expressão *formas nominais*.

A expressão infinitivo pessoal é contraditória, pois equivale a *sem pessoa com pessoa*; por outro lado, é redundante a denominação *infinitivo impessoal*, pois é o mesmo que *sem pessoa sem pessoa*.

Quem criou o nome não imaginou por certo que mais tarde o infinitivo podia tomar pessoas.

3.1.1.2 — O particípio é simultaneamente verbo e adjetivo. Em *Deitado tranqüilamente na rede, o ancião recordava a longínqua mocidade,*

deitado, como verbo, tem dois adjuntos adverbiais, um de modo e o outro de lugar; como adjetivo, está concordando com o substantivo *ancião*.

Já os gregos perceberam a duplicidade, ao adotar a denominação *metokhê* — participação — que os latinos traduziram como *participium*. Com efeito, é o verbo que participa do adjetivo.

* *Categoria* é um termo geral, e como tal abrange as *classes de palavras*.

3.1.1.3 — O gerúndio é simultaneamente verbo e advérbio. Em

Observando a natureza, encontrei a Deus,

observando, como verbo, tem objeto direto em *natureza*; como advérbio, exprime a circunstância de *meio*, e modifica a forma verbal *encontrei*.

O gerúndio latino, que se deriva do gerundivo, é apenas um substantivo neutro cujo nominativo é o infinitivo:

nominativo: *amare*
vocativo :
acusativo : *amandum* e *amare*
genitivo : *amandi*
dativo : *amando*
ablativo : *amando*

O nosso gerúndio corresponde ao ablativo do gerúndio latino; como o ablativo é o caso do adjunto adverbial, é natural que o gerúndio português seja a forma adverbial do verbo.

Como o gerúndio latino representa quatro casos, e o português apenas o ablativo, evidencia-se que o primeiro tem maior amplitude sintática do que o segundo.

Gerúndio, do latim *gerundium*, quer dizer propriamente *o que está por se realizar* ou *o que deve realizar-se*, conforme a significação do gerundivo, do qual, como já foi dito, se deriva o gerúndio. Em português o gerundivo latino se conserva com valor adjetivo:

- a) *doutorando* — o que está por doutorar-se;
- b) *venerando* — o que se deve venerar;
- c) *colendo* — que se deve respeitar.

Undus-a-um, que se conserva em *segundo* e *oriundo*, é a forma arcaica de *endus-a-um*; em versão moderna ter-se-ia *gerêndio* e não *gerúndio*.

3.1.2 — O grupo *qu*— é simultaneamente interrogativo-relativo e conectivo oracional. Em

Não sei quem és,

quem, como pronome interrogativo, é predicativo do sujeito; como conectivo, liga as orações *não sei* e *quem és*. Em

Não chores o tempo que passa,

que, como pronome relativo, é sujeito de *passa*; como conectivo, liga as orações *não chores o tempo* e *que passa*.

Pertencem ao grupo *qu*— as seguintes palavras:

- a) qual, quais;
- b) quamanho, quamanha, quamanhos, quamanhas;
- c) quanto, quanta, quantos, quantas;
- d) quando;
- e) quão;
- f) que;
- g) quem;
- h) como (em lugar de *quomo*);
- i) cujo (em lugar de *quujo*);
- j) onde (em lugar de *quonde*).

Quamanho-a-os-as, arcaico e poético, quer dizer *quão grande, quão grandes*; e foi usado por GONÇALVES DIAS: “Deve a oferta ser ser tamanha, quamanha foi a mercê”.*

Como, cujo e onde se mutilaram na longa viagem milenária:

- a) *quomodo*: transformou-se em *como* ao emigrar do latim para o português;
- b) *quujus*: converteu-se em *cujus* ao peregrinar do indo-europeu para o latim;
- c) *quunde*: perdeu completamente o *qu* = genético e apareceu totalmente desfigurado sob o céu do Lácio; como o seu colega *quomodo*, pertence também ao tronco indo-europeu.

Cujo foi o mais atingido, pois além da mutilação formal sofreu a mais um acidente sintático: perdeu entre nós e quiçá em toda a România o seu aspecto interrogativo, que ainda se depara nos escritores antigos:

- a) “Cujó filho és?” — De quem és filho? (CAMÕES);
- b) Cujá filha procuras? — Procuras a filha de quem?;
- c) Não sei cujo filho és — Não sei de quem és filho;
- d) Bem sabe o gato cujas barbas lambe (provérbio).

Ilustremos com GALICHET:

“Dificilmente a gramática tradicional admite que uma palavra cumule vários valores gramaticais ao mesmo tempo: é *isto* ou *aquilo*” (32, p. 91).

* a) “Quamanhas mudanças faz o tempo e a idade.” (Antônio FERREIRA, 27.)

b) “Ora vê, Rei, quamanha terra andamos.” (CAMÕES, V, 69.)

Mentir é vergonhoso: neste caso, o infinitivo exprime ainda um processo (perspectiva do tempo) e como tal é verbo; mas além disto exerce algumas funções que são o apanágio da classe nominal: sujeito, complemento etc. (32, p. 93).

Peguei o passarinho tremendo de frio: neste caso, não se torna fácil dizer até que ponto o gerúndio é verbo e até que ponto é advérbio, com valor de adjetivo.

Encerremos com NESFIELD:

“Há quatro espécies de palavras que são classes duplas, isto é, duas combinadas em apenas uma”(62).

3.2 — OS PROCESSOS SINTÁTICOS

3.2.1 — As funções sintáticas se manifestam de cinco maneiras:

- a) pela ordem ou posição — sistema posicional;
- b) pela flexão casual — sistema casual;
- c) pela entoação — sistema tonal;
- d) pelas preposições — sistema preposicional.
- e) pelo sentido — sistema semântico.

Não parece haver língua que use apenas um sistema com exclusão total dos outros. A construção latina

Homines tigres timent

é visivelmente ambígua se não se levar em conta o valor da posição.

3.2.1.1 — Sistema Posicional:

A posição-antes, com relação ao verbo, indica o sujeito; a posição-depois indica o objeto direto.

O lobo matou o tigre
S O.D.

em que o lobo só é sujeito por se achar na posição-antes, e o tigre só é objeto direto por se achar na posição-depois. Mudem-se as posições:

- a) O tigre matou o lobo; (*O tigre matou o lobo*)
- b) O lobo o tigre matou;
- c) O tigre o lobo matou;
- d) Matou o lobo o tigre;
- e) Matou o tigre o lobo;

e a significação torna-se diversa, duvidosa ou confusa.

Em orações interrogativas como

Quem o professor procura?

há duas posições-antes: a imediata denota o sujeito, a mediata denota o objeto direto. O normal seria: *O professor procura quem?*, mas os interrogativos-relativos constituem um caso à parte. Em

Quem procura o professor?

não cabe observação, pois se manteve o princípio geral: *quem* — sujeito, *professor* — objeto.

Em orações adjetivas como

A criança que o guarda salvou não era carioca.

o fenômeno sintático é igual ao precedente: a posição imediatamente antes exprime o sujeito de *salvou*, a mediata antes exprime o objeto.

A exceção especial que atinge os interrogativos-relativos explica-se pelo seguinte fato: nas orações interrogativas e adjetivas, os termos interrogativo e relativo encabeçam normalmente a oração — aquele por na oração ser o mais importante, este por ser igualmente *conectivo*. Não fora isto, a construção seria:

- a) *O professor procura quem?*;
- b) *A criança, o guarda salvou que, não era carioca.*

As posições *antes* e *depois* podem ser violadas: o sujeito apenas, ou o sujeito e o objeto direto, colocam-se após o verbo; o objeto direto apenas, ou o objeto direto e o sujeito, colocam-se antes, sem por isto haver ambigüidade. É porém necessário que se tome uma das seguintes medidas preventivas:

- a) *a entoação*: interferência do sistema tonal no sistema posicional;
- b) *o pleonasma*;
- c) *a flexão casual*: herança da língua latina;
- d) *a preposição*: interferência do sistema preposicional no sistema posicional ou casual;
- e) *a concordância*;
- f) *o sentido*;
- g) *a predicação*: verbo intransitivo.

Medida preventiva (a) — *a entoação*:

A pausa, indicada na escrita pela vírgula, isola o sujeito do objeto direto, que por estar pausado ou virgulado não pode ser o sujeito, e deste modo esclarece as funções sintáticas:

O tigre, o lobo matou.

Lembro-me que certa vez estava no hotel quando entrou um colega um tanto emocionado e noticiou em voz alta:

O Apolinário, um sujeito matou agorinha.

Não se pensou que o Apolinário havia morto alguém, o que se deve somente à entoação, que interveio para coadjuvar a posição. O fenômeno sintático é tono-posicional; não apenas tonal, porque num caso como *matou o lobo o tigre* a entoação por si só não desfaz a dubiedade: *matou o lobo, o tigre* não teria sentido.

Medida preventiva (b) — *o pleonasma*:

O objeto direto pleonástico, expresso por um pronome-complemento, isto é, por um acusativo residual, evita qualquer anfibologia. Em

O tigre o lobo o matou,

a forma casual não permite que *o tigre* funcione como sujeito. É pois o sistema casual a serviço do sistema posicional: a posição continua valendo, porquanto *matou-o o tigre o lobo* não teria sentido.

Medida preventiva (c) — *a flexão casual*:

O sistema casual, apanágio da língua latina, conservou-se residualmente nos pronomes pessoais. O que se chama *pronome do caso reto* é o que se devia chamar de *pronome-sujeito*; o que se chama *pronome do caso oblíquo* é o que se devia chamar de *pronome-complemento*.

Pronome subjetivo e *pronome objetivo* correspondem a *pronome-sujeito* e *pronome-complemento*.

Caso significa propriamente *queda*. Antigamente o sujeito era imaginado como a linha perpendicular donde caíam obliquamente as outras formas, que por isto chamaram *queda* (*ptôsis* em grego), *casus* em latim. O nominativo era exatamente o contrário de *caso*, por ser perpendicular, por ser em pé. Depois o nome *caso* estendeu-se ao nominativo, donde se originou *caso reto* e *caso oblíquo*, para restabelecer a distinção que a generalização do vocábulo tinha eliminado. Provém daí a contradição *caso reto* e a redundância *caso oblíquo*, respectivamente *queda em pé* e *queda caída*. Foi aí certamente que se inspirou a denominação *infinito impessoal* e *pessoal* — sem pessoa sem pessoa e sem pessoa com pessoa (cf. 3.1 — *As Categorias Duplas*).

Declinar é desviar da linha reta com a idéia secundária de queda: enfiar uma vara em pé e pregar-lhe varinhas deitadas, algo como certas árvores de natal.

Medida preventiva (d) — a *preposição*:

Em

*Ao tigre o lobo matou,
O lobo ao tigre matou,
Matou o lobo ao tigre,
Matou ao tigre o lobo,*

a preposição impede que *ao tigre* seja sujeito. Neste caso, excepcional e talvez artificialmente, o objeto direto suportà a regência da preposição *a*, que jamais o sujeito suportaria. É verdade que a língua oferece alguns sujeitos preposicionados, sobretudo partitivos, que por tão raros podem ser omitidos:

*Existiram sempre desses homens:
Dessas não aconteciam comigo.*

É incorreto dizer-se *o lobo matou ao tigre*, porque o objeto direto preposicionado, na construção sujeito/verbo/objeto-direto, só é permitido em casos especiais como por exemplo:

Ousara no senado desafiar a Décio,

em que figura nome próprio sem o artigo definido *o*.*

Medida preventiva (e) — a *concordância*:

Em

*O soldado os presos espancou,
Os presos o soldado espancou,
Espancou o soldado os presos,
Espancou os presos o soldado,*

a concordância do verbo com o sujeito impede a dupla interpretação: se o sujeito fosse *os presos*, o verbo estaria no plural; como porém é *o soldado*, está no singular.

* Estilisticamente poder-se-á difundir a preposição, sobretudo para justificar alguns exemplos de nossa consagrada literatura.

Medida preventiva (f) — o sentido:

Em

Lágrimas amargas derramaram teus olhos,

tudo está trocado, pois o sujeito ocupa a posição do objeto direto, e objeto direto a posição do sujeito. Se não há confusão, é que o sentido interfere para esclarecer: os *olhos* podem derramar *lágrimas*, está claro; as *lágrimas* porém não podem derramar os *olhos*.

Medida preventiva (g) — a predicação verbal:

Em

Caiu a ponte,

Saiu a lua,

Nasceu a criança,

não é possível ambigüidade, porquanto o verbo, sendo intransitivo, não admite objeto direto, e, como tal não existe, o sujeito não pode confundir-se com algo inexistente. Evidentemente não se confunde uma coisa consigo própria; para que haja confusão, é preciso que haja duas coisas, sujeito e objeto direto em nosso caso. A posição, embora em faixa muito restrita, já se apresentava no latim clássico. Em

Homines timent tigres ou *Homines tigres timent,*

intrometeu-se para ajudar a flexão casual a desempenhar devidamente a sua função sintática. Com o descalabro do sistema casual, a posição que se oferecera generosamente para auxiliar o nominativo e o acusativo, terminou por tragá-los completamente, salvo nos pronomes pessoais, e ocupar-lhes o lugar. É pois a curiosa história duma ajudinha que na descendência românica subverteu radicalmente a estrutura sintática do latim.

3.2.1.2 — Sistema Casual:

Eis o resquício do sistema casual latino, conservado em português:

Nom.:	<i>eu</i>	<i>tu</i>		<i>ele</i>	<i>ela</i>	<i>nós</i>	<i>vós</i>	<i>eles</i>	<i>elas</i>	
Voc.:		<i>tu</i>					<i>vós</i>			
Acus.:	<i>me</i>	<i>te</i>	<i>se</i>	<i>o</i>	<i>a</i>	<i>nos</i>	<i>vos</i>	<i>os</i>	<i>as</i>	<i>se</i>
Gen.:										
Dat.:	<i>mim</i>	<i>ti</i>	<i>si</i>	<i>lhe</i>	<i>lhe</i>			<i>lhes</i>	<i>lhes</i>	<i>si</i>
Abl.:	<i>-migo</i>	<i>-tigo</i>	<i>-sigo</i>			<i>-nosco</i>	<i>-vosco</i>			<i>-sigo</i>

Observe-se que *me, te, se, nos e vos* ampliaram a esfera de ação, passando entre nos a valer como verdadeiro dativo-acusativo, e que *mim, ti, si* deixaram de ser propriamente dativos para apenas se combinarem com as preposições.*

3.2.1.3 — Sistema Tonal:

Em latim, grego, alemão e russo, geralmente o vocativo se confunde formalmente com o nominativo, de que se distingue pela entoação da voz, e não pela flexão. É pois um caso tonal e não flexional, e tonal se conservou em português bem como noutros idiomas, atravessando ileso já quase dois mil anos, tão gravemente conturbados. As estruturas

Meu filho estuda piano

e

Meu filho, estuda piano

são dois períodos completamente diferentes que se distinguem apenas pela inflexão da voz.

3.2.1.4 — Sistema Preposicional:

Certas funções sintáticas são expressas por meio de preposição:

a) *o objeto indireto*, salvo quando manifestado pelo sistema casual, como em *Dê-me a chave*;

b) *o agente da passiva*, com a preposição *por* ou *de*;

c) *o adjunto adverbial*, salvo quando representado por advérbio simples como em *Voltarei amanhã*;

d) *o complemento nominal*, salvo quando manifestado pelo sistema casual: *Tu me serás infiel*.

e) alguns adjuntos adnominais, alguns objetos diretos, alguns predicativos e raramente o sujeito.**

Em latim, o sistema casual era geralmente ajudado pelo sistema preposicional: *redeo in urbem, vivo in urbe*. A preposição, à semelhança da posição, terminou por tragar os casos socorridos e sozinha ocupá-los o lugar: mais uma ajudinha fatal à estrutura sintática do latim!

O vocativo, que não foi socorrido por ninguém, foi o só caso que chegou até nós, atravessando briosamente as ameaças e os séculos!

* Cf. 3.3 — *Pronome-Sujeito e Pronome-Complemento*.

** A rigor, o sujeito não é preposicionado, pois então a preposição é um expletivo.

Confronto entre os dois sistemas:

<i>Latim</i>	<i>Português</i>
Nominativo	Posição-antes
Vocativo	Vocativo
Acusativo	Posição-depois
Genitivo	De
Dativo	A, para
Ablativo	Em, com, por etc.

Este quadro não tem a pretensão de ser exaustivo.

3.3 — PRONOME-SUJEITO E PRONOME-COMPLEMENTO

3.3.1 — Quadro Sinóptico

SUJEITO	COMPLEMENTO				
	obj. dir. pred. suj.	obj. ind. adj. adn.	obj. dir. obj. ind.	qualquer preposição	a preposição <i>com</i>
1	2	3	4	5	6
EU			ME	MIM	COMIGO
TU			TE	TI	CONTIGO
ELE	O	LHE	SE	si / ele	CONSIGO
ELA	A	LHE	SE	si / ela	CONSIGO
NÓS			NOS	NÓS	CONOSCO
VÓS			VOS	VÓS	CONVOSCO
ELES	OS	LHES	SE	si / eles	CONSIGO
ELAS	AS	LHES	SE	si / elas	CONSIGO

Este quadro apresenta duas funções, as mais importantes, exercidas por cada pronome pessoal, exceto os que se combinam com preposições, cuja função será oportunamente indicada.

3.3.2 — Os pronomes-sujeito *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas*, que pertencem ao chamado *caso reto*, correspondem ao nominativo, e desempenham geralmente a função de sujeito ou predicativo do sujeito.

Com o verbo *haver*, todavia, usam-se como objeto direto no dialeto coloquial, sobretudo na 1.^a e 3.^a pessoa do singular, em que certa ilusão de concordância, como se *eu* ou *ele* fosse sujeito, disfarça de certa maneira o descaminho sintático:

- a) *So havia eu no seminário;*
- b) *Só havia ele na casa.*

O dialeto literário não tem como solver a questão, por faltar-lhe um pronome tônico que lhe sirva de objeto direto. O francês, ao contrário, pelo fato de possuí-lo, desconhece totalmente o problema:

- a) *Il n'y avait que moi au séminaire;*
- b) *Il n'y avait que lui à la maison.*

3.3.2.1 — *Eu e tu* ocupam lugar especial dentro da coluna 1, porque não podem ser outra coisa senão sujeito ou predicativo do sujeito.*

- Sujeito : *Eu sou o professor, tu és o aluno;*
 Predicativo : *Quem é o professor? — Sou eu.*
Quem é o aluno? — És tu.

A concordância verbal se faz com o predicativo; mas o povo nem sempre aceita esta particularidade e faz a concordância, da maneira normal, com o próprio sujeito. Note-se que um popular diria *foi eu*, nunca porém *eu foi*, sem dúvida por ter o sentimento do predicativo.

A realidade predicativa reflete-se no inglês e no francês, para não falar no alemão, em complicado torneio sintático:

- Francês: *C'est moi* = sou eu; *c'est toi* = és tu;
 Inglês: *It's me* = sou eu; *it's you* = és tu.

É tão real a predicatividade que foi adotado um pronome-complemento para expressá-la, no inglês considerado incorreto, e correto no francês; mas o *it's I* que se recomenda tem poucos seguidores e vai perdendo sempre terreno.

3.3.2.2 — Duas outras particularidades frisam a vida sintática de *eu e tu*:

- a) Não funcionar como objeto direto;
- b) Não suportar preposição.

I — *Não funcionar como objeto direto*: o povo dirá:
 Eu vi *ele*, ele viu *nós*

* Os pronomes *eu e tu* desenvolveram em português a função de adjunto adverbial, que não desempenhavam em latim, sintaxe ocorrente com as preposições acidentais que denotam exceção:

- a) Todos concordaram, exceto eu;
- b) Muitos aplaudiram, menos tu;
- c) Afora eu, todos aprovaram.

não porém, salvo talvez afetivamente,

Ele viu *eu*, ele viu *tu*,

donde se conclui que aceita e respeita o valor acusativo destes pronomes.

II — *Não suportar preposição*: é comum e natural que se diga:

- a) para ele, para ela, para nós, para eles, para elas;
- b) por ele, por ela, por nós, por eles, por elas;

nunca porém se dirá:

- a) para eu, para tu;
- b) por eu, por tu,

mais uma vez imperando a feição de nominativos que o povo tão bem assimilou.

Conclui-se pois que a coluna 1 abriga dois habitantes do Lácio, que trouxeram a nossas plagas o frescor do sistema casual latino.

3.3.2.3 — A coluna 2 tem apenas quatro pronomes — *o, a, os, as*, com duas variantes — *lo, ia, los, las* e *no, na, nos, nas*.

Estes pronomes conservaram plenamente o valor de acusativo, isto é, de objeto direto:

- a) *Encontrei-a no cinema*;
- b) *Avistei-o no meio da praça*.

Empregam-se também como predicativo do sujeito, função que não exerciam seus antepassados imediatos *illum, illum, illos, illas*, em latim:

- *És o pai da criança?* — Sou-o.
- *És a mãe da criança?* — Sou-a.
- *São eles os heróis?* — São-nos.
- *São elas as heroínas* — São-nas.

3.3.2.4 — Na coluna 3 constam duas formas, *lhe-lhes*, que desempenham a função de objeto indireto:

- a) *Dei-lhe o comando*;
- b) *Expliquei-lhe a situação*.

Estão corretamente empregados quando substituíveis por substantivos masculinos precedidos de *ao* ou *aos*:

- a) Isto *lhe* pertence = isto pertence *ao professor*;
- b) Dou-*lhes* um conselho = dou um conselho *aos professores*.

3.3.2.5 — Além de objeto indireto podem ser adjunto adnominal, quando substituíveis por *seu-sua-seus-suas*, tratando-se da pessoa com quem se fala; por *dele-dela-deles-delas*, tratando-se da pessoa de quem se fala:

- a) Cortei-*lhe* o cabelo = Cortei o *seu* cabelo (*de você*); cortei o cabelo *dele*.
- b) Morreu-*lhe* a neta? = Morreu a *sua* neta? (*de você*); morreu a neta *dele*?

Me, te, nos, vos, tomados à coluna 4, completam nosso quadro de adjunto adnominal:

- ME : O barbeiro corta-me o cabelo;
- TE : O barbeiro corta-te o cabelo;
- LHE : O barbeiro corta-lhe o cabelo;
- NOS : O barbeiro corta-nos o cabelo;
- VOS : O barbeiro corta-vos o cabelo;
- LHES: O barbeiro corta-lhes o cabelo.

Como *lhe-ihes*, são substituíveis pelos pronomes possessivos correspondentes: corta *o meu, o teu, o nosso, o vosso, o seu* cabelo.

Em português o *se* recusa-se a exercer a função de adjunto adnominal, que no espanhol, no italiano e no francês exerce normalmente:

Espanhol: *Juan se ha cortado la mano*;

Italiano: *Giovanni s'è tagliato la mano*;

Francês: *Jean s'est coupé la main*.

Nossa língua prefere omitir o pronome *se*, utilizando um processo sintático que se pode chamar de *ausência significativa* ou morfema zero:

João cortou a mão.

Deparou-se apenas um exemplo em que *se* é adjunto adnominal:

Meteu-se na cabeça que devia ser frade,

mas o *se* é perfeitamente dispensável e deve sê-lo: *meteu na cabeça que devia ser frade.*

O *se*, terceira pessoa do singular, é igual ao *se*, terceira pessoa do plural:

- a) *Ele se matou;*
- b) *Eles se mataram.*

Em inglês *se* distingue o singular do plural, e até o masculino do feminino, porém só no singular:

- a) *He killed himself* = ele se matou;
- b) *She killed herself* = ela se matou;
- c) *They killed themselves* = eles ou elas se mataram.

Me, te, nos, vos são conforme o caso reflexivos ou não:

Reflexivos: Eu me cortei, tu te cortaste, nós nos cortamos, vós vos cortastes;

Não-reflexivos: Eu te avisei, tu me avisaste, ele me avisou, nós vos avisamos.

O pronome *se* deve sempre ser reflexivo ou recíproco:

- a) *Paulo se revoltou;*
- b) *As crianças se revoltaram;*
- c) *Eles se odeiam entre si;*
- d) *Amem-se uns aos outros.*

Mas em alguns falares encontra-se erradamente como não-reflexivos:

Eu vou consigo, em lugar de *eu vou com você*.

3.3.2.6 — O russo, como antigamente o indo-europeu e mais tarde o sânscrito, possui apenas um reflexivo (*sebyá* = *me, te, se, nos, vos, se*), que se usa para todas as pessoas:

Russo:	Português:
Ja xorošó snáju <i>sebjá</i>	Eu <i>me</i> conheço bem
Ty xorošó znáeš' <i>sebjá</i>	Tu <i>te</i> conheces bem
On xorošó snáet <i>sebjá</i>	Ele <i>se</i> conhece bem
My xorošó znáem <i>sebjá</i>	Nós <i>nos</i> conhecemos bem
Vy xorošó znáete <i>sebjá</i>	Vós <i>vos</i> conheceis bem
Oni xorošó znájut <i>sebjá</i>	Eles <i>se</i> conhecem bem.

Entre nós há forte tendência para voltar pelo menos em parte ao indo-europeu, saltando cinco mil anos em busca do passado pois é muito freqüente a seguinte construção reflexiva:

<i>Eu me sento</i>	<i>Nós se sentamo(s)*</i>
<i>Tu se senta(s)</i>
<i>Ele se senta</i>	<i>Eles se sentam.</i>

Se dissessemos *eu se sento*, a volta seria completa, e menor por certo a saudade.

O curioso é que o povo tem consciência da reflexividade, pois só troca *te* por *se*, por exemplo, ou *nós* por *se*, quando reflexivos, e nunca noutra situação:

- a) *Tu se zanga* em lugar de *tu te zangas*;
- b) *Nós se senta* em lugar de *nós nos sentamos*;

jamais porém

- a) *Eu se admiro* em lugar de *Eu te admiro*;
- b) *Você se enganou* em lugar de *Você nos enganou*.

3.3.2.7 — *Me, te, se, nos, vos* exercem a função de objeto direto quando substituíveis por um substantivo masculino precedido de *o* ou *os*:

- a) Ele *me* viu = ele viu *o professor*;
- b) Eu *te* admiro = eu admiro *o colega*;
- c) Ela *nos* espera = ela espera *os amigos*;
- d) Ela *vos* odeia = ela odeia *o senhor* ou *os senhores*;
- e) Você *se* corta = você corta *o menino*;
- f) Vocês *se* ferem = vocês ferem *os meninos*;

de objeto indireto, quando substituíveis por substantivo masculino precedido de *ao* ou *aos*:

- a) Ela *me* ofereceu a casa = ela ofereceu a casa *ao vizinho*;
- b) Eu *te* prometo um prêmio = eu prometo um prêmio *ao aluno*;
- c) Você *nos* pertence = você pertence *ao povo*;
- d) O caso *vos* interessa = o caso interessa *ao senhor*;
- e) Ele *se* atribui qualidades excepcionais = ele atribui qualidades excepcionais *ao colega*;
- f) Eles *se* outorgam direitos excessivos = eles outorgam direitos excessivos *aos parentes*.

* Comparem-se o francês *nous allons se coucher* (DAUZAT, *Grammaire Raisonnée de la Langue Française*, 203), e o italiano *noi si va ora a cena* (59, p. 1670).

Se raramente é objeto indireto; afora *outorgar, arrogar, reservar* e *atribuir* não é fácil indicar outro verbo que reclame objeto indireto.*

Mim, ti, si, da coluna 5, empregam-se unicamente combinados com preposição:

- a) de mim, de ti, de si; para mim, para ti, para si;
- b) por mim, por ti, por si; a mim, a ti, a si.

Ele, ela, nós, vós, eles, elas, sobre também se combinarem com preposição, motivo por que se acham na coluna 5, desempenham a função de sujeito e predicativo do sujeito, conforme a coluna 1:

Eu não sou tu, nem tu és eu.

A coluna 6 contém as variantes *-migo, -tigo, -sigo, -nosco, -vosco*, que se combinam exclusivamente com a preposição *com*:

Atente-se que *-migo, tigo* e *-sigo* podem ser expandidos:

- a) comigo mesmo, comigo mesma, comigo aqui, comigo em casa;
- b) contigo mesmo, contigo mesma, contigo aí, contigo em casa;
- c) consigo mesmo, consigo mesma, consigo mesmos, consigo mesmas.

mas *-nosco* e *-vosco* não aceitam expansão e, no caso de ser necessária, devem ser substituídos por *nós* e *vós*: *com nós mesmos, com nós mesmas, com nós aqui, com nós em casa.*

“É escusado advertir que a língua literária emprega *com nós* e não *conosco*, quando o pronome *nós* (e *vós*) está seguido ou precedido de outra palavra, dizendo *com nós todos, com vós que, com ambos nós.*” (NUNES, 63, p. 239.)

* A prova mais fácil de que o *se* constitui objeto indireto é a presença de objeto direto na mesma oração:

Eles se deram as mãos

em que o objeto direto *as mãos* elucida a função sintática do pronome *se*.

3.4 — A PREDICAÇÃO VERBAL

3.4.1 — *Predicação* é o ato de afirmar alguma coisa sobre outra coisa:

- a) *A vida passa;*
- b) *A vida é passageira;*

em que a predicação *passa* e *passageira* é o que se afirma sobre a vida.

3.4.2 — A predicação pode ser completa, se o verbo não exige complemento; ou incompleta, se o exige; daí a divisão em verbos:

- a) transitivo;
- b) transitivo direto;
- c) transitivo indireto;
- d) transitivo direto — indireto;
- e) intransitivo;
- f) copulativo ou de ligação;
- g) transobjetivo ou transpredicativo.

3.4.2.1 — Transitivo é sinônimo de predicação incompleta: transita em procura de alguma coisa para completar-se; intransitivo é sinônimo de predicação completa: não transita, não sai do lugar, porque, para completar-se, não precisa de nada; basta-se a si mesmo, é completo por si próprio.

Cumpre no entanto excetuar alguns intransitivos que requerem um complemento de lugar, indispensável à predicação; como *ir*, *voltar* e *outros*:

- a) *Fui à praia;*
- b) *Voltei ao teatro;*
- c) *Moro no campo.*

Sempre que falarmos em predicação, deve ter-se em mente o termo *afirmação*, pois é isto o que significa etimologicamente.

Transitivo: É o verbo cujo processo transita ou se transporta do sujeito para o objeto:*

- a) *O aluno segura os livros;*
- b) *O vizinho gosta de letras.*

O processo verbal não termina em si próprio, reclama *livros e letras* para completá-lo; transitou, seguiu para mais adiante.

O que determina a transitividade é a presença do objeto, pois todo processo pode ser considerado como absoluto, encarado em si mesmo, isto é, isento de qualquer objeto, sobretudo quando implicado no contexto:

- a) *O teu grupo não sabe perder;*
- b) *Eu sonho sempre pela madrugada;*
- c) *Você canta bem, mas eu não gosto;*
- d) *O covarde nunca perdoa;*

em que não se manifesta o que se perde, se sonha, se canta ou de que se gosta, nem o que a quem se perdoa.

3.4.2.1.1 — O verbo transitivo é direto quando não rege preposição para servir de ponte ao complemento; indireto, quando a rege:

Transitivos Diretos:

- a) A ocasião faz o ladrão;
- b) Aproveita o momento presente;
- c) Cabelo branco não traz sabedoria;
- d) Lutei o bom combate, terminei a viagem, conservei a fé;
- e) A prosperidade exige muita prudência.

Jogo das 7 Palavras: para fazer este jogo, basta que se tome a seguinte forma** (*forma com o fechado*):

Quem ama ama alguém ou alguma coisa.

* Esta definição, de fundo semântico, é frágil, deve ser substituída pelo *Jogo das 7 e 9 Palavras*, linguisticamente orientado, que explicamos abaixo.

** A forma completa do jogo é a seguinte: Quem *ama ama* alguém ou alguma coisa; a pessoa ou coisa *amada* é o objeto direto. Donde: quem *espera espera* alguém ou alguma coisa; a pessoa ou coisa *esperada* é o objeto direto; quem *deixa deixa* alguém ou alguma coisa; a pessoa ou coisa *deixada* é o objeto direto.

Todo verbo que substituir *amar* é transitivo direto, como por exemplo *esperar* e *deixar*:

- a) *Quem espera espera alguém ou alguma coisa;*
- b) *Quem deixa deixa alguém ou alguma coisa.*

Não importa que o jogo seja incompleto, que falte um dos elementos, isto é, *alguém* ou *alguma coisa*:

- a) *Quem vomita vomita (alguém ou) alguma coisa;*
- b) *Quem esposa esposa alguém (ou alguma coisa).*

Não é muito fácil deparar um verbo que não comporte simultaneamente os dois elementos. Até *vomit* e *esposar* se prestam ao jogo completo, pois a linguagem figurada não tem limite estabelecido:

- a) *Vomitei-o do meu passado;*
- b) *Esposei o teu ponto de vista.*

Transitivos Indiretos:

- a) Eu gosto *do* campo;
- b) Já pensei *no* seu caso;
- c) Interesse-me *pelo* negócio;
- d) Ela casou *com* o professor;
- e) Este livro pertence *a* meu colega;
- f) Prepare-se *para* a luta.

Jogo das 9 Palavras: para fazer este jogo, que ajuda a identificar o transitivo indireto, emprega-se a forma seguinte:

*Quem gosta gosta de alguém ou de alguma coisa.**

em que a preposição varia conforme a regência do verbo:

- Quem sonha sonha *com* alguém ou *com* alguma coisa;
- Quem pensa pensa *em* alguém ou *em* alguma coisa;
- Quem obedece obedece *a* alguém ou *a* alguma coisa.

A preposição que figura no jogo deve ser vazia de significação, pois a função é de simples conectivo (cf. 5.3 — *O Objeto Indireto*):

Gosto de você,

* A forma completa é a seguinte: Quem *gosta gosta* de alguém ou de alguma coisa; a pessoa ou coisa de quem se gosta é o objeto indireto.

em que a preposição é vazia, a tal ponto que o inglês a omite: *I like you*. Em

Eu trabalho de noite,

a coisa é diferente; a preposição tem um conteúdo temporal e pode, como prova, ser substituída por *durante*: *Eu trabalho durante a noite*.

3.4.2.1.2 — *Verbo transitivo direto-indireto* é o que também pode chamar-se de bitransitivo. Para identificá-lo aplica-se o jogo do verbo *dar*, o bitransitivo por excelência e lídimo representante da classe:

Quem dá dá alguma coisa a alguém — dei um prêmio ao escritor;

Quem dá dá alguma coisa a alguma coisa — darei um não a pedido;

Quem dá dá alguém a alguém — dei a criança ao verdadeiro pai;

Quem dá dá alguém a alguma coisa — dar-te-ei à valeta donde saíste.

Consideram-se eventualmente preposicionados os pronomes *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, conforme representem ou não o acusativo latino; permanentemente os pronomes *lhe*, *lhes*. A preposição está como que implícita no bojo do pronome:*

- a) Esta glória não *me* pertence: *a mim*;
- b) Eu *te* devo muito: *a ti*;
- c) Ele *se* arroga um direito que não tem: *a si*;
- d) Você *nos* prometeu ajuda: *a nós*;
- e) Tu *me* trouxeste a esperança: *a mim*;
- f) A fé devolveu-*lhe* a paz: *a ele*;
- g) Não *lhe* importa a recompensa: *a ela*.

Só excepcionalmente, com este ou aquele verbo, o pronome *se* funciona como objeto indireto, contendo por conseguinte a preposição implícita:

- a) Não *se* atribua um crime que não podia cometer;
- b) Você ainda não *se* pertence (Não é dono de si ainda).

* Na verdade o pronome não é preposicionado, nem há preposição implícita. Neste caso a língua utiliza o sistema casual, de que falamos em 3.2 — *Os Processos Sintáticos*.

3.4.2.2 — *Intransitivo*: É o verbo cujo processo não transita ou não se transporta do sujeito para o objeto:

- a) *O avião caiu;*
- b) *O sapato escorregou;*
- c) *O tanque explodiu;*
- d) *O doente não morreu;*
- e) *A criança adormeceu.*

A definição acima é frágil por ser de fundo semântico; prefira-se o *Jogo das 3 Palavras*, que abaixo exemplificamos:

- a) *Quem dorme dorme;*
- b) *Quem cai cai;*
- c) *Quem morreu morreu.*

O prova mais sensível de que são intransitivos é que só literariamente podem comportar o *Jogo das 7 Palavras*:

- a) *Cristo morreu morte ignominiosa na cruz;*
- b) *Vou dormir o sono da sesta.*

No exemplo (a), o objeto direto é dito *cognato*, porque *morreu* e *morte* são vocábulos cognatos, isto é, que se filiam ao mesmo radical, donde o parentesco mórfico e semântico que os irmana: uma como que dupla cognação.

No exemplo (b), o objeto direto é *interno*, porque a significação de *sono* está contida *dentro* de *dormir*, donde chamar-se *interno* o objeto direto correspondente.

Dormir e *sono* não são vozes cognatas, por serem morficamente diversas, mas expressam basicamente a mesma significação: é o que se podia chamar de cognação puramente semântica.

Alguns autores evitam a distinção *cognato/interno*, e usam *cognato* para denotar ambos os objetos.

3.4.2.3 — *Verbo de Ligação*: É o verbo significativamente esvaizado, por meio do qual se acrescenta alguma cousa ao sujeito:*

A mocidade é passageira,

em que só figuram duas idéias, expressas por *mocidade* e *passageira*, ligadas entre si pelo verbo *ser*, mera linha de comunicação.

* V. nota** do subcapítulo 4.5.2.

O verbo *ser* pesa tão pouco sob o aspecto da significação, que alguns idiomas como o russo não mais o empregam como forma viva no presente do indicativo:

- a) *Ya bogat* = eu sou rico;
- b) *Ya domóy* = eu estou em casa.

3.4.2.3.1 — *Verbo de Ligação Puro*: O verbo *ser* é o verbo de ligação puro, é o verbo de ligação por excelência, por conseguinte o mais esvaziado; os seus congêneres, ditos impuros, de certa maneira o contêm.

3.4.2.3.2 — *Impuros*: São aqueles que encerram implicitamente um adjunto adverbial:

Essenciais:

- a) estar ser passageiramente: *Estamos contentes;*
- b) ficar ser durativamente: *Fiquei alegre;*
- c) parecer ser aparentemente: *Pareço mais forte;*
- d) permanecer.. ser permanentemente: *Permaneço firme;*
- e) continuar . . . ser seguidamente: *Continuas indiferente.*

Acidentais:

- a) andar ser presentemente: *Andas atarefado;*
- b) virar ser repentinamente: *Virou maluco;*
- c) viver ser habitualmente: *Vives tão sozinha;*
- d) cair ser inesperadamente: *Ele caiu doente;*
- e) bancar ser pomposamente: *Não banque o tolo;*
- f) servir de ser ingenuamente: *Não sirva de palhaço;*
- g) passar por . . . ser indebitamente: *Passava por sábio;*
- h) fingir-se de.. ser falsamente: *Fingia-se de professor.*

Estes verbos são totalmente sem conteúdo significativo, e assinalam flexionalmente as categorias do tempo, do modo e do aspecto, traduzida esta sob a forma aproximativa de adjunto adverbial: *estar* — *ser passageiramente*.

3.4.2.3.3 — *Andar*: Como os acidentais em geral, pode ser copulativo ou intransitivo, conforme conserve ou não a significação própria:

O soldado anda muito triste, porque não pode andar sem muleta,

em que *anda* é copulativo, igual a *está*, e *andar* intransitivo, igual a *caminhar*.

O esvaziamento do verbo *andar* é tão grande que se torna possível empregá-lo para denotar exatamente o contrário do que propriamente significa:

O teu amigo anda tão triste,

tratando-se de alguém que avistamos sentado por exemplo na praça do Ferreira. Sentado, é claro que não pode andar.

A forma *é* do verbo *ser* significa etimologicamente *existe*, acepção que se conserva no latim, bem como no português:

- a) *Deus est* — Deus existe;
- b) *Penso, logo sou* — Penso, logo existo.

Por incrível que pareça, *estar* e *existir* são verbos cognatos, que no remoto passado se filiam ao mesmo tronco: o *st* que ainda hoje conservam testemunha a cognação.

O verbo *viver*, como predicativo, está passando por igual esvaziamento, quando empregado em, *verbi gratia*,

Esta porta vive sempre aberta.

Claro que porta não vive no sentido do termo, já que não se alimenta nem respira.

Não nos vai causar espanto se algum jornal escrever *Deixem os mortos viver em paz*, ou que alguém prorrompa em *Viva o nosso ilustre morto!* Tudo é possível, depois que um sujeito nadando em suor nos pediu à mocinha um cachorro quente gelado.

A forma *foi* do verbo *ser* quer dizer etimologicamente *cresceu*, acepção que se conserva no grego:

Phýein phrénas = crescer em sabedoria.

É curioso notar que, paralelamente, o inglês *to grow* mantém o sentido pleno de *crescer* e o esvaziado de *ficar*:

- a) *Rice grows in warm countries* — O arroz cresce nos países quentes;
- b) *I grew pale* — Eu fiquei pálido.

Todo verbo intransitivo, que admite o predicativo do sujeito, está sob ameaça de converter-se em verbo de ligação, à semelhança do que se deu com *ser*, *estar* e tantos outros em longínqua fase do passado, e, como tal, ser o escravo que já foi senhor, o empregado que já foi patrão.

3.4.2.4 — *Transobjetivo*: É um tipo de verbo transitivo direto, cujo objeto direto comporta um predicativo do objeto. Entre o objeto direto e o predicativo do objeto está implícito um verbo de ligação, que se pode facilmente explicitar:

O prefeito nomeou Luciano secretário,

donde o predicado verbal *nomeou Luciano*, e o predicado nominal *é secretário*, com explicitação do verbo *ser*.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) *O pai vai coroar a filha rainha dos estudantes;*
o pai vai coroar a filha (predicado verbal), *a filha será rainha dos estudantes* (predicado nominal);
- b) *Considero como certa a vitória;*
considero a vitória (predicado verbal), *a vitória é certa* (predicado nominal);
- c) *O povo te abraça como herói;*
o povo te abraça (predicado verbal), *tu és um herói* (predicado nominal).

Justifica-se a transformação em dois predicados, porque o predicativo do objeto só pode apresentar-se em oração de predicado verbo-nominal.

Em lugar de *transobjetivo*, pode usar-se *transpredicativo* ou antes *transitivo predicativo*, como sugere a Nomenclatura Gramatical Brasileira (14).

Os transobjetivos dividem-se em três classes principais: os *estimativos* (julgar, considerar, achar, supor. . .) com *julgar* como representante da classe; os *factitivos* (fazer, tornar, eleger, nomear. . .) com *fazer*; os *apelativos* (chamar, apelidar, tachar, classificar. . .), com *chamar*.

3.4.2.5 — Percentagem do conteúdo semântico:

- a) intransitivos: 100%;
- b) transitivos: 66,66%;
- c) bitransitivos: 33,33%;
- d) ligação: 00%.

A denominação *intransitivo* é desconcertante. O prefixo *in-* 'não' sugere de certo modo que o intransitivo é menos importante, menos completo, menos significativo do que o transitivo. É preciso acautelar-se contra esta falsa impressão. Este *não* 'in-' é o *não* de quem não precisa de nada, porque tem tudo, porque está cheio de conteúdo semântico. Neste caso, aquele que não tem trânsito está superando aquele que o tem.

3.5 — TERMOS SUBORDINANTES E TERMOS SUBORDINADOS

3.5.1 — A oração é uma seqüência de termos subordinantes e subordinados, cujo ponto de partida, o sujeito, é o único subordinante jamais subordinado, bem como o princípio e o fim de todas as relações sintáticas: o princípio porque tudo parte dele, o fim porque tudo volta para ele, conforme adiante vai ser demonstrado.

O termo subordinado liga-se ao subordinante imediatamente se a ligação não é feita mediante preposição; mediamente, se o é.

A ligação mediata é comparável a dois canos unidos por uma luva, como o faz o bombeiro na instalação hidráulica de nossas casas: em gramática é a preposição que funciona como luva.

A ligação imediata é comparável a dois canos unidos por ímã: em gramática é o sentido que funciona como ímã, como força magnética.

A preposição é um instrumento visível de ligação, ao passo que o sentido não se pode ver. Em

Paulo gosta de Lúcia,

Paulo e gosta estão ligados imediatamente — por meio do sentido; *gosta e Lúcia* estão mediamente ligados — por meio da preposição *de*.

O sujeito, sob o aspecto sintático, é o termo principal da oração: nunca está subordinado a outro termo, e o verbo com ele concorda, tomando-lhe o número e a pessoa. Em

Eu tem razão,

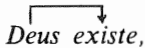
a discordância, o que está errado, é *tem* e não *eu*, pois a concordância parte do verbo para o sujeito, e não do sujeito para o verbo.

O verbo, isto é, o predicado, é o termo principal da oração sob o aspecto semântico, porquanto encerra a idéia central em torno da qual giram todas as outras. Em

Na minha terra as nuvens beijam apaixonadamente o topo das montanhas,

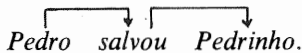
a idéia central é *beijar*, pois tudo se desenrola em torno de um beijo: coisa que beija, coisa beijada, lugar onde se beija e maneira de beijar.

Ilustração do sujeito como subordinante e do predicado como subordinado:


Deus existe,

em que a seta, que sempre sai do subordinante para o subordinado, está mostrando a subordinação do predicado ao sujeito.

Subordinação do predicado ao sujeito e do objeto direto ao predicado:

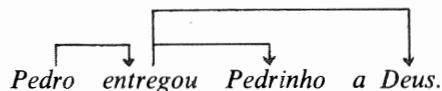

Pedro salvou Pedrinho.

Pedro ... : subordinante não-subordinado com relação a *salvou*;

Salvou ... : subordinado com relação a *Pedro*, subordinante com relação a *Pedrinho*;

Pedrinho : subordinado com relação a *salvou*.

Subordinação do predicado ao sujeito, do objeto direto e do objeto indireto ao predicado:


Pedro entregou Pedrinho a Deus.

Pedro ... : subordinante não-subordinado com relação a *entregou*;

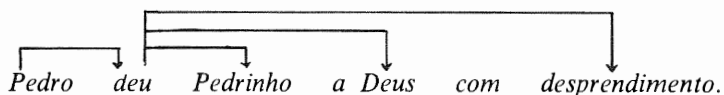
Entregou : subordinado com relação a *Pedro*, subordinante com relação a *Pedrinho* e *Deus*;

Pedrinho : subordinado com relação a *entregou*;

Deus ... : subordinado com relação a *entregou*. A subordinação é mediata, por causa da preposição *a* que rege *Deus*.

A preposição não recebe nem manda seta, por ser apenas um instrumento da relação, e não a relação propriamente dita; não é nem subordinante nem subordinada, mas um instrumento de subordinação.

Subordinação do predicado ao sujeito, dos objetos e do adjunto adverbial ao predicado:



Pedro: subordinante não-subordinado com relação a *deu*;

Deu: subordinado com relação a *Pedro*, subordinante com relação a *Pedrinho*, *Deus* e *desprendimento*;

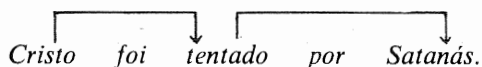
Pedrinho: subordinado com relação a *deu*;

Deus: subordinado com relação a *deu*;

Desprendimento: subordinado com relação a *deu*;

Como se pode observar, o sujeito é o só termo que não recebe seta, isto é, que não é subordinado; tudo parte dele e prossegue, tudo volta para ele conforme a indicação da seta: é o só termo que não é *sujeito*, na significação de *submisso*, *dependente* ou *subordinado*.

Subordinação do predicado ao sujeito, do agente da passiva ao predicado:



Cristo: subordinante não-subordinado com relação a *foi tentado*.

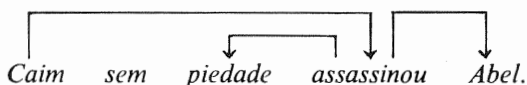
Foi tentado.: subordinado com relação a *Cristo*, subordinante com relação a *Satanás*.

Satanás....: subordinado com relação a *foi tentado*.

Até aqui falamos sobre os termos primários — aqueles que têm como centro o predicado: *sujeito*, *objeto direto* ou *indireto*, *adjunto adverbial* e *agente da passiva*. Observa-se que o facho da idéia se origina do sujeito, donde passa para o predicado que a distribui entre os objetos, o adjunto adverbial e o agente da passiva: sujeito que se continua no predicado, predicado que se triparte para prolongar-se com o nome de objeto direto, objeto indireto ou adjunto adverbial na voz ativa; ou então se biparte com o nome de objeto indireto ou agente da passiva.

Antes de falar sobre os termos secundários, observemos que frequentemente o adjunto adverbial, e menos frequentemente outro termo

da oração, se antepõe ao predicado; neste caso a ordem é invertida, e a seta vira-se para a esquerda, o que assinala a inversão:

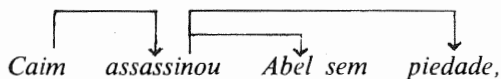


Caim : subordinante não-subordinado com relação a *assassinou*;

Piedade . . . : subordinado com relação a *assassinou*, na ordem inversa;

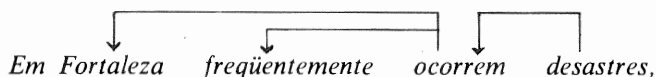
Assassinou. : subordinado com relação ao sujeito, subordinante com relação a *piedade*.

A ordem direta é a seguinte:



com as setas voltadas para a direita.

Ocorre também, sobretudo com verbos intransitivos, que o sujeito se pospõe ao predicado e gera com isto a ordem inversa:



em que todos os termos estão invertidos.

Fortaleza : subordinado com relação a *ocorrem*;

Freqüentemente : subordinado com relação a *ocorrem*;

Ocorrem : subordinado com relação a *desastres*, subordinante com relação a *Fortaleza* e *freqüentemente*.

Desastres : subordinante não-subordinado com relação a *ocorrem*.

A ordem direta seria:

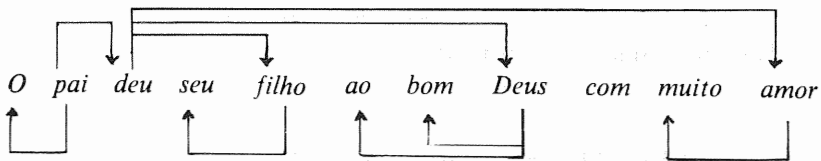


em que os termos primários se distribuem na linha da ordem direta: sujeito, predicado, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial ou agente da passiva. (Cf. 3.5.3, diagrama dos *Termos Primários e Secundários*.)

3.5.2 — Deixemos os termos primários e passemos ao adjunto adnominal, complemento nominal, aposto e vocativo relativo, que são termos secundários, e não têm como centro o predicado verbal, mas antes o predicado nominal ou qualquer dos cinco termos primários.*

Os termos secundários são normalmente pospostos aos termos primários, salvo o adjunto adnominal, quando expresso por artigo, pronome ou numeral: é isto o que se pode chamar *ordem direta* do sistema secundário.

Subordinação do adjunto adnominal ao sujeito, objeto direto, objeto indireto e adjunto adverbial:



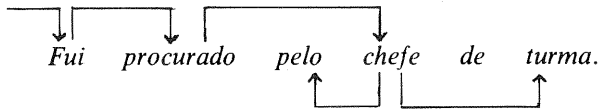
- Pai*.....: subordinante não-subordinado com relação a *deu* e *o*;
- Deu*.....: subordinado com relação a *pai*,
subordinante com relação a *filho*, *Deus* e *amor*;
- Filho*.....: subordinado com relação a *deu*,
subordinante com relação a *seu*;
- Deus*.....: subordinado com relação a *deu*,
subordinante com relação a *o* e *bom*;
- Amor*.....: subordinado com relação a *deu*,
subordinante com relação a *muito*;
- O*.....: subordinado com relação a *pai*;
- Seu*.....: subordinado com relação a *filho*;
- O, bom*.....: subordinados com relação a *Deus*;
- Muito*.....: subordinado com relação a *amor*.

O primário subordinante, como *Deus* ou *amor*, continua o circuito descrito pela seta, de tal maneira que tudo volta para o sujeito na direção inversa do circuito.

É muito comum que o primário subordinante conte dois ou mais secundários subordinados como em *ao bom Deus*.

* Cf. 6.1.3.3.

Subordinação do adjunto adnominal ao agente da passiva:



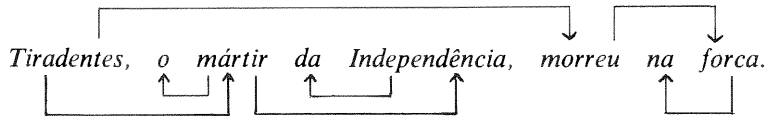
- Fui procurado.*: subordinado com relação ao sujeito *eu*, que se acha implícito; subordinante com relação a *chefe*;
- Chefe*.....: subordinado com relação a *fui procurado*, subordinante com relação a *o* e *turma*;
- O, turma*: subordinados com relação a *chefe*.

Como o sujeito não está presente, a primeira seta parte do nada.

Exemplificamos a subordinação do adjunto adnominal a todos os termos primários: pode-se fazer o mesmo com o complemento nominal, o aposto e o vocativo relativo.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui o complemento nominal entre o objeto direto e o objeto indireto com o nome de termo integrante, baseada no critério semântico: estruturalmente, porém, o complemento nominal deve ficar entre o adjunto adnominal, o aposto e o vocativo relativo. Afinal de contas, é gramática e não psicologia que estamos estudando.

Os termos secundários podem subordinar-se aos próprios termos secundários, que neste caso podem chamar-se terciários:

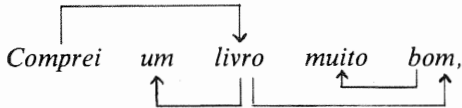


- Tiradentes*...: subordinante não-subordinado com relação a *morreu*;
- Morreu*.....: subordinado com relação a *Tiradentes*, subordinante com relação a *forca*;
- Forca*.....: subordinado com relação a *morreu*;
- Mártir*.....: subordinado com relação a *Tiradentes*, subordinante com relação a *o* e *Independência*;
- O*.....: subordinado com relação a *mártir*;
- Independência*: subordinado com relação a *mártir*, subordinante com relação ao artigo *a*;
- A*.....: subordinado com relação a *Independência*;
- A*.....: subordinado com relação a *forca*.

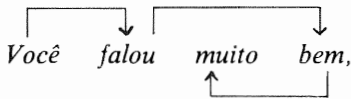
Independência é termo terciário, subordinado ao secundário *mártir*; *mártir* é termo secundário, subordinado ao primário *Tiradentes*.

Os quaternários, por outro lado, como o artigo *a* em *da Independência*, podem subordinar-se aos próprios terciários, os quinários aos próprios quaternários, os senários aos quinários, e assim sucessivamente.

O advérbio pode ser terciário, quando modifica o adjetivo ou o próprio advérbio, aos quais se devem incorporar sintaticamente, pois é impossível analisar um termo terciário com o nome de adjunto adverbial:



em que *muito*, analisado sozinho, é termo terciário, e com *bom* constitui o adjunto adnominal. Outro caso:



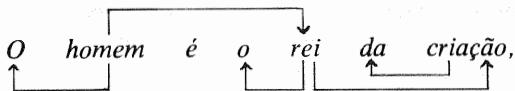
em que *bem* é termo primário, e *muito* é secundário: não há dois adjuntos adverbiais, mas apenas um, ampliado por *muito*.

Estão na mesma situação todas as palavras que ocupem a posição de *muito* nos exemplos precedentes:

Comprei um livro	<i>muito</i>	bom;
Comprei um livro	<i>bastante</i>	bom;
Comprei um livro	<i>excepcionalmente</i>	bom;
Comprei um livro	<i>tão</i>	bom.

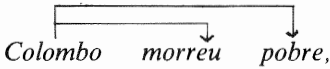
Você falou	<i>muito</i>	bem;
Você falou	<i>admiravelmente</i>	bem;
Você falou	<i>quase</i>	bem;
Você falou	<i>até</i>	bem.

Como na oração nominal o verbo de ligação não constitui predicado, a seta distribui-se do seguinte modo:



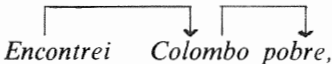
em que o verbo *ser*, que não passa de simples conectivo, não é tomado em consideração: a seta recai sobre *rei*, que ocupa semanticamente o lugar do verbo.

Na oração verbo-nominal com predicativo do sujeito, há de fato dois predicados, um verbal e outro nominal, pelo que do sujeito partem duas setas:



pois duas afirmações estão sendo feitas sobre Colombo: sua *morte* e sua *pobreza*; *Colombo morreu* (predicado verbal), *Colombo estava pobre* (predicado nominal).

Na oração verbo-nominal com predicativo do objeto, há igualmente dois predicados, um verbal e outro nominal: as duas setas não partem do sujeito, mas apenas uma, e a outra do objeto direto:

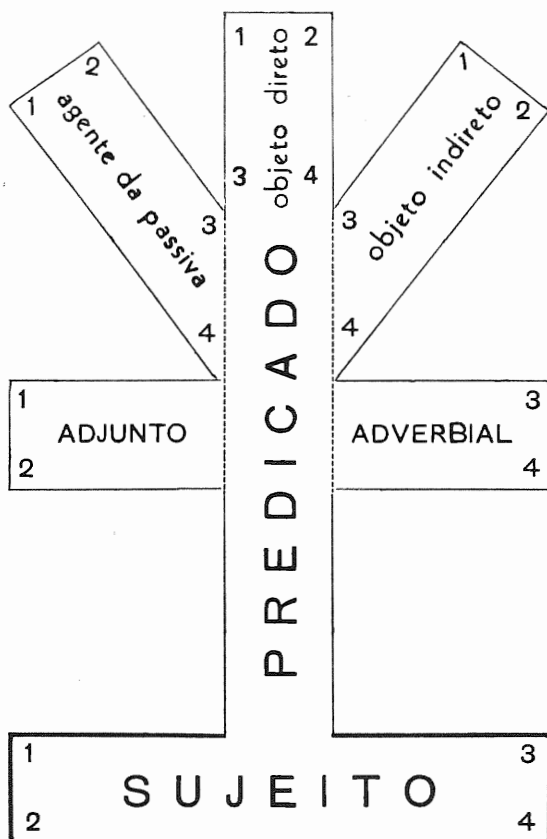


única situação em que há dois princípios ou dois pontos de partida, um do sujeito e outro do objeto direto, porque psicologicamente Colombo também representa um sujeito:

Encontrei Colombo e Colombo estava pobre.

3.5.3 — Representamos os termos primários como os escrevemos, isto é, linearmente, uns após os outros: sujeito, objeto, agente da passiva e adjunto adverbial, horizontalmente enfileirados. Vamos também fazê-lo esquematicamente, no gráfico da página seguinte, para azarmos o ensejo de apresentar o sujeito em baixo, como base e suporte, como aquilo de que se fala, segundo a própria etimologia do vocábulo: *subjectum* ‘o subjacente’, aquele que *subjaz*, como fundamento, como alicerce, como sustentáculo da estrutura sintática — ou o tema de que se trata. *Subjectum* ‘sujeito’ é um decalque do grego *hypokéimenon* (*hypo* ‘sub’, *kéimenon* ‘jacente’) — o que está debaixo, como base, como assunto, como sujeito. A numeração, distribuída em cada termo primário, indica os termos secundários.

Termos Primários e Secundários



1. Complemento nominal;
2. Adjunto adnominal;
3. Aposto;
4. Vocativo (relativo).

A linha pontilhada indica que o termo primário é preposicionado. Cada termo primário pode ser modificado por um termo secundário, indicado pela numeração, e até pelos quatro ao mesmo tempo.



TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

4.1 — O BINÔMIO SUJEITO-PREDICADO

4.1.1 — Os termos essenciais da oração são o sujeito e predicado; se faltar este ou aquele, não pode haver oração no sentido lingüístico da palavra. Saímos então do plano gramatical para ingressar no terreno da lógica ou da psicologia.

As orações como *contam muita história*, com o verbo na terceira pessoa do plural e significação indefinida, bem como *falou-se muito do caso*, com verbo não-transitivo direto, têm sujeito indeterminado, mas têm um sujeito que se possa identificar.*

Estas orações comportam as perguntas *quem?* ou *o quê?*, e portanto reagem lingüisticamente sob o aspecto do sujeito:

Quem conta muita história?

Quem falou muito do caso?

cujas respostas podem ser *alguém*, *o povo*, *a gente*, *nós* ou coisa semelhante.

A *significação indefinida* se demonstra estruturalmente com o ser impossível expandir o verbo mediante *ele-ela-eles-elas*. A construção impessoal *contam muita história* não admite a expansão *eles* ou *elas*, pois *eles contam muita história* pressupõe a determinação do sujeito. O veto à expansão *ele-ela-eles-elas* estende-se a qualquer construção impessoal, com sujeito indeterminado ou inexistente. Em *faz sete anos*, o sujeito será inexistente, se o verbo não comportar a expansão; se a comportar (*ele faz sete anos*), a oração há de ser pessoal, e o sujeito será um menino que esteja aniversariando.

* A distinção entre *sujeito indeterminado* e *sujeito inexistente* é inútil e prejudicial. Em verdade, o que temos é sujeito inexistente, correspondente à oração impessoal. Se mantemos ainda a distinção, é por influência da nomenclatura oficial.

As construções como *anoiteceu*, *chovia*, *trovejava*, que denotam fenômenos atmosféricos e outras como *há um engano*, *faz pouco tempo*, *já era tarde*, não são orações em sentido estrito, por faltar-lhes um termo essencial — por faltar-lhes o sujeito — só em sentido lato é que podem considerar-se como tais.

Estas orações, ao contrário das citadas antes, rejeitam as perguntas *quem?* ou *o quê?*, formuladas antes ao verbo, evidenciando por aí que lingüisticamente o sujeito é inexistente.

As orações sem sujeito não se restringem aos fenômenos atmosféricos ou a verbos como *fazer*, *haver*, *ser* e alguns outros, impessoalmente empregados. Em

- a) *Silêncio, meninos!*
- b) *Fogo!*
- c) *Mãos ao ar!*
- d) *Avante, sem temor!*
- e) *Depois de mim, o dilúvio;*
- f) *Mais uma vez, adeus;*

o predicado é *silêncio, meninos; fogo!; mãos ao ar!; avante, sem temer!; depois de mim, o dilúvio; ainda uma vez, adeus.*

O sujeito gramatical não existe; o que há é um sujeito psicológico, que não interessa em análise sintática, representado pelas circunstâncias presentes, isto é, pelas circunstâncias em que tais orações se pronunciaram. A oração

Fogo!

pronunciada pelo chefe aos soldados, que apontam a carabina ao prisioneiro de mãos amarradas e olhos vendados, apresenta circunstâncias muito diversas desta outra:

Fogo!

pronunciada por um expectador durante a projeção duma película cinematográfica.

No primeiro caso, as circunstâncias traduzidas iriam dar o seguinte: *soldados, façam fogo!* No segundo, a tradução seria diferente: *peçoal, a casa está pegando fogo!*

É o que admiravelmente nos explica Albert SECHEHAYE no *Essai sur la Structure Logique de la Phrase* (79).

É inegável que tais orações pertencem à linguagem pré-gramatical, se bem que a menor título do que *anoiteceu* ou *faz calor*, e não constituem linguagem propriamente organizada, conforme observa o sobredito SECHEHAYE. Psicologicamente por certo, lingüisticamente não são orações, pelo menos em sentido estrito.

Que formam sentido completo não há qualquer dúvida, e sob este aspecto é que se dizem orações: fogem contudo à estrutura sintática, e por isto enquadram-se na fase pré-gramatical, irracional ou assintática.

4.1.2 — O predicado pode ser verbal, nominal ou verbo-nominal. Verbal é o predicado cujo núcleo é constituído por um verbo nocional* (não de ligação):

A mocidade passa com muita rapidez,

em que o predicado verbal é *passa com muita rapidez* e tem o verbo *passar* como núcleo.

Nominal é o predicado não constituído por um verbo nocional, mas que se une geralmente ao sujeito mediante um verbo relacional:

- a) *O amor é o princípio, o meio e o fim de tudo;*
- b) *O beijo roubado é sempre o mais doce;*
- c) *O enfermo está muito mal;*

em que o predicado é respectivamente três substantivos, um adjetivo e um advérbio. Em

A vida um sonho, a morte a realidade,

falta o verbo relacional.

O predicado verbo-nominal é a combinação do predicado verbal e do predicado nominal, mas este não se une ao sujeito, nem ao objeto direto mediante um verbo de ligação:

- a) *O trem chegou atrasado;*
- b) *Considero o casamento renúncia mútua.*

em que os predicados verbais *chegou* e *considero o casamento* se combinam com os predicados nominais *atrasado* e *renúncia mútua*.

4.1.3 — O predicado verbo-nominal é construção sintética em que se enlaçam estreitamente dois predicados — um verbal e outro nominal. Com efeito

Eu apelidei o colega de sabichão

é transformável no predicado verbal *eu chamei o colega* e no predicado nominal *o colega é um sabichão* (cf. 3.4.2.4).

* Nocional é um termo geral que abrange *intransitivos* e *transitivos*, e se opõe a verbo de ligação; *relacional* equivale a *de ligação*.

4.2 — O SUJEITO

4.2.1 — Sob o aspecto semântico

Sujeito é o termo sobre o qual se afirma alguma coisa.
Como explica JESPERSEN, em *The Philosophy of Grammar* (45), em

João prometeu a Maria um relógio de ouro,

o homem da rua dirá que há três cousas sobre as quais algo se afirma, e que todas, isto é, *João, Maria e relógio* podem perfeitamente ser sujeitos. Acrescente-se que sobre o relógio duas cousas estão sendo afirmadas: a) relógio foi prometido; b) o relógio é de ouro.

A definição de Mattoso CÂMARA(17), “É o ponto de partida da enunciação lingüística constituída pela oração”, é inegavelmente segura, porém um tanto complexa e também antididática. Corresponde à que apresentamos em *Termos Subordinados e Termos Subordinantes: é o princípio e o fim de todas as relações sintáticas*, o só termo da oração que não é *sujeito*, isto é, que não está *subordinado* a outro termo.

Para Lázaro CARRETER(19), sujeito é o termo da oração que funciona como ator ou como suporte do predicado:

Como ator: *A vida passa*

em que *a vida* figura como ator central de pequeno drama;

Como suporte: *A vida é passageira*

em que *a vida* é o suporte, o recipiente do atributo *passageira*.

Não parece fácil convencer que na frase *um pequeno arranhão arrebatou a existência do presidente*, o ator seja *um pequeno arranhão*,

a segundo plano relegado *o presidente*. Não resta dúvida que as definições sobreditas são muito abstratas para traduzir o sentimento lingüístico do sujeito — sentimento que se possui com relativa plenitude, sujeito que se maneja com grande habilidade! Entre as pessoas escolarizadas, a discordância não é regra, é geralmente a exceção.

4.2.1.1 — Alguns autores ensinam que o sujeito é o agente — aquele que pratica a ação expressa pelo verbo. Na voz ativa, é fácil demonstrar isto nalguns casos como *verbi gratia*

^{sujeito}
João Batista batizou o Messias,

porquanto não há dúvida que aí o sujeito é o agente do processo verbal. Mas em

^{sujeito}
O enteado apanhava muito da madrastra,

está sobremodo evidente que o enteado não está praticando nada, mas talvez esperneando e gritando desesperado.

Em

^{sujeito}
Pedro está vendo Paulo

o sujeito não está exercendo ação alguma, mas antes sofrendo em sua estrutura ocular. Os olhos captam passivamente os raios luminosos, que se concentram na retina de Pedro. Ver, pois, é sofrer: passividade portanto, e não atividade.

Em

^{sujeito}
Meu filho ama tua sobrinha

não é fácil diagnosticar quem o agente e quem o paciente do conteúdo verbal — se *meu filho*, se *tua sobrinha*, ou se um e outro simultaneamente. Em matéria de amor, há geralmente muitas cambiâncias, muitos altos e baixos, com muita alegria pelo meio e às vezes com tristeza muita.

Por outro lado, ensinam alguns autores que o sujeito é o paciente quando o verbo se acha na voz passiva, o que nem sempre é verdade.

Em

^{sujeito}
Pedro está sendo visto por Paulo

e

^{sujeito}
Tua sobrinha é amada por meu filho,

se cai na mesma situação discutida na voz ativa. Pedro está emitindo e não recebendo raios luminosos; *tua sobrinha* pode conforme o caso, figurar como agente ou paciente do sentimento verbal.

Montam a cinco as definições ou provas sintáticas que servem para identificar o sujeito:

- a) prova do vínculo;*
- b) prova da substituição;
- c) prova da pergunta;
- d) prova da posição;
- e) prova da apassivação.

4.2.2.1 — *Prova do vínculo.* É o termo da oração que se liga ao predicado por um vínculo formal, explícito na famosa regrinha: *o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.* É óbvio que o predicado, e nunca o sujeito, é que toma a iniciativa de concordar, pois este é sempre subordinante, aquele sempre subordinado.

A subordinação formal do predicado ao sujeito evidencia-se praticamente do seguinte modo:

Passar o verbo do singular para o plural, ou do plural para o singular; o termo da oração que se alterar denuncia-se como o sujeito:

O menino maltratou o colega,

em que a forma alterada *maltrataram* arrasta o sujeito ao plural, deixando inalterado o objeto direto — *os meninos maltrataram o colega.* Outro exemplo, com verbo no plural:

Os alunos admiram o professor,

em que, se o plural *admiram* passar para o singular, vai alterar o plural *os alunos*, que será posto no singular: *o aluno admira o professor.* O objeto direto porém não se altera, não sofre nada.

Com base no vínculo formal que une o binômio sujeito-predicado, pode firmar-se o seguinte princípio: quando o verbo estiver na 1.^a ou 2.^a pessoa, do singular ou do plural, o sujeito será *eu* ou *tu*, *nós* ou *vós*, expresso ou implícito:

- a) *Eu penso, logo existo;*
- b) *Tu vieste, viste e correste;*
- c) *Nós somos o alicerce do amanhã, somos o arrebol da posteridade;*
- d) *Sede sempre o que vós pareceis.*

* *Prova do vínculo* é a mesma coisa que *prova da concordância.* O sujeito e o verbo estão matrimonialmente unidos pelos vínculos da concordância: são casados numericamente e pessoalmente, em lugar de civil e religiosamente como na sociedade dos homens.

Há somente um caso em que, estando o verbo na 1.^a ou 2.^a pessoa, do singular ou do plural, não é sujeito *eu* nem *tu*, *nós* nem *vós*: é quando o substitui o relativo *que*, e desempenha como tal a função do sujeito:*

- a) Eu, *que* sabia tudo, me calei;
- b) Tu, *que* nada sabias, falavas tanto;
- c) Nós, *que* somos honestos, pagamos tudo;
- d) Vós, *que* sois abastados, perdestes pouco;

com sujeito *que*, substituindo o pronome pessoal que o antecede: o verbo está nas pessoas previstas pela regra geral, contudo o sujeito não é nem *eu* nem *tu*, nem *nós* nem *vós*, nem redundante ou implícito. Se o sujeito fosse o pronome pessoal, o *que* ficaria sem função.

4.2.2.1.1 — Para aplicar a prova do vínculo, deve partir-se do verbo, por ser mais simples encontrá-lo. Do sujeito é que não poderia ser, pois suporia que já descobrimos aquilo que nos propusemos identificar. Isto não impede que façamos a experiência em cada substantivo ou pronome, não-preposicionados, para examinar a reação mórfica do verbo. Em

O lobo matou o tigre na floresta

se passarmos *a floresta* para o plural (o lobo matou o tigre *nas florestas*), o verbo não sofre alteração de forma, e a construção permanece gramaticalmente correta. Se pluralizarmos *o tigre*, nada tampouco de anormal se manifesta (o lobo matou *os tigres* na floresta). Se porém modificarmos *o lobo*, imediatamente a estrutura gramatical se desconcerta (*os lobos* matou o tigre na floresta), e o verbo solta o seu grito ciumento de protesto. É que tocamos o ponto neurálgico da questão — encontramos o sujeito de *matar*!

4.2.2.2 — *Prova da substituição*, que se aplica somente à 3.^a pessoa, o que basta, pois a 1.^a e a 2.^a pessoas, como se demonstrou, não apresentam problema: o termo não-preposicionado substituível por *ele* ou *ela*, *eles* ou *elas*, é o sujeito da oração:

- a) *O negociista* enganou o viajante = *ele* enganou o viajante;
- b) Passou-se *um longo mês* = *ele* se passou;
- c) *A cidade* ofereceu a coroa imperial a César = *ela* ofereceu a coroa imperial a César;

* Percebe-se facilmente que o sujeito não é pronome pessoal pela circunstância de não se poder exibi-lo. Fosse *eu* ou *tu*, *nós* ou *vós* o sujeito, seria possível fazê-lo aparecer: *estremeço ao narrar* = *eu estremeço ao narrar*; *com este sinal vencerás* = *com este sinal tu vencerás*. Conclui-se que o sujeito é o relativo sempre que não se puder repor o pronome pessoal. *Eu, que eu sabia tudo, me calei* é inadmissível; *que*, portanto, é o sujeito.

- d) Caiu *a ponte* = *ela* caiu;
- e) *Os alunos* enfrentaram a polícia = *eles* enfrentaram a polícia;
- f) *Morreram muitos cearenses ilustres* = *eles* morreram;
- g) *As flores* enfeitam a vida e a morte = *elas* enfeitam a vida e a morte;
- h) *Foram-se as esperanças* = *elas* se foram.

Esta prova não funciona quando o sujeito é constituído por algo do gênero neutro, isto é, algo nem masculino nem feminino, porque nossa linguagem não possui o pronome-sujeito correspondente; em face desta lacuna, usa-se o pronome neutro *isto*, sempre anteposto ao verbo:

- É fácil *nadar?* = *isto* é fácil;
- É impossível *que você não concorde* = *isto* é impossível;
- Convém *que desistas* = *isto* convém;
- Sabe-se *que você voltou* = *isto* se sabe;
- É sabido *que não tens educação* = *isto* é sabido;
- Não se avisou *quando eu voltava* = *isto* não se avisou;
- É incerto *se voltarei* = *isto* é incerto.

A substituição por *isto* não tem o valor da substituição por *ele, ela, eles, elas*, pois o demonstrativo tem maior latitude sintática do que os pronomes pessoais em apreço: aquele por exemplo pode ser sujeito e objeto direto, estes apenas sujeitos; entretanto, é meio caminho andado, pelo menos *isto*; e todo o caminho, se o analista estiver prevenido para não tomar o objeto direto por sujeito.

Se quisermos aplicar a prova da substituição a termo não-substituível por *ele-ela-eles-elas*, podemos apelar para a dupla substituição. Em

Tudo passa sobre a terra

substitua-se *tudo* por substantivo masculino ou feminino:

A vida passa sobre a terra;

feito isto, será fácil a substituição de *a vida* pelo pronome pessoal: *ela* passa sobre a terra. Não é necessário manter a mesma significação, substituindo, por exemplo, *tudo* por *todas as cousas*: *todas as cousas* passam sobre a terra — *elas* passam sobre a terra. Pode aplicar-se um substantivo qualquer: *o maxixe* passa sobre a terra — *ele* passa sobre a terra; e até mesmo um vocábulo inventado na ocasião:

O voioca passa sobre a terra,

donde *ele passa sobre a terra*. Não importa saber o que significa *voioça*, nem que tenha um significado. Só importa que seja um substantivo, do que não há qualquer dúvida possível, pois temos a presença do artigo definido — *o voioça*.

4.2.2.3 — *Prova da pergunta*. Para encontrar o sujeito, faz-se a pergunta *quem?* ou *o quê?* ao verbo, antes e não depois:

O guarda rebocou o automóvel;

— *Quem rebocou o automóvel?*

— *O guarda;*

então *o guarda* é sujeito.

O excesso de velocidade provocou o desastre;

— *O que provocou o desastre?*

— *O excesso de velocidade;*

então *o excesso de velocidade* é o sujeito.

A oração que não comportar esta ou aquela pergunta, como *choveu, faz calor e são três horas*, impropriamente se denomina oração, e gramaticalmente não tem sujeito.

Cumprе observar que no dialeto coloquial o pronome interrogativo *quem* se usa comumente em lugar do seu colega *o quê*.

Caiu a ponte.

— *Quem caiu?*

— *A ponte.*

Nada impede, pelo contrário até se recomenda, que o exemplo citado seja colhido na linguagem cotidiana, dentro ou não do sistema imposto, isto é, pouco importa que o exemplo seja ou não gramaticalmente correto. É dentro desta orientação que preferimos a pergunta *o quê?*, mal vista por alguns, à pergunta *quê?*, aplaudida por muitos, mas ante a qual não reage o discente, porque pertence ao dialeto literário. Compete ao mestre explicar: popularmente se usa *o quê?*, literariamente *quê?*, aproveitando habilmente a ocasião.

4.2.2.3.1 — A prova da pergunta é o só artifício da gramática tradicional que tem certo valor didático, e o que há sido amplamente aplicado na identificação do sujeito. Há porém certas observações que se devem fazer, para que funcione a contento do estudante.

I — Quando mandamos usar a prova da pergunta em construção como

O homem conquistou a lua,

o aluno faz a pergunta do seguinte modo:

Quem conquistou a lua?

omitindo exatamente o termo que funciona como sujeito, e por conseguinte demonstrando que já o conhecia. Neste caso seria inútil fazer a pergunta, porque na realidade já previamente se sabia o resultado. Deve fazer-se a pergunta exclusivamente ao verbo para obter *o homem* como sujeito (quem conquistou?).

II — Para fazer a pergunta ao verbo, recorre-se aos pronomes interrogativos *quem* ou *o quê*. No exemplo

Saussure é o pai da lingüística européia,

faz-se a pergunta *quem é o pai da lingüística européia?*, para descobrir o sujeito; mas a escolha de *quem*, e não de *o quê*, já indica saber-se que o sujeito *é pessoa*, e não *cousa*. Como na construção a única pessoa é Saussure, de certo modo já se sabia quem era o sujeito.

Deve-se, no entanto, aplicar a prova da pergunta, e só empregar o pronome *o quê*, se não for possível servir-se de *quem*. É que, tanto na linguagem coloquial como na linguagem literária, se encontra o pronome *quem* usado com relação a *cousa* (*Quem fechou a porta? Foi o vento*). Só se deve utilizar *o quê*, se for inaplicável *quem*, como em

Aconteceu muita coisa imprevista,

onde não caberia *quem* *aconteceu?*

III — Quando o sujeito é um pronome interrogativo, como *quem*, por exemplo, não tem valor a prova da pergunta, visto que se pergunta e não se consegue a resposta:

Quem descobriu a doença de Chagas?

Nós sabemos que foi o próprio Chagas; mas o sujeito é *quem*, e não *Chagas*, embora seja efetivamente a resposta.

4.2.2.4 — *Prova da posição*. Normalmente o sujeito é o termo sem preposição que se antepõe ao verbo:

- a) *O soldado* procurava o criminoso;
- b) *Silvério* atraiçou Tiradentes;
- c) *Judas* traiu Jesus Cristo;

em que a posição, e nada mais, é que determina a função de sujeito. Há vários casos, explicáveis e previsíveis, em que se pode violar a posição, expostos em 3.2. — *Os Processos Sintáticos*.

É óbvio que a posição é um morfema relacional, paralelo ao caso — morfema casual.

4.2.2.5 — *Prova da apassivação*, que só atinge as orações em que há objeto direto: o sujeito é o agente da passiva disfarçado:

a) *Fleming descobriu a penicilina*,

em que o sujeito *Fleming* pode converter-se no agente da passiva:

A penicilina foi descoberta *por Fleming*;

b) *Camões escreveu a quinta epopéia do mundo* = A quinta epopéia do mundo foi escrita *por Camões*;

c) *São Pedro sacou a espada contra os soldados* = A espada foi sacada *por São Pedro* contra os soldados.

4.2.2.6 — Nem uma destas provas tem valor absoluto: é preciso, em certas ocorrências, que o analista utilize habilmente as cinco, para estar seguro do que faz e livrar-se de possíveis enganos. Em por exemplo:

Cristo morreu morte gloriosa na cruz,

a substituição

Morte gloriosa foi morrida por Cristo na cruz,

é muito extravagante como argumento conveniente.

Fazer e haver, impessoais, *ter, querer, poder* rejeitam a voz passiva participial. Em

a) *Faz* sete meses;

b) *Há* cem anos;

c) O homem *tem* a marca de Deus;

d) Todos *querem* a paz;

e) Deus *pode* tudo;

não seriam possíveis as transformações: (a) sete meses *são feitos*; (b) cem anos *são havidos*; (c) a marca de Deus *é tida* pelo homem; (d) a paz *é querida* por todos; (e) tudo *é podido* por Deus.

O inglês *I married you* não pode converter-se em *you were married by me*, a menos que eu deixe de ser o noivo para ser o padre. . .

O aspecto formal inclui a classe de palavra ou o tipo de oração que pode exercer a função de sujeito: *substantivo, palavra substantivada, pronome, infinitivo, oração reduzida infinitiva, oração subordinada substantiva*, dita *subjéctiva*.

Quando falamos em *oração reduzida* entenda-se *oração subordinada reduzida*; quando falamos em *oração subordinada* entenda-se *oração subordinada desenvolvida*, isto é, cujo verbo não se acha nem no infinitivo, nem no gerúndio, nem no particípio.

4.2.3.1 — Substantivo:

- a) A *palavra* governa o mundo;
- b) A *morte* rouba o rico e alivia o pobre;
- c) Só o *amor* constrói para a eternidade.

4.2.3.2 — Palavra substantivada:

- a) O *amanhã* traz sempre novidade;
- b) O *impossível* pode acontecer;
- c) O *sim* rareia, o *não* amiúda-se cada vez mais.

4.2.3.3 — Pronome:

- a) *Tudo* passa sobre a terra;
- b) *Poucos* escapam à tentação da glória;
- c) Meu livro agrada, *o* de Lúcia enjoa;
- d) Não existe *o* que procuro.

Atente-se que *o*, seguido por *de* ou *que*, se torna pronome demonstrativo, e como tal pode ser sujeito.

4.2.3.4 — Infinitivo, que se pode substituir por *isto* ou por *ele-ela*.

Substituição por *isto*:

- a) *Amar* é sofrer = *isto* é sofrer: *amar*;
- b) *Não amar* é sofrer mais = *isto* é sofrer mais: *não amar*;
- c) Não me compete *decidir* = *isto* não me compete *decidir*;
- d) Incumbe ao chefe *protestar* = *isto* incumbe ao chefe: *protestar*;
- e) Cabe ao dono *renunciar* = *isto* cabe ao dono: *renunciar*;
- f) Não me convém *desistir* = *isto* não me convém: *desistir*;
- g) Cumpre-me *perseverar* = *isto* me cumpre: *perseverar*.

Substituição por *ele, ela, eles, elas*:

- a) *Amar é sofrer* = *o amor é sofrimento* = *ele* é sofrimento;
- b) *Não amar é sofrer mais* = *a falta de amor é maior sofrimento*: *ela* é maior sofrimento;
- c) *Não me compete decidir* = *a decisão não me compete*: *ela* não me compete;
- d) *Incumbe ao chefe protestar* = *o protesto incumbe ao chefe*: *ele* incumbe ao chefe;
- e) *Cabe ao dono renunciar* = *a renúncia cabe ao dono*: *ela* cabe ao dono;
- f) *Não me convém desistir* = *a desistência não me convém*: *ela* não me convém;
- g) *Cumpre-me perseverar* = *cumpre-me a perseverança*: *ela* me cumpre.

O verbo *cumprir* não aceita normalmente um substantivo como sujeito: neste caso deve-se procurar-lhe um sinônimo cuja sintaxe seja idêntica:

Convém-me *perseverar* = convém-me *a perseverança* = *ela* me convém. Não há maneira mais prática de sentir-lhe a construção; o equivalente sintático é a única saída. Como se deve ter observado, a substituição por *isto* há de preceder-se da substituição por substantivo.

4.2.3.5 — Oração reduzida infinitiva, dita subjetiva:

Substituição por *isto*:

- a) *Amar os humildes com tanta renúncia é coisa muito rara* = = *isto* é coisa muito rara: *amar os humildes com tanta renúncia*;
- b) *Não amar o próximo é negar a Deus* = *isto* é negar a Deus: *não amar o próximo*;
- c) *Não me compete decidir o caso* = *isto* não me compete: *decidir o caso*;
- d) *Incumbe ao chefe protestar energicamente* = *isto* incumbe ao chefe: *protestar energicamente*;
- e) *Cabe ao dono renunciar o direito* = *isto* cabe ao dono: *renunciar o direito*;
- f) *Não me convém desistir da empresa* = *isto* não me convém: *desistir da empresa*;
- g) *Cumpre-me perseverar na luta* = *isto* me cumpre: *perseverar na luta*.

Substituição por *ele, ela, eles, elas*:

- a) *Amar os humildes com tanta renúncia é coisa muito rara* = *o amor aos humildes com tanta renúncia é coisa muito rara* = *ele* é coisa muito rara;
- b) *Não amar o próximo é negar a Deus* = *o não-amor ao próximo é a negação a Deus* = *ele* é a negação a Deus;
- c) *Não me compete decidir o caso* = *não me compete a decisão do caso* = *ela* não me compete;
- d) *Incumbe ao chefe protestar energicamente* = *um protesto enérgico incumbe ao chefe* = *ele* incumbe ao chefe;
- e) *Cabe ao dono renunciar o direito* = *a renúncia do direito cabe ao dono* = *ela* cabe ao dono;
- f) *Não me convém desistir da empresa* = *a desistência da empresa não me convém* = *ela* não me convém;
- g) *Cumprir-me perseverar na luta* = *a perseverança na luta me cumpre* (me convém) = *ela* me cumpre (me convém).

GARRETT usa *cumprir* com substantivo como sujeito: “Eu voto a guerra. E guerra só nos cumpre”: *nos convém* (CATÃO).

4.2.3.6 — Oração subordinada substantiva, dita subjetiva, com:*
Estrutura “1” —

- a) sujeito oracional da voz ativa, encabeçado pelas integrantes *que* ou *se*;
- b) sujeito oracional da voz ativa, encabeçado por um membro do grupo *qu*;

Estrutura “2” —

- c) sujeito oracional da voz passiva participial, encabeçado pelas integrantes *que* ou *se*;
- d) sujeito oracional da voz passiva participial, encabeçado por um elemento do grupo *qu*;

Estrutura “3” —

- e) sujeito oracional da voz passiva pronominal, encabeçado pelas integrantes *que* ou *se*;
- f) sujeito oracional da voz passiva pronominal, encabeçado por um membro do grupo *qu*;

* Um traço importante da subordinada substantiva subjetiva é que o verbo da oração subordinante deve estar necessariamente na 3.^a pessoa do singular. Em:

Não peço que você concorde

a subordinada jamais seria subjetiva, pois o verbo da subordinante (*peço*) está na 1.^a pessoa do singular.

Estrutura “4” —

- g) sujeito oracional do predicado nominal, encabeçado pelas integrantes *que* ou *se*;
- h) sujeito oracional do predicado nominal, encabeçado por um membro do grupo *qu*;

Estrutura “5” —

- i) sujeito oracional do predicado nominal ou verbal, encabeçado por um relativo indefinido, geralmente *quem*.

A integrante *que* pertence formalmente ao grupo *qu*; mas o esvaziamento que sofreu obriga sintaticamente a separá-la e colocá-la junto do *se*. Um elemento do grupo *qu* será um advérbio ou pronome interrogativo na estrutura da oração substantiva interrogativa, um relativo indefinido nas outras orações substantivas.

A voz ativa, de que se fala na estrutura “1”, inclui como principais os seguintes verbos: *acontecer, admirar, agradar, aprazer, bastar, constar, convir, cumprir, espantar, importar, interessar, ocorrer, parecer, suceder, urgir, esquecer, lembrar, crescer, soar, demorar, tardar, servir* (que serve que. .?), *ser* (pode ser que. . .), *faltar, adergar, resultar, surpreender* e coloquialmente *precisar, adiantar*.*

4.2.3.6.1 — Estrutura “1”:

Sujeito oracional da voz ativa, encabeçado pelas integrantes *que* ou *se*:

I — Encabeçado pela integrante *que*:

- a) *Aconteceu que fugiste* = *aconteceu a tua fuga : ela aconteceu*;
- b) *Admira que hajas fugido* = *admira a tua fuga : ela admira*;
- c) *Não me agrada que hajas fugido* = *não me agrada a tua fuga : ela não me agrada*;
- d) *Não me apraz que hajas fugido* = *não me apraz a tua fuga : ela não me apraz*;
- e) *Basta que fujas* = *basta a tua fuga : ela basta*;
- f) *Consta que fugiste* = *consta a tua fuga : ela consta*;
- g) *Não convém que fujas* = *não convém a tua fuga : ela não convém*;

* Acrescentem-se certos verbos seguidos por seu objeto direto: *não causa espanto que sejas tão cruel*.

- h) *Cumprir que fujas* = cumpre (convém) a tua fuga : ela cumpre (convém);
- i) *Espanta-nos que hajas fugido* = espanta-nos a tua fuga : ela nos espanta;
- j) *Não importa que fujas* = não importa a tua fuga : ela não importa;
- k) *Ocorreu que fugiste* = ocorreu a tua fuga : ela ocorreu;
- l) *Não me interessa que fujas* = não me interessa a tua fuga : ela não me interessa;
- m) *Sucedeu que fugiste* = sucedeu a tua fuga : ela sucedeu;
- n) *Urge que fujas* = urge a tua fuga : ela urge;
- o) *Esqueceu-me que fugiste* = esqueceu-me a tua fuga : ela esqueceu-me (escapou-me da memória);
- p) *Lembra-me que fugiste* = lembra-me a tua fuga : ela me lembra (ocorre à memória).

Acontecer e *suced* não aceitam normalmente qualquer substantivo ou pronome como sujeito, somente alguns. Diz-se *muita coisa aconteceu* e *nada sucedeu*, não porém *meu noivado aconteceu* ou *ele sucedeu durante as férias*. Ambos exigem algo indefinido como por exemplo *muita coisa* ou *tudo*, entavando com isto a substituição do sujeito oracional por um substantivo. Talvez seja preferível substituí-los por *ocorrer*, seu equivalente sintático: *aconteceu que fugiste* = *ocorreu que fugiste*, donde *ocorreu a tua fuga* = *ela ocorreu*. São pouquíssimos os verbos que nos criam problema desta natureza...

Cumprir se acha na mesma situação que *acontecer* e *suced*.

Parecer é impessoal, quando se lhe segue subordinada substantiva. Em

Parece que o preso fugiu

a subordinada é predicativa subjetiva, e o sujeito de *parece* é inexistente. Tanto é verdade que, se analisarmos *que o preso fugiu* como sujeito, a principal fica sem predicado. Acresce que a subordinada está ocupando o lugar do pronome *o*, que não pode substituir o sujeito, mas pode substituir o predicativo:

- a) Os corpos vieram; mas as almas... Eu sei?... Ficaram-lhes lá. Ao menos parece-o;

isto é, *ao menos parece que lhes ficaram lá*;

- b) Dado que muito houvesse que era falecida sua mãe, na casa de seu pai não *no* parecia;

isto é, *não parecia que era falecida*.

A substituição por *o* prova também que *parecer* não é intransitivo, porque neste caso o pronome não teria o que substituir.

O exemplo (a) é de HERCULANO — *O Monge de Cister*, 2.º vol., p. 43; o (b) de Bernardim RIBEIRO — *Obras Completas*, p. 5.

Os sujeitos oracionais sobreditos podem ser substituídos por *isto*, à semelhança do que se fez com as reduzidas infinitivas. *Aconteceu isto*: que fugiste; *admira isto*: que hajas fugido; *não me agrada isto*: que hajas fugido; e assim por diante.

A substituição por *isto*, anteposto ao verbo, aplica-se a todos os sujeitos oracionais, excetuando-se apenas aqueles encabeçados pelo relativo indefinido *quem*, de que mais adiante nos ocuparemos.

A substituição por *isto* é da mais alta importância descritiva, porque toda oração substantiva é substituível por *isto*; ou por *este*,* no caso das subordinadas introduzidas por relativo indefinido como em

- a) *Quem madruga* Deus ajuda: Deus ajuda *este*;
- b) *Quantos quiseram* ficaram: *estes* ficaram;

a única estrutura de subordinada substantiva em que a substituição é por *este*, e não por *isto*.

II — Encabeçado pela integrante *se*:

- a) *Esqueceu-me se fugiste* = esqueceu-me *a tua fuga* = *ela* esqueceu-me: esqueceu-me se fugiste ou não;
- b) *Não consta se fugiste* = não consta *a tua fuga* = *ela* não consta: não consta se fugiste ou não;
- c) *Não me lembra se fugiste* = não me lembra *a tua fuga* = = *ela* não me lembra: não me lembra se fugiste ou não.

Não é possível apresentar exemplos com os outros verbos ativos. É verdade que *admirar*, *agradar*, *aprazer*, *espantar*, *importar* comportam sujeito oracional iniciado por *se*; mas a conjunção não é dubitativa, senão apenas a variante da integrante *que*; a prova é que não pode acrescentar-se *ou não* sem alterar o sentido (THOMAS e ÉRNOUT, 25, p. 328).

- a) Não admira *se* fugires = não admira *que* fujas;
- b) Não me agrada *se* fugires = não me agrada *que* fujas;
- c) Não me apraz *se* fugires = não me apraz *que* fujas;
- d) Não me espanta *se* fugires = não me espanta *que* fujas;
- e) Não me importa *se* fugires = não me importa *que* fujas.

* Entenda-se *este* com as suas flexões: *este* — *esta* — *estes* — *ésta*s.

Tanto faz *não consta se fugiste* como *não consta se fugiste ou não*, sob o aspecto significativo; entretanto, *não me agrada se fugires* e *não me se fugires ou não* são cousas diferentes, parecendo até um tanto absurda a segunda oração.

III — Encabeçado por um membro do grupo *qu*:*

- a) *Não importa qual decisão possas tomar* = não importa a decisão que tomes = *ela* não importa: *isto* não importa;
- b) *Não importa quamanho seja o meu sofrer* = não importa o tamanho do meu sofrer = *ele* não importa: *isto* não importa;
- c) *Não consta quando partiste* = não consta o tempo de tua partida = *ele* não consta: *isto* não consta;
- d) *Não importa quanto eu sofra* = não importa o tamanho do meu sofrimento = *ele* não importa: *isto* não importa;
- e) *Não importa quão grande seja o meu sofrer* = não importa o tamanho do meu sofrimento = *ele* não importa: *isto* não importa;
- f) *Não importa quem sejas* = não importa a pessoa que sejas = *ela* não importa: *isto* não importa;
- g) *Não consta que aconteceu naquela tarde* = não consta a coisa que aconteceu naquela tarde = *ela* não consta: *isto* não consta;
- h) *Admira como você pôde escapar* = admira a maneira como você pôde escapar = *ela* admira; *isto* admira;
- i) *Não consta cujo filho és* (português arcaico) = não consta a pessoa de quem és filho = *ela* não consta: *isto* não consta;
- j) *Não importa onde moras* = não importa o lugar de tua morada = *ele* não importa: *isto* não importa.

O pronome *cujo* não pode, em português atual, encabeçar sujeito oracional: pode-o entretanto no latim, no inglês e no alemão, sob as formas *cujus*, *whose* e *wessen* respectivamente, bem como noutros idiomas.

Somente no dialeto literário se usa *que* como equivalente de *o que*:

Não importa que (o que) *aconteceu naquela tarde*.

* O *qu* das estruturas "1", "2", "3", "4" introduz subordinadas substantivas interrogativas: a substituição é *isto*, e não *este*.

4.2.3.6.2 — Estrutura “2”:

Sujeito oracional da voz passiva participial, encabeçado pelas integrantes *que* ou *se*:

I — Encabeçado pela integrante *que*:

- a) *Não foi descoberto que vocês se amavam* = não foi descoberto o amor de vocês = *ele* não foi descoberto: *isto* não foi descoberto;
- b) *Foi combinado que o mais antigo seria o chefe* = foi combinada a chefia do mais antigo = *ela* foi combinada: *isto* foi combinado;
- c) *Foi jurado que comparecias* = foi jurado o teu comparecimento = *ele* foi jurado: *isto* foi jurado.

II — Encabeçado pela integrante *se*:

- a) *Não foi provado se o réu estava presente* = não foi provada a presença do réu = *ela* não foi provada: não foi provado se o réu estava presente ou não;
- b) *Não foi resolvido se podias entrar* = não foi resolvida a tua entrada = *ela* não foi resolvida: não foi resolvido se podias entrar ou não;
- c) *Não foi dito se a entrada era proibida* = não foi dita a proibição da entrada = *ela* não foi dita: não foi dito se a entrada era proibida ou não.

A substituição por *isto* é sempre possível, não raro mais assimilável e mais convincente: *Não foi dito se a entrada era proibida* = *isto* não foi dito; não esquecer, porém, que o pronome deve antepor-se ao verbo, para não se correr o risco de tomá-lo por objeto direto: *isto não foi dito*, e não *não foi dito isto*.

O apêndice *ou não* tem por objetivo provar que a conjunção é integrante e a subordinada conseqüentemente interrogativa: *não foi provado se o réu era inocente* = não foi provado se o réu era inocente ou não. Acaso o réu era inocente? Não foi provado. É verdade que basta a substituição por *isto* para provar que o *se* é integrante: não foi dito *se a entrada era proibida*: *isto* não foi dito.

III — Encabeçado por um membro do grupo *qu*:

- a) *Não era imaginado quamanha fosse a tua fortuna* = não era imaginado o tamanho de tua fortuna = *ele* não era imaginado: *isto* não era imaginado;

- b) *Foi avisado quando voltarias* = foi avisado *o tempo* de tua volta = *ele* foi avisado: *isto* foi avisado;
- c) *Não é sabido qual rumo tomaste* = não é sabido *o rumo* que tomaste = *ele* não é sabido: *isto* não é sabido;
- d) *Foi logo esquecido quanto sofreste* = foi logo esquecido *o tamanho* do teu sofrimento = *ele* foi esquecido: *isto* foi esquecido;
- e) *Foi comentado quão amavelmente nos acolheste* = foi comentada *a tua acolhida* tão amável = *ela* foi comentada: *isto* foi comentado;
- f) *Foi previsto quem seria o vencedor* = foi prevista *a pessoa* que seria o vencedor = *ela* foi prevista: *isto* foi previsto;
- g) *Não foi contado que fizeste da verba* = não foi contada *a cousa* que fizeste da verba = *ela* não foi contada: *isto* não foi contado;
- h) *Vai ser investigado como venceste o concurso* = vai ser investigada *a maneira* como venceste o concurso = *ela* vai ser investigada: *isto* vai ser investigado;
- i) *Não foi declarado cujo filho és* (português arcaico) = não foi declarada *a pessoa* de quem és filho = *ela* não foi declarada: *isto* não foi declarado;
- j) *Foi denunciado onde estavas escondido* = foi denunciado *o lugar* do teu esconderijo = *ele* foi denunciado: *isto* foi denunciado.

Continuamos a incluir o pronome *cujo*, não só por amor à língua antiga, mas pela importância que representa no manejo de outros idiomas.

4.2.3.6.3 — Estrutura “3”:

Sujeito oracional da voz passiva pronominal, encabeçado pelas integrantes *que* ou *se*:

I — Encabeçado pela integrante *que*:

- a) *Não se descobriu que vocês se amavam* = não se descobriu *o amor* de vocês = *ele* não foi descoberto: *isto* não se descobriu;
- b) *Combinou-se que o mais antigo seria o chefe* = combinou-se *a chefia* do mais antigo = *ela* foi combinada: *isto* se combinou;
- c) *Jurou-se que comparecias* = jurou-se *o teu comparecimento* = *ele* foi jurado: *isto* se jurou;

II — Encabeçado pela integrante *se*:

- a) *Não se provou se o réu estava presente* = não se provou a presença do réu = *ela* não foi provada: não se provou se o réu estava presente ou não;
- b) *Não se resolveu se podias entrar* = não se resolveu a tua entrada = *ela* não foi resolvida: não se resolveu se podias entrar ou não;
- c) *Não se disse se a entrada era proibida* = não se disse a proibição da entrada = *ela* não foi dita: não se disse se a entrada era proibida ou não.

Como se pode ter observado, a exemplificação foi tomada à voz passiva participial, para demonstrar a correspondência de ambas, feita a substituição ora com esta, ora com aquela voz.

Usamos a denominação voz passiva pronominal em oposição à voz passiva participial. Não quer dizer que o *se* neste caso seja um pronome, que sem dúvida não é; mas que primitivamente o foi: portanto denominação de motivação histórica. Não incluímos a substituição por *isto* — deixamos ao leitor a iniciativa de fazê-lo.

III — Encabeçado por um membro do grupo *qu*:

- a) *Não se imaginava quamanha fosse a tua fortuna* = não se imaginava o tamanho da tua fortuna = *ela* não era imaginada: *isto* não se imaginava;
- b) *Avisou-se quando voltarias* = avisou-se o tempo de tua volta = *ele* foi avisado: *isto* se avisou;
- c) *Não se sabe qual rumo tomaste* = não se sabe o rumo que tomaste = *ele* não é sabido: *isto* não se sabe;
- d) *Esqueceu-se logo quanto sofreste* = esqueceu-se logo o tamanho do teu sofrimento = *ele* foi logo esquecido: *isto* logo se esqueceu;
- e) *Comentou-se quão amavelmente nos acolheste* = comentou-se a tua acolhida tão amável = *ela* foi comentada: *isto* se comentou;
- f) *Previu-se quem seria o vencedor* = previu-se a pessoa que seria o vencedor = *ela* foi prevista: *isto* se previu;
- g) *Não se contou que fizeste da verba* = não se contou a coisa que fizeste da verba = *ela* não foi contada: *isto* não se contou;
- h) *Vai-se investigar como venceste o concurso* = vai-se investigar a maneira como venceste o concurso = *ela* vai ser investigada: *isto* vai-se investigar;

- i) *Não se declarou cujo filho és* (português arcaico) = não se declarou a *pessoa* de quem és filho = *ela* não foi declarada: *isto* não se declarou;
- j) *Denunciou-se onde estavas escondido* = denunciou-se o *lugar* do teu esconderijo = *ele* foi denunciado: *isto* se denunciou.

4.2.3.6.4 — Estrutura “4”:

Sujeito oracional de predicado nominal, encabeçado pelas integrantes *que* ou *se*:

I — Encabeçado pela integrante *que*:

- a) *É um fato que somos transitórios* = é um fato a *nossa transitoriedade* = *ela* é um fato: *isto* é um fato;
- b) *Parece justo que você vença* = parece justa a *sua vitória* = = *ela* parece justa: *isto* parece justo;
- c) *Não está bem que te cales* = não está bem o *teu silêncio* = = *ele* não está bem: *isto* não está bem.

II — Encabeçado pela integrante *se*:

- a) *É incerto se vais partir* = é incerta a *tua partida* = *ela* é incerta: é incerto se vais partir ou não; *isto* é incerto;
- b) *É sempre dúvida se vai haver inverno* = é sempre dúvida o *aparecimento* do inverno = *ele* é sempre dúvida: é sempre dúvida se vai haver inverno ou não; é sempre dúvida *isto*;*
- c) *Não é certo se vais pernoitar* = não é certo o *teu pernoitamento* = *ele* não é certo: não é certo se vais pernoitar ou não; não é certo *isto*.

Nem sempre é fácil descobrir o substantivo que procuramos para efetuar a substituição, porque nem sempre a língua nos oferece o cognato correspondente: é o que se patenteia em por exemplo *não está bem que te cales*, *é sempre dúvida se vai haver inverno*. Neste caso apela-se para a sinonímia, com *silêncio* para *calar* e *aparecimento* para *haver*. O fundamental é sentir a estrutura sintática, pouco ou nada importando que a significação corresponda exatamente. É por este motivo que a substituição por *isto* é mais fácil, mais pronta e mais própria: é um como que substantivo geral que se presta para qualquer situação.

* *Isto é sempre dúvida* é que deve ser, usando-se a ordem direta. Usando-se a inversa, é preciso estar atento à inversão.

III — Encabeçado por um membro do grupo *qu*:

- a) *Qual iria vencer foi sempre um mistério* = *a pessoa* que iria vencer foi sempre um mistério = *ela* foi sempre um mistério: *isto* foi sempre um mistério;
- b) *Quamanha foi a tua dor não é segredo* = não é segredo *o tamanho* da tua dor = *ele* não é segredo: *isto* não é segredo;
- c) *É incalculável quanto você me deve* = é incalculável *a sua dívida* para comigo = *ela* é incalculável: *isto* é incalculável;
- d) *Não é certo quando voltarás* = não é certo *o tempo* de tua volta = *ele* não é certo: *isto* não é certo;
- e) *É notório quão soberba tu és* = é notório *o tamanho* de tua soberba = *ele* é notório: *isto* é notório;
- f) *Parece imprevisível quem será o presidente* = parece imprevisível *a pessoa* que será o presidente = *ela* parece imprevisível: *isto* parece imprevisível;
- g) *É imprevisível que vai acontecer amanhã* = é imprevisível *a cousa* que vai acontecer amanhã = *ela* é imprevisível: *isto* é imprevisível;*
- h) *É inexplicável como tu venceste* = é inexplicável *a maneira* de tua vitória = *ela* é inexplicável: *isto* é inexplicável;
- i) *É um mistério cujo filho és* (português arcaico) = é um mistério *a pessoa* de quem és filho = *ela* é um mistério: *isto* é um mistério;
- j) *É uma interrogação onde esconderam a bomba* = é uma interrogação *o lugar* onde esconderam a bomba = *ele* é uma interrogação: *isto* é uma interrogação.

4.2.3.6.5 — Estrutura “5”:

Além dos sujeitos oracionais acima especificados, consta um caso excepcional, encabeçado pelo relativo indefinido *quem** e marcado por três particularidades: I) o predicado pode ser qualquer verbo, e não apenas *acontecer*, *admirar*, *agradar* e os outros citados; nominal

* A língua evita oração substantiva introduzida, pelo relativo indefinido *que*, ‘*que cousa*’, porque muitas vezes o relativo se confunde com a integrante, gerando ambigüidade:

Eu sei que vale um tesouro = *eu sei o que vale um tesouro* e *eu sei que tem o valor de um tesouro*. (SAID ALI, 76, p. 112.)

** Não só *quem*, mas também *quanto* (*s*) — *quanta* (*s*) e *que* (cf. 4.3 — *A Oração Mínima*).

ou verbal; da voz ativa ou passiva; II) a oração não é interrogativa, pois o pronome *quem* não pode ser substituído por *que pessoa*, mas ao contrário por *a pessoa que* ou *aquele que*; III) o sujeito oracional não é substituído por *isto*, como tem ocorrido normalmente nos exemplos precedentes; é-o por *este* ou *tal pessoa*. Em

*Quem tem boca vai a Roma**

o verbo é novo, isto é, não figura na lista da voz ativa; não é possível substituir *quem* por *que pessoa*, pois a oração não é *interrogativa*; nem por *isto*: não funciona a equação *quem tem boca vai a Roma = isto vai a Roma*, mas *este vai a Roma* ou *tal pessoa vai a Roma*.

Os exemplos podem ser abundantes, porque não há limite — aceita-se qualquer verbo; não é necessário falar em sujeito oracional da voz ativa, da voz passiva, nem de predicado nominal ou verbal; tudo é mais fácil, a liberdade é quase absoluta:

- a) *Quem se avexa* come cru: *este* come cru;
- b) *Quem nasce tatu* morre cavando: *tal pessoa* morre cavando;
- c) *Quem perde o tempo* eterna perda chora: *este* eterna perda chora;
- d) *Quem não tem cachorro* caça com gato: *tal pessoa* caça com gato;
- e) *Quem quer vai, quem não quer* manda: *este* vai, *este* manda;
- f) *Quem muito fala* muito erra: *tal pessoa* muito erra;
- g) *Morreu quem tanto amavas*: *este* morreu;
- h) *Acaba de chegar quem tanto esperavas*: *tal pessoa* acaba de chegar.

Muitos outros exemplos podiam ser dados, fáceis, prontos, e rápidos, o que não acontece por exemplo em sujeitos oracionais encabeçados por elemento interrogativo: pondera-se o verbo, pondera-se o adjetivo, pondera-se quase tudo.

Os sujeitos oracionais, exceto os iniciados pela integrante *que* ou pelo relativo indefinido *quem*, são *orações interrogativas indiretas*.** Para distinguir se o pronome *quem* é relativo ou interrogativo, tenta-se substituí-lo por *que pessoa*: se for possível, é interrogativo; se não for possível, é relativo, e neste caso não há interrogação indireta.

4.2.3.6.6 — Certos sujeitos oracionais aparentam ser preposicionados, apenas aparentam porque realmente não são: a preposição não está regendo o sujeito, mas o advérbio ou pronome que se lhe segue, o que se demonstra com a seguinte transformação:

* Axioma popular.

** A oração só não é interrogativa quando *quem* é um relativo indefinido, ou *que* conjunção integrante. (Releve-se-nos a insistência.)

- a) *Não se descobriu de quem era o prêmio* = não se descobriu a pessoa de quem era o prêmio: o prêmio era de quem?
- b) *Não se contou de que morreu teu pai* = não se contou a cousa de que morreu teu pai: o teu pai morreu de quê?
- c) *Averiguou-se de que direção a bala partiu* = averiguou-se a direção de que a bala partiu: a bala partiu de que direção?

A transformação esclarece que a preposição *de* não se relaciona com o verbo precedente — *descobriu, contou, averiguou*; mas com *prêmio, morreu, partiu*, que lhe servem de antecedente: *prêmio de quem? morreu de quê?, partiu de que direção?, e não descobriu de quem?, contou de quê?, averiguou de que direção?*

Outros exemplos de sujeito oracional aparentemente preposicionados:

- a) *Vê-se logo a quem você alude* = vê-se logo a pessoa a quem você alude: você alude a quem?
- b) *Sente-se em que você está pensando* = sente-se a cousa em que você está pensando: você está pensando em quê?
- c) *Não importa por quem ando chorando* = não importa a pessoa por quem ando chorando: ando chorando por quem?
- d) *É sabido com quem você passeia* = é sabida a pessoa com quem você passeia: você passeia com quem?
- e) *É incerto para quem vai ser o primeiro lugar* = é incerta a pessoa para quem vai ser o primeiro lugar: o primeiro lugar vai ser para quem?
- f) *Não se anotou durante que anos houve seca no Ceará* = não se anotaram os anos durante os quais houve seca no Ceará: houve seca no Ceará durante que anos?
- g) *Não se previu até que dia seriam as aulas* = não se previu o dia até o qual seriam as aulas: as aulas seriam até que dia?
- h) *Adivinha-se contra quem estás falando* = adivinha-se a pessoa contra quem estás falando: estás falando contra quem?

Outro argumento de que tais orações não são preposicionadas é que podem ser substituídas por *isto*, apenas *isto*, sem preposição:

- a) *Adivinha-se contra quem estás pensando* = adivinha-se *isto*;
- b) *Não se previu até que dia seriam as aulas* = não se previu *isto*;
- c) *Não se anotou durante que anos houve seca no Ceará* = não se anotou *isto*.

A preposição, se de fato introduz a oração, terá que aparecer na substituição:

- a) Não gosto *de que me fales assim* = não gosto *disto*;
- b) Lembro-me *de que foste a princesa* = lembro-me *disto*;
- c) Penso muito *em que um dia me queiras* = penso muito *nisto*.

em que as orações objetivas indiretas são preposicionadas, o que se reflete na resposta — *disto, disto, nisto*.

Para completar o quadro geral, acrescente-se que o sujeito oracional, exceto se encabeçado por relativo indefinido, é geralmente posposto ao verbo; nos exemplos citados há somente dois casos em que se acha na posição normal, isto é, anteposto ao verbo:

- a) Qual iria vencer foi sempre um mistério;
- b) Quamanha foi a tua dor não é segredo.

O relativo indefinido, ao contrário, só proporciona exemplo de sujeito anteposto, como a nos ensinar a posição normal que ocupa dentro do período:

- a) Quem tem boca vai a Roma;
- b) Quem se avexa come cru;
- c) Quem não tem cachorro caça com gato;
- d) Quantos ficaram se arrependeram.

É mais um elemento que distingue o *quem* relativo do interrogativo *quem*, das integrantes e dos outros conectivos oracionais interrogativos, pertencentes ao grupo *qu*.

4.2.3.6.7 — Vamos esquematizar a estrutura do sujeito oracional constituído por subordinada substantiva:

- | | | | | |
|------|---|-----------------------------------------------------------|---|----------------------------------------------|
| S.O. | { | 1) verbo nocional | { | a) voz ativa: <i>que-se, qu(?)</i> |
| | | | | b) passiva participial: <i>que-se, qu(?)</i> |
| | | | | c) passiva pronominal: <i>que-se, qu(?)</i> |
| | | 2) verbo relacional: <i>que-se, qu(?)</i> | | |
| | } | 3) verbo nocional ou relacional: <i>quem-que-quanto</i> . | | |

O verbo, nocional ou relacional, aparece na estrutura da oração subordinante; os conectivos *que-se, qu(?)*, *quem-que, quanto* na estrutura da oração subordinada; *qu(?)* representa um advérbio ou pronome interrogativos; *quanto* inclui as formas flexionadas — *quanto(s), quanta(s)*; S.O. é abreviatura de *sujeito oracional*. Compare-se o subcapítulo 4.2.3.6.

4.3 — A ORAÇÃO MÍNIMA*

4.3.1 — A oração mínima pode ser ativa ou passiva: *ativa*, se constituída por sujeito e predicado ativo:

Satanás escapou;

passiva, se constituída por sujeito e predicado passivo:

Pompéia foi destruída.

O sujeito pode, no entanto, ser expandido por termo secundário, preferentemente adjunto adnominal:**

- a) *O ladrão escapou;*
- b) *O avião do inimigo caiu;*
- c) *A terra foi inundada;*
- d) *A dona do hotel fugiu.*

4.3.1.1 — A oração mínima ativa comporta os seguintes expedientes:

Expediente I: *Satanás escapou* — *Escapou Satanás* — *Ele escapou*; com que se prova, sem lugar à dúvida, que o sujeito é *Satanás*. A simples inversão *Satanás escapou* — *Escapou Satanás* é quase bastante

* Daqui se pode abrir caminho para mais amplas expansões, incluindo-se até os termos primários:

- a) *Ontem o ladrão escapou da cadeia;*
- b) *O avião do inimigo caiu em chamas;*
- c) *A terra foi inundada pelas águas;*
- d) *O dono do hotel fugiu para o norte.*

** O objetivo deste capítulo é dominar a complexa estrutura das orações expandidas.

como prova; é porém possível que haja um termo primário subentendido como em

Passou o tempo,

em que o sujeito pode ser *o tempo* na oração mínima, bem como elípticos *ele* ou *ela* na construção sujeito-predicado-objeto; por isto é prudente usar a prova da substituição por *ele* ou *ela*, *eles* ou *elas*, a fim de que não sobrepaire qualquer incerteza.

Expediente II: *Quem escapou?*

com que se prova que o pronome *quem* é sujeito, pois ocupa a mesma posição de *Satanás*. Tratando-se de cousa, dir-se-á *o quê?*:

- a) *O carro derrapou* — Derrapou o carro — *Ele derrapou*;
- b) *O que derrapou?*

Expediente III: *Quem foi que escapou?*

em que há duas orações, *quem foi* e *que escapou*: *quem* é sujeito de *foi*, *que escapou* subordinada substantiva predicativa, e *que* sujeito do verbo *escapar*.

É o só caso que pudemos encontrar, em que o pronome *que* figura como indefinido.* Neste caso é substituível pelo congênera *quem*, como abaixo demonstraremos, e, para convertê-lo em relativo, é bastante antepor-se-lhe o pronome *o*: *Quem foi o que escapou?*

Expediente IV: *Foi Satanás que escapou,*

em que há também duas orações, e a estrutura é semelhante à precedente: *Satanás* é o sujeito de *foi*, correspondendo sintaticamente ao indefinido *quem*; *que escapou* subordinada substantiva predicativa; e *que* sujeito do verbo *escapar*.

De acordo com este padrão analisam-se as seguintes construções:

- a) *Fui eu que escapei*;
- b) *Foste tu que escapaste*;
- c) *Foi ele que escapou*;
- d) *Foram vocês que escaparam*;
- e) *Foi o ladrão que escapou*.

Em lugar de *que*, pode colocar-se o indefinido *quem*: neste caso fica o verbo na 3.^a pessoa do singular, ou concorda com o pronome pessoal precedente:

* *Indefinido* está por *relativo indefinido*.

- a) *Fui eu quem escapou* ou *que escapei*;
- b) *Foste tu que escapaste* ou *quem escapou*;
- c) *Foram eles que escaparam* ou *quem escapou*;

Se não houver pronome pessoal, faz-se a concordância com o termo precedente:

- a) *Foram as crianças que escaparam* ou *quem escapou*;
- b) *Foram poucos que escaparam* ou *quem escapou*.

Expediente V: *Satanás, que escapou, sorria*

em que se transforma em relativo o interrogativo do expediente II, sem mudar-lhe a função de sujeito, e a oração é subordinada adjetiva, porque o antecedente se acha expresso.

Em lugar de *Satanás* é mais interessante um substantivo adnominalizado:

- a) *O preso que escapou foi recapturado*;
- b) *Os soldados que escaparam foram promovidos*;
- c) *Os erros que escaparam foram corrigidos*.

Outras ilustrações dos expedientes sintáticos:

1.^a ilustração

- I) O pássaro voava — voava o pássaro — ele voava;
- II) Quem voava?
- III) Quem era que voava?
- IV) Era o pássaro que voava.
- V) O pássaro que voava desapareceu.

2.^a ilustração

- I) O chão tremia — tremia o chão — ele tremia.
- II) O que tremia?*
- III) O que é que tremia?
- IV) O chão era que tremia.
- V) O chão, que tremia, derrubava os cristais.

3.^a ilustração

- I) Meu castelo ruiu — ruiu meu castelo — ele ruiu.
- II) O que ruiu?

* Na linguagem literária pode omitir-se o elemento *o*: *Que tremia?*

- III) O que foi que ruiu?
- IV) Foi meu castelo que ruiu.
- V) Meu castelo que ruiu sepultou minha alma.

4.^a ilustração

- I) A bandeira flaflava — flaflava a bandeira — ela flaflava.
- II) O que flaflava?
- III) O que era que flaflava?
- IV) Era a bandeira que flaflava.
- V) A bandeira que flaflava dobrava-me a saudade.

5.^a ilustração

- I) O réu soluçava — soluçava o réu — ele soluçava.
- II) Quem soluçava?
- III) Quem era que soluçava?
- IV) Era o réu que soluçava.*
- V) O réu que soluçava era inocente.

6.^a ilustração

- I) O governo concordará — concordará o governo — ele concordará.
- II) Quem concordará?
- III) Quem é que concordará?
- IV) É o governo que concordará.
- V) O governo que concordar será deposto.

O *é que* será expletivo, se o elemento *qu-* for advérbio e não pronome interrogativo:**

- a) *Onde é que você mora?*
- b) *Quando é que tu voltas?*
- c) *Como é que vou estudar?*

* Quando se trata de pessoa, pode usar-se *quem*: *Era o réu quem soluçava.*

** Em lugar de *qu-* como advérbio, pode ocorrer um adjunto adverbial:

- a) *Aí é que a porca torce o rabo;*
- b) *Hoje é que vamos começar;*
- c) *Era assim que você dançava;*
- d) *Foi lá que nasci;*
- e) *Então é que vou saber;*
- f) *Foi deste modo que tudo começou.*

O verbo pode flexionar-se: *é que*, ou *era que*, ou *foi que*; a ordem pode alterar-se: *é aí que a porca torce o rabo.*

4.3.1.2 — O verbo impessoal *haver* merece especial atenção, por dar a impressão de formar a oração mínima, como em por exemplo

Há um só Deus,

em que não há oração mínima, pois a estrutura não é sujeito-predicado, mas predicado/objeto-direto. Como a construção é impessoal, o predicado está voltado para si próprio, sem referência ao ponto de partida, que devia ser o sujeito.

Os cinco expedientes desenvolvem-se da seguinte maneira:

Expediente I: *Há um Deus — um Deus há — há-o.*

e não *há ele*, já que o pronome reto não pode ser objeto.

Expediente II: *Quem há?*,

como por exemplo em

Quem há que não se comova?,

em que o interrogativo *quem* é objeto direto do verbo *haver*.

Expediente III: *Quem é que há?*,

como *verbi gratia* em

Quem é que há de coração tão nobre?,

em que figuram duas orações: *quem é* e *que há de coração tão nobre*, onde *quem* é sujeito, *que* objeto direto, *que há de coração tão nobre* subordinada substantiva predicativa, *de coração tão nobre* adjunto adnominal do indefinido *que*.

Expediente IV: *É um Deus que há,*

em que *um Deus* é sujeito, *que* objeto direto, e *que há* subordinada substantiva predicativa.

Expediente V: *O Deus que há é cheio de perdão,*

em que o relativo é objeto direto, e como sempre neste caso a oração é subordinada adjetiva. Se fosse

Os deuses que havia eram cheios de vingança,

o verbo *haver* não poderia pluralizar-se, pois o *que* não é sujeito, mas sim objeto direto.

4.3.1.3 — O verbo *fazer*, à semelhança de *haver*, requer também um tratamento especial.

Expediente I: *Faz quatro anos*,

em que a expressão *quatro anos* é objeto direto. Observe-se que neste caso a prova da pergunta não funciona,* por causa do conteúdo temporal que o substantivo *anos* encerra.

Expediente II: *Quantos faz?*,

em que o interrogativo *quantos* é objeto direto, empregado por *que* dado o conteúdo temporal de que falamos acima.

Expediente III: *São quantos anos que faz?*,

em que há duas orações: *quantos anos são*, onde *quantos anos* é o sujeito; *que faz* subordinada substantiva predicativa, onde o indefinido é objetivo direto.

Expediente IV: *São quatro anos que faz*,

em que há duas orações: *são quatro anos*, em que o sujeito é *quatro anos*; *que faz* subordinada substantiva predicativa e *que* objeto direto.

Expediente V: *Os quatro anos que faz passaram depressa*,

em que o relativo é objeto direto, e a subordinada é oração adjetiva.

O verbo *fazer* só é impessoal quando substituível pelo verbo *haver*:

Faz ou *há quatro anos que cheguei aqui*;

ou quando transformável em construção com o verbo *haver*:

Faz quatro anos que isto aconteceu,

transformável em

Isto aconteceu há quatro anos.

Quando transformável em outro verbo, como por exemplo *completar*, torna-se pessoal:

Os quatro anos que fazem passaram depressa,

em alusão a dois irmãos gêmeos que estejam comemorando o quarto aniversário — *completando* quatro anos. Então *que* funciona também como objeto direto.**

* Para encontrar o objeto direto, faz-se a pergunta *quem?* ou *o quê?* ao verbo, depois e não antes. Com o impessoal *fazer*, a pergunta deve ser *quanto?: faz quanto?* e não *faz o quê?*

** V. o subcapítulo 4.1.1 sobre a oração impessoal.

4.3.1.4 — Em alguns casos o sujeito da oração mínima pode ser um infinitivo:

Expediente I: *Aguardar convém — convém aguardar — isto convém;*

em que *aguardar* é sujeito de *convém*.

Atente-se que nesta construção a ordem inversa é o normal. A direta, às vezes usada coloquialmente, enfatiza o sujeito: *aguardar convém; o que não convém é confiar.*

A substituição por *ele* não é possível, porque o infinitivo não é propriamente masculino, mas sim neutro, em que pese à doutrina de certos autores. Se o fosse, poderia dizer-se *ele convém*, o que ninguém faria. É pena, porque o pronome *ele* tem valor casual e posicional, e por isto é mais comprobatório do que *isto*, que só tem valor posicional.

Expediente II: *O que convém?*,

em que o sujeito é *o que*, e a ordem inversa tende a predominar:

Convém o quê?

Expediente III: *O que é que convém?*

em que há duas orações: *o que é*, cujo sujeito é *o que*; *que convém* subordinada substantiva predicativa; *que* sujeito de *convém*.

Expediente IV: *É aguardar que convém,*

em que *aguardar* é sujeito do predicado nominal, *que convém* subordinada substantiva predicativa, e *que* sujeito de *convém*.

Expediente V: *Aguardar, que convém, isto ninguém procura,*

em que há duas orações: *aguardar, isto ninguém procura*, cujo sujeito é *ninguém* e cujo objeto é *isto*, que por sua vez é o termo fundamental do aposto *aguardar*; *que convém* subordinada adjetiva, e o *que* sujeito de *convém*.

É incomum a oração adjetiva em que o antecedente do relativo seja a forma infinitiva.

Relação dos principais verbos que admitem o infinitivo como sujeito na oração mínima:

a) *Convir*: *Convém tentar*;

b) *Cumprir*: *Cumpre resistir*;

- c) *Urgir* : Urge obstar;*
- d) *Incumbir* : Incumbe orar;
- e) *Importar*** : Importa confiar;
- f) *Relevar* : Releva insistir;
- g) *Caber*..... : Cabe renunciar;
- h) *Adiantar* : Adianta estudar;
- i) *Faltar* : Falta votar.

É possível estabelecer a seguinte regra para evitar a memorização dos infinitivos que encaixam na posição de sujeito:

Admite o infinitivo como sujeito qualquer verbo que, na 3.^a pessoa do singular, ocupe a posição pontilhada no seguinte esquema:

(—ele) sair,

de modo a não se poder antepor o pronome *ele*, que se acha entre parênteses precedido pelo sinal aritmético *menos*, indicativo de que o sobredito pronome não deve caber na posição pontilhada. *Convém tentar*, por exemplo, não admite que se lhe anteponha *ele* na posição indicada. Pode-se dizer *convém ele tentar*, com o pronome na primeira posição.

Acrescente-se que o pronome encaixado não deve alterar o *status* específico do predicado. Em

Precisa esperar — é preciso esperar,***

a oração é mínima, o sujeito *esperar*, e não há dúvida que se pode antepor o pronome —

Ele precisa esperar;

* Atente-se em que *urgir* pode ser transitivo direto:

a) Os bárbaros o estreitavam e urgiam (*apertavam*);

b) A naturalidade do conto *urgia* a palavra “diabo” (*reclamava*).

** São exatamente os mesmos verbos que figuram no subcapítulo 4.2.3.6.

*** A construção

Precisa esperar — é preciso esperar,

em que o infinitivo é sujeito de *precisa*, pertence ao dialeto coloquial, em que pese a FRANCISCO FERNANDES que cita o seguinte exemplo de Jucá:

“Não precisa vocês saírem de casa com esta chuva”. (46, p. 7.)

Laudelino FREIRE cita o seguinte exemplo de Coelho NETO:

“Nem precisava o papel, bastava a minha palavra”(29),

em que o *papel* é sujeito de *precisava*. Daí para admitir o infinitivo como sujeito basta um pequeno passo:

Nem precisava assinar, bastava a minha palavra.

mas aí o *status* verbal é diferente. Na oração mínima *precisa esperar*, o predicado *precisa* é substituível por *é preciso* e o não é por *deve*; na oração *ele precisa estudar*, *precisa* é substituível por *deve*, mas o não é por *é preciso*.

4.3.1.5 — A oração mínima passiva comporta os mesmos expedientes que a oração mínima ativa:

Expediente I: *Cartago foi arrasada — foi arrasada Cartago — ela foi arrasada*,

em que o sujeito da oração é *Cartago*, que nunca podia ser objeto direto, já que o verbo está na voz passiva.

Expediente II: *Quem foi arrasada?*,

em que o pronome interrogativo é o sujeito da voz passiva.

A posição dos advérbios e pronomes interrogativos é normalmente inicial de oração; entretanto é admissível colocá-los em posição final:

- a) Quem escapou? — Escapou quem?
- b) O que tremia? — Tremia o quê?
- c) Quem foi preso? — Foi preso quem?
- d) O que aconteceu? — Aconteceu o quê?

Expediente III: *Quem é que foi arrasada?*,

onde *quem* é sujeito do predicado nominal; *que foi arrasada* subordinada substantiva predicativa; e *que* sujeito da oração passiva.

Expediente IV: *Foi Cartago que foi arrasada*,

onde *Cartago* é o sujeito da oração nominal; *que foi arrasada* subordinada predicativa; *que* sujeito de *foi arrasada*.

Expediente V: *Cartago, que foi arrasada, era o terror dos romanos*, em que se repetem as soluções costumeiras: *Cartago* sujeito da oração nominal; *que foi arrasada* subordinada adjetiva explicativa; *que* sujeito de *foi arrasada*.

Em lugar de *quem* e *que*, pode usar-se qualquer outro pronome interrogativo nos itens II e III, como por exemplo *quanto-a-os-as* e *qual-quais*:

- a) Quantos escaparam? — Quantos foram que escaparam?
- b) Quais escaparam? — Quais foram que escaparam?
- c) Quantos tremiam? — Quantos eram que tremiam?
- d) Quais tremiam? — Quais eram que tremiam?

em que os pronomes interrogativos *quantos* e *quais* exercem a função de sujeito.

A subordinada substantiva predicativa dos itens III e IV pode converter-se em subordinada adjetiva mediante a simples anteposição do pronome demonstrativo *o-a-os-as* ao indefinido *que*, desta forma transformado em pronome relativo:

- a) — Quem foi *o* que escapou?
— Foi Satanás *o* que escapou.
- b) — Quem era *o* que voava?
— Era o pássaro *o* que voava.*

Se, tomada a estrutura do item IV, invertermos o sujeito da oração principal e pusermos o verbo *ser* na 3.^a pessoa singular do presente do indicativo —

Foi Satanás que escapou
Satanás é que escapou,

forma-se a locução expletiva *é que*, sempre invariável, ainda mesmo que o sujeito esteja no plural:

Foram meus irmãos que venceram
Meus irmãos é que venceram.

Quer isto dizer que a oração mínima pode sofrer duas expansões:

- a) ... Satanás escapou
Foi Satanás ... que escapou
... Satanás é que escapou;
- b) ... O réu soluçava
Era o réu ... que soluçava
... O réu é que soluçava;
- c) Meus amigos voltaram
Foram meus amigos ... que voltaram
..... Meus amigos é que voltaram.

* A conversão da subordinada substantiva em subordinada adjetiva não quer dizer que, para analisar a construção

Foram eles que promoveram o distúrbio,
se deva transformá-la em

Foram eles os que promoveram o distúrbio,
como o faz Carlos Góis (38, p. 85).

No primeiro exemplo, a subordinada é substantiva, pois o antecedente do *que* não está expresso: *relativo indefinido*; no segundo, a subordinada é adjetiva, pois o antecedente o está: *relativo definido*, ou apenas pronome relativo.

4.4 — DO PREDICATIVO EM GERAL

4.4.1 — O Predicativo é o termo que acrescenta alguma coisa ao sujeito ou ao objeto direto mediante um verbo qualquer, especialmente um verbo de ligação:

- a) *Deus é justo* (verbo de ligação);
- b) *Colombo morreu pobre* (verbo intransitivo);
- c) *Consideras a vida um sonho* (verbo transpredicativo);
- d) *O ancião pensa inconsolável na longínqua mocidade* (verbo transitivo indireto);
- e) *Entrego-te agradecido a chave do meu coração* (transitivo direto-indireto);

em que *justo*, *pobre*, *um sonho*, *inconsolável* e *agradecido* são as cousas acrescentadas a *Deus*, *Colombo*, *vida*, *ancião* e *eu* (incluso na flexão verbal).

O predicativo não acrescenta nada ao verbo, mas ao sujeito ou ao objeto direto. Em

- a) *Deus é o criador*;
- b) *Considero Deus o Criador*;

o substantivo *criador* não acrescenta nada a *é* ou a *considero*, mas ao substantivo *Deus*.

O verbo por meio do qual se acrescenta a coisa medeia normalmente entre o sujeito e o predicativo do sujeito:

- a) *Deus é justo*;
- b) *Colombo morreu pobre*;

em que o verbo medeia entre *Deus* e *justo*, entre *Colombo* e *pobre*.

Entre o objeto direto e o predicativo do objeto não medeia porém o verbo, não há nada interposto, salvo muita vez a preposição:

- a) Eu considero o casamento *como* renúncia mútua;
- b) Eu considero o caso *como* perdido.

Pode afirmar-se que o seguinte é sempre verdadeiro: Tome-se um verbo qualquer, coloque-se um substantivo à esquerda, um adjetivo à direita, e se consegue facilmente um predicativo do sujeito:

- O homem *continua* insatisfeito;
- A criança *dormia* tranqüila;
- O ladrão *esperava* inquieto;

porque não se pode colocar o adjetivo sem que se refira ao substantivo, a não ser que não haja um enunciado, a não ser que não haja um sentido. Compare-se com *saíste menino, e voltaste homem* ou *quem nasce tatu morre cavando*, em que há substantivo em lugar de adjetivo.

Como não há mediação verbal entre o predicativo e o objeto direto deve subentender-se um verbo de ligação:

Tu consideras a vida um sonho = tu consideras a vida ser um sonho = tu consideras a vida como *sendo* um sonho.

A palavra *predicativo*, do latim *praedicativum*, quer dizer *afirmativo*. Em

- a) *Deus é justo*;
- b) *Colombo morreu pobre*;
- c) *Tu consideras a vida um sonho*;

justo, pobre e sonho é o que se afirma sobre *Deus*, sobre *Colombo* e sobre *a vida*, respectivamente.

O predicativo, constituído por classe variável, concorda em gênero e número com o termo a que se refere:

- a) O *frango* era muito *gordo*;
- b) A *franga* era muito *gorda*;
- c) Os *frangos* eram muito *gordos*;
- d) As *frangas* eram muito *gordas*;
- e) Achei o *frango* muito *gordo*;
- f) Achei a *franga* muito *gorda*;
- g) Achei os *frangos* muito *gordos*;
- h) Achei as *frangas* muito *gordas*;
- i) A *criança* dormia *tranqüila*;
- j) As *crianças* dormiam *tranqüilas*;

- k) O *pai* é *professor*;
- l) A *mãe* é *professora*;
- m) Considero o *pai* um bom *professor*;
- n) Considero a *mãe* uma boa *professora*.

O predicativo constituído por substantivo abstrato escapa geralmente à concordância:

- a) As *cores* são *gala* no camaleão e *malícia* no polvo;
- b) A *filha* foi sempre as delícias da mãe;
- c) Aquela *professora* é um *gênio*;
- d) O senado cognominou *Tito* delícias do gênero humano.

Está igualmente isento de concordância o predicativo constituído por adjetivo neutro:

- a) *Cerveja* não é *bom* para a saúde;
- b) É *necessário* *paciência*;
- c) Não acho *cerveja bom* para a saúde;
- d) Não acho *paciência* necessário;

em que *bom* e *necessário*, como prova de que são neutros, podem ser substituídos por *cousa boa* ou *cousa necessária*:

- a) *Cerveja* não é *cousa boa* para a saúde;
- b) É *cousa necessária* *paciência* = *paciência* é *cousa necessária*.

É curioso observar que o predicado, quer verbal quer nominal, está sujeito ao jugo da concordância:

- a) Os homens *passam*;
- b) Os homens *são passageiros*.

4.4.2 — Em

Ele se sente *responsável*

e noutros casos semelhantes, em que não se pode expandir o *se* com *si mesmo* (*ele se sente a si mesmo responsável* é forçado), ou passar a construção para a voz passiva (*ele é sentido responsável por si mesmo* se torna impossível), a voz é média, e o predicativo é do sujeito, e não do objeto.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) Ela se aproximou *cautelosa*;
- b) A criança virou-se *distraída*;
- c) Eu me afastei *pesaroso*.

Se o pronome for *me*, como no exemplo (c), a expansão será *mim mesmo*; se *te*, será *ti mesmo* e assim por diante.

Morfologicamente *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos* são morfemas da voz média, tal como em *vendem-se casas* o *se* é morfema da voz passiva.

4.5 — O PREDICATIVO DO SUJEITO

4.5.1 — *Sob o aspecto semântico*

Predicativo do sujeito é o termo que acrescenta alguma coisa ao sujeito mediante um verbo qualquer, especialmente um verbo de ligação:

- a) qualidade: O mundo é *maravilhoso*;
- b) modo.....: O enfermo está *bem*;
- c) posse: O mundo é *nosso*;
- d) localização: O criminoso é *aquele*;
- e) interrogação.....: *Quem* é o criminoso?;
- f) pessoa: O criminoso és *tu*;
- g) número: As estações são *quatro*;
- h) indeterminação: És *tudo* para mim;
- i) lugar: Eu estarei *aqui*;
- j) tempo: A festa é *de manhã*;
- k) companhia: Estou *contigo*;
- l) identidade.....: Deus é *o Caminho*.

O presente do verbo *ser*, por não ter significação atributiva, pode ser expresso matematicamente pelo sinal mais (+), se o predicativo apenas acrescenta; ou pelo sinal de igualdade (=), se acrescenta identificando:

- a) *Deus é justo*: Deus + justo;
- b) *Deus é a justiça*: Deus = justiça;

bem como ser completamente omitido, caso em que a entoação serve de substituto:

- a) A vida *um sonho*, a morte *a realidade*;
- b) *Tal pai tal filho* (nas sentenças e provérbios);*
- c) *Quem* mais honesto? (nas interrogações e exclamações).

Em 1891 MASON(57) declarava em sua *English Grammar* que o advérbio não pode constituir predicativo do sujeito. Por ser invariável? Por significação incompatível? O fato é que o advérbio tem sido posto à parte, como se não fosse o irmão semântico do adjetivo e do pronome, como se não pudesse comportar toda e qualquer significação que o adjetivo denota.

Em 1939 NESFIELD(62) em sua *English Grammar* não endossa o parecer de MASON, e admite que o advérbio pode exercer a função predicativa. Nota-se porém certa cautela na exemplificação, pois aponta somente advérbios conversíveis em adjetivo ou participio:

- a) My son is *well* = *in good health, healthy*;
- b) The game is *over* = *finished*;
- c) The stars are *out* = *visible*;
- d) The train is *off* = *started*.

De qualquer maneira estava quebrado um tabu: o advérbio pode ser predicativo, a palavra invariável pode ser predicativo!

Rocha LIMA(50) exclui abertamente o advérbio como representante do predicativo, ao ensinar que *ser*, *estar* e outros “deixam de ser de ligação e figuram intransitivamente, acompanhados de um adjunto adverbial de lugar, de modo, de tempo etc. Exemplos:

- a) Ele está *aqui*;
- b) Ficarei *em sua casa*”.

Não sabemos o que faria o respeitável mestre para analisar a primeira oração em russo, língua que não emprega a forma *está* nestas construções; *est'* = *está* não mais se ouve na pátria soviética, salvo na linguagem arcaica ou poética:

On zdes' = ele está aqui (propriamente *ele aqui*).

A doutrina de Rocha LIMA(50) encarna, pelo que sabemos, o veredito nacional; é pelo menos o pensamento dominante em análise sintática.

Hermann PAUL(67) em seus *Prinzipien der Sprachgeschichte* proclama que o advérbio desempenha facilmente a função do adjetivo, bem como do predicativo, e cita entre outros o seguinte exemplo:

Er ist da = ele está aqui;

exemplificando o advérbio de lugar como predicativo do sujeito.

* Compare-se *tal o pai, tal o filho*.

Outros autores podiam ser citados, pelo menos estrangeiros, como por exemplo Albert SECHEHAYE(79), Charles HOCKETT(44), Alan GARDINER(34) e tantos outros.

Olvida-se talvez que o adjetivo e o advérbio são classes afins e paralelas, que ora o adjetivo funciona como advérbio, ora o advérbio funciona como adjetivo ou pronome:

- a) Fale *claro* por favor (adjetivo como advérbio = *claramente*);
- b) Homens *assim* mudarão a face da terra (advérbio como adjetivo: homens *semelhantes*, homens *tais*).

São tão afins, tão irmanados, que certos adjetivos se derivam de advérbio, e vice-versa:

traseiro, de *trás*; *longínquo*, de *longe*; *profundamente*, de *profundo*; *dianteiro*, de *diante*; *forasteiro*, de *fora*;

e certos advérbios admitem a categoria do grau:

- a) *perto* — *mais perto* — *pertíssimo*, *pertinho*;
- b) *cedo* — *mais cedo* — *cedíssimo*, *cedinho*.

É pena que o português, ao contrário do inglês, do alemão e do russo, careça de adjetivos locativos, correspondentes aos advérbios de lugar, o que sob o aspecto semântico realçaria por certo o parentesco adjetivo-advérbio:

	Inglês	Alemão	Russo	Português
Advérbio:	<i>here</i>	<i>hier</i>	<i>zdes'</i>	<i>aqui</i>
Adjetivo:	<i>hither</i>	<i>hiesig</i>	<i>zdechniy</i>	(<i>local</i> , <i>daqui</i>).

Na língua literária o inglês usa *hither*, como por exemplo em *the hither side of a hill* = o lado de cá de um monte; a *there* corresponde ao adjetivo *thither*: *the thither bank of a stream* = a margem de lá dum córrego.

Esses adjetivos se flexionam em gênero, número e caso, como em por exemplo *hiesiges Gewachs* = produto local, e *zdechnie tsenĩ* = = preços locais.

Se nos faltam adjetivos locativos (*local*, embora o seja, não se deriva de *aqui*), há-os porém temporais, correspondentes a *ontem*, *hoje*, *amanhã* e *do ano passado*, eruditos e tomados ao latim:

hesterno, de *ontem*; *hodierno*, de *hoje*; *crástino*, de *amanhã*; *anótino*, de *ano passado*.

Há um dito latino que reza o seguinte: *Carnem hesternam, piscem hodiernum, annotina vina, sume libens dicto tempore — sanus eris*: 'serve-te com prazer da carne hesterna, do peixe hodierno e do vinho anótino no tempo marcado, e serás um homem são'.

É claro que a tradução, feita nestes termos, é incabível, porque os adjetivos *hesterno*, *hodierno* e *anótino* têm um sabor literário que não se combina com *vinho*, *peixe* e *carne*.

O poeta PROPÉRCIO fala de *hesterni crines* — cabelos hesternos — isto é, como na véspera se achavam penteados.

Conta-se que o Rei-Sol, ao encontrar-se com certa cortesã de sua simpatia, perguntou solícito:

— *Que faz por aqui tão matinal?**

— *O Sol já não se levantou*, respondeu a interpelada.

Por que não há de haver predicativo expresso por advérbio de lugar e de tempo, se não faltam adjuntos adnominais quer locativos, quer temporais?

a) *A sociedade hodierna* = a sociedade de hoje;

b) *A sociedade local* = a sociedade daqui;

c) *A região polar, a estrela polar* = que está perto dos pólos.

É tão certo que a idéia de lugar ou tempo se pode atribuir ao sujeito que são possíveis as seguintes transformações:

a) Eu sou *do sertão* = eu sou *sertanejo*;

b) Eu sou *de fora* = eu sou *estranho*, eu sou *forasteiro*;

c) O jornal é *da manhã* = o jornal é *matutino*;

d) A colheita será *tarde* = a colheita será *tardia*;

a não ser que se conclua que os advérbios estão distribuídos em duas castas, os nobres e os plebeus — os que por direito desempenham a função de predicativo e os que não podem desempenhá-la. . . Em *o enfermo está bem* muitos aceitam *bem* como predicativo, entre nós.

Em russo, a frase *eu não sou daqui* constitui-se do pronome *ya* — *eu*, da negação *ne* — *não* e do adjetivo *zdéchniy*, tratando-se de homem, e do adjetivo *zdéchnyaya*, tratando-se de mulher.

V zdéchney jízni quer dizer *na vida aqui* ou *nesta vida*: o adjetivo *zdéchney* está no locativo, concordando com *jízni*, por causa da preposição *v*. Em latim seria *in higna vita*, se houvesse o adjetivo *hignus*, *a-**-um*, derivado do advérbio *hic* (cf. *dignus*, que está por *decnus*, cognato de *deceat* e *decente*). O esperanto possui o adjetivo *tiea* = *de lá*, derivado de *tie* = *lá*, com o sufixo *-a*: *la popolo tiea* = *o povo de lá*.

* O adjetivo *matinal* articula-se com o sujeito implícito *você*.

4.5.2 — Sob o aspecto sintático*

O predicativo do sujeito não pode apassivar-se, ao contrário do que se dá com o objeto direto. A oração

O aluno é um prodígio

não pode converter-se, é claro, em**

Um prodígio é sido pelo aluno,

ao passo que *o aluno fez um prodígio* pode ser apassivado com muita facilidade —

Um prodígio foi feito pelo aluno.

Certos predicativos são reversíveis:

Deus é o supremo Criador,

pode ser lido ao contrário, de trás para diante:

O supremo Criador é Deus,

transformando-se o predicativo em sujeito da oração.

O predicativo do sujeito pode atrair a concordância, que normalmente seria feita com o sujeito:

- a) *Tudo eram sombras* em lugar de *tudo era sombras*;
- b) *O responsável és tu* em lugar de *o responsável é tu*;
- c) *Eram dez horas* em lugar de *era dez horas*.

Nos itens (b) e (c) a concordância com o predicativo é obrigatória.

4.5.3 — SOB O ASPECTO MÓRFICO

4.5.3.1 — Substantivo:

- a) Um momento de beleza é uma *alegria* para sempre;
- b) O ciúme é o *parasita* do amor;
- c) A vida é a *infância* da imortalidade;
- d) Meu colega foi nomeado *escrivão*;
- e) Lembra-te que tu és *pó*;

* Importante consultar o subcapítulo 6.1.2.7.

** Eis aí um traço estrutural que distingue o verbo de ligação do verbo transitivo direto.

- f) O doente está sem *recursos*;
- g) O soldado ficou de *pé*;
- h) Eu estava com *medo*;
- i) Ela foi coroada *rainha*;
- j) Ele foi eleito *senador*;
- k) O homem é um *torrão* inquietado por uma centelha;
- l) Sai *menino*, e voltei *homem*;
- m) Eu estava de *luto*;
- n) Não sirvo de *palhaço*;
- o) Você promete um bom *esposo* = será provavelmente um bom esposo;
- p) Você dará boa *esposa* = será provavelmente boa esposa;
- q) Permaneceste sempre um bom *rapaz*;
- r) O ciúme é a *sentinela* do amor;
- s) Não banque o *trouxa*;
- t) Você vai acabar um *gênio* = será um dia um gênio. Diferença de *você vai acabar um gênio* = destruir um gênio. É questão de contexto ou situação.

4.5.3.2 — Palavra substantivada:

- a) A tua resposta foi *não*;
- b) A esperança é o *além*;
- c) O problema é *quando*?
- d) O certo é *tu* e não *você*;
- e) A tua nota foi um *dez*;
- f) O plural de *tu* é *vós*.

4.5.3.3 — Adjetivo:

- a) Errar é *humano*, perdoar é *divino*;
- b) A vida continua *incerta* e *penosa*;
- c) Deus está *presente* por toda parte;
- d) A noite aproxima-se *temível*;
- e) A solução ficou mais *fácil*;
- f) O mestre se achava *enfermo*.

A oração *o mestre se achava enfermo* tem duplo sentido, conforme *se achava* seja verbo de ligação (*o mestre estava enfermo*) — com predicado nominal, ou intransitivo na voz média (*o mestre se considerava enfermo*) — com predicado verbo-nominal.

4.5.3.4 — Pronome:

- a) O passado não é *nada*, o presente é *tudo*;
- b) O Estado sou *eu*, exclamava o Rei-Sol;
- c) *Quem* és tu?
- d) Eu sou *o que* sou;
- e) Eu sou *quem* sou;
- f) *Tal*, fraudulento amor, é a lei tua.*

4.5.3.5 — Infinitivo:

- a) Viver é *lutar*;
- b) Era *de ver* a satisfação geral;
- c) O teu caso é *de lamentar*.

4.5.3.6 — Oração reduzida infinitiva:

- a) Viver é *lutar sem desfalecimento*;
- b) O meu consolo é *aguardar a tua volta*;
- c) A tua história é *de cortar coração*;
- d) O problema é *sair de lá*;
- e) A dúvida é *chegar a tempo*.

4.5.3.7 — Advérbio:

- a) A sessão vai ser *amanhã*;
- b) *Como* está o doente?
- c) O doente está *bem*;
- d) Não permanecerei *aqui*;
- e) *Onde* você estava?
- f) Eu estava *lá*;
- g) *Como* te chamas?
- h) A cousa não vai ficar *assim*.

Em *eu estou sempre aqui*, não há dois predicativos; o advérbio mais importante constitui o predicado nuclear, o menos importante o adjunto adverbial. Nesse caso *eu estou aqui* forma sentido por si só, ao passo que *estou sempre* não pode formá-lo. Conclui-se que *aqui* é o predicado, e *sempre* o adjunto adverbial.

4.5.3.8 — Numeral:

- a) As estações são *quatro*;
- b) Os três mosqueteiros ficaram *quatro*;
- c) Prefiro ser *o primeiro* numa aldeia a ser *o segundo* em Roma;
- d) Os pecados capitais são *sete*.

* BOCAGE, *Poesias*, p. 215.

4.5.3.9 — Participípio:

- a) O assunto está *encerrado*;
- b) A nave continua *encalhada*;
- c) O desfecho ficou *adiado*;
- d) O réu permanecia *sentado*;
- e) O enfermo saiu *consolidado*;
- f) A fera cambaleava *ferida*;
- g) A fotografia saiu *borrada*.

Admite GILI Y GAYA, no seu *Curso Superior de Sintáxis Española* (35), que a oração passiva é oração atributiva, e que não há diferença gramatical entre

Esta mulher é formosa

e

Esta mulher é admirada,

em que a seu ver não só *formosa*, mas também *admirada*, constituem predicativo do sujeito. (BECHARA, 9, p. 110.)

Parece-nos que GILI Y GAYA (35) tem razão, embora talvez seja mais proveitoso considerar *é admirada*, conforme acima o fizemos, como locução verbal da voz passiva. O que nos faz apoiar o ilustre autor é a possibilidade de substituir pelo pronome *o* a palavra *admirada*, o que não seria possível se o participípio formasse com o verbo *ser* um bloco indivisível.

— *Esta mulher é admirada?*

— *Sim, ela o é.*

Se o pronome é predicativo do sujeito, como explicar que *admirada* o não seja?

4.5.3.10 — Oração reduzida participial:

- a) A nave continua *encalhada no banco de areia*;
- b) O réu permanecia *calmamente sentado na cadeira da frente*;
- c) A fera cambaleia *gravemente ferida pelo caçador*.

4.5.3.11 — Gerúndio:

Não constitui predicativo do sujeito. Junta-se ao verbo de ligação para formar locução verbal: *estou estudando, continuas esperando...*; aos outros para formar adjunto adverbial: *errando se aprende*; ou predicativo do objeto: *eu a encontrei chorando*.

4.5.3.12 — Oração subordinada, dita predicativa:

- a) Eu não sou *quem procuras*;
- b) Eu estou *como comecei*;
- c) O certo é *que tudo passa sobre a terra*;
- d) A cousa vai ficar *como estava*;
- e) O incerto é *quando voltaremos*;
- f) A dúvida é *como vamos partir*;
- g) O problema é *onde vamos pernoitar*;
- h) Oxalá fosses *como eras!*
- i) Com muito esforço é que sou *quem sou*.

4.5.3.13 — Certas palavras tendem a empregar-se, de modo especial e às vezes exclusivo, em função predicativa; tais por exemplo *alerta, mister, preciso, * quite* em português; *alone, alive, afraid, asleep, aghast* em inglês; *allein, leid, gewartig, barfuss, gram, quitt* em alemão; *nesesse, opus* em latim:

Português:

- a) Estamos *alerta*;
- b) É *mister* prosseguir;
- c) Agora estamos *quites*.

Inglês:

- a) I'm not *alone*;
- b) I was *alive*;
- c) You are *afraid*.

Alemão:

- a) Ich bin nicht *allein*;
- b) Es ist mir *leid*;
- c) Du bist *barfuss*.

Latim:

- a) Homini *nesesse* est mori;
- b) Mihi frumentum non *opus* est,

* *Preciso* como sinônimo de *necessário*.

4.6 — O PREDICATIVO DO OBJETO

4.6.1 — *Sob o aspecto semântico*

Predicativo do objeto é o termo que acrescenta alguma coisa ao objeto direto ou indireto mediante um verbo transobjetivo, isto é, um verbo transitivo de ligação, como por exemplo:

- a) a qualidade : Achamos o mundo *maravilhoso*.
- b) a identidade : Eu vejo Deus como *o supremo Criador*.
- c) o modo : Encontrei o enfermo *já muito bem*.
- d) a posse : Não te aceitamos *como nosso*.
- e) a localização . . . : Não te sinto mais *aquela*.
- f) a interrogação . . : *Por quem* me tomas?
- g) o número : Eu tomei os três *por quatro*.
- h) a indeterminação : Eu te considero *tudo* para mim.
- i) o lugar : Não me queres *aqui*.
- j) o tempo : Eu não supunha o desfecho *tão cedo*.
- k) a companhia . . . : Sonhei-te *comigo* como noutros tempos.

Aplicam-se ao predicativo do objeto os itens concernentes ao predicativo do sujeito, em que se procura justificar que os advérbios, inclusive de lugar, podem funcionar como predicativo.

Embora menos freqüente, a língua possui o predicativo do objeto indireto:

- a) Eu penso em ti *risonha e tranqüila* a meu lado.
- b) Não falo de você *como nosso mestre*.
- c) Não gosto de você *assim*.

- d) Referem-se a você *como delegado*.
- e) Não gosto de criança *na rua*.
- f) Não se trata de você *aposentado*.
- g) Recordo-me de você *à frente do movimento*.
- h) Não me lembro de você *no seminário*.
- i) Lembro-me de você *naquela tarde festiva*.

Ainda que aceitemos o predicativo do objeto indireto, não ousamos considerá-lo como tal em:

Chamei-lhe santo

porque o verbo *chamar* é normalmente direto, tanto é verdade que admite apassivação (*Ele foi chamado santo por mim*); o seu emprego indireto não passa de mau hábito sintático que encontrou guarida, e, por que não dizê-lo, preferência no seio dos bons escritores.

Certos predicativos do objeto exprimem a coisa como estando condicionada à significação do verbo, diferenciando-se do adjunto adnominal que a exprime como permanente:

Não achei o ladrão perigoso = não achei perigoso o ladrão, isto é, não achei que o ladrão fosse perigoso, não era perigoso conforme o meu pensar, oposto a

Não achei o ladrão perigoso = não achei o perigoso ladrão, isto é, o ladrão que é perigoso ou tido como tal.

4.6.2 — *Sob o aspecto sintático*

4.6.2.1 — *Prova da substituição*: substitui-se o objeto direto pelos pronomes pessoais *o, a, os, as*, o que determina facilmente o predicativo, representado por adjetivo:

- a) Ele achou *o caso* grave = Ele *o* achou grave;
- b) Considerei *o caso* perdido = Considerei-*o* perdido.

Quando o adjetivo constitui adjunto adnominal, e não predicativo, não é possível a substituição sem incorporar o adjetivo:

Comprei um quadro precioso = *comprei-o*, e não *comprei-o precioso*.

4.6.2.2 — *Prova da apassivação*: o predicativo do objeto pode converter-se em predicativo do sujeito:

- a) O ancião te ungerà nosso rei = tu serás ungido nosso rei pelo ancião;
- b) O profeta o sagrou rei da Judéia = ele foi sagrado rei da Judéia pelo profeta;
- c) O aluno escolheu-te como padrinho = tu foste escolhido como padrinho pelo aluno.

4.6.2.3 — *Prova da interposição*: na maioria dos casos é possível interpor um verbo de ligação entre o objeto direto e o seu predicativo:

- a) Eu considero a vida inútil = eu considero a vida ser inútil;
- b) Só bebo café quente = só bebo café estando quente;
- c) Sonhei-te um anjo, e descobri-te um demônio = sonhei-te ser anjo, e descobri-te ser um demônio;
- d) Descreves a vida como um paraíso = descreves a vida como sendo um paraíso;
- e) Eu dei o caso como encerrado = eu dei o caso como estando encerrado;
- f) Ele se firmou como chefe = ele se firmou como sendo chefe.

Em *sonhei-te um anjo e descobri-te um demônio* fica mais português *sonhei seres um anjo e descobri seres um demônio*.

Muitas vezes o predicativo liga-se ao objeto direto por meio das preposições *por, como, para, de, em, a*, e talvez outras, para evitar a confusão com o adjunto adnominal, ou a justaposição imprecisa por falta de ligadura:

Encontrei o soldado *como louco*,

em que *louco* não pode ser interpretado como adjunto adnominal, o que não se daria se faltasse a sobredita preposição:

Encontrei o soldado *louco*,

pois aí o adjetivo se presta a dupla significação — louco de natureza ou louco de ocasião.

4.6.2.4 — *Prova da transposição*: o predicativo pode ser colocado antes ou depois do objeto:

Deixo tristes os amigos ou *Deixo os amigos tristes*.

Colocado antes, a construção é distinta e livre de ambigüidade:

Deixo tristes os amigos.

Colocado depois, pode prestar-se à confusão, à significação ambígua:

Deixo os amigos *tristes*,

em que não se pode saber se os amigos vão ficar tristes por serem deixados ou se são e sempre foram tristes por natureza.

Com nome próprio, pode usar-se o objeto direto preposicionado:
Não achou vagaroso a Belifonte.

4.6.2.5 — *Prova da pergunta*: o predicativo do objeto responde às perguntas *quê?*, *o quê?* *por quem?*, *de quê?*, *onde?* *como?* *quando?* e congêneres, pospostas ou antepostas à dualidade verbo/objeto direto:

- a) O estudo te fêz um sábio.
— Fez-te o *quê?*
— Um sábio.
- b) Ele me tomou pelo irmão.
— Tomou-me *por quem?*
— Pelo irmão.
- c) Apelidei o colega de bocarra.
— Apelidei o *colega de quê?*
— De bocarra.
- d) Ensinaram maus caminhos por direitos.*
— Ensinaram *maus caminhos por quais?*
— Por direitos.
- e) Esperava-te só nas férias.
— Esperava-te *só quando?*
— Só nas férias.
- f) Marquei a festa para domingo.
— Marquei a *festa para quando?*
— Para domingo.
- g) Esqueceste a carteira no quarto.
— Esqueceste a *carteira onde?*
— No quarto.
- h) Diviso as pessoas como sombras.
— Diviso as *pessoas como?*
— Como sombras.
- i) Deus criou Adão e Eva inocentes.
— Deus criou *Adão e Eva como?*
— Inocentes.

* CAMÕES, *Obras Completas*, p. 502.

Tratando-se de oração interrogativa, é a resposta que serve como prova:

Como você bebe o café?

— Você bebe *o café como?*

— Bebo o café *quente*.

Observação: o adjetivo *quente* constitui a resposta do advérbio *como*, e, como a pergunta e a resposta desempenham igual função sintática, daí se conclui que um e outro são predicativos do objeto.

4.6.2.6 — *Prova da não-oracionalização:* o predicativo do objeto, ao contrário do adjunto adnominal, não pode expandir-se mediante oração subordinada adjetiva: *com o verbo estar*.

Achei a situação *grave*,

que não comporta a expansão *Achei a situação que estava grave*, o que não ocorre com

Achei o anel perdido,

expansível em *Achei o anel que estava perdido*.

Em certos casos a omissão da preposição torna a construção poética:

Tecto terás as estrelas, e leito o fundo do mar,

em lugar de *Terás as estrelas por tecto e por leito o fundo do mar*.

Curiosidade: no infracitado rubai, traduzido pelo autor deste livro, encontra-se curioso predicativo, que mais parece pertencer ao objeto do que ao sujeito:

Quando eu morrer, os lábios meus orvalha
Com vinho rubro, e o corpo me agasalha
Num recanto florido e freqüentado,
As folhas da videira *por mortalha*.

Conforme o verbo subentendido seja *tendo* ou *estando*, ter-se-á um predicativo respectivamente do objeto ou do sujeito:

(Tendo) *as folhas da videira por mortalha*,

(Estando) *as folhas da videira por mortalha*.

4.6.3.1 — Substantivo, preposicionado ou não:

- a) O povo te aclama *príncipe dos poetas*;
- b) Já te coroaram *rei da Inglaterra*;
- c) Eu já te sinto *sem coragem*;
- d) Presentimos esta guerra *como sem fim*;
- e) Coloquei o lápis *em pé*;
- f) Não chames o colega *de traidor*;
- g) A pátria reputa Tiradentes *um mártir*;
- h) Sinto um aperto *no coração*;
- i) Todos te proclamam *nosso redentor*;
- j) Eu me acho *com possibilidade*;
- k) Se não te fizeres *criança*, não entrarás no reino do céu;
- l) Não se apresente *como vítima*;
- m) Eu te avistei *na esquina do quarteirão*;
- n) Ignorava-te *o defensor dos pobres*;
- o) Ele partiu a barra de ferro *em bandas*;
- p) Quebrou-me o vidro *em dois pedaços*;
- q) Deixei os amigos *em festas*, os inimigos *em prantos*;
- r) Tu me tornaste *um homem responsável*;
- s) Adivinhei um inimigo *sob a máscara*;
- t) O que chamar *raca* a seu irmão será condenado.

A propósito de predicativos como o de *coloquei o lápis em pé*, vem a propósito citar os seguinte exemplos, colhidos em Otto JESPERSEN e SCHULZ e GRIESBACH:

- a) What makes you *in such a hurry*? (45, p. 122);
- b) She only wishes the dinner *at an end* (45, p. 122);
- c) Ich fand das Buch *im Schrank* (40, p. 326);
- d) Ich habe dich *auf der Strasse* gesehen (40, p. 326).

4.6.3.2 — Palavra substantivada:

- a) Pinteí a casa *de amarelo*;
- b) Tomeí o teu sim *por um não*;
- c) Deixei tua nota *como dez*;
- d) Eu ouço o teu sim *como um se*;
- e) É um talvez que tenho *como nunca*.

4.6.3.3 — Adjetivo:

- a) O tribunal pronunciou-a *inocente*;
- b) Eu te sei *honesto e generoso*;
- c) Não me colha *verde* a laranja;
- d) Tu me crês *ingrato*;
- e) Pinteí o adversário *como cruel*;
- f) Eu como a carne *crua*;
- g) Ninguém a supunha *tão desumana*;
- h) Criei-o *bom e generoso*;
- i) Deixei a cidade *calma*;
- j) És um homem que pensei *honesto*;
- k) Tu me disseste *falso e traidor*;
- l) O sertão a conhece *como corajosa*;
- m) Não te admiro *soberba*;
- n) Nunca mais te ouço *meiga* como dantes;
- o) O mundo te proclama *extremamente grato*;
- p) Tornei-te *menos orgulhoso*;
- q) Eu te pinteí *mais humilde*;
- r) Eu pensava *quase imortal* a essência humana.

4.6.3.4 — Numeral:

- a) Eu não sabia *quatro* as estações;
- b) Eu te julgava *o primeiro*;
- c) Tu me assinalaste *como o segundo*.

4.6.3.5 — Pronome:

- a) Não te considero *nada*;
- b) Acaso o tomas *por mim*?
- c) Não és o herói *que* eu te imaginava;
- d) Acreditavam-te *outro*;
- e) Por *quem* me tomas?
- f) *De que* o acusaste?
- g) Não me considero *você*;
- h) Não sei o *que* me julgas;
- i) *Quem* me viste e *quem* me vês!
- j) *Que* me achas?
- k) Não me consideres *tua*;
- l) Eu me sinto *o mesmo*.

4.6.3.6 — Infinitivo:

- a) Encontrei-o *a mendigar*;
- b) Chamas isto *viver*?
- c) Eu acho isto *morrer*;
- d) Eu a escutava *a cantar*.

4.6.3.7 — Oração reduzida infinitiva:

- a) Chamas isto *viver em paz com os outros*?
- b) Encontrei-o *a pedir esmola pela rua*;
- c) Eu acho isto *morrer à míngua*.

4.6.3.8 — Particípio:

- a) Não me tens *por vencido*;
- b) Nunca te creias *totalmente derrotado*;
- c) Ninguém te crê *destruído*;
- d) Descreve-a sozinha e *abandonada*.

4.6.3.9 — Oração reduzida participial:

- a) Não te considero *derrotado por tão fraco adversário*;
- b) Vislumbrei-a *sentada na varanda*;
- c) Sonho sempre com você *debruçada na janela*.

4.6.3.10 — Gerúndio:

- a) Mostrei-a *passando*;
- b) Encontrei-a *sorrindo*;
- c) Tomei *fervendo* o café;
- d) Peguei um pássaro *voando*;
- e) Não te ouço *cantando*.

4.6.3.11 — Oração reduzida gerundial:

- a) Quando a terei de novo *cantando a meus ouvidos*?
- b) Eu gosto de café *pegando fogo*;
- c) Avistei o ladrão *carregando o rádio*.

4.6.3.12 — Advérbio:

- a) Ninguém te quer *lá* (diferente de *lá ninguém te quer*);
- b) Nunca mais a encontrei *aqui*;
- c) Eu te acreditava *muito bem*;

- d) Deixei a cadeira *fora*;
- e) Eu avisto o perigo *longe*;
- f) Não te suporto *assim*;
- g) *Onde* me quiseres, aí estarei;
- h) *Onde* me viste?
- i) Não sei *como* você me deseja.

4.6.3.13 — Oração subordinada:

- a) Encontrei-o *como o deixei*;
- b) Ninguém te supunha *quem és*;
- c) Eu te vejo *como és*;
- d) Chame-o *como quiser*.

4.6.4 — Na construção

Crédulo, eu te supunha *fiel*

o predicado é propriamente nômimo-verbo-nominal, pois *crédulo* é predicativo do sujeito, e *fiel* predicativo do objeto. É como se disséssemos *eu era crédulo, e supunha que fosses fiel*.

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

5.1 — O OBJETO DIRETO

5.1.1 — Sob o aspecto semântico

São várias as definições que se podem citar sobre objeto direto; antes porém determinemos o que seja *termo integrante*: é o que restringe e completa a significação do verbo ou do nome — o objeto direto, o objeto indireto, o agente da passiva e o complemento nominal. Em

- a) *Eu amo a pátria;*
- b) *Você obedece à pátria;*
- c) *Foste chamado pela pátria;*
- d) *A destruição da pátria;*

o termo *pátria* restringe a significação dos verbos e do nome, pois *quem ama* pode amar muita gente ou muita cousa que não apenas a a pátria; *quem obedece* pode fazê-lo a muita gente ou muita cousa; *quem é chamado* pode sê-lo por muita gente ou muita cousa; *a destruição* também pode ser de muita gente, pode ser de muita cousa. O termo integrante portanto individualiza a significação do verbo ou do nome. Além disto, *amar*, *obedecer*, *ser chamado* e *destruição* reclamam algo para completar-lhes o sentido, sem o que lhes falta integridade semântica.

A conclusão inevitável que se tira é que sob o aspecto semântico os termos integrantes são iguais: completam alguma cousa que estava faltando e que necessariamente devia ser completada.

5.1.1.1 — Primeira definição de objeto direto: é o termo em que recai imediatamente a significação do verbo. Em

Paulo açoitou João,

é muito fácil aplicar a definição, pois está claro que a significação de *açoiar* recaiu no lombo do pobre João. Ao contrário em

O moleque levou uma surra,

não se vai pensar que a significação de *levar* recaí sobre o objeto direto, porque certamente o moleque protestaria. . .

A definição não deixa de ter o seu valor, mas tem que falhar porque porque semanticamente o objeto direto é indefinível. Como explicar por exemplo que na oração *há um só Deus* a significação do verbo recaí em *Deus*, mas em *um só Deus existe* não recaia em ninguém, não recaia em nada?

Atente-se que a definição é propriamente semântico-sintática, porque supõe um grupo formado pelo verbo e o termo em que recaí a significação, que pode ser um substantivo ou cousa equivalente.

O advérbio *imediatamente* não significa nada mais que *sem preposição*. Tentar entendê-lo de outro modo é admitir que no *I like you* do inglês o sentimento seja mais envolvente, mais pronto do que no português *eu gosto de você*, o de que certamente discordamos. A nossa afeição transita para o ente querido tão desenvolta e desembaraçada como a do inglês *I like you*, do francês *je t'aime* ou do espanhol *te quiero*: a preposição é apenas um acidente gramatical, sem qualquer implicação afetiva.

5.1.1.2 — Segunda definição: é o termo que completa a significação de verbo transitivo, chamado *direto*, porque o substantivo que serve de objeto não é regido de preposição. Em

Colombo descobriu novo continente,

novo continente completa a significação do verbo *descobrir*, pois *Colombo descobriu* está incompleto por faltar a cousa descoberta.

Esta definição é muito boa para quem não tem dúvida sobre a predicação do verbo; para quem tem. . .

5.1.1.3 — Terceira definição: é o termo sem preposição que esclarece o que se deseja saber do sintagma sujeito-predicado. Em

Deus criou

algo está por saber — *a cousa criada*, que o objeto direto vai enunciar. É portanto *o que se põe diante* (do latim *objectum*: *ob*—diante, *jectum*—posto) com relação ao predicado, mas sem preposição para distingui-lo do objeto indireto. É verdade que o agente da passiva é também preposicionado, mas a voz é diferente, a voz é passiva.

5.1.1.4 — Complemento direto e objeto direto: são expressões idênticas, mas “esta denominação dos gramáticos ingleses substituiu a tradicional de complemento” (NASCENTES, 61, p. 69).

5.1.2 — *Sob o aspecto sintático*

Há seis provas sintáticas que determinam a existência do objeto direto:

- a) a prova da posposição;
- b) a prova da substituição;
- c) a prova do disfarce;
- d) a prova da pergunta;
- e) a prova da pluralização;
- f) a prova do relativo.

*~ estudada →
mop*

5.1.2.1 — Prova da posposição: é o termo sem preposição que normalmente se pospõe ao verbo. Em

Roma destruiu Cartago

a posição-depois é que determina o objeto direto. É verdade que há muitas exceções a esta regra, discutidas em 3.2 — *Os Processos Sintáticos*, que limitam seu valor; nem por isto ela deixa de refletir a estrutura da língua portuguesa. Em

Esperei o mês inteiro

figura um adjunto adverbial que, por estar anormalmente estruturado, nos causa a impressão de objeto direto. Regularmente se diria *esperei durante o mês inteiro*, pois o adjunto adverbial, constituído por substantivo, normalmente é preposicionado.

Podemos até construir um período com termos inventados, salvo os pertencentes ao sistema fechado, e sem conhecer-lhes o sentido apontar o objeto direto com muita probabilidade de acertar:

O ticho guinoscava diplamente o badíssimo púpio

em que *o badíssimo púpio* seria o objeto direto e com muita probabilidade se pode, léxica e sintaticamente, analisar qualquer termo, sem saber-lhe a significação.

Se quisermos ter a certeza de que *o badíssimo púpio* é objeto direto, sem recorrer à significação do enunciado, basta examinar se é possível a passagem para a voz passiva. Se couber a transformação

O badíssimo púpio era guinoscado pelo ticho

não resta dúvida que *o badíssimo púpio* é objeto direto, e não predicativo do sujeito, nem tampouco adjunto adverbial.

5.1.2.2 — Prova da substituição: é o termo substituível pelos pronomes pessoais *o, a, os, as*.*

- a) Judas traiu *seu Mestre* = Judas *o* traiu;
- b) O Vesúvio destruiu *Pompéia* = O Vesúvio *a* destruiu;
- c) Aníbal apavorou *os romanos* = Aníbal *os* apavorou;
- d) Possui *belas praias* o Ceará = Possui-*as* o Ceará;

em que o objeto direto assume expressão formal ao transformar-se no pronome pessoal correspondente.

Releva estar atento sobre o predicativo do sujeito, que também é substituível por *o, a, os, as*, embora raramente:

- a) Eu sou *o chefe* = eu *o* sou;
- b) Tu és *o mestre* = tu *o* és;
- c) Nós somos *os chefes* = nós *os* somos;
- d) Elas são *as mestras* = elas *as* são.

O número de verbos copulativos é limitado e por isto não constitui problema difícil.

5.1.2.3 — Prova do disfarce: o objeto direto é um sujeito disfarçado, conforme MADVIG e SCHUCHARDT, o que se comprova passando-se a oração para a voz passiva:

- a) Mem de Sá fundou a cidade do Rio de Janeiro = a cidade do Rio de Janeiro foi fundada por Mem de Sá;
- b) Galileu descobriu a lei do pêndulo = a lei do pêndulo foi descoberta por Galileu;
- c) Alencar iniciou o indianismo no romance = o indianismo no romance foi iniciado por Alencar.

Para a transformação em voz passiva, deve ler-se a oração às avessas, com o acréscimo de três elementos novos: o verbo *ser*, o particípio e a preposição *por*:

André Rebouças cursou a escola militar.

A escola militar *foi cursada por* André Rebouças.

O objeto direto de *ter, querer, haver* e *fazer* (estes dois como impessoais) não admitem a prova do disfarce:

* Incluir *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*, que são alomorfes de *-o, -a, -os, -as*.

- a) O vizinho tem *um jipe*;
- b) O menino queria *o carrinho*;
- c) Houve *muito contrabando*;
- d) Fazia *cem anos*;

não se pode apassivar em

- a) Um jipe é tido pelo vizinho;
- b) O carrinho era querido pelo menino;
- c) Muito contrabando foi havido;
- d) Cem anos eram feitos.

5.1.2.4 — Prova da pergunta: para encontrar o objeto direto, faz-se a pergunta *quem?* ou *o quê?* ao verbo, depois e não antes:

- a) Calabar denunciou Tiradentes.
— Denunciou *quem?*
— *Tiradentes* (objeto direto).
- b) Castro Alves escreveu poesia social.
— Escreveu *o quê?*
— *Poesia social* (objeto direto).
- c) Anchieta escreveu um poema à Virgem.
— Escreveu *o quê?*
— *Um poema à Virgem* (objeto direto).

Esta pergunta, feita com verbo intransitivo, pode levar à confusão. Em por exemplo

Caiu a ponte,

a pergunta *caiu o quê?* vai ter como resposta *a ponte*, que não é objeto direto, mas o sujeito. É claro que se deve procurar primeiramente o sujeito por ser termo essencial, e a pergunta *o que caiu* levará imediatamente a encontrá-lo: *a ponte*. Como porém há outras provas que servem para determinar o sujeito e o objeto direto, não será difícil elucidar a questão.

5.1.2.5 — Prova da pluralização: o objeto direto, ao contrário do sujeito, é um termo que não se altera, se o verbo passar do singular para o plural, ou do plural para o singular. Em

A seca ameaçava a fazenda, *Objeto direto*

a pluralização do verbo não afeta o objeto direto, mas apenas o sujeito:

As secas ameaçavam a fazenda,

o que não deixa de ser um traço distintivo, sobretudo ante a semelhança entre sujeito e objeto direto: ambos sem preposição e um conversível no outro.

↳ não é muito aconselhável a prova do relativo.

5.1.2.6 — Prova do relativo: é o termo que pode ser seguido pelo relativo *que* mais o sujeito, colocado este entre o relativo e o verbo, na seguinte transformação:

- a) Tu vendeste *a casa* = *a casa que tu vendeste*;
- b) O menino quebrou *a vidraça* = *a vidraça que o menino quebrou*;
- c) O Ceará libertou *os escravos* = *os escravos que o Ceará libertou*.

Em

*Corria lentamente o tempo**

não é possível a prova do relativo porque falta o sujeito entre *que* e o verbo, pois o sujeito é o próprio *que*: na transformação *o tempo que lentamente corria*, faltaria o elemento entre *que* e *corria*.

* Nem sempre é possível distinguir o objeto direto do adjunto adverbial. Em por exemplo

Andei cem léguas à procura de recurso,

fica-se em dúvida sobre a função de *cem léguas*: objeto direto ou adjunto adverbial? Alguns autores, entre os quais o Dr. LEIPER(49) em *A New English Grammar*, situam-se no meio, e analisam a construção como objeto direto adverbial (42). Em português a prova do relativo parece esclarecer a função objetiva direta: *cem léguas que andei à procura de recurso*.

Para mais segurança deve aplicar-se as outras provas: *andei-as à procura de recurso, foram andadas por mim à procura de recurso*. Em

- a) *O herói viveu cem anos*;
- b) *O mensageiro correu meio dia*;
- c) *Eu caminhei meia légua*;

repete-se a incerteza: é que segundo JESPERSEN *não é sempre fácil traçar fronteira entre as duas categorias*.

5.1.2.7 — As seis provas acima comentadas são definições sintáticas do objeto direto em contraposição às definições semânticas.

* Em *o tempo que..... lentamente corria* o sujeito seria colocado na linha pontilhada, se o verbo fosse transitivo direto para o *que* ser o objeto.

Certos verbos como *obedecer*, *visar* e *assistir* se usam como transitivos diretos no dialeto coloquial, e como transitivos indiretos no dialeto literário. Como o que se chama *correto* é o dialeto literário, e as provas apresentadas se baseiam sobretudo no dialeto coloquial, é inútil aplicá-las. Cumpre memorizar quais são estes verbos, pois o dialeto a que pertencem é artificial, embora legítimo, e não há meio de manobrá-lo dentro do âmbito coloquial, dentro da realidade cotidiana. Uma oração como

O bom cidadão obedece à lei

pode ser transformada em *a lei é obedecida pelo bom cidadão*, por analista desprevenido, porque *a lei* é sentida coloquialmente como objeto direto de *obedecer*. Não devia sê-lo; “com a voz passiva porém é construção universalmente aceita” (FERNANDES, 26, p. 436).

5.1.3 — *Sob o aspecto mórfico*

5.1.3.1 — Substantivo:

- a) A mulher obediente governa o *marido*;
- b) O planeta Saturno possui três anéis concêntricos e dez *satélites* ou *luas*;
- c) Acendeste-me no coração a *luz* e o *calor* dos trópicos.

5.1.3.2 — Palavra substantivada:

- a) Quando me dizes *talvez*, eu sempre ouço *não*;
- b) Prefiro o *não* rápido ao sim demorado;
- c) Há sempre um *mas* entre os meus sonhos e o mundo.

5.1.3.3 — Pronome:

- a) Levo comigo *tudo* que me pertence;
- b) Quem *tudo* quer *tudo* perde;
- c) O ódio *nos* envelhece prematuramente.

5.1.3.4 — Infinitivo:

- a) Eu procurei *dormir* = eu *o* procurei = eu procurei *isto*;
- b) Você deseja *viajar* = você *o* deseja = você deseja *isto*;
- c) Nós sabemos *cantar* = nós *o* sabemos = nós sabemos *isto*

Prova de que o infinitivo exerce a função de objeto direto é a substituição por *o* e por *isto*.

É admissível considerar *procurei dormir, deseja viajar e sabemos cantar* como locução verbal e portanto como predicado: admissível e mais prático, porém muito geral e menos preciso (cf. 2.15 — *A Locução Verbal*).

5.1.3.5 — Oração reduzida infinitiva, dita objetiva direta:

- a) Eu procurei *dormir tranqüilamente o sono da sesta* = eu o procurei = eu procurei isto;
- b) Você deseja *viajar este mês para a França* = você o deseja = você deseja isto;
- c) Nós sabemos *cantar o hino da bandeira* = nós o sabemos = nós sabemos isto.

A substituição da oração reduzida infinitiva por *o* e por *isto*, bem como da oração subordinada substantiva, é a prova mais prática de sua função sintática.

A exemplificação da oração reduzida infinitiva que usamos é preferentemente a expansão do exemplo do infinitivo.*

5.1.3.6 — Oração subordinada substantiva, dita objetiva direta, que pode ser constituída por (cf. 4.2 — *O Sujeito*):

- a) objeto direto oracional encabeçado pelas integrantes *que* e *se*;
- b) objeto direto oracional encabeçado por um membro do grupo *qu*.

As orações substantivas objetivas diretas, salvo as iniciadas pela integrante *que* ou por relativo indefinido, formam orações interrogativas indiretas.

Atente-se em que toda subordinada substantiva deve ser introduzida pelas integrantes *que* e *se*, pelos advérbios e pronomes interrogativos ou pelos relativos indefinidos.

5.1.3.7 — Objeto direto oracional encabeçado pelas integrantes *que* e *se*:

I — Encabeçado pela integrante *que*:

- a) O Brasil espera *que cada um cumpra o seu dever* = O Brasil o espera = O Brasil espera isto;

* Veja-se MACAMBRIA, José Rebouças, *A Estrutura da Oração Reduzida*.

- b) Não esqueças *que tu és pó* = não o esqueças = não esqueças *isto*;
- c) Eu sei *que nada sei* = eu o sei = eu sei *isto*.

II — Encabeçado pela integrante *se*:

- a) Perguntei *se havia vaga* = perguntei-o = perguntei *isto*: havia vaga ou não?
- b) Diga *se você concorda* = diga-o = diga *isto*: você concorda ou não?
- c) Não sei *se vai haver inverno* = não o sei = não sei *isto*: vai haver inverno ou não?

5.1.3.8 — Objeto direto oracional encabeçado por um membro do grupo *qu*:

- a) Aponte *qual rumo devias tomar* = aponte-o = aponte *isto*;
- b) Descreva *quamanha foi a sua felicidade* = descreva-o = descreva *isto*;
- c) Avisei *quando começam as aulas* = avisei-o = avisei *isto*;
- d) Diga-me *quanto custa a passagem* = diga-o = diga *isto*;
- e) Conte *quão grande foi a tua surpresa* = contei-o = contei *isto*;
- f) Informe *que há de novo* = informei-o = informei *isto*;
- g) Revelei *quem é o responsável* = revelei-o = revelei *isto*;
- h) Explique *como tudo aconteceu* = expliquei-o = expliquei *isto*;
- i) Não sei *cujo filho és* (português arcaico) = não o sei = não sei *isto*;
- j) Avisei *onde você vai morar* = avisei-o = avisei *isto*.

Em *diga-me quanto custa a passagem*, a resposta completa seria *diga-mo*, que preferimos encurtar por não ser coloquial.

Em *informei que há de novo*, que está por *o que*, conforme a sintaxe literária.

5.1.3.9 — A substituição por *o* e por *isto* evidencia que certos objetos diretos são aparentemente preposicionados (cf. 4.2 — *O Sujeito*):

- a) Diga-me *de qual lado você está* = diga-o = diga *isto*: você está de qual lado?

- b) Eu sei *por quamanho aperto você passou* = eu *o* sei = eu sei *isto*: você passou por quamanho aperto?
- c) Avisei *até quando podia esperar* = avisei-o = avisei *isto*: posso esperar até quando?
- d) Informe-me *de quanto você precisa* = informei-o = informei *isto*: você precisa de quanto?
- e) Conta-me *de quão longe tu vens* = conta-o = conta *isto*: tu vens de quão longe?
- f) Esclareça *a quem você se refere* = esclareça-o = esclareça *isto*: você se refere a quem?
- g) Expliquei *de que se trata* = expliquei-o = expliquei *isto*: trata-se de quê?
- h) Não sei *a como pagarei o quilo* = não *o* sei = não sei *isto*: pagarei o quilo a como?
- i) Eu percebo *em cujo filho estás pensando* (português arcaico) = eu *o* percebo = eu percebo *isto*: estás pensando em cujo filho?
- j) Não sei *onde venho nem para onde vou* = não *o* sei = não sei *isto*: venho onde, vou para onde?

No dialeto literário se usa *a quanto* em lugar de *a como*.

O normal seria *diga você está de qual lado*: a construção *diga de qual lado você está* explica-se pela função conjuntiva de *qual*. Em *vou partir não sei para onde* tem-se o normal, em lugar de *não sei para onde vou partir*.

O membro *quem*, do grupo *qu*, pode ser relativo indefinido ou interrogativo, conforme foi demonstrado: relativo, quando substituível por *a pessoa que*; interrogativo, quando substituível por *que pessoa*. Em

Eu encontrei quem procuravas

o objeto direto oracional não constitui oração interrogativa indireta, porquanto é substituível por *a pessoa que* e não *que pessoa*:

Eu encontrei a pessoa que procuravas.

Para encerrar o quadro geral do objeto direto oracional, acrescenta-se que a existência do pronome neutro objetivo *o* facilita muito o processo analítico. É pena que não haja um pronome neutro subjetivo, correspondente a *ele* e *ela*, para com igual facilidade se analisar o sujeito oracional. Contamos com *ele* masculino, *ela* feminino e nada neutro; contamos com *o* masculino, *a* feminino e *o* neutro. Não importaria que o masculino fosse igual ao neutro como no caso do pronome objetivo.

5.1.3.10 — A substituição por *isto* esclarece imediatamente que a subordinada é substantiva. Como não a rege preposição (*isto* não está preposicionado), resta saber se a substantiva é subjetiva, objetiva direta ou predicativa. A predicativa não cria embaraço, porque o verbo de ligação lhe sinaliza claramente a estrutura. O problema é determinar se a oração é subjetiva ou objetiva direta. Temos então o recurso da substituição por *o*, que, salvo o caso da subordinada predicativa, marca estruturalmente a substantiva objetiva direta. Ocorrem porém casos em que o analista pode ficar em dúvida se cabe ou não a substituição por *o*, visto como este pronomine pertence propriamente à linguagem literária. Em por exemplo

Basta que você telefone ou *Convém que você telefone*

a substituição por *isto* (*basta/convém isto*) indica a substantividade oracional. Tenta-se então aplicar a substituição por *o* para saber se a subordinada é objetiva direta. É aí que a incerteza começa. A substituição por *o* (*basta-o* e *convém-no*) deixa confuso o analista pouco letrado. Nesta situação, recorre-se ao que vamos chamar a *transformação trina*. Faz-se a transformação por *isto* e por *o*, e depois como terceiro ato aplica-se a prova do disfarce, passando-se a oração para a voz passiva, do seguinte modo:

Basta que você telefone:

Basta isto;

Basta-o;

Isto é bastado.

Conclui-se que a subordinada é subjetiva, porque *isto é bastado* não se admite de maneira alguma. Em

Convém que você telefone

vamos ter *convém isto*, *convém-no*, *isto é convindo*. Se *basta-o* e *convém-no* deixaram alguma dúvida, *isto é bastado* e *isto é convindo* desfazem totalmente qualquer incerteza. Ninguém ousará dizer:

— *Basta que você telefone*; isto é bastado.

— *Convém que você telefone*; isto é convindo.

No caso da substantiva objetiva direta, funcionam perfeitamente as três provas:

O povo deseja que voltes;

O povo deseja isto,

O povo deseja-o;

Isto é desejado pelo povo;

e configura-se nitidamente a categoria da subordinada objetiva direta.

Além da transformação trina, restam as provas específicas à estrutura do sujeito.

5.2 — ACUSATIVO COM INFINITIVO

5.2.1 — Acusativo com infinitivo é a construção em que o sujeito do infinitivo vai para o acusativo,* porque se tem a falsa impressão de ser o *nome*** o objeto direto do *verbo finito*:*** falsa, porque o infinitivo é o verdadeiro objeto ao passo que o nome é o sujeito do verbo finito. Em

Eu vi a França cair,

livro publicado por ocasião da 2.^a Guerra Mundial, tem-se a impressão de haver dois objetos diretos,**** já que se podem fazer duas perguntas objetivas ao verbo finito:

* *Acusativo* é um termo que na morfologia portuguesa corresponde a objeto direto; *dativo* a objeto indireto.

** Opomos o termo *nome*, que na construção do acusativo com infinitivo exerce a função de sujeito, ao termo *infinitivo*, que a exerce de objeto direto.

*** Para existir a construção de acusativo com infinitivo, três condições são absolutamente necessárias:

- a) verbo finito e verbo infinitivo;
- b) a falsa impressão de que há dois objetos diretos, regidos pelo verbo finito;
- c) a conclusão de que o infinitivo é o objeto direto, ao passo que o nome é o sujeito do infinitivo.

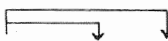
**** Dois objetos diretos implicam em objeto direto composto na estrutura regular do português, o que importaria em unir os dois termos por vírgula ou conjunção aditiva:

Vi a França, cair

ou

Vi a França e cair,

que um e outro não podem ser permitidos. Além disto, substantivo e verbo são classes heterogêneas, e portanto impróprias para exercer a mesma função: ou verbo e verbo, ou nome e nome, dentro da mesma classe gramatical.


 Eu vi a *França cair*,

cujas setas são interpretadas como

- Eu vi *o quê?* — *A França.*
- Eu vi *o quê?* — *Cair.*

Neste caso, a *França* é sujeito, e o infinitivo objeto direto, fenômeno que podemos esquematizar do seguinte modo:

Eu vi a *França cair*
 suj. obj.
 acus.

com a *França* no acusativo porque, sujeito do infinitivo, dá no entanto a impressão de ser objeto direto.

Não há dúvida que se pode afirmar ser o objeto a construção total *a França cair*; mas o núcleo será de qualquer maneira o infinitivo *cair*, o que não altera em nada a situação gramatical.

“A princípio a oração infinitiva foi um caso de acusativo duplo, do tipo *doceo pueros grammaticam*. A oração *sentio eum venire* se analisou por um lado em *sentio eum — eu o percebo*, e por outro em *sentio venire — percebo vir*. O nome no acusativo pareceu em seguida fazer grupo com o infinitivo: *sentio -eum venire* tornou-se então *sentio eum-venire*. E os latinos da época histórica, esquecendo a origem deste acusativo, passaram a considerá-lo como verdadeiro sujeito.” (ERNOU e THOMAS, 25, p. 271).

BASSOLS afirma que “o sujeito do infinitivo é o objeto direto do verbo principal”, que “a interpretação desta construção se presta a equívocos, pois cabe considerar que o acusativo não é objeto direto do verbo principal, senão sujeito do infinitivo”, e que “parece existir mais estreita relação entre o acusativo e o verbo principal do que propriamente entre o acusativo e o infinitivo” (BASSOLS, 8, 1.º vol., p. 353).

A nosso ver, o ilustre mestre da Universidade de Barcelona não percebeu a função nuclear do infinitivo e por isto não logrou descrever a construção com simplicidade e precisão. Ficamos com ERNOU e THOMAS, que nos parece descobriram a verdadeira solução.

Por que falar de acusativo, se a nossa língua não é declinatória? poder-se-á perguntar. De fato, não é declinatória, mas as formas pronominais oblíquas são acusativos residuais que escaparam à desin-

tegração do sistema casual latino, tanto que se dizem pronomes do *caso* oblíquo, ou pronomes acusativos, opostos aos pronomes do *caso* reto, ou pronomes subjetivos.

Se formos substituir a *França* por um pronome pessoal, teremos que usar a forma oblíqua, substituindo com isto a função acusativa do nome pela forma oblíqua do pronome correspondente:

Eu vi a França cair — Eu a vi cair

em que o *a* é sujeito do infinitivo, e o infinitivo é o objeto do verbo principal — o finito *vi*.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) *Mandei o menino entrar — Mandei-o entrar*
- b) *Deixe a criança ver — Deixe-a ver*
- c) *Faça o público chorar — Faça-o chorar.**

Se, em lugar de *a*, se usar a primeira pessoa singular, neste caso se dirá

Deixe-me ver

e não *deixe eu ver* ou *xouver*, como às vezes se ouve popularmente. É que a construção de acusativo com infinitivo é sintaxe latina que se propagou por toda a Europa indo-européia. Como o povo não é

* Quando o verbo *fazer* tem objeto direto constituído por infinitivo de verbo transitivo direto, pode o sujeito do infinitivo ser posto indiferentemente no acusativo ou no dativo:

- a) *Faça-o devolver o livro — Faça-lhe devolver o livro;*
- b) *Eu a farei ver o engano — Eu lhe farei ver o engano;*
- c) *Não a farei perder o trem — Não lhe farei perder o trem;*
- d) *Farei o aluno devolver o livro — Farei ao aluno devolver o livro;*
- e) *Façam as autoridades ver o engano — Façam às autoridades ver o engano;*
- f) *Não farei você perder o tempo — Não farei a você perder o tempo.*

Se, porém o infinitivo não for constituído por verbo transitivo direto, neste caso vai o sujeito do infinitivo para somente o acusativo:

- a) *Fi-la dormir em paz;*
- b) *Faça-o voltar de novo;*
- c) *Não a façamos sofrer.*

Na oração

Não me faça perder o trem,

o *me* pode ser analisado como acusativo ou como dativo (sujeito do infinitivo), visto que não podemos adivinhar a intenção estrutural de quem a escreveu. É que *me*, ao contrário de *o* ou de *lhe*, pode ser tanto acusativo como dativo na morfologia portuguesa.

latinista, não pode sentir esta importação sintática, e por isto fala incorretamente com base noutra padrão estrutural:

- a) *Eu deixei ele esperar;*
- b) *Ninguém viu eu entrar;*
- c) *Eu já mandei tu voltar.*

Eu deixei ele entrar é como se devia dizer, se há tantos e tantos séculos a gente do Lácio, nossos ascendentes espirituais, houvesse interpretado diversamente esta construção sintática, que se há constituído em nosso patrimônio e no patrimônio de outros povos.

Além do correto emprego das formas oblíquas, deve advertir-se, na palavra de SOARES BARBOSA, que a forma impessoal do infinitivo é recomendada, pelo menos estilisticamente, na construção de acusativo com infinitivo, e alguma vez a única que se torna possível:

Mandei os alunos entrar,

construção leve, embora discordante, que se opõe a

Mandei os alunos entrarem,

pesada e de mau gosto, embora dentro da norma regular de concordância: sujeito plural — *alunos*, verbo plural — *entrarem*.

Em

Não nos deixeis cair em tentação,

com *nos* como sujeito do infinitivo, a forma plural *cairmos* seria completamente vitanda.

O verso camoniano (II, 93)

Viam-se em derredor ferver as praias

causa sérios embaraços analíticos, que vamos tentar esclarecer mediante o exame da construção paralela

*Eu deixei o tempo correr**

acusativo com infinitivo cuja conversão à voz passiva seria do seguinte modo:

* De modo geral, recomenda-se a posposição do sujeito ao infinitivo:

Eu deixei correr o tempo,

recomendação que acima não seguimos porque, para efeito didático, preferimos a ordem direta, com o sujeito anteposto ao predicado.

O tempo correr foi deixado por mim,

em que *o tempo correr* é o sujeito de *foi deixado*, e *correr* o núcleo da construção.

Acontece no entanto que se tem a impressão de ser a construção estruturada do seguinte modo:

O tempo foi deixado correr por mim,

como se *o tempo* fosse o sujeito de *foi deixado* e não de *correr*. Esta impressão decorre de outra impressão falsa, já previamente discutida: que há dois objetos diretos na construção de acusativo com infinitivo, como no exemplo *eu vi a França cair*.

O certo é analisar *o tempo correr* como sujeito de *foi deixado*, porque de outra forma ficaria o infinitivo sem função, a não ser que fosse considerado predicativo do sujeito, solução que se nos afigura inaceitável.

Se a voz passiva for pronominal, deparam-se construções como

Viam-se em derredor ferver as praias,

de que acima nos ocupamos, em que a pluralização *viam-se* só pode ser explicada por atração, pois *viam-se* é o predicado verbal de *ferver*, e devia como tal singularizar-se:

Ferver as praias em derredor era visto,

donde

Via-se em derredor ferver as praias,

a construção que normalmente devia ser esperada. Não há dúvidas porém que a concordância atrativa dá maior vivacidade à estrutura, e sobremodo realça o sujeito *as praias*.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) *Viam-se lampejar* as armas (HERCULANO);
- b) *Viam-se negrejar* os topos dos arbustos (HERCULANO);
- c) *Viam-se alvejar* ao longe as pedras das sepulturas (HERCULANO);
- d) Os machos traziam chocalhos grandes como sinetas que *se ouviam badalar* a meia légua (CAMILO).

Martinz de AGUIAR, mestre cearense de projeção nacional, percebera muito antes o fenômeno de atração. A relação sintática se estabelece, não com o termo principal, mas com um que desenvolve força

atrativa: “Ouviam-se rouxinolar duetos de amor” (Aloísio de AZEVEDO); “Vêm-se os ramos pender co’o fruto ameno” (CAMÕES), “Dia a dia se vêem rarear as fileiras” (Tomás RIBEIRO). (AGUIAR, Martinz de “Repasse Crítico”, Fortaleza, Tip. Progresso, 1922. pp. 133-34).

A oração infinitiva sofre nalguns casos a concorrência da subordinada substantiva introduzida pelo *que* integrante:

Oração infinitiva: *Mandei o aluno entrar;*

Subordinada integrante: *Mandei que o aluno entrasse.*

O português e outros idiomas românicos a limitam muito, se levarmos em conta o desenvolvimento noutras falas como o latim clássico e o inglês:

Latim clássico.: *Volo te vivere;*

Inglês: *I want you to live;*

que não se podem traduzir ao português senão por meio da subordinada substantiva introduzida pela integrante *que*:

Eu quero que vivas,

e não, latina ou anglicamente,

Eu te quero viver.

Montam apenas a sete os verbos que geralmente se usam na construção de acusativo com infinitivo: *ver, olhar, sentir, ouvir, mandar, fazer, deixar*. CASTILHO emprega o verbo *crer*:

Já me creio ir perdendo o aspecto humano.

5.3 — O OBJETO INDIRETO

5.3.1 — *Sob o aspecto semântico*

5.3.1.1 — Primeira definição:

É o termo da oração em que recai necessariamente a significação do verbo:

- a) O homem aspira à *imortalidade*;
- b) Não posso assistir à *tua conferência*;
- c) Custa-me dizer-te não;
- d) Compareci à *tua formatura*;
- e) Obstarei ao *triunfo do mal*;

em que a significação de *aspirar, assistir, custar, dizer, comparecer e obstar* recai necessariamente em *imortalidade, conferência, me, te, formatura e triunfo do mal*. O advérbio *necessariamente* denota que o complemento não podia faltar, por ser necessário à integração do processo verbal.*

Esta definição é falsa, porque se aplica tanto ao objeto indireto como ao objeto direto, e não há como refazê-la, porque não se pode incluir a expressão *por meio de preposição* sem invadir o domínio sintático.**

Além da falsidade, há outra faceta que a depaupera: não é de modo algum prática, porque se torna difícil determinar se a significa-

* V. 2.3.3.2.

** De qualquer maneira o domínio sintático está invadido, porquanto figura um termo da oração e um verbo ou predicado, que somam dois termos, e geram conseqüentemente fenômeno sintático.

ção recai ou não recai sobre o termo e se, ao recair, o faz ou não necessariamente. Em por exemplo:

Eu trabalho no campo

a significação do verbo não recai necessariamente sobre o campo, não recai em nada, pois se trata de predicação completa. Não rareiam porém ocorrências em que a necessidade configura como vaga e confusa. Como pois é difícil determinar que verbos têm a significação completa ou incompleta, esta definição, como as outras extralingüísticas, não socorrerá senão imprecisamente o analista na identificação do objeto indireto.

5.3.1.2 — Segunda definição:

É o termo da oração que completa a significação do verbo transitivo, chamado *indireto*, porque o substantivo que serve de objeto vem sempre regido de preposição:

Utilizei-me do seu prestígio

em que o substantivo *prestígio* é objeto indireto, por completar mediante preposição a significação de *utilizar-se*.

Desprezando-se a expressão *regido de preposição*, de ordem sintática, o defeito desta definição é admitir como cousa assentada que toda pessoa distingue o que seja verbo transitivo indireto, admissão que está muito longe de ser verdadeira.

A propósito de predicação verbal, observa-se que são pronominais muitos verbos transitivos indiretos como *encarregar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *enojar-se*, *aborrecer-se*, *aplicar-se*, *enfastiar-se*, *referir-se*, *utilizar-se*, *servir-se*, *sorrir-se*, *rir-se*, *valer-se*, *orgulhar-se*, *ufanar-se*, *gloriar-se*, *gabar-se*, *admirar-se*, que pertencem à voz média.

5.3.1.3 — Terceira definição:

É o termo que esclarece o que se deseja saber do binômio sujeito-predicado. Em

Você gostou

algo está por saber — justamente a pessoa ou cousa de que se gostou, que o objeto indireto vai enunciar:

Você gostou do filme.

Esta definição está certa, é até muito simples e muito boa; mas, como toda definição extralingüística, não deixa de ser vaga, porque se fundamenta fora da língua.

5.3.2 — *Sob o aspecto sintático*

5.3.2.1 — Chama-se objeto indireto o substantivo que se une ao verbo, salvo o de ligação, mediante preposição vazia de conteúdo semântico:*

- a) Eu gosto *do luar serrano*;
- b) Vou pensar *no futuro*;
- c) Ele sonha *com o passado*.

Normalmente o objeto indireto deve colocar-se após o verbo; pode todavia ser anteposto para efeito estilístico:

Posposto: Não devo nada *a este aventureiro*;

Anteposto: *A este aventureiro* não devo nada.

No primeiro caso declara-se meramente que não se deve nada ao aventureiro; no segundo caso, também que não se deve nada ao aventureiro, mas provavelmente se deve a outras pessoas.

5.3.2.2 — A preposição que une o objeto indireto ao verbo deve ser vazia de significação por constituir apenas um elo sintático entre um e o outro, donde concluir-se que não é tão grande o número de verbos transitivos indiretos, porque a maioria das preposições está, ora mais ora menos, carregada de conteúdo significativo.

As preposições que introduzem o objeto indireto, vácuas portanto, são *a, de, em, para, com, por*, para cuja memorização sugerimos a fórmula mnemônica *adiem para compor* (cf. 5.5 — *O Complemento Nominal*).

As três primeiras, com *a*, colocado em primeiro lugar, são as mais vazias — aquelas que, se faltassem, prejudicariam a estrutura gramatical, não porém a inteligência da frase:

- a) Obedeceste sempre *ao regulamento*;
- b) Não descreio *da vitória final*;
- c) Confiei *na tua palavra*;

* Os pronomes pessoais átonos unem-se ao verbo graças à flexão casual que nos ficou do latim: “Deus *te* dê reduplicado tudo aquilo que me desejares”. É como se a preposição estivesse implícita no pronome. . . Em verdade porém é outra cousa: o sistema casual do latim que sobrevive de algum modo nos pronomes pessoais do português.

cujas preposições, por inúteis semanticamente, se omitem de ordinário na linguagem telegráfica: *não descreio vitória final; obedeceste sempre regulamento; confiei tua palavra*. São elas que dificultam mais o domínio dos idiomas estrangeiros, porque variam imprevisivelmente, sem um critério racional a nortear-lhes a incidência:

- a) *Português* : Eu penso *em* você;
- b) *Francês* . . : Je pense *à* vous;
- c) *Inglês* : I think *of* you;
- d) *Alemão* . . : Ich denke *an* Sie;
- e) *Russo* : Ya dúmayu *o* vas;
- f) *Latim* : Ego *te* cogito;*

em que *à* se traduz por *a*, *of* por *de*, *an* por *sobre*,** *o* por *a respeito de*; em latim não há preposição: *eu te penso* é a tradução literal de *ego te cogito*.

A mais importante, porque a mais freqüente, é a preposição *a*, pois assiste a regência de verbos transitivos indiretos como *pertencer*, *obedecer*, *pensar* e a bitransitivos como *dar*, *escrever*, *ofertar*.

Uma preposição como *contra* traduz-se facilmente a qualquer idioma estrangeiro, por causa do inconfundível conteúdo significativo: não é apenas um inane instrumento gramatical, porque leva no bojo a carga duma idéia.

5.3.2.3 — As outras três que introduzem o objeto indireto são, conforme acima dito, *para*, *com*, *por*, que a par de *a*, *de*, *em* constituem os seis principais instrumentos do objeto indireto:

- a) Eu trouxe um presente *para* você;
- b) Casei-me *com* uma santa;
- c) Interesse-me *pelo* seu caso.

Do exposto nos itens precedentes infere-se que, havendo apenas seis preposições que introduzem o objeto indireto,*** se torna muito mais simples o processo analítico e mais animadora a incursão pela

* *An* e *o* não são vazias em alemão e russo: correspondem apenas à preposição vazia de *eu penso em você*.

** A preposição *an*, cognata do inglês *on* e do grego *aná*, quer dizer propriamente *em contato com*.

*** Alguns autores incluem as preposições *sobre* e *contra*, mas esta encerra a idéia de oposição, e aquela de situação em cima ou de referência, ou qualquer outra idéia correlata. "Le complément d'objet indirect se construit au moyen des prépositions *à* et *de*", o que reduz excessivamente as preposições asemânticas ou esvaziadas. (AUMENIER e ZÉVACO, 3, p. 62.)

teia sintática: “É preciso porém considerar o estado real das cousas, e conformar-se em confundir o que o espírito e a língua confundem. Não há pior método que substituir a realidade por interpretação arbitrária”, afirma BRUNOT(15). Sobrevêm casos em que não há estritamente nem objeto indireto nem adjunto adverbial, mas a fusão íntima de ambos os termos em o que pode chamar-se de *objeto indireto adverbial*: “Recentemente J. P. Golay pôs em dúvida o caráter adverbial do complemento de modo, visto que assinala notas internas do processo”. CARRETER(19) sob *Circunstancial*.

5.3.2.4 — A preposição é o que distingue o objeto indireto do objeto direto, e, desfazendo intimidades, como que o hifeniza ao verbo na função de vínculo gramatical. Por este motivo é que se torna impossível a transformação da voz ativa em voz passiva, pelo menos em português. A oração

Você pertence ao futuro

não pode converter-se em *o futuro é pertencido por você*, porquanto a preposição estorva a transformação. É por isto que não se devem usar, pelo menos em rigor, construções como estas:

- a) *Fui sempre obedecido por todos;*
- b) *Não anotei o caso aludido por você;*
- c) *O fim visado é a paz social.*

Como *visar* pode ser transitivo direto, aceita ele, com a significação de *apontar com arma de fogo* a passagem para a voz passiva: *visai a nambu = a nambu foi visada por mim*.

5.3.2.5 — Se houver dois objetos, um direto e outro indireto, opera-se a transformação ativa/passiva convertendo-se normalmente o objeto direto em sujeito e conservando-se o indireto como se nada tivesse acontecido:

Voz ativa . . : O mestre entregou as provas à turma;

Voz passiva : As provas foram entregues à turma pelo mestre.

É que a preposição fortalece estruturalmente o objeto indireto, ao ponto de vedar-lhe a transformação em sujeito da voz passiva, pelo menos em português, pois em inglês é possível converter o objeto indireto em sujeito da voz passiva:

Voz ativa . . : My friend offered a reward to your son;

Voz passiva : Your son was offered a reward by my friend.

Esta construção, em que o objeto indireto da voz ativa se tornou em sujeito deixa o objeto direto *reward* sem função gramatical, se nos orientarmos pelos padrões vigentes nos principais idiomas indo-europeus. As gramáticas, entretanto, chamam-no de *retained object: object*, porquanto o era tal quando o verbo se achava na voz ativa; *retained*, porquanto deve ser retido como parte necessária do pensamento (LEIPER, 49, p. 90).

5.3.2.6 — As preposições *a, de, em, para, com, por* são ora carregadas, ora vazias, o que reclama critérios positivos para distingui-las, e que podem ser os três seguintes:

- a) Critério da sinonímia;
- b) Critério da antonímia;
- c) Critério da pergunta.

5.3.2.7 — *O critério da sinonímia* consiste em substituir a preposição suspeita de vacuidade por um sinônimo cuja não-vacuidade seja insuspeita; de outro modo: substituir a preposição que nada talvez signifique por um sinônimo cujo conteúdo semântico não padeça dúvida — preferentemente a locução prepositiva, pois esta é comumente um veículo de significação e se presta a oportunas transformações comprobatórias:

- a) Teu colega trabalha *de* noite;
- b) Eu falei *de* você;
- c) Eu falei *do* assunto.

No item (a) substitui-se o *de* por *durante*: *Teu colega trabalha durante a noite*; nos itens (b) e (c) por *a respeito de*: *Eu falei a respeito de você* e *Eu falei a respeito do assunto*.

A substituição por *a respeito de* argumenta com muita força que se trata de adjunto adverbial e não de objeto indireto. Admita-se no entanto que alguém não esteja convencido, ou que apenas queira ensejar debates, e defenda que o próprio *a respeito de* constitui objeto indireto. Neste caso podemos substituir *a respeito de você* por *a seu respeito* no item (b) e *a respeito do assunto* por *a este respeito* no item (c), e perguntar se ainda persiste o objeto indireto. Claro que não persiste. Temos então adjunto adverbial de referência, conforme a natureza da preposição, cujo conteúdo serve para denominar o tipo de adjunto adverbial.

Só pode haver adjunto adverbial se a preposição significar alguma coisa; do contrário ficará ele sem nome. . . , sem circunstância. . .

5.3.2.8 — *O critério da antonímia* consiste em substituir a preposição suspeita de vacuidade semântica por um antônimo cuja não-vacuidade seja insuspeita; isto é, por uma preposição ou antes uma locução prepositiva carregada ou nocional, que se opõe à preposição vazia. A oração

Eu torci por você na partida,

sobre admitir a prova da sinonímia (Eu torci a favor de você na partida), também admite a prova da antonímia:

Eu torci contra você na partida,

de que se conclui com muita evidência que *por* é preposição carregada, em face do antônimo que lhe foi descoberto.

Esta prova baseia-se em que um termo só pode oferecer antônimo se possuir conteúdo semântico. É impossível apresentar o contrário de alguma coisa que não existe.

5.3.2.9 — *O critério da pergunta* consiste em formular uma pergunta na posição ocupada pela preposição, mediante um termo interrogativo:

Eu moro no Bairro de Fátima,

em que se pode fazer a pergunta *onde?* na posição ocupada por *no* (em-o): *Eu moro onde?* Se a pergunta é carregada, é porque também a resposta necessariamente há de sê-lo. Como a pergunta encerra a idéia de *lugar onde*, a resposta *no bairro de Fátima* vem a ser um adjunto adverbial de lugar.

5.3.2.10 — Há um tipo de objeto indireto que não denota o termo em que necessariamente recai a significação verbal, mas apenas o interesse eventual que a pessoa toma pela coisa enunciada, em que de certo modo se acha envolvida. Em

Não me corra na calçada,

o objeto indireto *me* não é o termo em que recai necessariamente a significação de *correr*: apenas esclarece que não ficarei satisfeito, que não aprovarei ou até que poderei castigar, se a pessoa o fizer.

Não podemos entender por que se chama objeto indireto, salvo se por influência latina, que o denomina *dativo ético* ou *simpatético*, sabido que dativo e objeto indireto são idéias inseparáveis. O que se nos antolha como certo é chamá-lo de *adjunto adverbial*, tão evidente ressalta a idéia de circunstância. Em

Passe-me o café ao colega

o pronome tem o valor semântico de *a meu ver, em atenção a mim* ou até *por favor*, que sugerem adjunto adverbial e não objeto indireto. Em defesa do que alegamos, acrescente-se: a) que a preposição *a* não é vazia, pois equivale a por exemplo *em atenção a*; b) que *me* não se desdobra em *a mim*, como se dá normalmente quando exerce a função de objeto indireto; c) que tal *objeto* pode ocorrer com todo e qualquer verbo, transitivo ou intransitivo, e não apenas com transitivo indireto:

- a) Não *me* durma na rede;
- b) Não *me* saia sem permissão;
- c) Não *me* pense nesse rapaz;
- d) Não *me* beba cachaça;
- e) Não *me* ande sem paletó;

o que nos ensina que não se trata de objeto indireto, e sim de algo mais amplo como o adjunto adverbial — complemento de qualquer verbo. A não pensarmos, assim, vamos ser forçados a concluir que todo verbo, salvo quiçá o de ligação, pode ser transitivo indireto, e tem conseqüentemente predicação completa.

Dissemos *quiçá o verbo de ligação*, mas parece que não há motivo para a ressalva, porque frase como *não me seja besta* nos soa como bem usável, como bem vernácula.

Resta advertir que seria demasiado freqüente o caso de verbos com dois objetos indiretos, como em *passe-me o café ao colega*, dualidade que não parece muito natural.

Este *objeto indireto*, dito *expletivo* por uns, *expressivo* ou *coloquial* por outros, é geralmente* expresso pelo pronome pessoal *me*. Em certas construções é preciso ter cautela para não se estabelecer a confusão entre o objeto indireto expressivo e o objeto indireto propriamente dito. Em

Não me diga isso!

somente o contexto, e talvez a entoação, pode elucidar de que tipo se trata.

* Não é comum a ocorrência do objeto indireto expressivo ou, mais propriamente, do adjunto adverbial, com os outros pronomes pessoais, isto é, com *te, lhe, nos, vos, lhes*:

- a) Ninguém *te* brinca no trabalho;
- b) Quem *lhe* conversa em fiado?
- c) Não *nos* ande bebendo cachaça;
- d) Nunca *vos* sairei sem avisar;
- e) Quem *lhes* cospe no chão?

5.3.2.11 — Objeto indireto estrito: é o objeto indireto constituído por *me, te, se, lhe, nos, vos, se, lhes*, formas pronominais átonas:

- a) Restitui-*me* o tempo que *me* roubaste;
- b) Eu *te* leguei a paz e a imortalidade;
- c) Ele *se* propõe renovar a humanidade;
- d) Apontei-*lhe* o caminho da virtude;
- e) Devolve-*nos* o carinho que *te* prodigamos;
- f) Neguei-*vos* a ternura que *me* cobrastes;
- g) Deram-*se* as mãos efusivamente;
- h) Arrendei-*lhes* a fazenda sertaneja;

bem como todo substantivo regido por *a* e substituível por *lhe* ou *lhes*:

- a) Dei o livro *ao colega* = Dei-*lhe* o livro;
- b) Mostrei a cidade *aos turistas* = Mostrei-*lhes* a cidade;
- c) Agradece *a Deus* a tua cura = Agradece-*Lhe* a tua cura.

São estes os únicos objetos indiretos propriamente ditos, os únicos que podem chamar-se legítimos, porque recebem a marca do sistema, o ferrão da estrutura lingüística, expressos nas variantes pronominais. Os outros, que por oposição podem chamar-se *latos*, são mal caracterizados, como acabamos de comprovar, pois o saber se a preposição é ou não vazia requer sinuosa técnica, nem sempre de todo satisfatória:

Nunca me esquecerei de meus avós

em que *de meus avós* não é substituível por *lhes*: *lhes esquecerei* não seria possível.

Sobre as variantes pronominais como objetos, reveja-se o ponto *Pronome-Sujeito e Pronome-Complemento*.

5.3.3 — *Sob o aspecto mórfico*

5.3.3.1 — Substantivo:

- a) Ressalvei-o *da tremenda responsabilidade*;
- b) Ensina o perdão *a teus filhos*;
- c) Por que contravéns *à norma social*?
- d) Entregue *a Deus* o seu destino;
- e) Creio *na vitória da democracia*;
- f) São bens que obvieram *à república*;
- g) Goza *dos bens* que a Providência te concedeu;

- h) Despe-te *do teu orgulho vão*;
- i) O tempo depressa o consolou *da viuvez*;
- j) Não me admiro *de tanta ingratidão*;
- k) Você deve adaptar-se *ao novo clima*;
- l) Eu sempre recorro *à misericórdia divina*;
- m) Como se aborrece *de si* o verdadeiro penitente!
- n) Não escarneça *dos humildes e dos pequenos!*
- o) Não zombe *comigo*; não zombe *de mim*;
- p) Reflete *no destino da humanidade!*
- q) Sirva-se *do gostoso bife* que lhe preparei;
- r) Você nunca aderiu *à situação*;
- s) A natureza proveu-a *de todas as qualidades* (ou *com*);
- t) Tirei o preso *à justiça* (ou *da*);
- u) Você desaveio meu filho *com o professor*;
- v) Resguarda os olhos *dos raios solares*;
- w) Todos participaram *da revolução*;
- x) Isto só acontece *aos ingratos* (coloquialmente *com*);
- y) Despeço-me *dos parentes e amigos*;
- z) Pesa-nos, ó Deus, *de tanta ingratidão*.

5.3.3.2 — Palavra substantivada:

- a) O teu futuro depende muito *do meu sim*;
- b) É pecado sorrir *dos humildes*;
- c) Condoa-se *do pobre enjeitado*.

5.3.3.3 — Pronome:

- a) Sobram-me razões para ser-te grato;
- b) Faltam-me as provas que desejo;
- c) *A ninguém* assiste o direito de matar;
- d) A coragem valeu-me o respeito de todos;
- e) Conferi-lhe o título de bacharel;
- f) Não me lembro *de ninguém*;
- g) Devolve-me a paz que *me* roubaste;
- h) Não concordamos *com isto*;
- i) Não *nos* apraz viver contigo.

5.3.3.4 — Infinitivo (cf. 2.15 — *A Locução Verbal*):

- a) Habituei-me *a trabalhar*;
- b) Livrei-o *de morrer*;

- c) Não me recuso *a colaborar*;
- d) Gosto *de passear*;
- e) Não desisto *de lutar*;
- f) Não vos convidei *a ficar*;
- g) Tendes *a desistir*.

5.3.3.5 — Oração reduzida infinitiva:

- a) Habituei-me *a trabalhar sozinho*;
- b) Livrei-o *de morrer por um crime* que não cometeu;
- c) Não me recuso *a colaborar com você*;
- d) Gosto *de passear pelo jardim*;
- e) Não desisto *de lutar pelo meu direito*;
- f) Não vos convidei *a ficar na serra*;
- g) Tendes *a desistir da luta*.

É bom não esquecer que a oração reduzida infinitiva é apenas a expansão do infinitivo, da mesma forma que a participial e a gerundial são a expansão do particípio e do gerúndio. A repetição do item precedente, relativo ao infinitivo, não traduz falta de novos exemplos para o item, mas única e deliberadamente o intuito de advertir sobre o carácter expansivo das orações reduzidas (veja-se a nota de 5.1.3.5).

5.3.3.6 — Advérbio pronominal:

- a) Não gosto *daqui*;
- b) Lembre-se *de amanhã*;
- c) Não me esqueço *de lá*.

Quando regime de preposição, como nos exemplos supracitados, o advérbio perde a natureza adverbial e fica-lhe somente a natureza pronominal. Seria contra-senso incluí-lo entre as classes que desempenham a função de objeto indireto, se não se apresentasse desadverbializado. A prova de que não se tem advérbio em por exemplo *lembre-se de amanhã*, é que normalmente o advérbio se desdobra em substantivo preposicionado, e neste caso seria equivalente a *no dia seguinte*, que não é possível, pois iria resultar em *lembre-se de no dia seguinte*, o *em* sem préstimo sintático. A transformação *lembra-se do dia seguinte* mostra que o advérbio se descaracterizou, uma vez que perdeu a preposição *em*, que trazia dentro do bojo. A causa de tudo isto é que a preposição tem o dom mágico de converter em substantivo, ou cousa equivalente, qualquer outra classe que lhe sirva de conseqüente. O

advérbio de *voltarei amanhã* (no dia seguinte) é diferente do advérbio de *lembre-se de amanhã* (o dia seguinte), por causa da posição diversa que ocupam (cf. 6.1.3.7.2).

5.3.3.7 — Oração subordinada substantiva, dita objetiva indireta, que pode ser constituída por (cf. 4.2 — *O Sujeito*, 5.1 — *O Objeto Direto*):

- a) Objeto indireto oracional, encabeçado pelas integrantes *que* ou *se*;
- b) Objeto indireto oracional, encabeçado por um membro do grupo *qu*.

Não esquecer que as orações substantivas, salvo encabeçadas pela integrante *que* ou um relativo indefinido, são paralelamente orações interrogativas indiretas.

Embora correto, é muito raro encontrar-se *que* como relativo indefinido, pelo fato de, confundindo-se com a integrante, provocar ambigüidade. A oração *não me lembro de que me falaste* é dúbia ou pelo menos confusa, porque a palavra *que*, além de pronome interrogativo, pode também ser conjunção integrante, donde ser possível dupla interpretação (SAID ALI, 76, p. 112):

Não me lembro de que me falaste:

Não me lembro de que coisa me falaste;

Não me lembro de me haveres falado.

O *que*, relativo indefinido, é comum nas construções tratadas em *A Oração Mínima*.

5.3.3.8 — Objeto indireto oracional, encabeçado pelas integrantes *que* ou *se*:

I — Encabeçado pela integrante *que*:

- a) *Lembra-te de que tu és pó* = lembra-te disto: que tu és pó;
- b) *Não gosto de que me fales assim* = não gosto disto: que me fales assim;
- c) *Tu me obrigas a que me defenda* = tu me obrigas a isto: que me defenda;
- d) *Nada obsta a que você volte* = nada obsta a isto: que você volte;
- e) *Aludiu a que alguns haviam traído* = aludiu a isto: que alguns haviam traído;

- f) *Esqueceu-se de que trabalhava muito* = esqueceu-se disto: que trabalhava muito;
- g) *Admiro-me de que hajas comparecido* = admiro-me disto: que hajas comparecido.

A preposição que precede a conjunção integrante pode geralmente ser omitida, mas a oração continua objetiva indireta:

- a) *Lembra-te que tu és pó;*
 b) *Não gosto que me fales assim;*
 c) *Tu me obrigas que me defenda;*
 d) *“Aconselharam-no que se mudasse para outra província”*
 (CAMILO).

A estrutura de *melodias que você gosta* é diferente, e por isto mesmo a oração é incorreta, pois aí o que se tem é um pronome relativo e não conjunção integrante; *melodias de que você gosta* é o que se deve dizer, pois a preposição do relativo não pode ser omitida em português.*

II — Encabeçado pela integrante *se*:

- a) *Não me recordo de se o ano foi seco* = não me recordo disto: se o ano foi seco; será que o ano foi seco?
- b) *Não me refiro a se houve ou não inverno* = não me refiro a isto: se houve ou não inverno; será que houve inverno?
- c) *Reflita em se convém ou não esperar* = reflita nisto: se convém ou não esperar; será que convém esperar?
- d) *Não se admire de se o Brasil perder* = não se admire disto: se o Brasil perder: será que o Brasil perderá?

À semelhança do que se dá com a integrante *que*, o *se* dispensa ordinariamente a preposição precedente, mas por isto a oração substantiva não vai deixar de ser objetiva indireta:

- a) *Não me recordo se o ano foi seco;*
 b) *Não me refiro se houve ou não inverno;*
 c) *Reflita se convém ou não esperar;*
 d) *Não se admire se o Brasil perder.*

A transformação com *será que* serve para comprovar que a oração é interrogativa indireta; é mais um recurso transformacional que apresentamos para assimilar-se com mais facilidade a estrutura das subordinadas interrogativas. Em lugar do popular *será que* pode usar-

* V. 6.2.3.6.

-se *acaso* e *porventura*, de feição literária, e por isto mesmo inferior como recurso didático. Pode-se até dispensar qualquer dos três e deixar apenas a interrogação: *não me recordo disto: se o ano foi seco; o ano foi seco? sem será que, sem acaso, sem porventura.*

5.3.3.9 — Objeto indireto oracional, encabeçado por um membro do grupo *qu*:

- a) *Não estou aludindo a qual deles é o mais arguto* = não estou aludindo a isto: qual deles é o mais arguto?
- b) *Lembre-se de a quamanho perigo você escapou* = lembre-se disto: a quamanho perigo você escapou!

A preposição *de* rege a oração substantiva *a quamanho perigo você escapou*; a preposição *a* rege a expressão *quamanho perigo*, cujo núcleo é o substantivo.

Quando se fala em oração interrogativa, como em *a quamanho perigo você escapou*, deve muita vez entender-se oração exclamativa, pois uma e outra se comportam estruturalmente da mesma forma, salvo sob o aspecto fonológico.

- c) *Informe-me de quando voltarás* = informe-me disto: quando voltarás?
- d) *Não pense mais em quanto sofremos* = não pense mais nisso: quanto sofremos!
- e) *Jamais se reporte a por quão dura prova nós passamos* = = jamais se reporte a isto: por quão dura prova nós passamos!
- f) *Eu hoje me admiro de a que perigo você escapou* = eu hoje me admiro disto: a que perigo você escapou!
- g) *Não me lembro de a quem dei a bolsa* = não me lembro disto: a quem dei a bolsa?
- h) *Eu me orgulho de como sempre te comportas* = eu me orgulho disto: como sempre te comportas!
- i) *Não me lembro de cujo partido você tomou* (arcaico) = não me lembro disto: cujo partido você tomou?
- j) *Não indague de por onde andei* = não indague disto: por onde andei?

Em certas instâncias como no item (*j*), o verbo tem dupla regência, e pode usar-se *não indague por onde andei*, com o objeto direto oracional, em lugar do indireto.

Como nos casos das integrantes *que* e *se*, a língua faculta a omissão da preposição que precede o membro do grupo *qu*:

- a) *Lembre-se a quamanho perigo você escapou;*
- b) *Informe-me-o quando voltarias;*
- c) *Eu me orgulho como sempre te comportas.*

A construção *eu hoje me admiro de a que perigo você escapou* é muito literária, pouca vez ou quiçá não explorada jamais; o nosso empenho todavia é descrever a estrutura sintática do objeto indireto oracional, não importando que por este ou por aquele motivo não haja sido plenamente aproveitada. Talvez os pósteros, talvez eles, pensem diversamente de nós. . .

Em

- a) *Não me lembro de de quem você falava;*
- b) *Esqueceram-se do de que precisavam;*
- c) *Despeço-me de de quem mais eu gosto;*

a omissão da primeira preposição é inevitável:

- a) *Não me lembro de quem você falava;*
- b) *Esqueceram-se do que precisavam;*
- c) *Despeço-me de quem mais eu gosto;*

para evitar o encontro de preposições iguais: *de com de = de de.*

5.3.3.10 — O pronome *quem* pode ser relativo indefinido, e como tal não constitui oração interrogativa indireta, mas apenas oração substantiva:

- a) *Entreguei o prêmio a quem o merecia* = entreguei o prêmio àquele que o merecia;
- b) *Tu só recorres a quem tem prestígio* = tu só recorres àquele que tem prestígio.

O que identifica estas subordinadas substantivas não é a transformação, acima feita, em subordinadas adjetivas, pois as interrogativas também a comportam, mas o ser impossível converter o relativo em *que pessoa* ou expandi-lo com *é que*. As transformações *entreguei o prêmio a que pessoa merecia* ou *entreguei o prêmio a quem é que o merecia* não haviam por certo de ser admissíveis.

Outra diferença que se observa é a impossibilidade de substituir a subordinada por *isto* como se dá com as orações interrogativas: *entreguei o prêmio a este*, não porém *entreguei o prêmio a isto*.

Conforme dissemos acima, e pelo motivo que o fizemos, é muito raro encontrar-se o *que* relativo indefinido.

5.4 — O AGENTE DA PASSIVA

5.4.1 — *Sob o aspecto semântico*

A própria denominação *agente da passiva* impossibilita definir-lhe a função sintática exclusivamente sob o aspecto semântico, porque a voz passiva é de base morfológica, e portanto mórfica, já que supõe o particípio, forma verbal passiva do verbo transitivo-direto, além da preposição, outra forma que necessariamente deve estar presente.*

Afirmar que *agente da passiva* é o termo que pratica a ação expressa pelo verbo é obviamente falso, porque na oração

O lar faz o homem

o lar certamente não é agente da passiva, embora esteja praticando a ação expressa pelo verbo.**

Não se dirá tampouco que *voz passiva* é aquela em que o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo, pois em

O povo sofre o jugo da tirania

não resta dúvida que o sujeito é que sofre; entretanto, não há *voz passiva*; pode até haver passividade, não porém no sentido gramatical da palavra.

A expressão *agente da passiva* ou mais propriamente *agente da voz passiva* não pode portanto ser estudada, sem tomar em considera-

* Não tirar da mente que a voz passiva é categoria morfo-sintática, e reclama obrigatoriamente três cousas: o particípio, a preposição *por* (ou *de* às vezes) e a passagem à voz ativa: nenhuma das três pode faltar.

** *Agente* e *ação* são vozes cognatas, pois ambas se derivam do latim *agĕre* — fazer, praticar; *agente* significa propriamente *feitor, fabricante*; *ação* quer dizer *feitura, fabrico*.

ção a expressão formal que se acha indicada no vocábulo *passivo*.* Como bem observa BECHARA, “voz *passiva* é a *forma* especial em que se apresenta o verbo para indicar que o sujeito é o paciente da ação verbal” (*Lições de Português pela Análise Sintática*, 101).

Em português há duas formas passivas, a participial, formada com o particípio, e a pronominal, formada com o ex-pronome *se*; a primeira admite a expansão por meio do agente da passiva, enquanto a segunda é normalmente inexpandível, isto é, não comporta o agente da passiva como complemento verbal. Daí poder transformar-se *o vento embala os ramos* em *os ramos são embalados pelo vento*, mas *vendem-se carros pela fábrica* ser inadmissível em português.

A definição “*Agente da passiva* é o tempo que denota a ação praticada sobre o sujeito paciente” é como as precedentes igualmente falsa. Em

O bandido foi prostrado com dois tiros

o complemento exprime a ação praticada sobre o sujeito paciente; no entanto *com dois tiros* é adjunto adverbial de instrumento, e não agente da passiva, porque falta um requisito formal — a preposição *por* ou excepcionalmente *de*.

Em *a conquista da Inglaterra pelos normandos*, não existe agente da passiva, embora conste a preposição apropriada e seja possível transformar em *a Inglaterra conquistada pelos normandos*; é que falta um elemento indispensável, sem o qual não se configura a categoria sintática: falta o imprescindível particípio.**

Em *foi trocado o certo pelo duvidoso* também não se apresenta o agente da passiva, pois, embora se manifestem as condições formais, é impossível fazer a leitura às avessas: *o duvidoso trocou o certo* tem significação diversa ou não a tem de modo algum, e, portanto, não vale como transformação.

Em *esta peça é substituível por outra* não há tampouco agente da passiva, porque, também aqui, falta o elemento *participio*: *substituível*

* “A voz passiva é categoria *conjugativa* que serve para expressar que a ação denotada pelo verbo é praticada sobre o sujeito gramatical.” (Dei, Mario, 68, p. 161.)

** O particípio é forma verbal que termina, em *-ado* ou *-ido*, ou devia terminar: *amado*, *vendido*, *partido*. Se não termina, vamos admitir que devia terminar, porque, partindo-se da forma errada em *-ado* ou *-ido*, é fácil descobrir a forma certa:

- a) perder — perdido; dormir — dormido;
- b) vencer — vencido; cair — caído;
- c) escrever — (escrevido) escrito;
- d) dizer — (dizido) dito;
- e) abrir — (abrido) aberto;
- f) cobrir — (cobrido) coberto.

é apenas adjetivo. *Por outra*, neste caso, é objeto indireto e não apresenta nada como agente da passiva, tanto é verdade que a preposição *por* se conserva na voz ativa: *eu troquei esta peça por outra*.

Em *o homem se orienta pelas estrelas*, é inegável que as estrelas orientam o homem. Não há porém agente da passiva, porque faltam a preposição e o particípio. *Pelas estrelas* é adjunto adverbial de meio: *mediante as estrelas*.

5.4.2 — *Sob o aspecto sintático*

Chama-se agente da passiva o termo que, lida a oração às avessas, se transforma em sujeito da voz ativa. Em

A lei da gravidade foi descoberta por Newton

por Newton é o agente da passiva porque, lida a oração às avessas, *Newton* pode transformar-se no sujeito:

Newton descobriu a lei da gravidade.

É por este motivo que o agente da passiva é um sujeito disfarçado, ou *camuflado*, para quem gosta de francesia.

A leitura às avessas deve fazer-se de tal modo que gere três fenômenos indispensáveis: a) transformação do particípio em forma finita; b) desaparecimento do verbo *ser*; c) desaparecimento da preposição: *por* ou *de*. Em

O homem foi criado por Deus

o agente da passiva é *por Deus*, porque a oração pode ser lida às avessas:

Deus criou o homem,

com transformação de *criado* em *criou*, desaparecimento de *foi* e da preposição. Como explicaremos adiante, o verbo *ser* constitui elemento secundário da passiva participial, e pode haver agente da passiva sem a presença do verbo *ser*:

O homem, criado por Deus, aspira à imortalidade

em que *por Deus* é agente da passiva e não figura o verbo *ser* na oração: pode ler-se às avessas — *Deus criou o homem* — transformando-se o particípio em pretérito perfeito e omitindo-se a preposição.

A posição normal do agente da passiva é após o verbo:

O mundo foi criado por Deus

Se trocarmos a posição — *por Deus foi criado o mundo* — não se altera o sentido, mas a construção, por não ser a normal, assume diverso colorido estilístico.

5.4.3 — *Sob o aspecto mórfico*

Conforme acima demonstramos, o agente da passiva é sempre regido de preposição — regularmente *por*, excepcionalmente *de*. Nisto assemelha-se ao complemento nominal, também sempre preposicionado por ao menos seis preposições:

- a) A Divina Comédia foi escrita *por Dante*;
- b) A mestra era querida *de todas as alunas*;
- c) O inferno foi criado *pelos anjos*.

Em português antigo se usava ordinariamente a preposição *de* por ser o ponto de partida do ato dirigido sobre o sujeito paciente:

- a) “Não consente que se perca a gente *dela* tanto amada” (Lus. 1, 100);
- b) “Foi dele alegremente agasalhado” (Lus. 1, 95);
- c) “Nova estrela não vista *de outra gente*” (Lus. 5, 14);
- d) “Os mares nunca *doutrem* navegados” (Lus. 5, 37).

“No falar hodierno aparece invertida a situação: predomina *por*, ao passo que *de* ou é de uso ocasional ou se reserva para certos e determinados verbos” (SAID ALI, 76, p. 105); mas em qualquer situação pode usar-se a preposição *por*, ao passo que a preposição *de* vai depender sempre do costume ou do arrojado estilístico do escritor.

Além do agente da passiva morfo-sintático, acima descrito, existe outro tipo, de cunho geralmente literário, em que figura o infinitivo com valor passivo, em lugar do particípio, na construção de *acusativo com infinitivo* (cf. 5.2):

- a) “Deixei-me dilacerar *pelo abutre da soberba*” (CAMILO) = *ser dilacerado*;
- b) “Deixá-lo-ei despedaçar pelos peões desta cidade abominável” (HERCULANO) = *ser despedaçado*;
- c) “A esposa de Eduardo se fazia venerar de seu marido” = (CAMILO) = *ser venerada*;

em que *de* pode alternar com *por*: se fazia venerar *por* seu marido.

5.4.3.1 — Substantivo:

- a) *O Ceará é castigado pelas secas;*
- b) *Pompéia foi destruída pelo Vesúvio;*
- c) *O homem é um torrão inquietado por uma centelha*
- d) *A imprensa foi inventada por Gutenberg;*
- e) *Adão e Eva foram tentados pela serpente;*
- f) *Aníbal foi vencido por Cipião.*

5.4.3.2 — Palavra substantivada:

- a) *A petição foi assinada pelo interessado;*
- b) *A conta foi paga pelo responsável;*
- c) *O fraco é governado pelo forte.*

5.4.3.3 — Pronome:

- a) *Ó atenienses, quanto custa ser louvado por vós!*
- b) *Por mim nunca serás traída;*
- c) *Por quem foi morto o ladrão?*

5.4.3.4 — Oração subordinada substantiva:

- a) *O cargo foi ocupado por quem o merece;*
- b) *Serás orientado por quem sabe muito;*
- c) *És comandado por quem odeias;*
- d) *Fui traído por quantos ajudei.*

A subordinada é substantiva agentiva, não porém interrogativa, porque: a) o *quem* se transforma em *a pessoa que* e não em *que pessoa*; b) não cabe a substituição por *isto*, pois *o cargo foi ocupado por isto* não seria possível de maneira alguma. *Quantos* converte-se em *todos aqueles que*, e, como no caso de *quem*, não funciona a substituição por *isto*.

5.5 — O COMPLEMENTO NOMINAL

5.5.1 — *Sob o aspecto semântico*

Semanticamente, o complemento nominal não se distingue dos outros termos integrantes, pois completa necessariamente a significação de outro termo, da mesma forma que o objeto direto, o objeto indireto e o agente da passiva. Nos três primeiros itens de

- a) *Deus criou o mundo;*
- b) *Não dêes teu amor ao mundo;*
- c) *Foste seduzida pelo mundo;*
- d) *A criação do mundo é um milagre divino;*

o mundo completa necessariamente a significação do verbo; no quarto, a do substantivo *criação*. São quatro termos necessários, ou integrantes, porém diferentes entre si, que não podem ser conceituados exclusivamente pelo critério semântico. Evidencia-se pois que o complemento nominal é indefinível, se considerarmos unicamente o aspecto da significação.

É necessário convencer-se de que a semântica não pertence à gramática; é algo que a transcende majestosamente: é a mensagem do espírito que sobrepassa o código; é a divina melodia que sobrepaira ao fator instrumento: algo porém externo à gramática, pelo menos à gramática propriamente dita.

A seguinte definição:

“Complemento nominal é o termo que necessariamente completa a significação do substantivo ou do adjetivo”

está positivamente correta; não é porém apenas semântica, porém semântico-sintática, já que supõe o grupo, formado por substantivo mais substantivo, ou por adjetivo mais substantivo:

- a) *A destruição* de Pompéia;
- b) *A evasão* do prisioneiro;
- c) *Insensível* ao pranto;
- d) *Nobre* de sentimentos.

A inclusão do complemento nominal entre os termos integrantes obedece visivelmente à orientação semanticista, e discrepa fortemente daquela que adotamos; é certamente a mesma que põe o adjunto adverbial entre os termos acessórios. Não resta dúvida que o complemento nominal é mais importante do que o adjunto adverbial, mas apenas sob o aspecto da significação, apenas em face da mensagem; sob o ponto de vista estrutural, sob o aspecto do código, é o adjunto adverbial muito mais importante: gravita soberanamente em torno do verbo, astro-rei do sistema sintático, enquanto o complemento nominal é como a lua que gira em torno da terra, e não como a terra que gira em torno do sol.*

Como a estrutura que descrevemos é sintática, e não semântica, parece que a Nomenclatura rebaixou o adjunto adverbial em proveito do complemento nominal. Em

A fundação de Roma se deu na era pagã

de Roma é ou pode ser mais importante do que *na era pagã*, mas apenas sob o aspecto semântico; sob o aspecto sintático, *na era pagã* tem mais importância porque se articula com o verbo — eixo e coluna vertebral da oração.

5.5.2 — *Sob o aspecto sintático:*

Sintaticamente, o complemento nominal é o terceiro termo das seguintes construções:** adjetivo-preposição-conseqüente, substantivo-preposição-conseqüente:

* Consulte-se o Capítulo 3.5 — *Termos Subordinantes e Termos Subordinados*, em que se comenta a hierarquia sintática dos termos oracionais; aí se vê que o adjunto adverbial é termo primário, e o complemento nominal — termo secundário.

** A totalidade ou a maioria dos autores acrescenta a construção *advérbio-preposição-conseqüente*:

- a) relativamente ao processo;
- b) favoravelmente ao acusado;
- c) diversamente de você.

Nestes casos preferimos considerar o advérbio e a preposição como locução prepositiva, doutrina que justificamos em 2.8 — *A Preposição* e 2.12 — *Estrutura das Preposições*.

*Adjetivo-preposição-conseqüente**

- a) *Infiel ao juramento;*
- b) *Indigno de você;*
- c) *Desejoso de viver;*
- d) *Indiferente ao próximo;*
- e) *Certo de que voltarás.*

Substantivo-preposição-conseqüente

- a) *O perdão às ofensas;*
- b) *O aproveitamento de todos;*
- c) *A esperança de voltar;***
- d) *A criação do belo;*
- e) *A esperança de que volte.*

Por *conseqüente* entende-se a palavra que geralmente se pospõe à preposição: substantivo, pronome, infinitivo, palavra substantivada e oração substantiva — esta de certo modo a palavra espacejada e geralmente de longa dimensão; o primeiro elemento chama-se *núcleo da construção* ou, mais comumente, o *antecedente da preposição*.

A construção *adjetivo-preposição-substantivo* produz infalivelmente o complemento nominal; é impossível agrupar as três classes, conservando-lhes a devida ordem, sem que o terceiro elemento seja complemento nominal. Em

Prejudicial à coletividade

é o adjetivo que formaliza o complemento nominal; é claro todavia que não se pode esquecer o papel desempenhado pela preposição intermédia, sem a qual não se realiza o nosso complemento nominal, salvo no caso dos pronomes átonos.

Nem sempre o adjetivo completa necessariamente a significação do conseqüente; pelo menos é o que se nos antolha em

- a) *Nobre de sentimentos;*
- b) *Rico de promessas;*
- c) *Fraco do juízo.*

* Há substantivos e adjetivos transitivos indiretos, isto é, cuja idéia requer logicamente um termo preposicionado para completá-la. (SECHEHAYE, Albert, 79; *Nomenclatura Gramatical Brasileira e sua Elaboração*, 14).

** Não esquecer que o infinitivo é a forma substantiva do verbo.

Se a construção *adjetivo-preposição-conseqüente** constitui sempre complemento nominal, outro tanto não se pode asseverar sobre a construção *substantivo-preposição-conseqüente*, que ora constitui complemento nominal, ora constitui adjunto adnominal, conforme o comportamento do substantivo antecedente, isto é, conforme o comportamento do núcleo: se transitivo — complemento nominal; se porém intransitivo — adjunto adnominal. Excepcionalmente constitui aposto.

Sob o aspecto semântico se descobre estreito parentesco entre o complemento nominal e o objeto indireto, pois um e outro completam necessariamente a significação transitiva do termo precedente: este a significação do verbo transitivo indireto,** aquele a significação do substantivo ou adjetivo, também transitivo indireto. Em por exemplo

A derrota do capitalismo

do capitalismo é complemento nominal, porque necessariamente completa a significação do termo *derrota*; mas isto é argumento semântico, e nos propusemos apresentar argumentos sintáticos que sirvam para identificar o complemento nominal, o que vamos procurar fazer nos subcapítulos seguintes.

5.5.2.1 — Montam a oito as provas sintáticas que oferecemos para comprovar a existência do complemento nominal:

- a) *Prova da subjetivação*;
- b) *Prova do predicativo*;
- c) *Prova da objetivação direta*;
- d) *Prova da objetivação indireta*;
- e) *Prova da correspondência*;
- f) *Prova da agentivação*;
- g) *Prova do esvaziamento*;
- h) *Prova da integrante*.

5.5.2.1.1 — Prova da subjetivação:

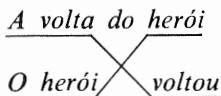
Por esta prova se verbaliza o substantivo nuclear, ou antecedente da preposição, e se transforma o conseqüente em sujeito da construção,** conforme o esquema:***

* Se constituído por um pronome pessoal do tipo *me-te-lhe-nos-vos-lhes*, o complemento nominal deixa de apresentar a preposição, que se acha como que incluída na flexão casual: *Não me sejas infiel* = não sejas infiel a mim.

** Como nem sempre é possível determinar se o verbo é ou não de significação incompleta, isto é, transitivo indireto em nosso caso, esfuma-se não raro a distinção entre o objeto indireto e o adjunto adverbial, e as duas categorias sintáticas inevitavelmente se confundem.

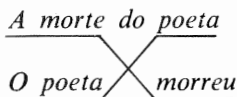
*** *Construção*: agrupamento e combinação de palavras para formar locução, frase e oração.

**** É o que se chama tradicionalmente *genitivo subjetivo*, e que se pode adaptar como complemento nominal subjetivo.

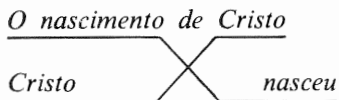


em que a *volta do herói* se converte em *o herói voltou*, com verbalização do núcleo *volta* e transformação do conseqüente *herói* em sujeito da construção.

Outras transformações ilustrativas:



em que *a morte do poeta* se converteu em *o poeta morreu*, com verbalização de *morte* e subjetivação de *poeta* (*Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 14, p. 34).



com subjetivação de *Cristo* e verbalização de *nascimento*.

A construção *a volta do herói* constitui o que a gramática gerativo-transformacional, de CHOMSKY, denomina o *input*, que vamos traduzir por o *produtor*; a transformação *o herói voltou* constitui o *output*, que podemos traduzir por o *produto* (37, p. 173). O produtor, ou *input*, “a volta do poeta” se transforma e gera o produto, ou *output*, “o herói voltou”.

Não se deve analisar *do poeta* e construções análogas como adjunto adnominal.

Sob o aspecto semântico *morte* é voz transitiva, pois ela recai necessariamente sobre alguém — *o poeta*. Se a destruição deve, obrigatoriamente, ser de alguém ou de alguma coisa, também a morte será inapelavelmente de alguém ou de alguma coisa: *morte do piloto*, *morte do reisado*. Não há correspondência entre a predicação do substantivo e a do verbo, pois o verbo intransitivo produz ordinariamente um substantivo transitivo indireto — *Cristo nasceu*, donde *o nascimento de Cristo*. Tanto é verdadeira a falta de correspondência, que não há substantivo transitivo direto em nossa língua, mas somente substantivo intransitivo e transitivo indireto (cf. 5.5.2.1.4.1).

Sob o aspecto estrutural *morte* é muito importante, visto ser um sujeito disfarçado. Comparem-se *a morte do poeta foi trágica* e *o poeta*

morreu tragicamente, em que a segunda construção é a espontânea e fácil transformação da primeira. Se o objeto direto por transformação (*a destruição de Pompéia — destruíram Pompéia*) é complemento nominal, tido como fundamental na tessitura sintática, muito mais poderoso há de ser o sujeito, pois é a própria razão de ser da estrutura e da mensagem. Se o termo integrante constitui complemento nominal, por que o termo essencial não tem força para constituí-lo? Se o menos pode, por que o mais é impotente?

5.5.2.1.2 — Prova do predicativo:

É aquela em que o antecedente se transforma em predicativo do conseqüente. Se em *a morte do poeta* o conseqüente é complemento nominal, porque se transforma em sujeito da construção, em

A satisfação dos pais = os pais estão satisfeitos

o conseqüente por igual motivo é logicamente complemento nominal, por ser também transformável em sujeito da construção. A única diferença é que a transformação *o poeta morreu* é de predicado verbal, ao passo que *os pais estão satisfeitos* é de predicado nominal. Conclui-se daí que a prova do predicativo e da subjetivação fundamentalmente são a mesma cousa.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) *A tristeza do réu = o réu estava triste;*
- b) *A pobreza dos tugúrios = os tugúrios são pobres;*
- c) *A imprudência do motorista = o motorista foi imprudente;*
- d) *A inveja do vizinho = o vizinho é invejoso;*
- e) *A pureza das intenções = as intenções eram puras;*
- f) *A covardia do agressor = o agressor foi covarde.*

5.5.2.1.3 — Prova da objetivação direta:

Por esta prova se transforma o substantivo nuclear em verbo passivo, e o conseqüente em sujeito da construção; justifica-se a expressão *objetivação direta* porque o sujeito da voz passiva corresponde ao objeto direto na voz ativa, e porque o processo de apassivação se torna muito mais prático:*

O desejo de liberdade

A liberdade } *é* { *desejada*

* É o que se chama tradicionalmente *genitivo objetivo*, e que se pode adaptar como complemento nominal objetivo.

em que se transformou o substantivo *desejo* em verbo passivo e o conseqüente *liberdade* em sujeito da construção. Pode usar-se a passiva participial ou pronominal:

<u>O desejo</u>	de	<u>liberdade</u>
<u>Deseja-se</u>		<u>a liberdade</u>

Outras transformações ilustrativas:

<u>A prisão</u>	do	<u>malfeitor</u>
<u>O malfeitor</u>		<u>foi preso</u>

ou

<u>A prisão</u>	do	<u>malfeitor</u>
<u>Prendeu-se</u>		<u>o malfeitor</u>

em que se transformou o antecedente em verbo passivo, e o conseqüente em sujeito da construção.

<u>A entrega do prêmio</u>	
<u>O prêmio</u>	foi entregue

ou

Entregou-se o prêmio

com transformação do substantivo nuclear em verbo passivo, e o conseqüente em sujeito da construção.

5.5.2.1.4 — Prova da objetivação indireta:

Por esta prova se verbaliza o substantivo nuclear e se transforma o conseqüente em objeto indireto da construção:*

<u>A resposta</u>	ao	<u>professor</u>
↓		
<u>Respondeu-se</u>	ao	<u>professor</u>

em que se verbalizou o substantivo *resposta* e se transformou o conseqüente *professor* em objeto indireto da construção.

* É necessário pois que o substantivo se transforme em verbo transitivo indireto.

O sujeito pode ficar determinado ou indeterminado; em geral é preferível a indeterminação com *se* (*respondeu-se ao professor*) e com a terceira pessoa do plural (*responderam ao professor*), por ser de aplicação muito generalizada; mas se pode achar um sujeito claro como por exemplo os pronomes que designam pessoas humanas (*ele* ou *alguém respondeu ao professor*).

Outras transformações ilustrativas:

A dedicação à ciência
↓
Dedicam-se à ciência

em que se verbalizou o substantivo nuclear e transformou o conseqüente em objeto indireto da construção.

A obediência ao superior
↓
Ele obedeceu ao superior

com verbalização de *obediência* e transformação do conseqüente em objeto indireto.

5.5.2.1.4.1 — *sujeito-objetivação*:

É comum encontrar dois complementos nominais sucessivos, subordinados ao mesmo substantivo nuclear, subjetivo o primeiro e objetivo o segundo, que admitem respectivamente a subjetivação e a objetivação indireta, o que pode ser denominado *sujeito-objetivação*:* para isto é preciso que o núcleo seja transitivo,** de modo que seja transitivo indireto o verbo correspondente. O genitivo subjetivo se transforma em sujeito, e o genitivo objetivo em objeto indireto da construção,** conforme o seguinte esquema:

* *Sujeito-objetivação* é um composto aditivo: denota o duplo fenômeno de subjetivação e objetivação; são também aditivos os compostos *agente-objetivação* e *agente-bioobjetivação*, mais adiante utilizados. Nos compostos aditivos, os dois elementos são coordenados entre si; nos compostos subordinativos, o segundo elemento é subordinado ao primeiro: *democracia* — governo do povo.

** Não há substantivo nem adjetivo transitivo direto: todos são intransitivos ou transitivos indiretos; em latim arcaico porém se deparam substantivos e adjetivos transitivos diretos, especialmente os substantivos terminados em *-tio*: *quid tibi hanc curatio est rem?* — que tens a ver com este negócio?; *amore perditast te misera* — a desgraçada morre de amor por ti; *nomen ignari erant* — eles ignoravam o nome (ERNOUT e THOMAS, 25, p. 19). *Worth* em inglês é geralmente adjetivo e transitivo direto: *This is not worth the trouble* (WEBSTER, 83.)

*** As expressões *genitivo subjetivo* e *genitivo objetivo* têm a vantagem de ser mais curtas do que *complemento nominal subjetivo* e *complemento nominal objetivo*.

A obediência do paisano ao capitão
O paisano \times obedece ao capitão

em que *paisano* se transformou em sujeito, e *capitão* em objeto indireto da construção.

Outras transformações ilustrativas:

A resposta do aluno ao professor
O aluno \times respondeu ao professor

em que *aluno* se transformou em sujeito, e *professor* em objeto indireto da construção.

A confiança da mocidade na democracia
A mocidade \times confia na democracia

em que o genitivo subjetivo *da mocidade* se converteu em sujeito do verbo *confiar*, e o genitivo objetivo em objeto indireto da construção.

No fenômeno de sujeito-objetivação, segundo prevenimos, o primeiro complemento nominal é subjetivo; o segundo é objetivo. Não se diria por exemplo:

- a) *A obediência ao capitão do soldado;*
- b) *A resposta ao professor do aluno;*
- c) *A confiança na democracia da mocidade.*

5.5.2.1.4.2 — *biobjetivação*:

É também comum encontrar dois complementos nominais sucessivos, subordinados ao mesmo substantivo nuclear, porém ambos objetivos (direto o primeiro, indireto o segundo), que admitem respectivamente a objetivação direta e a indireta, ou, mais concisamente, o que pode chamar-se de *biobjetivação*. Exemplo disto é

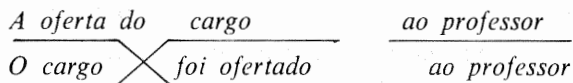
A entrega do prêmio à criança

em que figuram dois complementos nominais sucessivos (*do prêmio, à criança*), que são ambos objetivos, e subordinados ao mesmo substantivo *entrega*. A transformação

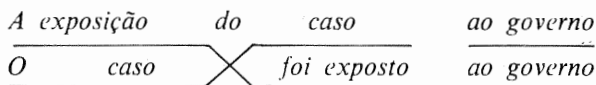
A entrega do prêmio à criança
O prêmio \times foi entregue à criança

evidencia claramente a objetivação direta e a objetivação indireta da construção.

Outras transformações ilustrativas:



em que *o cargo*, como sujeito da voz passiva, é um objeto direto disfarçado (alguém ofertou o cargo), e *ao professor* se acha transformado em objeto indireto da construção.



em que o primeiro complemento nominal é conversível em sujeito, donde transformacionalmente em objeto direto, e o segundo em objeto indireto.

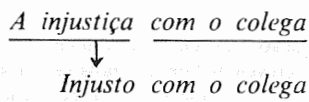
5.5.2.1.5 — Prova da correspondência:

Como o termo que integra a significação do adjetivo é sempre complemento nominal, é lógico que o seja também o termo que integra a significação do substantivo correspondente; diante disto, na construção

A indiferença ao perigo

há complemento nominal, pelo fato de havê-lo necessariamente na construção paralela *indiferente ao perigo*. Se a significação do adjetivo *indiferente* é incompleta, sê-lo-á também por igual motivo a significação do substantivo cognato *indiferença*.

Outras transformações ilustrativas:



em que *injustiça* é substantivo cognato, e a voz *injusto* é o adjetivo paralelo correspondente.

A incerteza do futuro
 ↓
Incerto do futuro

em que *incerteza* é substantivo cognato, correspondente a *incerto*.

As vezes o complemento nominal comporta duas provas: a da correspondência e outra qualquer, como por exemplo em

A confiança no governo

em que se pode aplicar a prova da correspondência (confiante no governo) e a da objetivação indireta (confia-se no governo).

5.5.2.1.6 — Prova da agentivação

Por esta prova se transforma o substantivo nuclear em particípio, e se deixa inalterado o resto da construção, que dada a presença do particípio se converte em agente da passiva, donde o nome de *agentivação*:

A defesa pela cavalaria
 ↓
Defendido pela cavalaria

em que se transformou *a defesa* em particípio, e se deixou inalterado o resto da construção.

É importante observar que a preposição *por* é imprescindível, bem como insubstituível no complemento nominal de agentivação, diversamente do que se dá com o agente da passiva, onde é possível substituí-la por *de*.*

O fenômeno *agentivação* pode ser contraprovado mediante a transformação do agente da passiva em sujeito da construção, e logicamente com a transformação do particípio em verbo finito:**

A defesa pela cavalaria
 ↓
Defendido pela cavalaria
A cavalaria defendeu

* O complemento nominal de agentivação nem sempre é recomendável estilisticamente: foi por isto certamente que acima escrevemos "onde é possível substituí-la por *de*", e não "onde é possível a substituição por *de*", que nos pareceu menos apurado.

** A contraprova é necessária em por exemplo *a troca por automóvel*, pois é possível transformar em *trocado por automóvel*, não porém em *o automóvel trocou*. É que neste caso *por automóvel* é complemento nominal por objetivação indireta, e não por agentivação.

em que o agente da passiva *pela cavalaria* se transformou em sujeito do verbo finito *defendeu*.

5.5.2.1.6.1 — *agente-objetivação*:

Na maioria dos casos a agentivação se acompanha de objetivação direta, fenômeno que podemos chamar de *agente-objetivação*:

A entrega do prêmio pelo diretor
O prêmio foi entregue pelos diretores

em que o complemento nominal *pelo diretor* é acompanhado pelo complemento nominal *do prêmio*, aquele do tipo agentivação, este do tipo objetivação direta.

Outros exemplos ilustrativos:

A destruição de Pompéia pelo Vesúvio
Pompéia foi destruída pelos Vesúvios

em que temos agentivação em *pelo Vesúvio* e objetivação em *de Pompéia*.

A organização do horário pelo diretor
O horário foi organizado pelos diretores

em que *pelo diretor* é complemento nominal por agentivação, e *do horário* por objetivação direta.

Muitas vezes a agente-objetivação é de mau gosto estilístico; então é preferível desfazê-la com por exemplo a transformação do complemento por agentivação em agente da passiva, o que se consegue antepondo-se-lhe o participio. Deste modo

A defesa da cidade pelo guerreiro

se transforma em

A defesa da cidade, feita pelo guerreiro

com anteposição do participio ao complemento nominal.

Pode acontecer que o complemento por agentivação anteceda o complemento por objetivação, pois em agente-objetivação começamos francamente a pisar no terreno do mau gosto. Em por exemplo

A descrição, pelo jornal, do terrível crime

a entoação, expressa pela virgulação, procura evitar que se tome *do terrível crime* por adjunto adnominal de *pelo jornal*: *pelo jornal do terrível crime*.

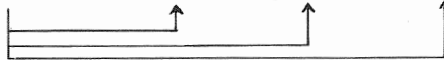
5.5.2.1.6.2 — agente-biobjetivação:

Não é raro que o complemento por agentivação se acompanhe ao mesmo tempo de objetivação direta e objetivação indireta, fenômeno geralmente de mau gosto, que denominamos *agente-biobjetivação*, isto é, agentivação mais objetivação direta e objetivação indireta. Em

A remessa de alimentos ao povo pelo governo

o núcleo *a remessa* se articula com três complementos nominais, pois se trata da *remessa* de alimentos, da *remessa* ao povo, da *remessa* pelo governo. Se aplicarmos a indicação por setas, exposta em *Termos Subordinantes e Termos Subordinados*, teremos a seguinte distribuição:

A remessa de alimentos ao povo pelo governo.



A sobrecarga de complementos nominais em cima de apenas um núcleo, embora admissível em certas ocasiões, e tão ao gosto de muita gente, é muitas vezes irrecomendável; constitui pois um caso de estilo que o escritor resolverá pessoalmente.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) *A recomendação do candidato ao diretor pelo governo;*
- b) *A entrega de certificados aos concludentes pelo professor;*
- c) *A exposição de motivos ao prefeito pelo secretário;*
- d) *O oferecimento de vagas aos alunos pela reitoria;*
- e) *A indicação de assistentes ao diretor pela congregação;*
- f) *A confissão do crime à polícia pelo acusado.*

O exemplo *a confissão do crime à polícia pelo acusado*, bem como os outros precedentes, é construção sintética, de que analiticamente se derivam três subconstruções: *a confissão do crime*, *a confissão à polícia*, *a confissão pelo acusado*.

Para que se concretizem tais construções, é necessário que ao núcleo corresponda um verbo bitransitivo, ou biobjetivo como preferem alguns; com efeito: *recomendar, entregar, expor, oferecer, indicar, confessar* são bitransitivos, correspondentes a *recomendação, entrega, exposição, oferecimento, indicação, confissão*.

A ordem normal da construção é *núcleo, objetivação direta, objetivação indireta, agentivação*; mas é possível alterá-la, como por exemplo, antepondo agentivação e objetivação direta, porém sempre, ou quase sempre, com muito mau gosto estilístico:

A recomendação, pelo governo, do candidato ao diretor

em que *pelo governo* é complemento por agentivação, e se antepõe a *do candidato*, complemento por objetivação direta.

5.5.2.1.7 — Prova do esvaziamento:

Para que se formalize o complemento nominal é imprescindível haver preposição que o relacione com o núcleo da construção (cf. 5.5.2). Em

O desaparecimento do corpo

a preposição *de* relaciona o complemento nominal *do corpo* com o núcleo *desaparecimento*.

O que facilita a identificação é que apenas seis preposições podem figurar no complemento nominal, e são exatamente aquelas que aparecem no objeto indireto: *a, de, em, para, com, por*, cuja forma mnemônica *adiem para compor* ajuda sobremodo a memorização. Evanildo BECHARA(9), nas suas excelentes *Lições de Português*, acrescenta a preposição *contra*, que nos parece desaconselhável por ser notoriamente significativa, pois exprime a idéia de oposição. A nósso ver, a preposição que ocorre no complemento nominal deve ser totalmente vazia de significação, e não se nos antolha possível considerar *contra* como esvaziada.

A preposição tem por objetivo estabelecer a relação entre o núcleo da construção e o complemento nominal, porque o português, como já dissemos, carece de substantivo transitivo direto; não se dirá por exemplo *temos amor o estudo* ou *temos pavor o exame*, porque *estudo* e *pavor* são transitivos indiretos, e regem portanto a preposição *a*; diretos porém é que jamais poderiam ser. Em

A vida sem mistérios seria o maior dos mistérios

podemos afirmar de antemão que *sem mistérios* não forma complemento nominal, porquanto a preposição, evidentemente significativa, exprime a idéia de privação.

O que aí se depara é o adjunto adnominal, de que nos ocuparemos em próximo capítulo.

Releva acentuar o estreito parentesco entre o complemento nominal e o objeto indireto: a diferença fundamental que os separa é a seguinte: aquele, como termo secundário, gravita em torno de outro nome, enquanto este, como termo primário, gravita em torno do eixo oracional, *verbi gratia*, em torno do verbo. Daí a proporção — CN: :N :: OI : V.*

| A iniciar a *prova do esvaziamento*, dissemos que a preposição é imprescindível para que haja complemento nominal. Atente-se porém que todo pronome oblíquo encerra implicitamente uma preposição, que pode ser explicitada:

Eu te serei sempre fiel,

transformável em *eu serei sempre fiel a ti*, com explicitação da preposição: *te = a ti*.

5.5.2.1.8 — Prova da integrante:

Deve considerar-se como transitivo todo substantivo que possa reger a conjunção integrante *que*:

- a) *Já é tempo de que voltes;*
- b) *Eu tenho idéia de que me falaram nisto;*
- c) *Tenho pena de que você volte;*
- d) *Fez um sinal de que o seguisse;*
- e) *Corre um boato de que houve morte;*
- f) *“Dar-se-á caso que a tua cabeça tenha tido alguma levianidade?” (CAMILO);*
- g) *“Dou-lhe a minha palavra, de honra que não tenho dado cavaco nenhum.” (CAMILO).*

A justificação do complemento nominal é que a conjunção requer termo integrante para completar a construção: complemento nominal nominal portanto, e não adjunto adnominal.

Comprovado o *status* transitivo por meio da integrante, o complemento nominal pode ser um nome em lugar da oração:

- a) *Já é tempo de caju;*
- b) *Não tenho a menor idéia do ano;*
- c) *Tenho pena de você;*

* Leia-se: o complemento nominal está para o nome da mesma forma que o objeto indireto está para o verbo.

- d) *Fez o sinal de partir;*
- e) *Corre um boato disto;*
- f) *Deu-se um caso de morte;*
- g) *Dou-lhe a minha palavra de voltar.*

5.5.2.2 — Sinopse:

Complemento nominal é o conseqüente que se pode transformar em sujeito, objeto direto, objeto indireto ou agente da passiva do núcleo:

- a) *Sujeito:*
a volta do renegado — o renegado voltou;
- b) *Objeto direto:*
a conquista do espaço — o espaço foi conquistado — conquistaram o espaço;
- c) *Objeto indireto:*
a obediência aos pais — obedecem aos pais;
- d) *Agente da passiva:*
a destruição pelo fogo — destruído pelo fogo.

Quando o núcleo é constituído por adjetivo, nem sempre é fácil convertê-lo no verbo apropriado; entretanto, geralmente é possível:

- a) *Bom* para o fogo — *que serve* para o fogo;
- b) *Fácil* de aprender — *que não custa* aprender;
- c) *Contrário* à decisão — *que se opõe* à decisão;
- d) *Cioso* do seu nome — *que zela pelo* seu nome;
- e) *Indiferente* ao perigo — *que não teme* o perigo;
- f) *Relativo* ao processo — *que se refere* ao processo.

Com *fácil* e *contrário*, é possível a utilização do verbo cognato: *que facilita* o aprendizado; *que contraria* a decisão.

Por outro lado, a conversão do núcleo em adjetivo é supérflua. O simples adjetivo é, só por si, bastante para estruturar a categoria do complemento nominal.

5.5.3 — *Sob o aspecto mórfico*

5.5.3.1 — Substantivo, regido por *a-de-em-para-com-por* (adiem para compor):

- a) *Em:*
a confiança na Providência — confia-se na Providência;
a crença na imortalidade — crê-se na imortalidade;

- b) *De* :
a revolta do povo — o povo se revoltou;
a tomada da Bastilha — foi tomada a Bastilha;
- c) *A* :
surdo a meu clamor — ensurdeceu a meu clamor;
prejudicial à saúde — prejudica a saúde;
- d) *Para* :
a predisposição para o crime — predispos-se para o crime;
apto para o serviço militar — serve para o serviço militar;
- e) *Com* :
ingrato com os amigos — não agradece aos amigos;
injusto com o professor — injustiça o professor;
- f) *Por* :
o interesse pelo estudo — interessa-se pelo estudo;
responsável pelo desfalque — responde pelo desfalque.

Há substantivos, cuja forma sufixal ou regressiva,* denota frequentemente o complemento nominal, tais por exemplo os terminados em *-or*, *-mento*, *-ada*, *-ida*, *-ção*, *-ança* ou *-ância*, *-ença* ou *-ência*, *-são*, *-dor* ou *-tor* ou *-sor*, os infinitivos substantivados e as formações regressivas.

Terminados em *-or*:

- a) *o tremor da terra* — a terra tremeu;
b) *o temor da fera* — a fera temia;
c) *o clamor da plebe* — a plebe clamava.

Muitas vezes o substantivo admite subjetivação e objetivação ao mesmo tempo,** e somente o contexto pode esclarecer de qual se trata, como no item (*b*) por exemplo, em que *o temor da fera* pode significar

* A forma *regressiva* pode considerar-se também *sufixal*, com sufixo *zero*(17).

** “O genitivo determinativo pode ter duplo sentido, conforme representa o sujeito ou o objeto na ação. Assim, por exemplo, *metus hostium* pode significar já o temor que temos nós dos inimigos, já o temor que os inimigos têm de nós. No primeiro caso chama-se *genitivo objetivo*, porque, transformando o substantivo *metus* em verbo, o genitivo *hostium* se tornaria complemento objetivo: *nos metuimus hostes*; no segundo caso chama-se *genitivo subjetivo*, porque, mudando o substantivo *metus* em verbo, o genitivo *hostium* se tornaria sujeito: *hostes metuunt nos*.” (RAVIZZA, 71, p. 225.)

“Observe-se que os substantivos, adjetivos e advérbios que trazem complemento nominal se relacionam a verbos: *a prisão do criminoso* — prender o criminoso (genitivo objetivo), *a morte do poeta* — o poeta morreu (genitivo subjetivo).” (*Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 14, p. 34).

o temor que a fera tem de alguém (ela teme), ou o temor que se tem da fera (ela é temida). Modernamente observa-se a tendência de usar a preposição *de* na subjetivação e comumente a preposição *a* na objetivação direta; daí o amor de Deus ser o amor que Deus tem aos homens; o amor a Deus o que os homens Lhe têm.

Em certos casos, porém, somente o contexto pode elucidar o sentido, como por exemplo, *a desastrosa queda de um cavalo*, em que não se percebe à primeira vista se foi o cavalo ou o cavaleiro que caiu. Em *a saudade do meu amor*, a situação é idêntica, pois exprime a saudade que eu sinto ou a saudade que outrem sente.

A propósito, há um trecho da Eneida, se não nos falha a memória, em que a falecida esposa de Enéias aparece ao herói em sonhos, e aconselha o seguinte: “*enxuga as lágrimas da esposa diletta*”, que significa exatamente o contrário do que normalmente devia esperar-se: *enxuga as lágrimas que derramas pela esposa diletta e não as lágrimas que a esposa está derramando*.*

É interessante o exemplo anedótico citado por JESPERSEN (45, 170). “Um advogado, que não tinha fama de honesto, foi roubado certa noite no trajeto de Wicklow a Dublin. O pai do advogado, encontrando-se com o barão O’Grady no dia seguinte, exclamou:

— ‘Milorde, ouviu falar sobre o roubo do meu filho?’

— ‘Não, não ouvi’, respondeu o barão. ‘Tenha a bondade: quem foi que ele roubou?’

O barão entendeu que o advogado tinha roubado, e não que havia sido roubado.

Terminados em *-mento*:

- a) *o cruzamento da rua* — a rua é cruzada;
- b) *o falecimento do rei* — o rei faleceu;
- c) *o fingimento da namorada* — a namorada fingia;
- d) *o aumento dos preços* — os preços aumentaram;
- e) *o advento da era cristã* — adveio a era cristã.

* Lemos algures que o substantivo *descoberta* reclama subjetivação, ao passo que *descobrimento* reclama objetivação, diante do que se diria *a descoberta de Cabral* e o *descobrimento do Brasil* (cf. *oferta e oferecimento*). Até onde isto é verdade, não podemos saber. O fato porém é que certos idiomas distinguem às vezes formalmente, por meio de sufixos, o genitivo subjetivo do genitivo objetivo. Em russo por exemplo a palavra *pronúncia* tem duas formas segundo a natureza da construção: em a *pronúncia do professor* emprega-se: *proiznochênie* (genitivo subjetivo — o professor pronuncia); em a *pronúncia do inglês* emprega-se *proiznechênie* (genitivo objetivo — o inglês é pronunciado).

Terminados em *-ada* (participios substantivados):

- a) *a entrada do ano* — o ano entrou;
- b) *a chegada do expresso* — o expresso chegou;
- c) *a virada do trem* — o trem virou.

Terminados em *-ida* (participios substantivados):*

- a) *a partida do avião* — o avião partiu;
- b) *a corrida de automóveis* — automóveis correrão;
- c) *a investida do touro* — o touro investiu.

Terminados em *-ção*:

- a) *a votação da lei* — a lei é votada;
- b) *a correção das provas* — as provas são corrigidas;
- c) *a punição do responsável* — o responsável será punido;
- d) *a remoção dos cadáveres* — os cadáveres são removidos;
- e) *a construção do prédio* — o prédio foi construído;
- f) *a invenção da bússola* — a bússola foi inventada;
- g) *a deserção do recruta* — o recruta desertou.

Os exemplos em *-ção* e outros sufixos ensejam a ocasião de mostrar a relação etimológica entre substantivos e verbos cognatos, não raro bastante remota — como em *redimir* e *redenção* — para que o estudante a perceba por si próprio.

Terminados em *-ança*:

- a) *a confiança do povo* — o povo confia;
- b) *a mudança do tempo* — o tempo mudou;
- c) *a vingança do judeu* — o judeu se vingou.

É preciso advertir-se de que alguns substantivos perderam completamente o valor transitivo; é o caso, por exemplo, de *aliança*, que não pode, no sentido de anel, comportar complemento nominal. Exemplo mais curioso nos oferece o vocábulo *criança*, propriamente *criação* ou *educação* (“Em vós não há cortesia nem criança”, BARROS), em que não aflora a significação primitiva de *criar* ou *educar*. Compare-se o termo interiorano *criação* — *bode* ou *carneiro*, que à semelhança de *criança* perdeu completamente a transitividade primitiva.

* Incluem-se os participios irregulares e arcaicos: *a vista da seara*, *a falta de lei*, *a descoberta de Fleming* (irregulares); *a perda de um amigo*, *a colheita do trigo*, *o conteúdo da mensagem* (arcaicos).

O sufixo *-ança*, de *criança*, obliterou-se completamente na consciência do falante, ao ponto de se formar o masculino *crianço*: “ama seca do crianço do Sr. Vasco!” (CAMILO).

Terminados em *-ância*:

- a) *a discordância do governo* — o governo discordou;
- b) *a exorbitância dos preços* — os preços exorbitam;
- c) *a relutância do magistrado* — o magistrado reluta.

Terminados em *-ência*:

- a) *a insistência do aluno* — o aluno insistia;
- b) *a falência do banco* — o banco faliu;
- c) *a existência de Deus* — Deus existe.

Terminados em *-ença*:

- a) *a descrença do proletário* — o proletário descrê;
- b) *a convalescença do enfermo* — o enfermo convalesce;
- c) *a diferença dos preços* — os preços diferem.

Terminados em *-são*:

- a) *a invasão dos bárbaros* — os bárbaros invadiram;
- b) *a lesão dos órgãos* — os órgãos se lesaram;
- c) *a divisão da herança* — a herança foi dividida;
- d) *a explosão da bomba* — a bomba explodiu;
- e) *a difusão do ensino* — o ensino foi difundido;
- f) *a distensão do estômago* — distendeu-se o estômago;
- g) *a subversão da ordem* — a ordem foi subvertida;
- h) *a confissão do réu* — o réu confessou.

Terminados em *-dor*:

- a) *o caçador de esmeraldas* — as esmeraldas são caçadas;
- b) *o batedor de carteiras* — as carteiras são batidas;
- c) *o destruidor de Cartago* — Cartago foi destruída.

Terminados em *-tor*:

- a) *o relator do processo* — o processo é relatado;
- b) *o projetor de filmes* — os filmes são projetados;
- c) *o compositor de sambas* — os sambas são compostos;

- d) *o motor da revolta* — a revolta é movida;
- e) *o redentor do mundo* — o mundo foi redimido;
- f) *o desertor do exército* — desertou do exército;
- g) *o raptor da criança* — a criança foi raptada;
- h) *o cultor da poesia* — a poesia é cultivada.

Terminados em *-sor*:

- a) *o invasor dos sertões* — os sertões são invadidos;
- b) *o revisor do jornal* — o jornal é revisto;
- c) *o defensor dos humildes* — os humildes são defendidos;
- d) *o agressor do ancião* — o ancião foi agredido;
- e) *o precursor do Messias* — o Messias foi precedido.

Infinitivo Substantivado:

- a) *o romper da aurora* — a aurora rompia;
- b) *o frigir dos ovos* — os ovos estavam sendo fritos;
- c) *o pôr do sol* — o sol estava-se pondo.

Como já se pôde concluir, o modo, o tempo e o aspecto verbais podem variar conforme cada exemplificação.

Não tivemos a intenção de apresentar o inventário completo de todos os sufixos que ajudam a identificar formalmente o complemento nominal, ou, de modo mais simples, que servem para formalizá-lo; mas o número que citamos é bastante considerável. Advirta-se que alguns sufixos tendem abertamente para a subjetivação, e outros para a objetivação, como por exemplo *-ada* ou *-ida* e *-dor* ou *-tor* ou *-sor*, cuja respectiva exemplificação comprova plenamente o que estamos afirmando: *-ada* ou *-ida* sempre subjetivos, *-dor* ou *-tor* ou *-sor* quase sempre objetivos.

Formações Regressivas:*

- a) *o atraso do trem* — o trem se atrasou;
- b) *o embarque da mercadoria* — a mercadoria foi embarcada;
- c) *a pesca do salmão* — o salmão está sendo pescado;
- d) *a conquista do espaço* — o espaço foi conquistado;

* Geralmente se trata da 1.^a ou 3.^a pessoa singular do presente do indicativo ou do presente do subjuntivo, substantivamente empregada. Em certos casos, o substantivo se distingue do verbo pelo fechamento da vogal rítonica (começo-começo, jogo-jogo ou pela transposição do acento (pronúncia-pronuncia, denúncia-denuncia). (SAID ALI, 76, p. 256; Mattoso CÂMARA, 17, sob *Deverbais*).

- e) *a compra do imóvel* — o imóvel foi comprado;
- f) *o começo do ano* — o ano vai começar;
- g) *o retorno da primavera* — a primavera retornou;
- h) *a renúncia do presidente* — o presidente renunciou;
- i) *a denúncia do colega* — o colega denunciou.

5.5.3.2 — Palavra Substantivada:

- a) *o temor do escuro* — o escuro é temido;
- b) *a incerteza do amanhã* — o amanhã é incerto;
- c) *o pavor de um não* — um não apavora.

5.5.3.3 — Pronome:

- a) *a recordação de alguém* — alguém é recordado;
- b) *a salvação de todos* — todos serão salvos;
- c) *favorável a mim* — que me favoreceu.

5.5.3.4 — Infinitivo:

- a) *a certeza de voltar* — voltar é certo;
- b) *o temor de morrer* — morrer é temido;
- c) *receoso de partir* — que receia partir.

5.5.3.5 — Oração Reduzida Infinitiva:

- a) *a certeza de voltar para casa* — voltar para casa é certo;
- b) *o temor de morrer no estrangeiro* — morrer no estrangeiro é temido;
- c) *receoso de partir sem você* — que receia partir sem você.

5.5.3.6 — Oração Subordinada Substantiva, dita completivo-nominal:

5.5.3.6.1 — Encabeçada pela integrante *que*:

- a) *a certeza de que voltarás*; *a certeza disto: de tua volta*;
- b) *o desejo de que fiques*; *o desejo disto: de tua permanência*;
- c) *ansioso de que me queiras*; *ansioso disto: do teu bem-querer*.

Nem sempre é possível encontrar o substantivo cognato correspondente, que no item (b) seria provavelmente *ficada*; daí a necessidade de recorrer à sinonímia para fazer a substituição.

A preposição que precede a integrante pode ser omitida: *tenho certeza que voltarás, tenho desejo que fiques, estou ansioso que me queiras.*

5.5.3.6.2 — Encabeçada pela integrante *se*:

- a) tenho dúvida *de se voltarás*; tenho dúvida *disto*: voltarás ou não? Será que voltarás?
- b) não tenho certeza *de se me queres*; não tenho certeza *disto*: tu me queres ou não? Será que me queres?
- c) estou incerto *de se vou ficar*; estou incerto *disto*: vou ficar ou não? Será que vou ficar?

Em lugar de *acaso* ou *porventura* se prefere *será que* porque tem a vantagem de ser coloquial.

Neste caso é raro exprimir-se a preposição: o normal é *tenho dúvida se voltarás, não tenho certeza se me queres, estou incerto se vou ficar*. De qualquer modo, para efeito analítico, a preposição deve ser considerada como subentendida.

A subordinada completivo-nominal encabeçada por *se* é interrogativa indireta. Em certos idiomas, como o grego, o latim, o alemão e o inglês, a conjunção tem ou pode ter forma diversa da conjunção condicional: *où/mê, an, ob, whether, opositos a ei, si, wenn, if.*

5.5.3.6.3 — Encabeçada por membro do grupo *qu*:

- a) *qual*:
Ciente *de qual rumo tomarás*; ciente *disto*: qual rumo tomarás?
- b) *quamanho*:
Ignorante *de quamanho seria o teu rancor*; ignorante *disto*: quamanho seria o teu rancor?
- c) *quando*:
A incerteza *de quando voltarias*; a incerteza *disto*: quando voltarias?
- d) *quanto*:
A certeza *de quanto me adoras*; a certeza *disto*: quanto me adoras!
- e) *quão*:
Imêmore *de quão ingrata foras tu*; imêmore *disto*: quão ingrata foras tu!
- f) *que*:
(o que, que cousa) Incerto *de que farei na vida*; incerto *disto*: que farei na vida?

Neste caso é mais comum empregar *o que*: *incerto do que farei na vida*.

g) *quem* :

Íncio de quem eras; *íncio disto*: quem eras?

Estamos empregando adjetivos eruditos e raros como *íncio*, *imêmore*, contra o método que apregoamos e adotamos, porque nos faltam adjetivos coloquiais abundantes, e queremos variar tanto quanto possível as palavras que usamos para exemplo.

h) *cujo* :

Seguro de cujo filho és; *seguro disto*: cujo filho és? (arc.)

O item precedente quer dizer *seguro de quem é a pessoa de quem és filho seguro de quem é teu pai*.

i) *como* :

Surpreso de como sabes fingir; *surpreso disto*: como sabes fingir!

Não esquecer que as orações interrogativas e as exclamativas têm a mesma estruturação gramatical.

j) *onde* :

Incerto de onde vou ficar; *incerto disto*: onde vou ficar?

As subordinadas encabeçadas por membro do grupo *qu* são interrogativas indiretas.* Atente-se porém que a completivo-nominal do período

Eu sou indiferente a quem procuras

não é interrogativa indireta, pois não é substituível por *isto*, mas por *tal pessoa*; e *quem* é transformável em *a pessoa que* ou *aquele que*, e não em *que pessoa*:

Sou indiferente àquele que procuras; *sou indiferente a este*.

À semelhança do que sucede à subordinada substantiva objetiva indireta, omite-se necessariamente a preposição *que*, seguida por outra idêntica, introduz a subordinada substantiva completivo-nominal:

a) *Sou fiel a quem dei o meu coração*;

b) *Estou contente com quem me casei*;

c) *Não estou certo de quem gosto*;

* Se o membro do grupo *qu* for advérbio ou pronome interrogativo, e não relativo indefinido.

em lugar de

- a) *Sou fiel a a quem dei o meu coração;*
- b) *Estou contente com com quem me casei;*
- c) *Não estou certo de de quem gosto.*

Substituindo-se *quem* por *aquele/aquela* que figuram as duas preposições:

- a) *Sou fiel àquele a quem dei o meu coração;*
- b) *Estou contente com aquela com quem me casei;*
- c) *Não estou certo daquela de quem gosto.*

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

6.1 — O ADJUNTO ADNOMINAL

6.1.1 — *Sob o aspecto semântico*

Não é possível defini-lo semanticamente, pois, como termo secundário, não tem existência própria e por conseguinte só pode ser explicado em função do grupo. Tentar fazê-lo seria o mesmo que procurar definir o empregado abstraindo-se do padrão, afirmando *verbi gratia* que seria o sujeito que presta serviços, e daí se concluiria que todos somos empregados, o que soaria como grande absurdo.

O Anteprojeto* declara o seguinte: “O adjunto adnominal é expresso pelos artigos, adjetivos, numerais, possessivos, demonstrativos, indefinidos e locuções adjetivas (formadas de preposição + substantivo) que indiquem *qualidade, posse ou especificação*”.

A conceituação é positivamente semanticista, visto resumir-se em ser o termo da oração que denota qualidade, posse ou especificação. O ser expresso pelas classes e subclasses citadas é irrelevante, porque, salvo o artigo e o relativo *cujo*, que não está incluído, todas as outras podem exercer diversas funções sintáticas.**

Não se define o que sejam *qualidade, posse ou especificação*: seria por outro lado guindar-se desastrosamente ao reino da filosofia, por-

* Trata-se do ANTEPROJETO DE SIMPLIFICAÇÃO E UNIFICAÇÃO DA NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA, elaborado pela Comissão designada pelo Dr. Clóvis Salgado, ex- Ministro da Educação e Cultura, e constituída por Antenor Nascentes, Clóvis Monteiro, Cândido Jucá Filho, Celso Ferreira da Cunha e Carlos Henrique da Rocha Lima.

** O artigo é de fato a classe de menos latitude sintática, pois a única função que desempenha é de adjunto adnominal; é verdade que os pronomes *cada* e *cujo* não exercem outra função, mas um e outro constitui apenas subclasse. Só excepcionalmente não se usa *cada* como adjunto adnominal, em por exemplo *dois cruzeiros cada*, mormente no dialeto coloquial.

que o leitor comum não dispõe de base para entender a definição, que além do mais seria extralingüística. Se o adjunto adnominal for termo que denota qualidade* o substantivo *beleza* seria sem dúvida perfeito exemplo desta categoria sintática; se o termo que exprime posse, o verbo *possuir* estaria devidamente enquadrado; se o que traduz especificação, a coisa torna-se muito mais imprecisa, porque a latitude semântica do vocábulo é demasiado vasta, e por conseguinte sobremodo vaga a conceituação.

Para esclarecer o que significa especificação, basta notar que a oração é a seqüência de termos ora especificantes, ora especificados, ou as duas cousas ao mesmo tempo. Em

O lobo matou o tigre

o verbo especifica o que se declara do sujeito (é o lobo *matante* e não *agonizante* ou *perseguinte*); entretanto *matou* não é adjunto adnominal; não o é tão pouco *o tigre*, especificação do animal que foi morto.

A seguinte definição:

Adjunto adnominal é o termo acessório que modifica o nome

é sem dúvida muito proveitosa, porém sintático-semântica: *sintática*, porque supõe o grupo formado por adjunto adnominal e nome; *semântica*, porque inclui o verbo *modificar*, cujo sentido é preciso entender.

Georges GALICHET doutrina que, de maneira sumária, o adjunto adnominal realiza a máxima aderência do ser e da qualidade (*cão fiel*), ao passo que o predicativo do sujeito dissocia fortemente a qualidade para colocá-la em relevo (*o cão é fiel*); enfim, que o aposto está situado psicologicamente em posição intermédia, ou seja, entre o adjunto adnominal e o predicativo do sujeito. Fala-nos então em *distâncias psicológicas* da qualidade com relação ao ser, na distinção das três categorias sintáticas (*Méthodologie Grammaticale*, 32, 2.^a ed.).

Não temos o que opor ao ilustre mestre francês; entretanto, a distância psicológica de que nos fala pode ser interpretada como dis-

* Segundo alguns filósofos, a qualidade é uma variação da quantidade; as cores, por exemplo, diferem umas das outras pela maior ou menor quantidade de raios que absorvem.

Para o *Vocabulaire Philosophique* de André LALANDE, *qualidade* é o que responde à pergunta *poios* em grego e *qualis* em latim, o que vai corresponder ao seguinte: "qualidade é o termo variável que responde à pergunta *como*, formulada ao substantivo":

— *Como* é a casa?

— *Boa, grande, arejada.*

tância fonológica, e o que tem o nome de semântica ou psicologia* se chamaria propriamente sintaxe, dentro portanto do setor lingüístico.

O adjunto adnominal está para o substantivo como o adjunto adverbial está para o verbo: nem um nem outro completam necessariamente, mas ambos expandem o núcleo nominal ou verbal correspondente, e ambos podem ser omitidos sem mutilar a idéia:

O pássaro cantava

expansível em

O lindo pássaro cantava no ramo do cipreste

em que o adjunto adnominal *lindo* expande *pássaro*, e o adverbial *no ramo do cipreste* expande *cantava*.

6.1.2 — *Sob o aspecto sintático*

Sintaticamente o adjunto adnominal comporta duas construções: a *bimembre* é a *trimembre*, no que se distingue do complemento nominal, que sempre exige a construção trimembre (8). Ressalve-se o caso dos pronomes pessoais *me, te, lhe, nos, vos, lhes*, com a preposição implícita.

6.1.2.1 — A *bimembre* — aquela em que o adjunto adnominal pode ser expresso por quase todas as classes morfológicas, pois exceção fazem-se apenas a preposição, a conjunção e a interjeição** — não provoca embaraços analíticos:

* A significação é o processo que associa um objeto ou um ser, uma noção ou um acontecimento a determinado sinal susceptível de evocá-los; uma nuvem por exemplo é sinal de chuva (Guiraud, *apud* CARRETER, 19).

Como se pode concluir, a significação pertence à psicologia, e não à língua propriamente dita.

“Des concepts tels que *maison, blanc, voir*, considérés en eux-mêmes, appartiennent à la psychologie; ils ne deviennent entités linguistiques que par association avec des images acoustiques”. (SAUSSURE, 78, pp. 144 e 157.)

** Se tomarmos em consideração a linguagem coloquial, seria talvez possível incluir a interjeição em por exemplo:

- a) ô menina bonita!
- b) ô sujeito chato!
- c) ô vida ruim!

em que o elemento *ô* teria de passar para outra classe, a do pronome, pois a interjeição é o termo assintático por excelência, e como tal não pode articular-se ou engrenar dentro da estrutura lingüística. Para fortalecer este ponto de vista, podemos invocar a máxima aderência de *ô* ao núcleo da construção, e também a perfeita substituição por *que: que menina bonita!, que sujeito chato!, que vida ruim!*

- a) Artigo : *o* mestre, *um* aluno;
- b) Numeral . . . : *dois* anos, *terceira* guerra;
- c) Pronome . . . : *meu* filho, *este* mundo;
- d) Adjetivo . . . : *boa* noite, rapaz *honesto*;
- e) Particípio . . : céu *estrelado*, continente *submerso*;
- f) Substantivo : homem *fera*, comício *monstro*;
- g) Advérbio . . : homens *assim*, o *então* rei;*

e nos permite defini-la do seguinte modo:

Adjunto adnominal bimembre é o termo secundário que se articula imediatamente com termo primário, ou o termo secundário com termo terciário, e assim por diante.

A definição é muito boa, embora inclua certos apostos, como por exemplo *o campeão Pelé*; mas estes, consoantes esclareceremos, podem analisar-se como adjuntos adnominais.

Em *todos os meus outros velhos camaradas* a construção é bimembre, não obstante haver seis, e não somente dois vocábulos. É que a estrutura — sintética, e não analítica — se desdobra em cinco subestruturas:

- a) todos camaradas;
- b) os " ;
- c) meus " ;
- d) outros " ;
- e) velhos " ;

Ademais falta a preposição, imprescindível na construção trimembre, feita a exceção dos pronomes átonos supracitados.

6.1.2.2 — A *trimembre* oferece três estruturas diversas:

I — *Substantivo-preposição-conseqüente* :

- a) *Noite de luar, igreja do povoado*;
- b) *A casa dele, Brasil de amanhã*;
- c) *Sala de fumar, ferro de engomar*;

que podem confundir-se com o complemento nominal, porque nem sempre *substantivo-preposição-substantivo* constitui adjunto adnominal.

* Acrescentamos o artigo apenas para dar mais corpo e naturalidade ao exemplo; não quer dizer que a construção passe a trimembre, pois só a preposição, em geral entreposta, é que pode fazê-lo. Em lugar do artigo pode usar-se qualquer outro elemento expansivo: *meu amigo aqui*.

II — Pronome-preposição-conseqüente:

- a) *Qual de vocês?, algum de nós;*
- b) *Alguém de lá, ninguém daqui;*
- c) *Que de novo?, nada de novo*;*

que não podem confundir-se com o complemento nominal, pois o pronome como antecede é privativo do adjunto adnominal. Excetua-se *outro*, mas então se comporta morfo-sintática e semanticamente como verdadeiro adjetivo:

“Já tão *outro do* que era” (CAMILO),

em que *outro* se articula com *tão* à semelhança do adjetivo, e significa *diferente*. Exclui-se o pronome dito anafórico, se o termo a que se refere for transitivo:

Eu alimento o desejo de amor e o de glória.

III — Verbo + pronome pessoal átono + substantivo

- a) *O barbeiro cortou-me o cabelo;*
- b) *O medo arruína-te a felicidade;*
- c) *Morreu-lhe o pai muito cedo;*

que podem confundir-se com o objeto indireto, e até ser analisado como tal.

6.1.2.3 — Em face desta divisão em bimembre e trimembre, chama-se adjunto adnominal o termo da oração que se articula imediata ou mediata com determinado substantivo,** anteposto ou postposto ao núcleo da construção:

Imediatamente anteposto:

- a) *o céu, este mundo, meu sertão;*
- b) *lindo cão, velha guarda, pobre homem;*
- c) *dois anos, décimo terceiro, triplíce aliança;*

* Popularmente se ouve *tanta da gente*, em que *tanta* seria pronome indefinido, possivelmente neutro ao princípio (tanto da gente), mas flexionado por atração do substantivo feminino. Cf. *a porta estava meia fechada*, em que se depara semelhante caso de atração.

** Ou termo equivalente como o pronome: *Morreram-lhe todos.*

Esta construção trimembre (pois o é, já que não dispensa três elementos) não exhibe a posição característica, que está suprida pela forma casual do pronome: *me* ou *nos*, *te* ou *vos*, *lhe* ou *lhes*. Tanto é verdade que os pronomes *o-a-os-as*, por serem objetivos diretos, não exercem a função de adjunto adnominal. É pois o sistema casual em substituição ao sistema preposicional.

Imediatamente posposto:

- a) *homem bom, menina bonita, noite clara;*
- b) *eleitor fantasma, menino prodígio*;*
- c) *colegas assim, rainha então**, meu amigo aqui;*

Mediatamente anteposto:

- a) *O das águas gigante caudaloso;****
- b) *Embriaga-me das flores o perfume;*
- c) *Do mistério por fim descubro a chave.*

O adjunto adnominal mediatamente anteposto encontra-se mais comumente no estilo poético-literário.

Mediatamente posposto:

- a) *O gigante caudaloso das águas;*
- b) *Embriaga-me o perfume das flores;*
- c) *Descubro por fim a chave do mistério.*

Em *o gigante caudaloso das águas*, *caudaloso* é a expansão do núcleo *gigante* — outro adjunto adnominal, porém do tipo *imediatamente posposto*.

6.1.2.4 — Certos adjuntos adnominais são normalmente inversos e ligados expletivamente por *de*:

- a) *o diabo deste menino* = este menino diabo (diabólico);
- b) *o pobre do réu* = o pobre réu;
- c) *este horror de vestido* = este vestido horror (horrível);
- d) *o coitado do preso* = o preso coitado;
- e) *o louco do soldado* = o soldado louco.

Às vezes construímos com a preposição *de* o substantivo a que se refere o adjetivo anteposto. Assim dizemos: *o bom Pedro, o burro do porteiro,**** o velhaco do chauffeur*. Esta construção só pode empre-

* Neste caso não é possível a anteposição imediata: *prodígio menino* seria inadmissível, o que distingue o substantivo adnominal do verdadeiro adjetivo.

** Situação do exemplo na oração: — *Maria Antonieta, rainha então dos franceses, foi envolvida no escândalo do colar.*

*** Em grego é muito freqüente: *ho tou Theou phobos* 'o temor de Deus', propriamente *o de Deus temor*.

**** A construção enseja ambigüidade: pode ser o burro que o porteiro possui, ou o burro que o porteiro é.

gar-se com adjetivos que denotam compaixão, desprezo ou vitupério, especialmente nas exclamações: *infeliz de você!*; *pobre de mim* (*Gramática de la Lengua Española*, 51, p. 178).

6.1.2.5 — Montam a seis as provas que servem para identificar o adjunto adnominal:

- a) *Prova da não-verbalização*;
- b) *Prova da concreção*;
- c) *Prova do conteúdo*;
- d) *Prova da adjetivação*;
- e) *Prova do paralelismo*;
- f) *Prova da adverbialização*.

6.1.2.5.1 — Prova da não-verbalização:

Por esta prova chama-se adjunto adnominal o conseqüente da construção trimembre cujo núcleo não se pode verbalizar, pois é corrente de força verbal:

- a) *Sala de jantar, cacho de uvas*;
- b) *Água da fonte, estrela da manhã*;
- c) *Mel de abelha, festa de maio*;

em que *sala, cacho, água, estrela, mel, festa* não se podem converter em verbos, embora existam formações cognatas, como *aguar* e *festejar*: não caberia porém *a fonte água* ou *maio festeja*.

A não-verbalização, indicativa do adjunto adnominal, opõe-se à verbalização, indicativa do complemento nominal. Fique no entanto claro que a transformação em verbo intransitivo é indício de adjunto adnominal: *a volta ao lar paterno* = voltei ao lar paterno. Não se confunda com a prova da subjetivação, característica do complemento nominal: *a volta do renegado*.*

6.1.2.5.2 — Prova da concreção:

Quando o antecedente da preposição é substantivo concreto, o conseqüente constitui adjunto adnominal;

- a) *A mesa do professor; a carteira do aluno*;
- b) *Os astros do céu; as plantas do mar*;
- c) *O cacho de uvas; as bolhas de sabão*;

* Adjunto adnominal, neste caso, deve ser paralelo ao adjunto adverbial — termo acessório *versus* termo acessório.

em que, dado *mesa-carteira-astros-plantas-cacho-bolhas* serem substantivos concretos, os conseqüentes *professor-aluno-céu-mar-uvras-sabão* constituem adjunto adnominal. É que o substantivo concreto, em face da sua própria natureza, não pode gerar transitividade, categoria exclusiva dos termos abstratos.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) Café com leite; pão com manteiga;
- b) Ferro de engomar; caixa de fósforos;
- c) Cheque sem fundo; homem sem caráter;
- d) Relógio de algibeira; pulseira de ouro;
- e) Cesta para papel; xarope contra a tosse;
- f) Passagem até Fortaleza; bicho de sete cabeças;
- g) Camisa de malha; tesoura de podar;
- h) Creme de barbear; vento do norte;
- i) Castelo à beira-mar; ouro em pó;
- j) Cabelo à cadete; máquina de escrever;
- k) Agulha de marcar; capa contra a chuva;
- l) Anel de Polícrates; navio a vapor;
- m) Moinho de vento; casa de taipa;
- n) Você nasceu com uma estrela na testa;
- o) Incluam as mercadorias ao lado.

Os substantivos terminados em *-dor*, *-tor*, *-sor*, que denotam agente, devem ser tidos analiticamente como abstratos e transitivos, visto que não são concretos por si próprios, mas consoantes o agente que representam:

- a) *O vencedor da corrida; o Salvador do mundo;*
- b) *O tradutor da Eneida; o construtor de Brasília;*
- c) *O defensor dos fracos; o Precursor do Messias;*

em que o conseqüente constitui complemento nominal e não adjunto adnominal, embora os antecedentes sejam pessoas tangíveis e palpáveis. Em

O nada jamais será o vencedor da matéria

ou

A pobreza é a destruidora de muitos sonhos

vencedor e *destruidora* são abstratos efetivamente, não por si próprios, mas porque se reportam a substantivos abstratos.

6.1.2.5.3 — Prova do conteúdo:

É aquela em que a preposição da construção tem conteúdo semântico, isto é, não é vazia de significação:

- a) *Cheque sem fundo; beco sem saída;*
- b) *Luta contra o governo; guerra contra a carestia;*
- c) *Tinta para escrever; casa para morar;*

em que as preposições possuem conteúdo significativo, pois exprimem respectivamente *privação, oposição e fim*.

Não é sempre fácil determinar se a preposição é ou não vazia de conteúdo semântico. Acontece porém que a maioria contém sentido: apenas seis — *a, de, em, para, com, por* — de que já nos ocupamos ao tratar do objeto indireto e o complemento nominal, podem criar dificuldades. São entretanto bem poucas, se comparadas ao grande número de preposições que ostenta a língua portuguesa. Em

- a) *manhã de primavera;*
- b) *casa de maribondo;*
- c) *a curva da morte;*

não vai ser fácil, nem quiçá possível, indicar a significação do termo *de*; mas sobejam recursos para comprovar de outro modo que o conseqüente constitui adjunto adnominal: *adjetivação* no item (a) (*manhã primaveril*); *concreção* no item (b) (*casa é concreto*); *não-verbalização* no item (c).

Apesar da falha, serve-nos a prova do conteúdo para solucionar inúmeros adjuntos adnominais:

a) <i>vento do norte</i>	lugar
b) <i>viagem ao redor do mundo</i>	”
c) <i>passeio ao longo da praia</i>	”
d) <i>volta à casa paterna</i>	”
e) <i>marcha para o oeste</i>	”
f) <i>excursão ao interior</i>	”
g) <i>castelo à beira da praia</i>	”
h) <i>pássaro na mão</i>	”
i) <i>ouro em pó</i>	modo
j) <i>prata em barra</i>	”
k) <i>cabelo à cadete</i>	”
l) <i>caso para lamentar</i>	fim
m) <i>carne para cachorro</i>	”
n) <i>tesoura de podar</i>	”
o) <i>creme de barbear</i>	”

p) máquina de escrever	”
q) inauguração em maio	tempo
r) decisões por tomar*	”
s) pão com manteiga	inclusão
t) café com leite	”
u) passeio com a namorada	companhia
v) um dia com os amigos	”
w) regra sem exceção	exclusão
x) morte por acidente	causa
y) parecer a respeito do projeto	referência
z) xarope contra tosse	oposição

As construções *barco à vela* e *navio a vapor* são consideradas francesia. Deve dizer-se *barco de vapor* e *navio de vapor*; ou devia-se, porque não acreditamos que se consiga modificar tão arraigado hábito lingüístico.

É preciso não se deixar envolver pela falsa concepção de que a simples idéia de lugar, tempo, modo, e outras que tais, constitua só por si adjunto adverbial.** Em *um pássaro na mão vale mais que um pássaro no ar*, a construção *na mão* corresponde a *preso*, *no ar* corresponde a *solto*, e por este e por outros motivos são adjuntos adnominais.

Em *eu só penso na tua viagem ao redor do mundo*, não se trata de *pensar ao redor do mundo*, mas em *viagem ao redor do mundo*. A íntima ligação fônica do conseqüente e do núcleo mostram que um e outro se pertencem, e que o processo analítico não deve separá-los. A maior ou menor aderência fônica dos termos entre si tem valor enorme, que não convém subestimar. O período seguinte

A vida um sonho, a morte a realidade

só forma sentido se devidamente entoado, pois

A vida, um sonho, a morte, a realidade

não passa de simples enumeração.

Dada a importância do assunto, vamos oferecer outros adjuntos adnominais que semelham adjuntos adverbiais:

* Modernamente usa-se muito a preposição *a*: *decisões a tomar*, construção que os puristas condenam como galicizante.

** Em princípio, o adjunto adnominal exprime as mesmas *circunstâncias* que o adjunto adverbial, ainda mesmo que seja expresso por adjetivo: *a situação local* — a situação daqui, *o Brasil crástino* — o Brasil de amanhã, *homem honesto* — homem de bem, em que o adjetivo exprime as circunstâncias de lugar, tempo e modo. Não se fala porém em adjunto adnominal de lugar, tempo, modo. . . Em *prego caibral* a circunstância é de fim: prego para caibro. . .

a) *Você passou um cheque sem fundo*;

em que *sem fundo* é o cheque; não se trata de *você passou sem fundo*...

b) *O malandro passeava com a mão no bolso*;

em que, se considerarmos *no bolso* como adjunto adverbial, estamos afirmando que o malandro passeava no bolso...

c) *Eu entrei na sala com os olhos no retrato*;

em que *no retrato* se articula com *os olhos* e não com o verbo; eu não entrei no retrato...

6.1.2.5.4 — Prova da adjectivação:

Por esta prova chama-se adjunto adnominal o conseqüente da construção trimembre que pode ser adjectivado, isto é, convertido em adjectivo:

a) *Noite de luar* = noite enluarada;

b) *Manhã de festa* = manhã festiva;

c) *Brasil de hoje* = Brasil hodierno;

d) *Ceará de amanhã* = Ceará crástino;

e) *Fortaleza de ontem* = Fortaleza hesterna;

f) *Temor sem causa* = temor infundado;

g) *Passeio ao campo* = passeio campestre;

h) *Água de beber* = água potável;

i) *Item acima* = item sobreposto;

j) *Jornal da manhã* = jornal matutino;

k) *Jornal da tarde* = jornal vespertino;

l) *Vacina contra a raiva* = vacina anti-rábica;

m) *Viagem por mar* = viagem marítima;

n) *Situação daqui* = situação local;

o) *Pastilha contra bactéria* = pastilha antibacteriana;

p) *Europa do norte* = Europa setentrional;

q) *Europa do sul* = Europa meridional;

r) *Europa do leste* = Europa oriental;

s) *Europa do oeste* = Europa ocidental;

t) *Estrutura de ferro* = estrutura férrea;

u) *Casa de palha* = casa palhaça;

v) *Torre de marfim* = torre ebúrnea;

w) *Animal sem orelha* = animal anoto;

x) *Cachorro sem rabo* = cachorro anuro;

y) *Pão sem fermento* = pão ázimo;

z) *Rapaz sem barba* = rapaz imberbe.

Como se há de ter observado, a preposição desaparece no processo de transformação: *viagem por mar* = viagem marítima.

Excepcionalmente o conseqüente pode converter-se em adjetivo, e no entanto não se configura a categoria do adjunto adnominal:

- a) *Exposição de cães* = exposição canina;
- b) *Reforma da universidade* = reforma universitária;
- c) *Lesão do órgão* = lesão orgânica;
- d) *Exame do cadáver* = exame cadavérico;
- e) *Eleição do presidente* = eleição presidencial;
- f) *Exigência da igreja* = exigência eclesiástica;
- g) *Alteração de sentido* = alteração semântica;

em que o conseqüente constitui complemento nominal, contrariando frontalmente a prova da adjetivação. Neste caso prevalece a prova da subjetivação e da objetivação, visto que a substituição por adjetivo é esporádica. Tratando-se por exemplo dos seguintes casos:

- a) *Exposição de galinhas; reforma do ensino; ..*
- b) *Lesão da cabeça; exame do caso;*
- c) *Eleição da mesa; exigência do vereador;*

não se diria que os conseqüentes formam adjunto adnominal embora *de galinhas* e *do caso* possam converter-se em *galináceas* e *casual* respectivamente.

É óbvio que não se pode rotular como adjunto adnominal um termo que pode transformar-se em sujeito ou em objeto, a não ser que se queira subverter a hierarquia das funções sintáticas. Prevalece o *integrante* sobre o *acessório*.

BRUNOT constata que o complemento nominal subjetivo é substituível por adjetivo: “le succès du ministère” (ministériel), “l’arrivée du présidente” (présidentielle); mas acrescenta que “cette substitution d’un adjectif au complément précédé de *de* a donné lieu à des critiques” (BRUNOT, Ferdinand, 15, p. 229).

Em lugar de adjetivo, pode figurar pronomes:

- a) O *meu* desejo = *eu* desejo; cf. *o desejo do pai*;
- b) A *tua* volta = *tu* voltaste; cf. *a volta do ancião*;
- c) A *sua* queda = *ele* caiu; cf. *a queda dele*.

em que o possessivo (que neste uso nada tem com posse, mas antes com pessoa, segundo o próprio BRUNOT, 15) se converte em sujeito do substantivo subordinante.

Tais e tais transformações têm a maior importância, pelas implicações estilísticas que acarretam: *O que desejo é a tua volta* ou *o meu desejo é que voltes*.

6.1.2.5.5 — Prova do paralelismo:

Quando é possível substituir o conseqüente por adjetivo sinônimo, como na prova da adjetivação, pode-se por analogia utilizar outro adjetivo de significação diferente. No exemplo

A era do jato

não existe o adjetivo *jático* para fazer a transformação; mas, se compararmos com *era atômica*, correspondente a *era do átomo* inferimos facilmente que *do jato* é adjunto adnominal, dado o paralelismo estrutural de ambas as construções: *a era do átomo* — *a era do jato*.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) *Estrutura de ferro (férrea): estrutura de aço;*
- b) *Desastre de avião (aviatório): desastre de caminhão;*
- c) *Festa de São João (joanina): festa de São Pedro;*
- d) *Manhã de chuva (chuvosa): manhã de trovão;*
- e) *Homem de coragem (corajoso): homem de bem;*
- f) *Dia do triunfo (triumfal): dia da derrota.*

Os conseqüentes podem ser antonímicos, como no item (f), com *triunfo* e *derrota*, de sentidos opostos.

6.1.2.5.6 — Prova da adverbialização:

Será o conseqüente adjunto adnominal sempre que se puder transformar em adjunto adverbial da construção:

A volta à casa paterna

transformável em

Voltou à casa paterna

(ou *voltei*, *voltaste*. . . conforme a indicação do contexto) em que *à casa paterna* é adjunto adverbial de *voltou*.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) *A tua ida para a França;*
Tu irás para a França;

- b) A nossa *demora* em *Fortaleza*:
Demoramos em Fortaleza;
- c) O meu *regresso* de *Palmácea*:
Regressei de Palmácea;
- d) Aprovei a *exposição* das telas *este mês*:
As telas serão expostas este mês;
- e) Anunciei a *estréia* *hoje* do teu filme:
O teu filme será estreado hoje;
- f) Felicitei-a pelo *transcurso* *ontem* do seu aniversário:
O seu aniversário transcorreu ontem.

Em geral é de mau paladar o adjunto adnominal expresso por advérbio ou adjunto adverbial, como nos três itens finais. Observe-se no item (d) o complemento nominal *das telas* anteposto ao adjunto adnominal *este mês*, um e outro articulados com *a exposição*. Entenda-se advérbio simples como *ontem* ou adjunto adverbial sem preposição como *este mês*.

Seria incoerente analisar *à casa paterna* como complemento nominal em *a volta à casa paterna* e como adjunto adverbial em *voltou à casa paterna*. Não se deve esquecer jamais a seguinte proporção: o adjunto adnominal está para o adjunto adverbial da mesma forma que o complemento nominal está para o objeto indireto. Se em *voltou à casa paterna* o conseqüente é adjunto adverbial, em *a volta à casa paterna* só pode ser adjunto adnominal, pois são termos acessórios da oração. Não é lógico considerar *à casa paterna* como integrante, portanto indispensável à significação de *voltou*, porém acessório, e portanto dispensável à significação de *volta*.

6.1.2.6 — A seqüência de adjuntos adnominais preposicionados é geralmente sinal de mau gosto. Em por exemplo

Eu aconselho a fuga do presídio à tarde na diligência

o estilo é desengonçado, porque o pobre núcleo *fuga* dificilmente resistiria briosamente a sobrecarga de três adjuntos adnominais preposicionados; ou quatro se acrescentarmos o artigo: *a fuga, fuga do presídio, fuga à tarde, fuga na diligência!*

Que tentação, para muita gente, de analisar os três últimos como adjuntos adverbiais! A transformação do substantivo em verbo

Eu aconselho que à tarde se fuja do presídio na diligência

constitui excelente recurso para desafogar o pobre núcleo da construção e analisar os três termos sintáticos como adjuntos adverbiais.

O adjunto adnominal e o complemento nominal podem articular-se em construções mais amplas, o de que advêm não raro graves complicações e até mesmo ambigüidade. Foi o que se deu com o locutor na estruturação do seguinte anúncio comercial:

Tudo para a volta ao colégio do seu filho

construção muito oportuna para exemplificação de anfibologia. Deve entender-se que se trata de *tudo para a volta do seu filho ao colégio*: volta do filho (complemento nominal), volta ao colégio (adjunto adnominal), mas o arranjo pode entender-se de outro modo — *tudo para a volta ao colégio do seu filho*, e não por contraste *ao colégio da sua filha*: volta ao colégio (adjunto adnominal), *colégio do filho* (adjunto adnominal), dois adjuntos e ausência de complemento nominal.

O radialista, que apelou demasiado para a fonologia da frase, esqueceu talvez que a posição das palavras é fator significativo na estrutura das línguas em geral.

6.1.2.7 — A simples transposição do adjunto adnominal pode convertê-lo em predicativo do sujeito:

Adjunto adnominal:

- a) A criança *irrequieta* dormia no berço;
- b) O velho *irritado* não se calava um só instante;
- c) A noite *algente* se aproximava de mim;

Predicativo do sujeito:

- a) A criança dormia *irrequieta* no berço;
Irrequieta, a criança dormia no berço;
A criança dormia no berço, *irrequieta*;
- b) *Irritado*, o velho não se calava um só instante;
O velho não se calava, *irritado*, um só instante;
O velho não se calava um só instante, *irritado*;
- c) *Algente*, a noite se aproximava de mim;
A noite aproximava-se, *algente*, de mim;
A noite aproximava-se de mim, *algente*;

A pontuação pode só por si produzir o mesmo resultado:

- a) A criança, *irrequieta*, dormia no berço;
- b) O velho, *irritado*, não se calava um só instante;
- c) A noite, *algente*, aproximava-se de mim.

Não padece dúvida que defrontamos um problema de aderência: maior aderência — adjunto adnominal; menor aderência, causada pela transposição ou pela pontuação — predicativo do sujeito. Como o adjetivo não adere aos pronomes pessoais, a categoria que decorre do encontro é a de predicativo:

- a) Eu, *medroso*, não me arrisquei;
- b) Tu, *inocente*, foste condenado;
- c) Encontrei você *alegre e contente*;
- d) Não gosto de você *tristonha*.

6.1.3 — *Sob o aspecto mórfico*

6.1.3.1 — Substantivo:

Com preposição

- a) noite de luar, pão com manteiga;
- b) preços sem competição, compasso a dois tempos;
- c) cheque sem fundo, viagem por mar;
- d) agressão à faca, atentado à mão armada;
- e) casa com duas portas na frente;
- f) ferro em brasa, algodão em rama;*;
- g) o mal dos males, o horror dos horrores;**
- h) preço a vista, vendas a prazo.

Sem preposição:

- a) menino prodígio, noticiário relâmpago;
- b) homem fera, tamanho gigante;
- c) aluno problema, entidade fantasma;
- d) rei filósofo, mundo cão;
- e) cobra macho, jacaré fêmea.

O francês, o inglês e o português empregam esta forma de adjunto para indicar o gênero de certos substantivos:

- a) dame professeur — *professora*: girl friend — *amiga*;
- b) femme peintre — *pintora*; boy friend — *amigo*;
- c) cobra macho, cobra fêmea.

* Segundo Epifânio DIAS (21), a expressão “o livro em questão” constitui galicismo sintático.

** É um hebraísmo que tem por fundamento a repetição do substantivo nuclear.

Em certos casos, a construção constitui unidade semântica — substantivo composto; e, como não há estudo profundo sobre a composição, é geralmente forçoso consultar o dicionário para saber se nos cumpre ou não entrepor o hífen: homem-sanduíche, abelha-mestra, pedra-ume.*

A simples forma do substantivo nuclear pode ser um bom roteiro para identificação do adjunto adnominal. É que certos sufixos geram ordinariamente substantivos intransitivos, e por conseguinte o termo com que se articulam constitui adjunto adnominal.

A relação dos sufixos *adnominígenos*, isto é, que geram adjunto adnominal, opõe-se à dos sufixos que se podem chamar *nominígenos*, isto é, que geram complemento nominal. Como já fizemos o inventário dos segundos, entende-se por exclusão que os outros hão de ser adnominígenos. O sufixo nominal *-douro*, por exemplo, empregado como núcleo da construção trimembre, denota que via de regra o regime constitui adjunto adnominal:

- a) o babadouro da criança;
- b) o bebedouro da escola;
- c) o sangradouro do açude.

6.1.3.2 — Palavra substantivada:

- a) *molho sem igual, voto em branco;*
- b) *a mensagem do além, o pão do pobre;*
- c) *a cela do criminoso, sujeito do contra.*

6.1.3.3 — Artigo:

- a) *o mestre, a mestra; os mestres, as mestras;*
- b) *um herói, uma heroína; uns heróis, umas heroínas;*
- c) *os alunos, as alunas; uns alunos, umas alunas.*

O adjunto adnominal da construção bimembre pode geralmente antepor-se ou pospor-se ao núcleo: *meu amigo — amigo meu, moça bonita — bonita moça*. É verdade que às vezes altera a significação: *menino pobre — pobre menino*; ou empresta colorido literário: *a vida humana — a humana vida*. O artigo porém é a só classe que jamais permite a posposição em português — ao que sabemos, só possível em romeno (*omul* — homem o), em búlgaro (*másata* — mesa a) e em albanês (*miku* — amigo o).

* Sobre *Composição* veja-se o nosso 4.º *Seminário de Português*.

O adjunto adnominal constituído por antenome (artigo, pronome adjetivo, numeral) antepõe-se normalmente ao substantivo:

- a) o filho, *meu* filho, *dois* filhos;
- b) o *meu* filho, a *minha* filha;
- c) *os meus dois* filhos.

Constituído por adjetivo ou participípio, normalmente se pospõe ao substantivo:

- a) recanto ameno;
- b) mulher ingrata;
- c) fé perdida;
- d) amor insano;
- e) desejo ardente;
- f) noite saudosa.

É o que pode chamar-se a ordem direta dos termos secundários; quebrada esta ordem, penetra-se em geral na esfera do estilo:

Filho meu, neste ameno recanto recobrei a perdida Fé,
diverso estilisticamente de *meu filho, neste recanto ameno recobrei a Fé perdida.*

6.1.3.4 — Adjetivo:

- a) *férias inesquecíveis ou inesquecíveis férias;*
- b) *noite interminável ou interminável noite;*
- c) *livro precioso ou precioso livro;*

em que o sistema português, ao contrário do inglês, admite a variante posicional, de maior ou menor efeito estilístico. Atente-se que a posição normal do adjetivo é após o substantivo em nossa língua.

Em *livre pensador*, sente-se perfeitamente pseudocircunstância, pois é *quem pensa livremente*; mas o adjetivo só pode formar adjunto adverbial quando, empregado como advérbio, se torna invariável, o que não se dá neste caso, pois o plural de *livre pensador* é *livres pensadores*, com variação numérica de ambos os constituintes.

O adjunto adnominal, expresso por adjetivo, pode ser expandido por *tão* ou por outros advérbios que lhe ocupem a posição sintática:

- a) *tão* alto
- b) *pouco* ”
- c) *sobremodo* ”
- d) *muito* ”
- e) *demasiado* ”
- f) *excessivamente* ”

Devem ser incluídas as expressões *como diabo, pra burro* e outras análogas, substituíveis por *tão*, embora com inversão da ordem vocabular.

- a) feia como diabo = tão feia;
- b) ruim pra burro = tão ruim.

Só deste modo se consegue analisar *bonita pra burro* ou *bonita como diabo*.

O elemento expansivo não pode ser individualmente analisado, e não há outra saída senão incorporá-lo ao adjunto adnominal, como por exemplo em *tenho tão bons amigos*:

Sujeito.....: eu
Predicado.....: tenho tão bons amigos
Objeto direto.....: tão bons amigos
Adjunto adnominal: tão bons

Se quisermos, porém, ampliar a nomenclatura gramatical, podemos analisar *tão* e os seus substitutos como subadjuntos adnominais. *Tão* seria subadjunto de *bons*. Dentro da mesma orientação teremos subpredicativo do sujeito (não sejas *tão* egoísta) e do objeto (não me creias *tão* mau).

6.1.3.5 — Numeral:

- a) *dois cadernos, cem laranjas*;
- b) *primeiro ano, segundo semestre*;
- c) *meio quilo, terça parte*;
- d) *tríplice aliança, receita dupla*.

Na exceção do item (d) referente aos multiplicativos, o normal é pospor o adjunto.

6.1.3.6 — Pronome:

6.1.3.6.1 — Pronome adjetivo

- a) *este lugar, esse prédio, aquele armazém*;
- b) *meu carro, teu livro, seu rival*;
- c) *cujo dono, cuja obra, cujos pais*;
- d) *algum dia, cada vez, todo aluno*;
- e) *qual livro?, que chuva!, quanta miséria!*

Cujo é o só pronome que, à semelhança do artigo, não exerce outra função a não ser adjunto adnominal, pelo menos em moderno português.* É curioso no entanto que o pronome *cujo* corresponda tanto ao adjunto adnominal como ao complemento nominal, o que denuncia o desinteresse do sistema em distinguir precisamente as duas categorias sintáticas:

O homem cuja granja compraste

em que *cuja granja* corresponde a *granja do homem* — adjunto adnominal;

O homem cuja prisão ordenaste

em que *cuja prisão* corresponde a *prisão do homem* — complemento nominal.

Outro desinteresse do sistema depara-se no caso dos possessivos:

A tua decisão merece palmas — tu decidiste;

A tua prisão revoltou a cidade — foste preso;

A tua cabana sempre nos acolhe — concreção;

em que o possessivo dos itens (*a*) e (*b*) corresponde ao complemento nominal, respectivamente subjetivo e objetivo, ao passo que o do terceiro item corresponde ao adjunto adnominal. Em

A tua saudade me atormenta

é impossível determinar, sem o contexto, se *a saudade que sinto de ti* ou *a saudade que sentes de mim*, donde adjunto adnominal subjetivo e objetivo com os possessivos e o relativo *cujo*.

6.1.3.6.2 — Pronome substantivo

a) *o palácio de uns, a choupana de outros*;

b) *um deles, qual de vocês?*

c) *terra de ninguém, patrimônio de todos*;

d) *beijei-lhe a mão, acariciei-lhe o rosto*;

e) *morria-te a mãe, nascia-te um irmão*;

f) *caiu-me o chapéu, escorregou-me a bengala*.

* Em português arcaico a situação é diversa:

Cujas são estas coroas tão esplandecentes

em que o interrogativo *cujas* é predicativo do sujeito. Compare-se a resposta *estas coroas são tuas*, em que o possessivo é o termo sintático paralelo.

Nos três últimos itens, há quem prefira considerar a função como de objeto indireto; não sabemos porém como classificar *morrer e nascer*, por exemplo, de transitivos indiretos. Não há dúvida que se trata de adjunto adnominal incomum, cuja atualização reclama necessariamente a presença do verbo. Tanto é verdade que não se pode exemplificá-lo senão engastado em construção verbal, o que não ocorre aos outros adjuntos. Tentar isolá-los ofereceria o seguinte resultado:

- a) -lhe a mão, -lhe o rosto;
- b) -te a mãe, -te um irmão;
- c) -me o chapéu, -me a bengala;

que a nosso ver constitui o mais forte argumento contra o considerá-los adjuntos adnominais. Parece-nos entretanto mais temerário tratar certos verbos como transitivos indiretos. . .

Em *não lhes sei os nomes seus*, de Manuel BANDEIRA, ou *morreram-me cedo meus pais*, os pronomes átonos constituem adjunto adnominal redundante. É uma estruturação que sugere o tratamento de tais pronomes como objeto indireto, para obstar à redundância.

Respigamos entre nossos autores consagrados mais alguns exemplos de adjunto adnominal redundante:

- a) “Que aurora de patriarca *te* resplandece em volta do *teu* chapéu!” (CAMILO);
- b) “Queria matar-*lhe* o pai de *seu* filho” (*Id.*);
- c) “O pai de Júlia *lhe* matou *seu* pai” (*Id.*);
- d) “O que eu hei de é esmiuçar-*lhe* a fidalguia de *sua* inteligência” (*Id.*);
- e) “Para que *me* espancaste os *meus* sonhos da manhã” (*Id.*);
- f) “E *meu* sono *me* quebra cruelmente” (A. FERREIRA);
- g) “Ele *me* matou *meu* pai” (Gil VICENTE);
- h) “Deus *vos* cumpra *vosso* desejo” (J. BARROS);
- i) “Nunca de *seu* pensamento *lhe* sai” (BERNARDIM);
- j) “Sei-*lhes* todos *seus* segredos” (SÁ DE MIRANDA);
- k) “Não *me* matas a *minha* filha?” (GARRETT);
- l) “Como se *me* alonga de ano em ano
A peregrinação cansada *minha*!” (CAMÕES);
- m) “Os Pulsos *teus* Hão de Arrochar-*te* em Breve.” (G. DIAS).

Outro argumento a favor de considerar-se adjunto adnominal ao pronome objetivo é que, a se deixar de fazê-lo, não irão faltar construções com dois objetos indiretos:

- a) “A Virgem Santíssima há de acudir-*lhe* ao *seu* filho. . .”
(HERCULANO);
- b) “Mortifica o pesar de não ter vindo assistir-*lhe* à morte”
(CAMILO);
- c) “Era o menino que *me* ajudava à missa” (*Id.*).

Mais outro argumento é que, no caso de verbo relacional, não pode ocorrer objeto indireto:

- a) “Este mundo é-*te* um deserto” (CAMILO);
- b) “É-*me* pequeno o peito para o prazer que sinto” (*Id.*);
- c) “Esse padre é parente de sua ama?
— Não *lhe* é nada; é o feitor da casa” (*Id.*);
- d) “Já *me* fostes vós a vida, agora *me* sois o dano” (BERNARDIM).

6.1.3.7 — Advérbio:

6.1.3.7.1 — Construção bimembre

- a) *o mestre aqui, o então governador;*
- b) *só a dor engrandece, somente a dor;*
- c) *homens assim, o parágrafo acima;*
- d) *menos ódio e mais amor;*
- e) *a observação acima, a observação abaixo;*
- f) *a tua presença aqui, o meu encontro lá;*
- g) *você aí, passe a manteiga;*
- h) *até as feras se comoveram;*
- i) *meu amigo aqui se formou em Roma;*
- j) *não gosto de tua presença aqui;*
- k) *“me dá um dinheiro aí”;*
- l) *o empate hoje levará o Brasil ao México.*

Compare-se o alemão *das gestrige Fussballspiel* — o jogo de futebol de ontem, *hiesiges Gewachs* — produto local; o latim *hesterni crines* — cabelos hesternos (como se achavam ontem penteados); o português *geração crástica* — de amanhã, o esperanto *la popolo tiea* — o povo de lá, em que se demonstra que o substantivo pode ser temporal e localmente modificado (cf. *O Predicativo do Sujeito*).*

* Pode articular-se com adjunto adnominal de lugar e de tempo, em termos estruturalistas.

Em *meu amigo aqui se formou em Roma*, não seria possível argumentar que o advérbio está modificando o verbo, porque *meu amigo* não se formou aqui *aqui*, mas *em Roma*. Apelar para termos ocultos, afirmando que se trata originariamente de *meu amigo que se acha aqui* seria permitir que se fizesse a seguinte pergunta: Em

Meu amigo enfermo se formou em Roma

os elementos *que se acha* estão igualmente ocultos ou subentendidos? Responder positivamente é quase extinguir a categoria do adjunto adnominal, pois a cerebrina enxertia é muito vastamente aplicável: *meu amigo enfermo* — *meu amigo que se acha enfermo*; *meu carro novo* — *meu carro que se acha novo* ou que *está novo*, pois afinal de contas o verbo *achar-se* não há de ser o privilegiado.

Em *não gosto de tua presença aqui*, não se pode objetar que o advérbio modifica o verbo, porque não se trata de *não gostar aqui*, pois eu não gosto de tua presença aqui, mesmo que eu esteja noutro lugar.

Em *me dá um dinheiro aí*, o adjunto adnominal *aí* refere-se *você* implícito.* Evidentemente não se trata de *um dinheiro aí*, mas até mesmo o contrário: *ocê aí, me dá um dinheiro aqui*. Em *o empate hoje levará o Brasil ao México* se fala de *empatar hoje* e não de *hoje levar ao México*.

6.1.3.7.2 — Construção trimembre

- a) *o povo daqui, a gente de lá;*
- b) *jornal de ontem, porta de trás;*
- c) *gente de fora, o gosto de então;*
- d) *amigo de sempre, um grito de longe;*
- e) *a casa de baixo, a casa de cima.***

O advérbio preposicionado se pronominaliza e perde conseqüentemente a preposição implícita: “o advérbio é um substantivo que implicitamente contém uma preposição” (cf. *Estrutura e Classificação do Advérbio*). Em

Você trabalhou aqui

* O exemplo completo é o seguinte: “Ei, você aí, me dá um dinheiro aí”, tomado a certa música de carnaval. É patente a discordância: o certo seria *tu*, e não *ocê*.

** A grafia “casa de baixo” deve parecer estranha; mas atente-se no seguinte: a construção “casa de baixo” opõe-se a “casa de cima”, que difere de “casa debaixo”, oposto a “casa em cima”. Deve escrever-se *saia de baixo, que eu posso ficar debaixo*.

o advérbio é desdobrável em preposição-pronome-substantivo: *neste lugar*; mas em

O povo daqui

o advérbio é desdobrável apenas em pronome-substantivo:

O povo deste lugar,

em dois portanto, e não em três elementos como em *você trabalhou aqui*. Caiu a preposição *em* que se acha implícita no advérbio *aqui*. Não fosse tal queda, teríamos o seguinte resultado (cf. 5.3.3.6):

O povo de neste lugar.

6.1.3.8 — Infinitivo:

- a) *ferro de engomar, creme de barbear;*
- b) *água de beber, tesoura de podar;*
- c) *caso de lamentar, máquina de escrever;*
- d) *horário de brincar, dia de passear.*

O infinitivo combina-se mais facilmente com o substantivo abstrato para formar complemento nominal: *desejo de viajar, esperança de vencer, medo de dormir*.

6.1.3.9 — Oração reduzida infinitiva, dita adnominal:

- a) *ferro de engomar vestido;*
- b) *tesoura de podar a grama;*
- c) *caso de lamentar para sempre;*
- d) *dia de passear na casa do vovô;*
- e) *noite de passear na pracinha;*

em que as expansões *vestido, a grama, para sempre, na casa do vovô e na pracinha* configuram a categoria da oração reduzida.

6.1.3.10 — Particípio:

- a) *amor esquecido; ventura entressenhada;*
- b) *sertão abandonado, paraíso perdido;*
- c) *castelo encantado, fruto proibido.*

Para tirar estilísticos, pode antepor-se o particípio ao termo nuclear: *esquecido amor, perdido paraíso*.

6.1.3.11 — Oração reduzida participial adnominal:

- a) *o amor de outrora, esquecido para sempre, já não me aquece o coração;*
- b) *o sertão, abandonado pelo governo, depõe contra a forma de nossa política;*
- c) *o paraíso perdido pelo homem há de ser reconquistado.*

6.1.3.12 — Gerúndio:

- a) *a criança queimou-se com água fervendo;*
- b) *mandei um telegrama informando;*
- c) *eu não estudo com gente conversando.*

6.1.3.13 — Oração reduzida gerundial adnominal:*

- a) *queimou-se com água fervendo a cem graus;*
- b) *mandei um telegrama informando o governo;*
- c) *eu não estudo com gente conversando alto.*

6.1.3.14 — Oração subordinada adjetiva:

A oração subordinada adjetiva é na verdade adnominal, mas a tradição consagrou o termo adjetiva, que não pertence à sintaxe, mas

* Eduardo Carlos PEREIRA, 69, p. 355: "Os seguintes exemplos de abalizados escritores mostram que a língua se vale freqüentes vezes da forma gerundial para exercer a função atributiva", isto é, para se articular com o próprio substantivo:

- a) Podemos ver ao longe o vulto de Camões carpindo suas desditas na grande Macau (Latino COELHO);
- b) Fazemos o milagre de Anfião arrastando às pedras (Camilo C. BRANCO);
- c) Ouvindo Tobias a voz de um animalzinho balando, advertiu que acaso não fosse furtado (A. VIEIRA);
- d) Do lado do primeiro Adão dormindo foi formada Eva (A. VIEIRA);
- e) Olha o Cisne morrendo que suspira (CAMÕES).

O emprego adnominal e predicativo do gerúndio nem sempre é recomendável, como bem demonstra Júlio MOREIRA em seus magníficos *Estudos da Língua Portuguesa*, 2.º volume, p. 92, 1907:

- a) *uma casa tendo o número 40, em lugar de que tem o número 40 ou apenas com o número 40;*
- b) *uma vasta associação tendo por fim divinizar as obras do poeta Browning (E. de QUEIROZ);*
- c) *um paisagista maravilhoso tendo na sua pena todo o vigor do pincel dum Jules Breton (Idem);*
- d) *vultos escuros, curvados sobre a terra e tendo a vaga aparência de seres humanos (Idem);*
- e) *é difícil considerar Roma como um ninho balouçando-se no ramo de um olmeiro, em lugar de a balouçar-se.*

à morfologia; fê-lo certamente por oposição a oração substantiva e oração adverbial:*

- a) *O sol que nasce tem mais admiradores do que o sol que se põe;*
- b) *Deus te dê reduplicado tudo aquilo que me desejares;*
- c) *O amor é o caminho que nos conduz a Deus.*

6.1.3.15 — Oração subordinada adnominal:

No caso da subordinada introduzida por um pronome relativo (antecedente expresso), conservamos o nome tradicional de oração adjetiva; já no caso da subordinada introduzida por relativo indefinido (antecedente não expresso), a subordinada é adnominal, e não há por que nem como entendê-la diversamente:

- a) *Eu leio no rosto de quem mente;*
- b) *Em vão bati à porta de quantos ajudei a subir;*
- c) *O coração de quem ama tem o calor do paraíso;*

em que se aplica a prova da concreção, porque *rosto*, *porta* e *coração* constituem substantivos concretos.

É um artifício visando a transformar o relativo indefinido em pronome relativo:

Eu leio no rosto daquele que mente

para com isto elucidar o problema e analisar tranqüilamente outra estrutura diversa.

O mais importante é que tal subordinada adnominal é substantiva: a) eu leio no rosto *deste* (*de quem mente*); b) em vão bati à porta *destes* (*de quantos ajudei*); c) o coração *deste* (*de quem ama*) tem o calor do paraíso. A substituição por *este(s)*, *esta(s)* configura, como já sabemos, a categoria da subordinada substantiva.

* Em lugar de *adjuntivo-adnominal*, é mais simples, e coerente, empregar apenas *adnominal*, à semelhança do que já se faz com o *adjunto adverbial*: não se fala em por exemplo *subordinada adjuntivo-adverbial*, mas apenas em *subordinada adverbial*.

6.2 — O ADJUNTO ADVERBIAL

6.2.1 — *Sob o aspecto semântico*

Advérbio é a palavra que exprime *circunstância*, o que resulta em círculo vicioso porque, para saber o que é advérbio, é preciso saber o que é circunstância, e para saber o que é circunstância é preciso saber o que é advérbio.

Mas o que será *circunstância*? É um termo extralingüístico que se acha como qualquer outro consignado no dicionário: “particularidade que acompanha um fato ou situação”, descreve-nos o LAROUSSE (48). O *Lexique de la Terminologie Linguistique*, de MAROUZEAU (53), o *Dicionário de Términos Filológicos*, de CARRETER (19), o *Dicionário de Filologia e Gramática*, de Mattoso CÂMARA (17), o *Dictionary of Linguistics*, de MÁRIO PEI (68) e o *Léxico de Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de NASCENTES (61), não averbam a voz *circunstância*, nem podiam averbá-la por não ser termo lingüístico.

Dizer por exemplo que *lugar* é circunstância é ser demasiado impreciso; seria mais próprio *categoria*. Em *o homem do sertão* não há circunstância de lugar sob o aspecto adverbial, embora o sertão seja o lugar onde o homem mora, ou o lugar donde o homem é.

Em *eu viajei de avião* há circunstância por tratar-se de adjunto adverbial; mas em *viagem de avião* não há circunstância de nada, por tratar-se de adjunto adnominal. É que a palavra *circunstância* só pode entender-se com relação ao verbo*. Conclui-se pois que o vocábulo *circunstância* não define absolutamente o adjunto adverbial.

Semanticamente o advérbio é apenas um termo restritivo, como o predicado, que restringe o sujeito, como os termos integrantes, que

* O adjunto adverbial só tem vinculação ao verbo; o advérbio é que tem vinculação ao verbo, ao adjetivo, ao advérbio etc. Cf. 2.4 — *O Advérbio*.

restringem o predicado, como os termos secundários, que restringem os termos primários. Apenas o sujeito, apenas ele não restringe nada, não restringe nunca, pois o seu destino há de ser exatamente o contrário: ser restringido pelos outros. Em

A vida passa rapidamente sobre a terra

passa restringe *a vida*, encarada como passageira; como *passa* se acha restringido por *rapidamente* e por *sobre a terra*, infere-se que *a passagem é rápida e terrena*, e conseqüentemente a própria vida. É como se dissessemos *a vida é passageira, rápida e terrena*. Em

O lobo matou o tigre

o lobo é um matador, não porém um matador qualquer, mas um matador de tigre.

A oração é pois uma sucessão de termos restritivos que se restringem uns aos outros, cujo ponto de partida é o sujeito, que nunca restringe nada.

6.2.2 — *Sob o aspecto sintático*

Sintaticamente adjunto adverbial é o termo primário

a) que responde às perguntas *onde?*, *quando?*, *como?*, *quanto?*, *acaso?*, *pró?*, *contra?*, bem como estas próprias perguntas, pois estes advérbios constituem por si sós adjuntos adverbiais;

b) que se apresenta encabeçado pelas preposições carregadas, isto é, aquelas que portam conteúdo semântico, como por exemplo *durante*, com forte conteúdo temporal;

c) que se apresenta encabeçado pelas conjunções subordinativas carregadas, excetuando-se as integrantes *que* e *se*.* *Quando*, à semelhança da preposição *durante*, carrega compacto volume temporal, contrariamente à integrante *que*, totalmente vazia de significado.

* O *que* integrante não tem conteúdo semântico; a integrante *se* é um morfema interrogativo, equivalente ao ponto de interrogação (?):

Pergunte *se* houve fraude

em que o *se* é substituível pelo ponto de interrogação:

Pergunte: houve fraude?

ou mais praticamente

Houve fraude? pergunte

invertida a ordem das orações.

Não há dúvida que os adjuntos adverbiais exprimem circunstâncias, *entendidas como sentidos*, que segundo o item precedente, podem linguisticamente ser distribuídas em três classes: *adverbiadas*, *preposicionadas*, *conjuncionadas*, conforme sejam expressas ou introduzidas por:

- a) *Advérbio*: Assim passa a glória do mundo;
- b) *Preposição*: Eu trabalho *até* meia-noite;
- c) *Conjunção*: Se me queres governar, obedece-me.

No item (c), o adjunto adverbial é oracional, isto é, constituído por oração.

Cumpra agora, com base nas três classes adverbiais, determinar quantas e quais as circunstâncias que oferece a língua portuguesa. O que há de ser desaconselhável é criar várias classes de circunstâncias sem vinculação lingüística, segundo a imaginação e o capricho de cada gramático. Para inventariá-las começaremos pelas circunstâncias *adverbiadas*, e daí passaremos às *preposicionadas* e às *conjuncionadas*.

6.2.2.1 — As Circunstâncias Adverbiadas

6.2.2.1.1 — Adjunto adverbial de lugar

As circunstâncias adverbiadas, expressas por advérbios simples, reduzem-se a *lugar*, *tempo*, *modo*, *quantidade*, *interrogação*, *afirmação*, *negação*, *dúvida*, *aprovação*, *oposição*, sobre as quais passamos a discutir nos itens subseqüentes.

No plano da **pergunta**, chama-se adjunto adverbial de lugar a forma interrogativa* *onde?* e suas combinações (*donde*, *onde*, *para onde*, *por onde*, *desde onde*, *até onde*), bem como toda palavra ou locução que possa ocupar-lhe a posição:

- a) *Onde* você trabalhou?
- b) *Donde* ou *de onde* saíste?
- c) *Para onde* correu a criança?
- d) *Por onde* passa o trem?
- e) *Desde onde* te vens arrastando?
- f) *Até onde* poderei chegar?

As palavras ou expressões que podem ocupar a posição de *onde* e suas combinações são tantas que vamos exemplificar somente a posição ocupada por *onde* na oração:

Onde você estudou?

* Quando falamos em oração *interrogativa*, entenda-se ordinariamente *interrogativa* ou *exclamativa*, ou *interrogativa-exclamativa*.

a) <i>Em que escola</i>	você estudou ?
b) <i>Em que sala</i> ?
c) <i>Em que rua</i> ?
d) <i>Em que cidade</i> ?
e) <i>Em que ginásio</i> ?
f) <i>Em que terra</i> ?
g) <i>Em que lugar</i> ?
h) <i>Em que curso</i> ?
i) <i>Em que conservatório</i> ?
j) <i>Em que zona</i> ?
k) <i>Em que convento</i> ?
l) <i>Em que serra</i> ?
m) <i>Em que internato</i> ?
n) <i>Em que universidade</i> ?
o) <i>Em que grupo</i> ?
p) <i>Em que seminário</i> ?
q) <i>Em que região</i> ?
r) <i>Em que seção</i> ?
s) <i>Em que turma</i> ?
t) <i>Em que faculdade</i> ?
u) <i>Em que país</i> ?
v) <i>Em que prédio</i> ?
w) <i>Em que academia</i> ?
x) <i>Em que liceu</i> ?
y) <i>Em que instituto</i> ?
z) <i>Em que jardim</i> ?

Exemplificamos apenas a posição ocupada por *onde*. Fôssemos fazê-lo com as combinações, e muito papel seria rabiscado. Atente-se porém que a simples posição ocupada por *onde* pode ocorrer em variados tipos de orações conforme a natureza do verbo empregado, como por exemplo em *onde você dormiu?*, que apresenta várias substituições:

- Em que apartamento você dormiu?*
- Em que rede você dormiu?*
- Em que cama você dormiu?*
- Em que leito você dormiu?*
- Em que colchão você dormiu?*

No plano da resposta, chama-se adjunto adverbial de lugar a palavra ou expressão que responde à pergunta *onde* ou às suas combinações, como em *onde você trabalha?*, que admite as seguintes respostas:

- a) Eu trabalho *aqui*; eu trabalho *aí*;
- b) Eu trabalho *ali*; eu trabalho *acolá*;
- c) Eu trabalho *cá*; eu trabalho *lá*;
- d) Eu trabalho *aquém*; eu trabalho *além*;
- e) Eu trabalho *longe*; eu trabalho *perto*;
- f) Eu trabalho *adiante*; eu trabalho *atrás*;
- g) Eu trabalho *dentro*; eu trabalho *fora*;
- h) Eu trabalho *abaixo*; eu trabalho *acima*;
- i) Eu trabalho *algures*; eu trabalho *alhures*;
- j) Eu trabalho *no campo*;
- k) Eu trabalho *perto do seminário*;
- l) Eu trabalho *em frente ao correio*;
- m) Eu trabalho *longe de casa*;
- n) Eu trabalho *dentro de casa*;
- o) Eu trabalho *aquém da reitoria*;
- p) Eu trabalho *além da ponte*;
- q) Eu trabalho *fora de casa*;
- r) Eu trabalho *acima da igreja*;
- s) Eu trabalho *à beira do riacho*;
- t) Eu trabalho *em cima do morro*;
- u) Eu trabalho *pela rua*;
- v) Eu trabalho *sobre o convés*;
- w) Eu trabalho *debaixo do chão*;
- x) Eu trabalho *sob a ponte*;
- y) Eu trabalho *diante da empresa*;
- z) Eu trabalho *onde há camaradagem*.

No item (z), a subordinada *onde há camaradagem* é adverbial local em que pese à nossa literatura gramatical. Não há outra saída. Declarar por exemplo que se trata de oração adjetiva cujo antecedente está subentendido (*eu trabalho no lugar onde há camaradagem*) é insustentável, a menos que também analisemos como adjetiva a subordinada paralela deparável em *eu trabalho quando há camaradagem*. Isto seria temerário, porque nas construções (cf. 2.14).

- a) *Eu trabalho onde me convém*;
- b) *Eu trabalho quando me convém*;
- c) *Eu trabalho como me convém*;

todas as subordinadas seriam adjetivas, uma vez que podem admitir-se como subentendidas as palavras *lugar*, *tempo*, *maneira*:

- a) *Eu trabalho no lugar que me convém*;
- b) *Eu trabalho no tempo ou na hora que me convém*;
- c) *Eu trabalho segundo a maneira que me convém*.

O exemplo *eu trabalho de pedreiro* não serviria, porque *de pedreiro* responde à pergunta *como*, e não à pergunta *onde*.

Em

- a) *Moro na capital;*
- b) *Venho da serra;*
- c) *Vou para o sertão;*

o que temos é adjunto adverbial e não objeto indireto, visto que se ajustam cabalmente as perguntas *onde*, *donde*, *para onde* (onde moro?, donde venho?, para onde vou?), bem como as respostas com advérbio simples (moro aqui, venho de lá, vou para lá). Analisar *na capital*, *da serra* e *para o sertão* como objeto indireto implica logicamente em analisar *onde* e *lá*, *donde* e *de lá*, *para onde* e *para lá* como também objeto indireto, conforme o exige a coerência.

Certas circunstâncias, acima especificadas como adverbiadas, podem sê-lo igualmente como preposicionadas, o que será demonstrado mais adiante, ao se tratar da segunda classe; daí por que os adjuntos adverbiais ocorrentes em

- a) *Eu trabalho em frente ao correio;*
- b) *Eu trabalho dentro de casa;*
- c) *Eu trabalho em cima do morro;*

podem considerar-se tanto adverbiados como preposicionados.

Aproveitamos a rima em *onde* para fazer a seguinte quadrinha, que resume admiravelmente o adjunto adverbial de lugar, e pode facilmente adaptar-se aos outros adjuntos adverbiais adverbiados, isto é, aqueles que giram sintaticamente em torno de certo advérbio:

Adverbial de lugar
É o termo primário onde,
Aquilo que o substitui,
E aquilo que lhe responde.

- a) Termo primário *onde*: — *Onde* você mora?
- b) Aquilo que o substitui: — *Em que lugar* você mora?
- c) Aquilo que lhe responde: — *Moro aqui*; *moro no Ceará*.

Por *circunstância de lugar* não se deve absolutamente entender a idéia de lugar, mas apenas aquilo que responde à pergunta *onde*. Em por exemplo:

No meu futuro não há lugar para ti

no meu futuro constitui adjunto adverbial de lugar, porque responde à pergunta *onde*, muito embora *futuro* seja um substantivo temporal:

Onde não há lugar para ti?

6.2.2.1.2 — Adjunto adverbial de tempo

No plano da pergunta, chama-se adjunto adverbial de tempo a forma interrogativa *quando* e suas combinações (*desde quando*, *até quando*, *para quando*, *de quando*), bem como a posição da forma *quando* e de suas combinações:

- a) *Quando* você voltou?
- b) *Desde quando* você dirige?
- c) *Até quando* viverei contigo?
- d) *Para quando* se prevê a inauguração?
- e) *De quando* é que data a descoberta?

À semelhança do que fizemos com a forma *onde*, exemplificamos abaixo as palavras ou expressões que podem ocupar a posição da forma *quando* na oração: *Quando* você voltou?

- a) *Em que tempo* você voltou?
- b) *Em que ano* você voltou?
- c) *Em que mês* você voltou?
- d) *Em que dia* você voltou?
- e) *Em que ocasião* você voltou?
- f) *Em que temporada* você voltou?
- g) *Em que data* você voltou?
- h) *Em que noite* você voltou?
- i) *Em que verão* você voltou?
- j) *Em que inverno* você voltou?
- k) *Em que estação* você voltou?
- l) *Em que momento* você voltou?
- m) *Em que semestre* você voltou?
- n) *Em que período* você voltou?
- o) *Em que fase* você voltou?
- p) *Em que época* você voltou?
- q) *Em que administração* você voltou?
- r) *Em que intervalo* você voltou?
- s) *Em que era* você voltou?
- t) *Em que idade* você voltou?

- u) *Em que quinzena* você voltou?
- v) *Em que década* você voltou?
- w) *Em que tarde* você voltou?
- x) *Em que domingo* você voltou?
- y) *Em que oportunidade* você voltou?
- z) *Em que manhã* você voltou?

No plano da resposta, chama-se adjunto adverbial de tempo a palavra ou expressão que responde à pergunta *quando* ou às suas combinações como em *quando você viajará?*, que admite as seguintes respostas:

- a) Viajarei *hoje*; viajarei *amanhã*;
- b) Viajarei *cedo*; viajarei *tarde*;
- c) Viajarei *sempre*; *nunca* viajarei;
- d) Viajarei *antes*; viajarei *depois*;
- e) Viajarei *logo*; viajarei *antemanhã*;
- f) Viajarei *em breve*;
- g) Viajarei *de manhã*;
- h) Viajarei *de madrugada*;
- i) Viajarei *de noite*;
- j) Viajarei *ao cair da tarde*;
- k) Viajarei *antes de você*;
- l) Viajarei *após o almoço*;
- m) Viajarei *durante o inverno*;
- n) Viajarei *no verão*;
- o) Viajarei *ao anoitecer*;
- p) Viajarei *à boca da noite*;
- q) Viajarei *até o fim do mês*;
- r) Viajarei *em novembro*;
- s) Viajarei *para o fim da semana*;
- t) Viajarei *por volta do Natal*;
- u) Viajarei *por ocasião do centenário*;
- v) Viajarei *perto do carnaval*;
- w) Viajarei *dentro de quatro dias*;
- x) Viajarei *no fim do ano*;
- y) Viajarei *ao começarem as aulas*;
- z) Viajarei *quando as aulas começarem*.

O exemplo *eu viajo no trem* não serviria, porque *no trem* responde à pergunta *onde*, e não à pergunta *quando*.

Iniciamos a exemplificação com os advérbios simples, seguidos quanto possível por locuções adverbiais, porque são eles que mais seguramente imprimem a marca lingüística da circunstância adverbial. É que a locução pode oferecer dúvidas quanto ao valor adverbial, ao passo que o próprio advérbio não as pode oferecer. O vocábulo simples é que pesa como prova, é como que a cristalização do fato gramatical que procuramos demonstrar.* Em

Eu voltarei no fim do mês,

o que marca lingüisticamente a expressão *no fim do mês* como adjunto adverbial de tempo é o fato de, como termo primário, ser substituível por advérbio simples: eu voltarei *no fim do mês* = eu voltarei *então*, em que um e outro ocupam estruturalmente a mesma posição sintática. Outra evidência é a substituição por *quando*: eu voltarei *quando*?

No item (z) a subordinada é adverbial por responder à pergunta *quando* ou comportar a resposta *então* (ou qualquer resposta expressa por advérbio simples: *amanhã, depois, posteriormente*), e não por denotar idéia de tempo; em *não sei quando começarão as aulas*, a subordinada exprime a idéia de tempo, e não é adverbial, mas substantiva objetiva direta, já que se pode substituir, não por *então*, mas por *isto*, que nada encerra de temporal: *não sei isto — quando começarão as aulas*.

O adjunto adverbial oracional *quando as aulas começarem* está incluído na classe adverbial, mas pode sê-lo também na classe conjunccionada, como será oportunamente demonstrado. A inclusão na classe adverbial justifica-se por corresponder à pergunta ou resposta expressa por advérbio simples: *quando viajarei?*; viajarei *então*; viajarei *amanhã*; viajarei *brevemente*. É que certas circunstâncias aparecem redundantemente marcadas; algumas há que são adverbializadas, preposicionadas e conjunccionadas ao mesmo tempo.

Vamos aproveitar a quadrinha do adjunto adverbial de lugar e adaptá-la em versos brancos ao adjunto adverbial de tempo, sintetizando-lhe a estrutura em mnemônica redondilha:

*Adjunto adverbial de tempo
É o termo primário quando,
Aquilo que o substitui,
E aquilo que lhe responde.*

* A locução do tipo *advérbio + preposição* é sólida, e pode ser aproveitada, bem como qualquer outra que não enseje dúvida.

6.2.2.1.3 — Adjunto adverbial de modo

No plano da pergunta, chama-se adjunto adverbial de modo a forma interrogativa *como*, que não oferece combinações, bem como toda palavra ou expressão que possa ocupar-lhe a posição em por exemplo *como resolveste o problema?*:

- a) *De que modo* resolveste o problema?
- b) *De que maneira* resolveste o problema?
- c) *De que forma* resolveste o problema?
- d) *De que jeito* resolveste o problema?

É curioso advertir que o advérbio de lugar *onde* comporta seis combinações (*donde, aonde, para onde, por onde, desde onde, até onde*); *quando* apenas quatro (*desde quando, até quando, para quando, de quando*); *como* não comporta combinação alguma, exceto no dialeto coloquial para indicar a circunstância de quantidade, não porém de modo: a *como* compraste o peixe? O preço é um tipo de quantidade, portanto não deve constituir circunstância à parte.

No plano da resposta, chama-se adjunto adverbial de modo toda palavra ou expressão que responde à pergunta *como*. Tomemos por exemplo *como resolveste o problema?* que admite as seguintes respostas:

- a) Resolvi *assim* o problema;
- b) Resolvi *bem* o problema;
- c) Resolvi *mal* o problema;
- d) Resolvi *facilmente* o problema;
- e) Resolvi *habilmente* o problema;
- f) Resolvi *satisfatoriamente* o problema;
- g) Resolvi *maravilhosamente* o problema;
- h) Resolvi o problema *negaceando*;
- i) Resolvi o problema *confabulando*;
- j) Resolvi o problema *capitulando*;
- k) Resolvi o problema *recuando*;
- l) Resolvi *a contendo* o problema;
- m) Resolvi *à força* o problema;
- n) Resolvi *à bala* o problema;
- o) Resolvi o problema *com artimanhas*;
- p) Resolvi o problema *com paciência*;
- q) Resolvi o problema *sem briga*;
- r) Resolvi *de boa vontade* o problema;
- s) Resolvi *de mãos dadas* o problema;
- t) Resolvi *de um golpe* o problema;

- u) Resolvi o problema *com o teu auxílio*;
- v) Resolvi o problema *sem pagar nada*;
- w) Resolvi o problema *com promessas*;
- x) Resolvi o problema *pagando as despesas*;
- y) *Fugindo para longe*, resolvi o problema;
- z) Resolvi o problema *conforme pude*.

O exemplo *resolvi o problema no banco* não serviria, porque *no banco* responde à pergunta *onde*, e não à pergunta *como*.

Estas circunstâncias são adverbizadas porque respondem a perguntas formuladas pelo advérbio interrogativo *como*. Isto não impede que redundantemente sejam preposicionadas e conjuncionadas, como de fato o são. O comportarem respostas expressas por advérbios simples, como *assim*, *bem*, *mal*, fortalece-lhes a natureza adverbial ou antes a comprovação do caráter adverbial.

No item (z) há certa contradição com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, pois, se a conjunção é conformativa, pareceria normal que o adjunto adverbial fosse de conformação. . . É incoerência dizer que temos adjunto adverbial de modo em *como resolveste o problema?* ou em *resolvi muito bem o problema*, e por outro lado subordinada conformativa ou de conformação em *resolvi o problema como pude*.

É bom insistir que a subordinada é adverbial não por denotar idéia de modo, mas por responder à pergunta *como* e comportar resposta expressa por advérbio:

- *Como resolveste o problema?*
- *Resolvi muito bem o problema.*

Em

Não sei como resolva o problema

a subordinada é substantiva, não adverbial, porque não responde à pergunta *como*, nem comporta resposta expressa por advérbio simples. Como é substituível por *isto* (não sei isto: *como resolva o problema*), patenteia-se o caráter substantivo da subordinada, que desempenha a função de objeto direto com relação à principal.

Como fizemos com o adjunto adverbial de lugar e o adjunto adverbial de tempo, vamos enfeixar e sumariar o adjunto adverbial de modo noutra quadrinha mnemônica:

Adjunto adverbial de modo
É o termo primário como,
Aquilo que o substitui,
E aquilo que lhe responde.

É preciso estar alerta para que somente o termo primário se analise como adjunto adverbial; nunca o secundário, nem o terciário, nem os outros *-ários*.

6.2.2.1.4 — Adjunto adverbial de quantidade

O adjunto adverbial de quantidade reclama tratamento especial por não se poder, à semelhança do que se fez com os precedentes, afirmar o seguinte: no plano da pergunta, chama-se adjunto adverbial de quantidade a forma interrogativa *quanto* e as suas combinações (*a quanto, por quanto, de quanto, até quanto* e outras), porque o advérbio *quanto* pode, ao contrário de *onde, quando, como*, ocupar também a classe do pronome, e como tal exercer várias outras funções, entre as quais a de sujeito e de objeto:

Sujeito: Quanto falta?

Objeto: Quanto você tem?

Dado este contratempo, temos que tomar outro rumo: no plano da pergunta, chama-se adjunto adverbial de quantidade a forma interrogativa *quanto*,* cuja resposta comporte o advérbio *demasiadamente* ou qualquer outro advérbio terminado em *-mente*:

— *Quanto* você sofreu?

— Sofri *demasiadamente*.

— *Quanto* doeu a separação?

— Doeu *horripelmente*.

— *Quanto* subiu a temperatura?

— Subiu *excessivamente*.

O que nos assegura que o termo *quanto* é adjunto adverbial de quantidade nos exemplos anteriores é a forma adverbial em *-mente* que lhe corresponde na resposta. A voz *quanto* é plurivalente sob o aspecto sintático, e por isto se torna falha como elemento identificatório; já os advérbios terminados em *-mente* têm apenas um valor sintático, e daí servirem como prova decisiva na função adverbial do vocábulo *quanto*. A predicação verbal falha, pois, como vimos, *quanto* pode ser o sujeito: *Quanto* sobrou?

O advérbio *quanto* não oferece combinações: em *a quanto, por quanto, até quanto* e algumas outras; o segundo elemento é um pronome, ordinariamente interrogativo.

No plano da resposta, chama-se adjunto adverbial de quantidade toda palavra ou expressão que responde à pergunta *quanto* e pode ser

* Não vemos razão para empregar *intensidade* em lugar de *quantidade*: é defender, contra a expressão formal, que o termo *quantão* exprime *intensidade* e não propriamente *quantidade*. . . Ademais, a intensidade, como o preço, é uma variante da quantidade.

substituída por *demasiadamente* ou qualquer advérbio terminado em *-mente*, como em *quanto você sofreu?*, que admite as seguintes respostas:

- a) Sofri *demasiadamente*;
- b) Sofri *horripelmente*;
- c) Sofri *imensamente*;
- d) Sofri *bastantemente*;
- e) Sofri *tanto*;
- f) Sofri *excessivamente*;
- g) Sofri *demais*;
- h) Sofri *muito*;
- i) *Demasiado* sofreu;
- j) Sofri *suficientemente*;
- k) Sofri *pouco*;
- l) Sofri *sobejamente*;
- m) Sofri *sobremaneira*;
- n) *Sobremodo* sofreu;
- o) *Assaz* sofreu;
- p) Sofri *bastante*;
- q) Sofri *mais*;
- r) Sofri *menos*;
- s) Sofri *a valer*;
- t) Sofri *à beça*;
- u) Sofri *a mais não poder*;
- v) Sofri *a meias*;
- w) Sofri *sobreposse*;
- x) Sofri *cada vez mais*;
- y) Sofri *em demasia*;
- z) Sofri *quanto me foi possível*.

Em *comprei um livro muito bom*, não existe adjunto adverbial de quantidade, porque *muito* não é termo primário, isto é, não gravita sintaticamente em torno do eixo verbal; é apenas um elemento do adjunto adnominal *muito bom*, indivisivelmente considerado. Pode, com muita propriedade, chamar-se um subadjunto.

O exemplo *eu sofri resignadamente* não serviria, porque responde à pergunta *como*, e não à pergunta *quanto*. No item (b), consideremos *horripelmente* como adjunto adverbial de quantidade, porque responde à pergunta *quanto*, e não à pergunta *como*. Não se trata do *modo como*, trata-se de *quanto* sofreu.*

* Não há dúvida que os advérbios *como* e *quanto* podem usar-se como sinônimos: *como sofreu!* é a versão coloquial de *quanto sofreu!*. Esta sinonímia talvez haja aproximado em certas ocorrências a circunstância de modo e a circunstância de quantidade, porventura deparável em *sofri horripelmente*.

No item (z), o adjunto adverbial de quantidade é oracional, e tem-se de admitir *quanto* como conjunção quantitativa, sob pena de cair nas mesmas incoerências deparadas em *eu trabalho onde me convém*. Compararemos as seguintes estruturas e teremos a conclusão:

- a) *Eu trabalho onde me convém;*
- b) *Eu trabalho quando me convém;*
- c) *Eu trabalho como me convém;*
- d) *Eu trabalho quanto me convém.*

Não seria congruente atribuir a *quando* e *como* a função de conjunção, e negar esta função a *onde* e *quanto*, consoante se faz ordinariamente.

Vamos enfeixar o adjunto adverbial de quantidade na seguinte sextilha para facilitar-lhe a memorização:

*Adverbial de quantidade
É o termo primário quanto,
Aquilo que o substituí,
E aquilo que lhe responde;
Mas requer-se a contraprova
Dos advérbios em -mente.*

6.2.2.1.5 — Adjunto adverbial de interrogação

Chama-se adjunto adverbial de interrogação às formas interrogativas *acaso*, *porventura*, *será que*:

- a) *Acaso você concorda?*
- b) *Porventura você concorda?*
- c) *Será que você concorda?*

Estes adjuntos se podem omitir sem prejudicar o sentido, e correspondem à integrante *se* na interrogação indireta: *você concorda?*. Constituem um como que reforço ou estilização da ordinária construção interrogativa.

Qualquer oração interrogativa, encabeçada por um destes adjuntos adverbiais, pode converter-se em subordinada substantiva, introduzida por *se*. Basta que se lhe modifique a curva melódica e se lhe anteponha outra oração que sirva de principal:

- *Será que a mamãe concorda?*
- *Não sei se a mãe concorda;*

em que a conjunção *se* é a forma subordinativa do advérbio *será que*. O Dr. ZAMENHOF percebeu tão bem a relação entre *acaso* e *se* que o termo esperanto *chu* significa igualmente *acaso* e *se*, tal como sucede no grego, no latim, no russo e noutros idiomas:

- *Chu li venos?* = *Acaso ele virá?*
- *Me ne scias, chu li venos* = *Não sei se ele virá.*

6.2.2.1.6 — Adjunto adverbial de afirmação, de negação e de dúvida.

Chama-se respectivamente adjunto adverbial de afirmação, negação ou dúvida aos termos *sim*, *não*, *talvez* e sinônimos, que respondam às perguntas formuladas por *acaso*, *porventura* ou *será que*, como por exemplo em *acaso a vida é a infância da imortalidade?*, que admite as seguintes respostas:

- Afirmação*: sim, sem dúvida, certamente, por certo, inegavelmente;
- Dúvida*. . . : talvez, quiçá, provavelmente, possivelmente, presumivelmente;
- Negação* . . : não, nunca, jamais, de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de jeito algum, absolutamente não (coloquialmente omite-se o advérbio *não*: *absolutamente*).

Normalmente qualquer resposta às perguntas *acaso*, *porventura* ou *será que* devia exclusivamente comportar resposta afirmativa, negativa ou dubitativa; é porém comum responder mediante um adjunto adverbial de modo, que de certa forma equivale a *sim* ou *não*:

- *Você fala inglês e russo?*
- (sim), *muito bem*;
- *Você certamente não comprometeu?*
- (não), *graças a Deus*;

em que tanto *sim* como *não* se acham como que subentendidos.

6.2.2.1.7 — Adjunto adverbial de aprovação e de oposição.

Adjunto adverbial de aprovação é o termo primário *pró* e toda palavra que lhe ocupar a posição, tanto na pergunta (eu lutarei *pró?*, tu falarás *pró?*, torceremos *pró?*), como na resposta:*

* Por motivação didática, pode substituir-se *pró* por *a favor*.

- a) *Eu lutarei pró;*
- b) *Tu falarás pelo réu: tu falarás pró;*
- c) *Torceremos por tua vitória: torceremos pró.*

Adjunto adverbial de oposição é o termo primário *contra* e toda palavra que lhe ocupar a posição, tanto na pergunta (*eu lutarei contra?*, *tu falarás contra?*, *torceremos contra?*), como na resposta:

- a) *Eu lutarei contra;*
- b) *Tu falarás contra o réu: tu falarás contra;*
- c) *Torceremos contra tua vitória: torceremos contra.*

O dicionário de Caldas AULETE exemplifica *pró* e *contra* como advérbios: *Uns falavam pró; outros falavam contra;* mais à frente citamos um exemplo de CASTILHO.

A estrutura dos outros adjuntos adverbiais, à parte *pró* e *contra*, é bipolar, porque se fundamenta em dois advérbios distintos — um correspondente à pergunta, outro correspondente à resposta: *onde* e *aqui* por exemplo. No caso de aprovação e oposição a estrutura é unipolar, porquanto se fundamenta em apenas um advérbio, tanto para a pergunta como para a resposta: o aprobativo *pró* e o opositivo *contra*.

6.2.2.1.8 — Estudadas as circunstâncias adverbiadas, isto é, manifestada pelas perguntas *onde*, *como*, *quando*, *quanto* e suas eventuais combinações; *por acaso*, *porventura*, *será que* e as respostas correspondentes, bem como por *pró* e *contra*, iremos estudar nos itens subseqüentes as circunstâncias preposicionadas e conjuncionadas. Queremos entretanto insistir em que usamos a expressão *circunstâncias adverbiadas* em sentido estrito, para denotar aquelas circunstâncias que na pergunta ou na resposta, ou em ambas ao mesmo tempo, estão vinculadas a determinado advérbio. Deste modo, estabelecemos um elo entre a morfologia e a sintaxe, unificando vantajosamente os fenômenos gramaticais. O adjunto adverbial deixa então de ser um termo vago e fluídico para se tornar cientificamente limitado.

6.2.2.2 — As Circunstâncias Preposicionadas

Chamam-se preposicionadas as circunstâncias introduzidas por meio de preposição, da mesma forma que se chamam adverbiadas as circunstâncias expressas por advérbios; não porém qualquer preposição, mas apenas as preposições carregadas, isto é, aquelas que apresentam evidente significação, ainda mesmo que apareçam isoladas, ainda mesmo que figurem fora da frase. *Durante* é certamente um bom modelo, porque denota indiscutivelmente a idéia de tempo, independentemente de qualquer contexto.

Em geral as preposições são semanticamente carregadas ou notionais; entre as essenciais porém contam-se algumas, em número de aproximadamente meia dúzia, que se despiram completamente de qualquer significação. São elas *a, de, em, para, com, por* (mnemonicamente *adiem para compor*). Se nos perguntarem que sentido tem a preposição *de*, tornar-se-á muito embaraçoso encontrar a devida resposta; se porém *contra*, é fácil responder que denota oposição.

As preposições acidentais e as locuções prepositivas são carregadas e portanto introduzem adjuntos adverbiais:

- a) *Todos escaparam*, menos tu;
- b) *Triunfei*, malgrado os obstáculos;
- c) *Agiste* segundo a consciência;
- d) *Moro* em frente ao palácio residencial;
- e) *Estudo* a fim de vencer.

Conclui-se que as preposições-problema são *a, de, em, para, com, por*, visto poderem no eixo dos termos primários ter como conseqüente não apenas o adjunto adverbial, mas também o objeto indireto e o agente da passiva; no eixo dos termos secundários o adjunto adnominal, o complemento nominal e o aposto, estudados em outros capítulos.

Certos autores consideram objeto indireto alguns termos introduzidos por *sobre* ou *contra*, dois conectivos carregados. Afigura-se-nos incongruente analisar *sobre o caso* e *contra o governo* como objeto indireto em *falei sobre o caso* e *lutei contra o governo*; mas *a respeito do caso* e *contrariamente ao governo* como adjunto adverbial em *falei a respeito do caso* e *lutei contrariamente ao governo*. Se *contra o governo* é objeto indireto na citação precedente, sê-lo-á também *a favor do governo* em *lutei a favor do governo*, fazendo-se a substituição. Se as preposições *sobre* e *contra* introduzem objeto indireto, lógico será que os sinônimos e antônimos o introduzam com igual direito. Não será todavia coerente apontar objeto indireto em *falei sobre o caso*, mas adjunto adverbial em *a respeito do caso*; objeto indireto em *batalhei contra o rei*, mas adjunto adverbial em *batalhei a favor do rei*. Por outro lado, se *a respeito do caso* e *contra o governo* constituírem objeto indireto, contra naturalmente o que defendemos, não há como analisar as seguintes orações:

- a) *Eu falei a este respeito*;
- b) *Eu lutei contra*.

Se *a respeito do caso* e *contra o governo* são objetos indiretos, como dizer que *a este respeito* e *contra* sejam adjuntos adverbiais, o que de fato não podem deixar de ser. A menos que nos provem o contrário, parece-nos palpável a inconsistência de semelhante asserção.

A verdade é que a distinção entre objeto indireto e adjunto adverbial não está satisfatoriamente estabelecida e, quanto nos seja possível, quiséramos concorrer para estabelecê-la com segurança.

Mediante perguntas ou respostas expressas por advérbios simples, conseguimos identificar dez circunstâncias adverbiais: *lugar, tempo, modo, quantidade, interrogação, afirmação, negação, dúvida, aprovação, oposição*; e não mediante um vago apelo à significação.

Resta-nos prosseguir o inventário, e determinar quantas e quais circunstâncias é possível descobrir com base nas preposições que possuímos; antes porém examinemos se, dentre as dez circunstâncias adverbiadas, existem algumas que se possam identificar pelo critério preposicional: se há preposições em português que denotem qualquer das dez circunstâncias ou categorias acima especificadas. Não é difícil encontrá-las, porquanto *lugar, tempo* e *modo* são nitidamente assinalados com várias preposições:

- a) *Lugar* : perante, junto de, debaixo de, detrás de, além de, dentro de, fora de (*O filósofo Diógenes habitava dentro de um tonel*);
- b) *Tempo* : durante, desde, após, quando de (*Durante o inverno as nuvens pesam sobre os meus ombros*);
- c) *Modo* .: conforme, consoante, segundo (*Farei tudo conforme o teu desejo*).

Há muitas outras, estas porém bastam para demonstrar que o português oferece preposições que denotam com nitidez as circunstâncias de lugar, tempo e modo. É importante observar que as locuções prepositivas constituídas por *preposição + substantivo + preposição* só excepcionalmente devem ser utilizadas para identificar circunstâncias, porque a natureza prepositiva destas locuções é muitas vezes apenas didática.

Devem preferir-se as preposições simples ou as locuções compostas por advérbio mais preposição, cuja função prepositiva sobrepara a qualquer dúvida.

Não parece haver preposições que introduzam circunstâncias de *quantidade, interrogação, afirmação, negação, dúvida* ou *aprovação*, marcadas como vimos por advérbios simples.

Há doze circunstâncias introduzidas por meio de preposições, excluindo-se *lugar, tempo, modo*, adverbial e preposicionalmente marcados:

- a) *Causa*: visto, devido a (*Tudo aconteceu devido à tua intransigência*);*

* *Visto a tua intransigência* é coloquial, *vista* é o que se deve dizer (cf. 2.12.3).

- b) *Oposição* . . . : contra (*Votei contra o projeto*);
- c) *Aprovação* . . . : (*Votei favoravelmente ao projeto*). A aprovação e oposição, que são antonímicas, podem ser identificadas por meio dos advérbios *pró* e *contra*; mas preferimos fazê-lo com as preposições correspondentes, por que só acidentalmente se usam *pró* e *contra* como advérbios: “Com palavras se esgrime, *pró* e *contra*, nas magnas teses” (CASTILHO). Advirta-se que analisamos *favoravelmente* a como locução prepositiva, contrariando a maioria ou talvez a totalidade dos autores (cf. 2.12.4.2).
- d) *Companhia* . . : junto com (*Viajarei junto com vocês*). A preposição *com*, por ser polissêmica, não se presta por si só para identificar o adjunto adverbial de companhia, donde apelar-se para a locução *junto com*, praticamente monossêmica; toda vez que a preposição *com* for substituível por *junto com*, temos então a circunstância de companhia: *trabalhei com você* = *trabalhei junto com você*;
- e) *Exclusão* . . . : exceto, salvo, afora, menos, tirante etc. (*Todos entenderam exceto você*);
- f) *Condição* . . . : sem, com (*Não irei sem tua resposta* = se não responderes; *não irei com chuva* = não irei se chover);

Não irei com chuva é impróprio. *Com* não é preposição basicamente nocional, visto pertencer ao grupo *a-de-em-para-com-por*. Como porém é antônimo de *sem*, torna-se-lhe evidente o conteúdo semântico. *Não irei com chuva* deixa entender que *sem chuva* se vai. Não houve o antonímico *sem*, bastaria o substituir-se a construção *com chuva* pela subordinada *se chover*, para se determinar a nocionalidade preposicional.

- g) *Concessão* . . : malgrado, apesar de, não obstante (*Truunfei malgrado as perseguições*);
- h) *Meio* : (ou *instrumento*) mediante (*Escapei mediante um artifício*; *viajei de avião* = mediante avião);
- i) *Referência* . . : quanto a, relativamente a (*Quanto a isto, não há problema*). Observe-se que incluímos *relativamente a* como locução prepositiva;

- j) *Comparação*: que nem (*Faça que nem eu* = faça como eu). Não encontramos razão ponderável para juntar *que nem* à classe da conjunção. Preferimos seguir a linha websteriana: *All rose as a man*, em que se analisa *as* como preposição. Evidencia-se que nosso *como* se acha na mesma situação.
- k) *Aditamento*: além de (*Além de ser rico, é presunçoso*). Advirta-se que *além de* também denota a idéia de lugar e tempo. *Nada espero além da morte* é anfibológico: *espero a morte e nada mais* (o que é uma pena) ou *nada espero após a morte* (o que é uma cegueira).
- l) *Substituição*: em vez de (*Em vez de prosperar, decaiu miseravelmente*). A locução *em vez de* é do tipo *preposição + substantivo + preposição*; a sua locucionalidade, porém, é muito evidente, pois é construção inteiramente fechada, refratária a toda e qualquer expansão.

Tomamos uma ou mais preposições como evidência circunstancial, sem haver tido a pretensão de apresentá-las todas; há certamente outras que podem ser igualmente aproveitadas.

Terminado que foi o inventário das preposições, sobe a vinte e duas o número de circunstâncias que até agora identificamos: dez adverbiadas e doze preposicionadas, que totalizam vinte e duas circunstâncias ou categorias adverbiais.

6.2.2.3 — As Circunstâncias Conjuncionadas

Chamam-se conjuncionadas as circunstâncias introduzidas por meio de conjunção subordinativa, exceto as integrantes, da mesma forma que as preposicionadas são introduzidas por meio de preposições. As integrantes *que* e *se* não tomam parte porque, além da vacuidade semântica do *que*, não introduzem oração subordinada adverbial.

Vamos iniciar a relação por aquelas circunstâncias que já foram encontradas entre as adverbiadas e as preposicionadas, e que são *lugar*, *tempo*, *modo*, *quantidade*, *causa*, *condição*, *concessão*, *comparação*. As três primeiras são trimarcadas, visto haver os advérbios, preposições e conjunções correspondentes: *lugar* — aqui, junto de, onde; *tempo* — então, durante, quando; *modo* — assim, conforme (prep.), conforme (conj.). A circunstância de causa, bimarcada em português, é trimar-

cada em outros idiomas onde existe o advérbio de causa correspondente: latim *cur*, alemão *warum*, inglês *why*, francês *pourquoi*, russo *potchemú*. Em português a forma correspondente é *por que*, respectivamente preposição e pronome interrogativo.

- a) *Lugar*: onde, aonde, donde (*Onde há paz e concórdia, geralmente há riqueza e progresso*);
- b) *Tempo*: quando, enquanto (*Quando me ofereceram o trono, eu vi por trás o cadafalso*);
- c) *Modo ou conformação*: como, conforme, segundo, consoante (*Preparei tudo como desejaste*);
- d) *Quantidade*: quanto (*Retardarei quanto puder o instante de se acolherem*) (HERCULANO);
- e) *Causa*: porque, porquanto (*O coração é insaciável porque aspira ao infinito*);
- f) *Condição*: se (*Se queres entender-me, aproxima-te da eternidade*);
- g) *Concessão*: embora, ainda que (*Eu estou sempre a teu lado, embora não me acredites*);
- h) *Comparação*: que, do que (*Sabes agora que sou mais forte do que podias imaginar*);
- i) *Fim*: para que (*Farei tudo para que sejas honesto e respeitado*);
- j) *Proporção*: à proporção que (*Vou-me acostumando, à proporção que os anos passam*).
- k) *Consequência*: que (*Choraste tanto que o céu te perdoou*).

6.2.2.4 — Quadro Geral das Circunstâncias

<i>Adverbiadas</i>	<i>Preposicionadas</i>	<i>Conjuncionadas</i>
1. Lugar	1. Lugar	1. Lugar
2. Tempo	2. Tempo	2. Tempo
3. Modo	3. Modo	3. Modo
4. Quantidade	4.	4. Quantidade
5. Interrogação	5.	5.
6. Afirmção	6.	6.
7. Negação	7.	7.
8. Dúvida	8.	8.
9. Aprovação	9. Aprovação	9.
10. Oposição	10. Oposição	10.
11.	11. Causa	11. Causa

12.	12. Condição	12. Condição
13.	13. Concessão	13. Concessão
14.	14. Comparação	14. Comparação
15.	15. Companhia	15.
16.	16. Exclusão	16.
17.	17. Meio	17.
18.	18. Referência	18.
19.	19.	19. Fim
20.	20.	20. Proporção
21.	21.	21. Conseqüência
22.	22. Aditamento	22.
23.	23. Substituição	23.

Conclui-se do quadro geral que o português apresenta vinte e três circunstâncias adverbiais distintas: 3 trimarcadas, 7 bimarcadas, 13 unimarcadas.

Trimarcadas:

- a) *lugar*: adv. *onde?*, prep. *perante*, conj. *onde*;
- b) *tempo*: adv. *quando?*, prep. *quando de*, conj. *quando*;
- c) *modo*: adv. *como?*, prep. *conforme*, conj. *conforme*;

Bimarcadas:

- a) *quantidade*: adv. *quanto?*, conj. *quanto*;
- b) *oposição*: adv. *contra*, prep. *contra*;
- c) *aprovação*: adv. *pró*, prep. *favoravelmente a*;
- d) *causa*: prep. *devido a*, conj. *porque*;
- e) *condição*: prep. *sem*, conj. *se*;
- f) *concessão*: prep. *malgrado*, conj. *embora*;
- g) *comparação*: prep. *que nem*, conj. *do que*;

Unimarcadas:

- a) *interrogação*: adv. *acaso?*
- b) *afirmação*: adv. *sim*;
- c) *negação*: adv. *não*;
- d) *dúvida*: adv. *talvez*;
- e) *companhia*: prep. *junto com*;
- f) *exclusão*: prep. *exceto*;
- g) *meio*: prep. *mediante*;
- h) *referência*: prep. *quanto a*;
- i) *conseqüência*: conj. *que*;

- j) *fim*: conj. *para que*;
- k) *proporção*: conj. *à proporção que*;
- l) *aditamento*: prep. *além de*;
- m) *substituição*: prep. *em vez de*.

Entre as unimarcadas poderemos colocar a circunstância de *inclusão*, representada pelo advérbio *também*, o que será justo, e totalizará vinte e quatro circunstâncias. Há certamente outras, cuja estrutura talvez seja imprecisamente sinalizada. Nestes casos é necessário recorrer a qualquer locução prepositiva, incluindo-se o tipo *substantivo + +preposição + substantivo*. Não importa que a correspondência de significação seja apenas aproximativa. Alguma vez haverá imbricação semântica, como em *chovendo no Ceará, o mundo é um paraíso*, em que a circunstância pode ser quer de tempo (*quando chove no Ceará*), quer de condição (*se chove no Ceará*), e nem sequer o contexto oferecerá meio para desfazer a imbricação. Por outro lado, deve atentar-se em que “o lingüista não deve perder-se no labirinto das sutilezas semânticas; há de remontar da diversidade aparentemente irracional da *parole* até à unidade das condições mínimas que permitem esta diferenciação consecutiva”.* É o que se dá por exemplo na circunstância de preço, que não tem razão de ser, e deve incluir-se na circunstância de quantidade.

6.2.2.5 — Com base no inventário das circunstâncias e com apoio na transformação, torna-se fácil analisar os seguintes adjuntos adverbiais:

- a) *Não se aprende sem leitura*, com adjunto adverbial de condição, porque *sem leitura* é transformável em *se não se lê*;
- b) *Com chuva eu não saio*, com adjunto adverbial de condição, porque *com chuva* é transformável em *se chover*;
- c) *Perdeste apesar de tanto trunfo*, com adjunto adverbial de concessão, porque *com tanto trunfo* é transformável em *embora tivesses tanto trunfo*;
- d) *Com tanta gente no mundo, foram roubar o ceguinho*, com adjunto adverbial de concessão, porque *com tanta gente no mundo* é transformável em *malgrado haver* ou *embora houvesse tanta gente no mundo*;
- e) *Falei com o assombro de todos*, com adjunto adverbial de consequência, porque *com o assombro de todos* é transformável em *de tal modo que todos se assombraram*;

* POTTIER, Bernard, *Lingüística Moderna y Filología Hispánica*, trad. de M. B. Álvarez, Madri, Gredos, 1968, p. 22.

f) *Eu te ajudarei à medida de minhas forças*, com adjunto adverbial de conformação, porque *à medida de minhas forças* é transformável em *conforme eu puder*; coloquialmente *na medida de*;

g) *Farei de acordo com o teu desejo*, com adjunto adverbial de conformação, porque *de acordo com o teu desejo* é transformável em *conforme desejares*;

h) *Não passei por causa do latim*, com adjunto adverbial de causa, porque *por causa do latim* é transformável em *devido ao latim* ou *porque o latim me prejudicou*;

i) *Trabalhei para a felicidade de todos*, com adjunto adverbial de fim, porque *para a felicidade de todos* é transformável em *para que todos sejam felizes*;

j) *Eu votei pela reforma*, com adjunto adverbial de aprovação, porque *pela reforma* é transformável em *favoravelmente à reforma*, isto é, a favor da reforma; *votei pró*;

k) *Calei-me contrariando o meu desejo*, com adjunto adverbial de oposição, porque *contrariando o meu desejo* é transformável em *contra o meu desejo*;

l) *Ao sorrir, tranqüilizei-me*, com adjunto adverbial de tempo, porque *ao sorrir* é transformável em *quando sorriste*.

m) *Não fala de sonsa*, com adjunto adverbial de causa, porque *de sonsa* é transformável em *devido à sonsice* ou *porque é sonsa*;

n) *Não se deve definir a humanidade pelo homem, mas ao contrário o homem pela humanidade*, com adjuntos adverbiais de *meio*, porque *pelo homem* e *pela humanidade* são transformáveis em *mediante o homem*, *mediante a humanidade*.

Muitos outros exemplos podem ser citados, mas estes bastam para ilustrar o método que deve ser utilizado na identificação e classificação dos adjuntos adverbiais.

6.2.3 — Sob o aspecto mórfico

6.2.3.1 — Advérbio:

- a) *Moro aqui, moro ali*;
- b) *Fui educado lá*;
- c) *Voltarei brevemente*;
- d) *Agora posso descansar*.

6.2.3.2 — Adjetivo, regido por *de*.*

- a) *A fruta caiu de madura*;
- b) *Matou a esposa de perverso*;
- c) *Não está rico de tolo*.

6.2.3.3 — Palavra adverbiada:

- a) *Fale alto, fale baixo*;
- b) *Sente-se direito*;
- c) *Não fale fino, fale grosso*;
- d) *Compre barato, não compre caro*.

A prova que se trata de advérbio é que não se dirá *fale alta* ou *compre barata*, falando-se com pessoa do sexo feminino, a não ser que esteja trepada ou deseje comprar o repugnante inseto.

6.2.3.4 — Substantivo:

- a) *Vou dormir no hotel*;
- b) *Devo passear nas férias*;
- c) *Ajudarei com prazer*;
- d) *Não vivo à tua custa*.

Normalmente o substantivo é preposicionado; mas em determinados casos, na indicação de *tempo*, *modo* ou *quantidade*, é de praxe ou de rigor omitir a preposição (DIAS, Augusto Epifânio da Silva, 21):

- a) *Um dia a casa cai* (em um dia);
- b) *Toda vez escapas ao castigo* (em toda vez);
- c) *Folguei pouco tempo* (durante pouco tempo);
- d) *Viajarei domingo próximo* (no domingo próximo);
- e) *Entrei receoso, mas o passo firme e a cabeça erguida* (com o passo firme e a cabeça erguida);
- f) *Todo ano me ausento de casa* (durante todo ano);
- g) *Abaixei o muro meio metro* (até meio metro);
- h) *“Voz em grita, começaram a pedir misericórdia”* (F. L. de SOUSA);

* Diversamente pensa o mestre Epifânio DIAS — “Quando o aposto exprime causa, pode antepor-se-lhe a preposição *de*” (21, p. 60).

E nisto de mimosa,
o rosto banha em lágrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa (Lus. II, 41).

- i) “Chegou a Braga *dia de São Francisco*” (*Id.*);
- j) “*Aquela noite* esteve ali detido
E *parte do outro dia*” (CAMÕES, VIII, 91);
- k) “*Os geolhos no chão, as mãos ao céu,*
A mercê grande a Deus agradeceu” (J. BARROS);
- l) “Fez uma grandíssima cova que entrava pela terra *dez braços*” (*Id.*);
- m) “Só acordava *sol nado e alto*” (HERCULANO);
- n) “Campeia o gigante, — nem pode acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
As frentes nas nuvens, os pés sobre o mar” (G. DIAS);
- o) “Trajava de preto, *a sobrecasaca abotoada, a calça justa e a bota lustrosa*” (CAMILO);
- p) “Quando o viam alto, embrulhado em cortiça, macilento e lívido, *os cabelos longos, a barba intonsa*, emaranhada de ervas, *as unhas negras e retorcidas*, prostravam-se em terra pedindo-lhe a bênção” (C. NETO);
- q) “Quando Maria Madalena apareceu entre os apóstolos, *os lindos cabelos soltos, os olhos resplandecentes, rosas vivas nas faces*, contiveram-se todos em silêncio” (*Id.*);
- r) “*Noite alta*, regressou à montanha” (*Id.*);
- s) “*Largo espaço* contemplei a face de meu pai” (CAMILO).

6.2.3.5 — Palavra substantivada:

- a) *Despedi-me* ao anoitecer;
- b) *Passei a noite* em claro;
- c) *Encaremos a sério a situação*.*

Anoitecer, *claro* e *sério* estão substantivados por força do artigo, da preposição ou de ambos.

6.2.3.6 — Pronome:

- a) *Não poderei partir* com você;
- b) *Sem ti não posso viver*;
- c) *Não vou morrer* por isto.

Omite-se muita vez a preposição do adjunto adverbial cujo núcleo é um pronome relativo, mormente no português clássico:**

* *Em claro* e *a sério* são locuções adverbiais, por serem fechadas a qualquer expansão.

** No português coloquial a norma é a omissão.

- a) “Do tempo *que* fui livre me arrependo” (CAMÕES);
- b) “Hoje é o último dia de nossa vida *que* se fala em tal” (GARRETT);
- c) “Honrando a vila por todas as vias *que* podia” (Frei L. de SOUSA);
- d) “Disseram algumas pessoas de sua casa *que*, o dia que ela concedeu o prazo, chorou muitas lágrimas” (BERNARDIM);
- e) “Tempo foi, respondeu ele, *que* muitas lhe pagavam tributo” (J. BARROS);
- f) “No tempo *que* o grande Adriano em Hungria reinava” (*Id.*);
- g) “Era no seco tempo, *que* nas eiras Ceres o fruto deixa aos lavradores” (CAMÕES, IV, 27);
- h) “Fez terremoto no Chiado a primeira vez *que* ali passou” (CAMILO);
- i) “Virgínia sairia de casa em ocasião *que* o padre andasse fora” (*Id.*);
- j) “Para qualquer lado *que* se volte, encontra a morte” (*Id.*).

O mais comum é o antecedente do relativo exercer a função de adjunto adverbial.

6.2.3.7 — Infinitivo:

- a) *Farei tudo* para vencer;
- b) *Falei* sem tremer;
- c) *Enrouqueceu* de falar;

6.2.3.8 — Oração reduzida infinitiva:

- a) *Farei tudo* para venceres;
- b) *Falei* sem tremer a voz;
- c) *Enrouqueceu* de falar inutilmente.

6.2.3.9 — Gerúndio:

- a) *Errando se aprende*;
- b) *Passei as férias* pescando;
- c) *Acordei* chorando.

O gerúndio é a forma adverbial do verbo e conseqüentemente valiosa expressão formal do adjunto adverbial.*

* Em não gosto de tomar banho com relâmpago e trovão, a substituição por *relampejando* e *trovejando* é bastante prova de que temos adjunto adverbial.

6.2.3.10 — Oração reduzida gerundial adverbial:

- a) Errando tanto, *aprendeste tão pouco*;
- b) *Passei as férias* pescando traíra e curumatã;
- c) *Acordei* chorando de saudade.

6.2.3.11 — Oração subordinada adverbial, introduzida por qualquer conjunção subordinativa, exceto as integrantes:

- a) *Causal*: Não me aflijo *porque posso esperar*;
- b) *Comparativa*: Não és tão hábil *quanto se pensava*;
- c) *Concessiva*: Sou inocente, *embora as provas sejam contra mim*;
- d) *Condicional*: *Se queres triunfar*, luta e sofre pela vitória;
- e) *Consecutiva*: Esperei tanto *que acabei comovendo a todos*;
- f) *Final*: Perdoa *para que sejas perdoado*;
- g) *Temporal*: *Quando penso em ti*, aflui-me ao rosto a sombra da saudade;
- h) *Proporcional*: O homem vai mudando *à proporção que os anos passam*;
- i) *Locativa*: Há sempre luz e calor *por onde passas*;
- j) *Quantitativa*: Suportei, *quanto me foi possível*, a tortura da saudade.

6.3 — APOSTO

6.3.1 — *Sob o aspecto semântico*

Aposto é o termo que, à semelhança do adjunto adnominal e do predicativo, serve para modificar outro termo, chamado *fundamental*:

Tiradentes, *o protomártir da Independência*, foi tropeiro de cargas,

em que *Tiradentes* é o fundamental, e o *protomártir da Independência* o aposto.

A distinção entre aposto, adjunto adnominal e predicativo é puramente gramatical; conceitualmente os três se equivalem:

- a) O tropeiro de cargas Tiradentes foi o protomártir da Independência;
- b) O protomártir da Independência foi Tiradentes, o tropeiro de cargas.

Tiradentes, tropeiro e protomártir se acham distribuídos ora como fundamental, ora como aposto, ora como predicativo, inteiramente ao capricho do escritor.

O adjunto adnominal *de cargas* pode facilmente converter-se em predicativo, do sujeito ou do objeto:

- a) O tropeiro era de cargas, e não de manadas;
- b) Eu não ignorava Tiradentes como tropeiro; não sabia porém se o tropeiro era de cargas.

6.3.2 — *Sob o aspecto sintático*

O aposto é um tipo de predicativo sem verbo de ligação:

- a) Letes, *o rio do esquecimento*;
- b) Milcíades, *o vencedor de Maratona*;
- c) Diomedonte, *o histórico mensageiro*;
- d) Leônidas, *o herói das Termópilas*.

Adivinha-se com pequeno esforço que todo aposto se pode converter em predicativo:

- a) Letes, *o rio do esquecimento*, apaga a lembrança das cousas terrestres = Letes é o rio do esquecimento e apaga a lembrança das cousas terrestres;
- b) Milcíades, *o vencedor de Maratona*, foi lançado na prisão, onde morreu após alguns dias = Milcíades é o vencedor de Maratona, e foi lançado na prisão, onde morreu após alguns dias;
- c) Diomedonte, *o histórico mensageiro*, morreu de cansaço após anunciar a vitória = Diomedonte é o histórico mensageiro e morreu de cansaço após anunciar a vitória;
- d) Leônidas, *o herói das Termópilas*, pereceu com os trezentos espartanos = Leônidas é o herói das Termópilas e pereceu com os trezentos espartanos.

O aposto e o fundamental encerram sempre o mesmo sentido, pois o primeiro é apenas a redenominação do segundo:

Caramuru, *filho do trovão*,

já que sem dúvida um e outro se equivalem; pode marcar-se a relação de ambos pelo sinal matemático da igualdade, pois o aposto é perfeita equação:

Caramuru = filho do trovão.

Normalmente, o aposto se põe ao fundamental:

Demóstenes, *o rival de Cícero*, escreveu a oração da coroa.

Só excepcionalmente, conforme será visto mais adiante, o aposto se deixa acompanhar de preposição:

- a) a cidade *de Fortaleza*;
- b) o Estado *do Ceará*;
- c) o reino *do céu*.

Para efeito estilístico, pode antepor-se o aposto ao fundamental, donde ser possível dizer que o aposto é prosaicamente um posposto, e poeticamente um anteposto:

O vigário, *homem sagaz*, contornou a situação (prosaico);
Homem sagaz, o vigário contornou a situação (poético).

6.3.2.1 — Todo substantivo, colocado após outro e separado por ligeira pausa, geralmente duas vírgulas, constitui aposto, se com ele se articular. É o que se pode chamar de *aposto dependente* ou *pausado*:

- a) Anchieta, *o apóstolo do Brasil*, compôs um poema nas areias da praia;
- b) Antônio Rebouças, *pai de André Rebouças*, combateu corajosamente a pena de morte;
- c) Dionísio, *tirano de Siracusa*, foi grande estadista;
- d) Hipocrene, *a fonte da inspiração*, era consagrada às musas;
- e) Hipócrates, *o maior médico do passado*, iniciou a medicina científica.

O aposto tende geralmente a concordar em gênero e número com o seu fundamental, à semelhança do predicativo. Eis alguns casos em que deixa de funcionar a concordância:

- a) Nero, *a vergonha da humanidade*;
- b) Tito, *delícias da raça humana*;
- c) Lua, *o astro dos namorados*.

Neste caso, a concordância é de todo impossível, por tratar-se de substantivo abstrato, à semelhança do que se dá com o predicativo: *Nero é a vergonha da humanidade*.

6.3.2.2 — Todo nome próprio, personativo ou locativo, pode servir de aposto ao substantivo comum que o precede, se lhe restringir a significação. É o que se pode chamar de *aposto independente* ou *não pausado*:

- a) O presidente *Vargas* encurtou o seu tempo sobre a terra;
- b) Rômulo fundou nova cidade no monte *Palatino*;
- c) O rio *Amazonas* é o mais caudaloso do mundo;

em que *Vargas*, *Palatino* e *Amazonas* restringem o antecedente, que já não é mais qualquer presidente, monte ou rio. Outros exemplos:

- d) o professor *Deoclécio*;
- e) o doutor *Fausto*;
- f) o vovô *Leôncio*;
- g) o padre *Gumerindo*;
- h) o mestre *Morais*;
- i) a dona *Amélia*;
- j) os irmãos *Custódio* e *Aleides*.

Grande número de termos geográficos, talvez a maioria requer a presença da preposição *de*:

- a) a cidade *de Fortaleza*;
- b) a serra *do Baturité*;
- c) a ilha *de Marajó*;
- d) a cordilheira *dos Andes*;
- e) a baía *de Guanabara*;
- f) o mar *da Mancha*.

Em rigor a preposição não é obrigatória, e pode dizer-se *cidade Fortaleza* ou *a serra Baturité*, sobretudo por motivação estilística ou poética.

Esta forma de aposto, dito independente ou não-pausado, pode converter-se no aposto dependente, ao menos para efeito de comprovação:

- a) Fortaleza, *a cidade*;
- b) Baturité, *a serra*;
- c) Marajó, *a ilha*.

Ao transformar-se o dependente em independente, inverte-se a relação fundamental / aposto:

A cidade *de Fortaleza* é um sonho tropical
(suj.) (ap.)

converte-se em

Fortaleza, *a cidade*, é um sonho tropical
(suj.) (ap.)

com a relação sujeito/aposto invertida na relação aposto/sujeito. Não fosse tal inversão, seríamos forçado a considerar *de Fortaleza* como sujeito preposicionado, solução que só iria complicar a descrição lingüística. De mais a mais, como o aposto é um tipo de predicativo sem o verbo *ser* e além disto perfeita equação, tanto faz afirmar que Fortaleza é a cidade, como afirmar que a cidade é Fortaleza.

CAMÕES usou *olha Tavai cidade* (X, 123) em lugar de *olha a cidade de Tavai*; *Abrantes vila toma* (VIII, 22), em lugar de *toma a vila de Abrantes*; *Destruirá a cidade Repelim* (X, 65), *Da cidade Hierosólima sagrada* (III, 27), isto é, *a cidade de Repelim, a cidade sagrada de Hierosólima*.

Às vezes é a construção a que se recorre por questão de ênfase ou para contrastar os dois fundamentais:

Baturité, *a serra*, está debaixo de pesada chuva;
a serra, não apenas *a cidade*.

Não é raro que o emprego da preposição seja aparentemente caprichoso, como em

- a) *Monte Ararat* oposto a *monte das Oliveiras*;
- b) *Lago Lemano* oposto a *lago de Constança*.

Neste caso a explicação deve ser histórica; certamente por haver ou ter havido na região abundantes oliveiras, o lago pertencer ou ter pertencido a certa Constança, ou qualquer outra associação.

Alguns substantivos comuns, embora raros, exigem a presença da preposição *de*:

- a) o nome *de mãe* = o nome *mãe*;*;
- b) o título *de conde* = o título *conde*;
- c) o ano *de 1966* = o ano *1966*;
- d) o mês *de agosto* = o mês *agosto*;
- e) a concha *de tuas mãos* = a concha *tuas mãos*;
- f) a flor *dos teus lábios* = a flor *teus lábios*.

Em *deixa-me beijar a flor dos teus lábios e beber água na concha de tuas mãos* está-se afirmando que os lábios são flor e as mãos são conchas.

O aposto independente pode considerar-se como adjunto adnominal, donde na escrita não se apor a vírgula:

- a) O rio *São Francisco*;
- b) A cachoeira *de Paulo Afonso*;
- c) A torre *Eiffel*.

Em *tu cuñado Juan*, esclarece a Real Academia Española, “o nome perde a sua condição de tal, e se considera propriamente como adjetivo” ou antes adjunto adnominal.

É mais preciso analisá-lo como aposto, dadas a equação e a transformação em predicativo.

* Em esperanto, põe-se o aposto em nominativo, sem preposição:

Unu knabu, kiu havis la nomon Petro, isto é, *um menino que tinha o nome de Pedro*. (ANDERSEN 2, p. 206). Não importa que o fundamental esteja no acusativo.

6.3.3.1 — Substantivo:

- a) Caronte, *o barqueiro do inferno*;
- b) Iracema, *anagrama de América*;
- c) Eu só tenho uma dimensão — *o infinito*; só tenho uma perspectiva — *a eternidade*;
- d) “E a palavra pesada abafa a idéia leve,
Que, *perfume e clarão*, refulgia e voava” (BILAC);
- e) “*Filho de um cavaleiro nobre e honrado*, segui as armas”
(HERCULANO).

No exemplo (e), o substantivo *filho* está na 1.^a pessoa, porque o aposto assume a pessoa gramatical do fundamental — neste caso *eu* implícito (cf. 6.4.3.1).

6.3.3.2 — Palavra substantivada:

- a) Cervantes, *o manco de Lepanto*;
- b) Carlos, *o Enfeitiçado*;
- c) Ivã, *o Terrível*.

6.3.3.3 — Pronome:

- a) És o presidente, *o* que muito nos envaidece;
- b) Sou teu amigo — *alguém* que te pode ajudar;
- c) Carlos, *o* da Inglaterra.

6.3.3.4 — Infinitivo:

- a) Um dia realizarei meu sonho — *viajar*;
- b) *Fugir*, disto não gosto;
- c) *Lutar* — eis a resposta;
- d) *Ser* ou *não ser*, eis a questão.

6.3.3.5 — Oração Reduzida Infinitiva:

- a) Cumpriu a promessa, *deixar a droga e voltar ao trabalho*;
- b) *Viver em paz com os outros*, eis o meu desejo;
- c) Esta possibilidade não há — *fugir com a herança para longe*;
- d) “Só, pôde o que impossível parecia:
Vencer o povo ingente de Castela” (CAMÕES, VIII, 29).

6.3.3.6 — Oração Subordinada:

- a) Disto estou certo — *que você não fugirá*;
- b) *Que você triunfe*, eis o que espero;
- c) Chegou meu velho amigo, *quem eu nunca esperava*;
- d) A dúvida era só esta — *se haveria inverno*;
- e) “Não creio no famoso dito de Bentham, *que sabedoria antiga seja um sofisma*” (GARRETT);
- f) Este é o meu mandamento, disse Cristo, *que vos ameis uns aos outros* (21, p. 259).

6.3.3.7 — Sobre a forma do fundamental, convém observar que, além de substantivo, pronome ou cousa equivalente, pode ser também oração:

- a) *Ela passou no exame*, o que muito agradou aos pais;
- b) *És um grande sábio*, cousa que muitos ignoram;
- c) *Ele será enforcado*, fim comum dos facínoras;
- d) *Morreu por ti*, prova do muito que te amava.

em que as orações grifadas constituem o fundamental de *o, cousa, fim, prova*.

Quando o fundamental é uma oração, o aposto constituído pelo pronome *o* se transforma em *cousa que* ou *e isto*:

Terás fama, o que tanto almejavas,

conversível em *terás fama, cousa que tanto almejavas* bem como *terás fama, e almejavas tanto isto* ou *e isto tanto almejavas*.

Se o aposto não for o pronome *o*, será necessariamente um substantivo: de qualquer forma é sempre *substantivo + que*, seja *cousa* ou *não*:

- a) “Foi para o Alto-Minho consoar com a família, *tributo que ele pagou sempre*” (CAMILO);
- b) A epilepsia era considerada doença sagrada, *crença que perdurou até a Idade Média*;
- c) “Já o rei tem preso, e a vila descercada, *ilustre feito, digno de Mavorte*” (CAMÕES, VIII, 16).

É muito freqüente a transposição da preposição: “Nunca o teria alcançado, se não fosse o dote de Bernardina, *sobre o* que o moleiro tremia que o velho clérigo deixasse escapar alguma *cousa*” (HERCULANO), em que figura *sobre o* em lugar de *o sobre*; o sobre que o moleiro. . .

Omitindo-se o pronome *o*, a subordinada adjetiva introduzida pelo *que* deixa de ser adjetiva e se torna substantiva apositiva:

Entrega “*a consorte sem culpa, que dói mais*” (CAMÕES, VIII, 15), em lugar de *o que dói mais*. “Semelhante prática parece antiquada.” (M. BARRETO, VI, p. 139.) Mais três exemplos:

- a) “Ouviu-a contar, *que é o mesmo*, a algum jogral” (HERCULANO);
- b) “Isso é estar emperrado na doença, *que é pior*” (CAMÕES);
- c) Em lugar de só perder a fazenda, perdeu tudo: *que foi muito pior*;

onde *que* tem o valor de *o que*.

Não deve passar inadvertido que o fundamental pode ser um advérbio:

- a) *Hoje*, dia do professor, *vai haver muitos festejos*;
- b) *Amanhã*, teu aniversário, *terás agradável surpresa*;

e até ficar implícito:

Homem honrado, saberás honrar teu compromisso,

em que o fundamental é *tu* implícito na desinência número-pessoal *-s*.

Em

Como prêmio a teus pés terás a Terra,
E, o que é mais do que a Terra, serás Homem!

o aposto *o* se antepõe ao fundamental *serás Homem*. Normalmente seria

Como prêmio a teus pés terás a Terra,
E serás Homem, o que é mais do que a Terra!

6.4 — O VOCATIVO

6.4.1 — *Sob o aspecto semântico*

É o termo que serve para chamar uma pessoa ou cousa personificada:

- a) *Caim*, onde está teu irmão?
- b) *Liberdade*, quantos crimes se cometem em teu nome!
- c) “*Orgulho humano*, qual és tu mais — feroz, estúpido ou ridículo?” (HERCULANO).

6.4.1.1 — O vocativo pode ser absoluto ou relativo.

Absoluto é aquele que se acha completamente solto sob o aspecto sintático, sem que de modo algum possa referir-se a qualquer termo da oração:

- a) *Meu Deus*, para onde segue a humanidade?
- b) *Vida*, nada me falta: *vida*, estamos em paz:
- c) *Deus, ó Deus*, há dois mil anos eu mandei meu grito.

Relativo é aquele que sob a forma de aposto encontra na oração um termo a que se reporta, e que deve ser um pronome pessoal:

- a) Lembra-te *homem*, que tu és pô:
- b) *Médico*, cura-te a ti mesmo:
- c) *Pai*, afasta de mim este cálice:

em que *homem*, *médico* e *pai* são vocativos apositivos, cujo fundamental é *tu* implícito. Todo vocativo apositivo é obviamente relativo.

Outros exemplos ilustrativos:

- a) “Benditas sejais vós, *almas* que est’alma adora” (JUNQUEIRO);
- b) “*Traidor*, concedo-te o perdão” (*Idem*);
- c) Curva a cabeça, *orgulhoso sicambro*;

em que *almas* se relaciona com *vós*, *te* com *traidor*, e *orgulhoso sicambro* com *tu* implícito.

O vocativo relativo é um tipo de aposto, ao contrário do absoluto que, não tendo fundamental com que se articular, é propriamente o vocativo puro.

O vocativo absoluto é *assintático* ou *irracional*, porquanto não pertence à estrutura da língua, ou *marginal*, como alguns preferem chamar; o relativo ao contrário é sintático, pois encaixa perfeitamente na estrutura lingüística.

Houve quem tentasse associá-lo a certa oração oculta, e por este meio torná-lo sintático, incorporado ao sistema da língua:

- a) *Alunos, começaram as aulas* = Ouçam, alunos, começaram as aulas,

em que *alunos* se refere ao sujeito de *ouçam*, isto é, a *vocês*.

- b) *Ó Deus, que significa a vida?* = Responde, ó Deus, que significa a vida,

em que *ó Deus* se refere a *tu*, sujeito de *responde*.

6.4.2 — Sob o aspecto sintático

Vocativo é o termo que se deixa preceder pela interjeição *ó* na linguagem literária, e pela interjeição *ô* na linguagem coloquial.

- a) *Deus, ó Deus*, onde estás que não respondes?
- b) *Meu Deus*, ilumina-me a inteligência e o coração (ó meu Deus).
- c) *Menino*, que barulho! (ô menino, que barulho);
- d) *João*, vem cá (ô João, vem cá).

Há outras interjeições, como *alô*, *eh*, *olá*, que também servem para marcar o vocativo:

- a) *Alô, papai!*
- b) *Olá, colega!*
- c) *Eh, pessoal*, assim não pode ser.

Não deixa de ser curioso que a interjeição, assintática e marginal, esteja contribuindo para identificar o vocativo, também assintático, pelo menos o absoluto, e marginal. Está-nos parecendo que *ô* e *ó* não sejam propriamente interjeições, mas um morfema do vocativo, da mesma forma que o artigo é um morfema do substantivo. Em

Ô papai, a lua está linda!

o vocativo está marcado por *ô*, tal como o substantivo está marcado pelo artigo. Atente-se em que não se trata de lua determinada, porque na consciência coletiva existe apenas uma lua.

Acresce que em *ô papai*, o *ô* não é palavra-frase, ao contrário do que se dá em

Oh! que transtorno!

em que a interjeição equivale mais ou menos a *estou aborrecido!*, como verdadeira palavra-frase.

O vocativo não pode ser precedido por artigo, pelo menos em português e noutros idiomas importantes:

Vem, *meu amor* (e não: vem, o meu amor!)

Em cidades como Fortaleza, em que se usa o artigo com nome de pessoa, todo antropônimo, empregado sem artigo, exerce a função de vocativo:

- a) *Maria*, chame a Teresa;
- b) *Leôncio*, recorda o passado;

em que *Maria* e *Leôncio* são vocativos pelo simples fato de não estarem com o artigo.

O vocativo pode praticamente ocupar todas as posições, articulando-se de longe ou de perto com o termo fundamental:

- a) *Pai*, afasta de mim este cálice;
- b) Afasta de mim este cálice, *Pai*;
- c) Afasta, *Pai*, de mim este cálice;
- d) Afasta de mim, *Pai*, este cálice.

O vocativo é tonal e pausado; a entoação ascendente que o acompanha é que lhe caracteriza a função lingüística. Em muitos idiomas, sempre no alemão, quase sempre no russo, geralmente no grego e no latim, a modulação tonal substitui a flexão casual: é por isto que nestes idiomas o nominativo se confunde com o vocativo:*

* Não se trata propriamente de aspecto sintático, mas sim de aspecto fonológico.

Ave, *Caesar*, morituri te salutant = Salve César, os que vão morrer te saúdam!

Em

Meu filho, estuda!

e

Meu filho estuda,

o vocativo só se distingue do sujeito mediante a entoação e a pausa, assinaladas na escrita pela vírgula (cf. 3.2 — *Os Processos Sintáticos*).

Observe-se que o imperativo também é tonal, e que a entoação é que o distingue do indicativo e do subjuntivo em português. Em

Meu filho, estuda!

o verbo é pronunciado com entoação ascendente e distintiva.

O vocativo assemelha-se ao imperativo não somente sob o aspecto tonal, mas também sob o aspecto interpelativo, pois ambos servem para interpelar alguém, isto é, dirigir-lhe a palavra. Não pode haver nem um nem outro se não houver com quem falar. Com efeito, como dar ordem sem saber a quem?

O vocativo pois é irmão do imperativo pela entoação e pela interpelação.

Outro contacto entre o vocativo e o imperativo é que o segundo é também assintático, se manifestado por “fórmulas imperativas que não pertencem ao sistema gramatical do verbo” (VENDRYES, 144):

- a) *Silêncio*, caros colegas!
- b) *Calma*, tudo vai ajeitar-se!
- c) *Mãos ao alto*, infame assassino!

“O imperativo fica tão fora do verbo organizado que pode ser expresso por um infinitivo” (VENDRYES, 144):

- a) *Apontar armas!*
- b) *Entrar em forma!*

Pode acrescentar-se que o vocativo e o imperativo não são jamais subordinados, o que vale dizer que o primeiro não se deixa reger de preposição, e o segundo não se deixa ligar por conjunção subordinativa, isto é, não ocorre em oração subordinada. Em

Ordeno que você fale

a conjunção *que* impede que *fale* seja imperativo; entretanto em

Fala, ordeno-te!

o imperativo está plenamente caracterizado.

6.4.3.1 — Substantivo:

- a) Retira-te, *Satanás*;
- b) *Nosso Pai*, seja santificado o Vosso nome!
- c) *Santa Maria*, rogai por nós!
- d) *Pátria ingrata*, não terás os meus ossos!*

Todo substantivo pertence à 3.^a pessoa gramatical, salvo no vocativo com tratamento de *tu* ou *vós* (cf. 6.3.3.1):

- a) “Não vás ao monte. *Nise*, com teu gado” (CAMÕES);
- b) “Ah! *Ninfa!* não te mudes a figura” (*Id.*);
- c) “Que mais te posso dar, *Ninfa formosa?*” (*Id.*);
- d) “Nasce, *sereno Sol*, puro e luzente” (*Id.*);
- e) “Resplandece, *formosa e roxa Aurora?*” (*Id.*);
- f) “Que me quereis, *perpétuas saudades?*” (*Id.*);

em que os vocativos estão na 2.^a pessoa gramatical.

No vocativo *ô de casa* o substantivo nuclear está subentendido — alguma cousa como *gente*, que daria *ô gente de casa*. De qualquer forma, *de casa* é adjunto adnominal do núcleo.

6.4.3.2 — Palavra substantivada:

- a) *Ó ingrato amanhã*, não me apareças!
- b) *Ó querida*, vamos passear;
- c) *Ó pequena*, como é grande o teu amor!

6.4.3.3 — Pronome:

- a) Deixai toda esperança, *vós* que entráis;
- b) *Ó tu* que tens de humano o gesto e o peito,
A estas criancinhas tem respeito!
- c) Adeus, *ó tudo* o que de bom sonhei!

6.4.4 — Em Fortaleza e noutras cidades brasileiras o vocativo assume freqüentemente a desinência casual átona /o/, se o substantivo acaba em *o*; e a desinência /e/, também átona, tratando-se de *pai* ou *mãe*.

- a) *Lúcio!*: pronunciado /'lusio/;
- b) *Pai!*: pronunciado /'pae/;
- c) *Mãe!*: pronunciado /'mãe/.

* Famosa frase de Cipião, o Africano.

Na representação da pronúncia estamos adotando o alfabeto fonético internacional, onde /o/ e /e/ equivalem respectivamente a *ô* e *ê*, longamente pronunciados em *Lúcio*, *pai*, *mãe*.

Quando o substantivo termina em *a* ou *e*, estes fonemas se tornam longos e tensos:

a) *Lúcia!*: pronunciado /'lú:si.ã/, com o *a* proferido como vogal baixa, aberta e longa, e não como *xuá*.

b) *Alice!*: emitido o *e* quase tão longo e tenso como o *i* desta palavra.

No caso do *e*, trata-se de vogal, e não de semivogal como em *pai* e *mãe*.

APÊNDICE

7.1 — A FORMA UM⁴ *

7.1.1 — A forma *um*⁴ pode ser artigo indefinido, pronome indefinido e numeral, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira.

7.1.2 — *Artigo Indefinido*. A forma *um*⁴ deve ser artigo indefinido:

I — Se for omissível:

Morreu um grande poeta cearense,

que, omitido o artigo, se reduz a

Morreu grande poeta cearense;

II — Se alternar com o artigo definido:

Um homem prevenido vale por dez,

equivale a

O homem prevenido vale por dez.

7.1.3 — *Pronome Indefinido*. A forma *um*⁴ será pronome indefinido:

I — Se for substituível por um pronome indefinido:

Um dia a casa cai,

em que *um* é substituível por *algum*:

Algum dia a casa cai;

* *Um*⁴ quer dizer *um, uma, uns, umas*. *Quanto*⁴ quer dizer *quanto, quanta, quantos, quantas*.

II — Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido:

Um filho estuda Direito, o outro Medicina,

em que *um* está em paralelo com *outro*.

III — Se estiver no plural:

Uns alunos concordaram.

7.1.4 — Numeral. A forma *um*^{2*} será numeral:

I — Se ocorrer em paralelo com outro numeral:

Escapou um preso, e dois foram mortos;

II — Se responder à pergunta *quanto*⁴:

— *Quantos filhos você tem?*

— *Um filho.*

III — Se vier articulada com *somente* ou qualquer sinônimo (*só, apenas* etc.):

Eu tenho somente um amigo

ou

Eu somente tenho um amigo

com transposição de *somente*; ou ainda se puder ser expandido por *somente*, ou qualquer sinônimo:

Existe um Deus = existe somente um Deus

IV — Se, posposta ao substantivo, tiver o valor de ordinal:

Abra o livro na página um,

isto é, na *primeira* página. Neste caso, fica invariável; não se deve dizer *na página uma* ou *vinte e uma*.

* *Um*² quer dizer *um, uma*. Não poderia ser *um*⁴, porque o plural do numeral não pode ser *uns, umas*, mas sim *dois, três, quatro*, ou qualquer número superior à unidade.

7.1.5 — A tradução dos exemplos para outro idioma, que distinga *um* artigo de *um* pronome ou de *um* numeral, comprova os expedientes que apresentamos:

- a) *A great Ceará poet died* (inglês);
- b) *Quelques élèves se sont mis d'accord* (francês);
- c) *Est' tol'ko odin Bog* (russo):
Há somente *um* Deus.

Em russo não existe artigo; a questão consiste em usar ou não o numeral *odin* 'um'.

Adriana Maria de Oliveira Melo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — ALLEN, Harold B., *Applied English Linguistics*, Nova York, 1958.
- 2 — ANDERSEN, H. C., *Fabeloj*, traduzido por L. L. Zamenhof, Brussels, Haroldo de Esperanto, p. 206.
- 3 — AUMENIER, E. e ZÉVACO, D., *Grammaire Française*, Paris Hachette, 1937.
- 4 — BACH, Emmon, *An Introduction to Transformational Grammars*, Nova York, Holt, Rinehart and Winston, 1964.
- 5 — BARRETO, Mário, *Factos da Língua Portuguesa; Correio de Consulentes*, 2.^a ed., Rio de Janeiro, Organização Simões, 1954.
- 6 — BASLER, Otto, *Der Grosse Duden; Erster Verbesserte Neudruck*, Zurique, Fretz & Wasmuth. A. G., 1935.
- 7 — BASLER, Otto, *Der Grosse Duden; Gramatik der Deutschen Sprache*, Leipzig, Bibliographisches Institut A. G., 1937.
- 8 — BASSOLS de Climent, M., *Sintaxis Histórica de la Lengua Latina*, Barcelona, Escuela de Filologia, 1948.
- 9 — BECHARA, Evanildo, *Lições de Português pela Análise Sintática*, Rio de Janeiro, 1964.
- 10 — BECHARA, Evanildo, *Moderna Gramática Portuguesa*, 2.^a ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, s. d.
- 11 — BEVAN, Frances E., *Method of Analysis*, Londres.
- 12 — BLOCH, Bernard e TRAGER, George L., *Outline of Linguistic Analysis*, Baltimore, 1942.
- 13 — BLOOMFIELD, Leonard, *Language*, Nova York, H. Holt, 1933.
- 14 — BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, *Nomenclatura Gramatical Brasileira e sua Elaboração*. Organização de Antônio José Chediak, Rio de Janeiro, Diretoria do Ensino Superior, 1960, 290 pp.
- 15 — BRUNOT, Ferdinand, *La Pensée et la Langue*, Paris, Masson, 1936.
- 16 — CALDAS AULETE, Francisco Júlio, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1948.
- 17 — CÂMARA Jr., J. Mattoso, *Dicionário de Filologia e Gramática*, São Paulo, 1964.
- 18 — CÂMARA Jr., J. Mattoso, *Princípios de Linguística Geral*, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959.
- 19 — CARRETER, Fernando Lázaro, *Dicionário de Términos Filológicos*, Madri, Gredos, 1962.
- 20 — CHOMSKY, Neam, *Aspects of the Theory of Syntax*, Califórnia, 1965.
- 21 — DIAS, Augusto Epifânio da Silva, *Sintaxe Histórica do Português*, 4.^a ed., Lisboa, Clássica, 1959.

- 22 — ELSON, Benjamin e PICKETT, Velma, *An Introduction to Morphology and Syntax*, Califórnia, 1962.
- 23 — ERNOUT, Alfred, *Morphologie Historique du Latin*, Paris, C. Klincksieck, 1953.
- 24 — ERNOUT, Alfred e MEILLET, Antoine, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris, C. Klincksieck, 1951.
- 25 — ERNOUT, Alfred e THOMAS, François, *Syntaxe Latine*, Paris, C. Klincksieck, 1951.
- 26 — FERNANDES, FRANCISCO, *Dicionário de Verbos e Regimes*, Porto Alegre, Globo, 1955.
- 27 — FERREIRA, Antônio, *Comédia de Bristo*, II, 3, *Obras*, II, p. 315. In: Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa, p. 769.
- 28 — FOWLER, *Sentence Analysis*, Londres, 1906.
- 29 — FREIRE, Laudelino de Oliveira, *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, A Noite, 1939-41.
- 30 — FRIES, Charles C., *Linguistics and Reading*, Nova York, 1963.
- 31 — FRIES, Charles C., *The Structure of English*, Nova York, 1952.
- 32 — GALICHET, Georges, *Methodologie Grammaticale*, Paris, Presses Universitaires de France, 1955.
- 33 — GALICHET, Georges, *Physiologie de la Langue Française*, Paris, 1949.
- 34 — GARDINER, Alan, *Speech and Language*, Oxford, 1960.
- 35 — GILI Y GAYA, Samuel, *Curso Superior de Sintaxis Española*, Barcelona, 1955.
- 36 — GIRSDAŃSKY, Michael, *The Adventure of Language*, Londres, 1963.
- 37 — GLEASON, H. A., *An Introduction to Descriptive Linguistics*, Nova York, 1961.
- 38 — GÓIS, Carlos, *Sintaxe da Concordância*, Rio de Janeiro, F. Alves, 1958.
- 39 — GOODWIN, William Watson, *Greek Grammar*, Londres, Macmillan, 1930.
- 40 — GRIESBACH, Heinz e SCHULZ, Dora, *Grammatik der Deutschen Sprache*, Munique, 1962.
- 41 — HALL, Robert A., *Italian, Applied Linguistics*, Boston, 1961.
- 42 — HARRIS, Zellig S., *Structural Linguistics*, Chicago, 1951.
- 43 — HILL, Archibald A., *Introduction to Linguistic Structures*. Nova York, Harcourt 1958.
- 44 — HOCKETT, Charles F., *A Course in Modern Linguistics*, Nova York, Macmillan, 1958.
- 45 — JESPERSEN, Otto, *The Philosophy of Grammar*, Londres, 1951.
- 46 — JUCÁ, "Língua Usual", *apud* Francisco Fernandes, *Dicionário de Verbos e Regimes*, p. 471 (26).
- 47 — LALANDE, André, *Vocabulaire de la Philosophie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1961, p. 864.
- 48 — LAROUSSE, P., *Traité Complet d'Analyse Grammaticale*, Paris.
- 49 — LEIPER, M. A., *A New English Grammar*, Nova York, 1935.
- 50 — LIMA, C. A. da Rocha, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1959.
- 51 — MADRID, Real Academia Española, *Gramática de la Lengua Española*, Madri, Espasa — Calpe, 1931.
- 52 — MAGMER, Thomas, *Russian, Applied Linguistics*, Boston, 1961.
- 53 — MAROUZEAU, J., *Lexique de la Terminologie Linguistique*, Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1951, p. 187.
- 54 — MARTINET, André, *Elementos de Lingüística Geral*, Lisboa, 1964 (original francês), p. 12.
- 55 — MARTINET, André, *A Functional View of Language*, Oxford, 1962.
- 56 — MARTINET, André, *La Lingüística Sincronica*, Madri, 1962 (original francês).
- 57 — MASON, *English Grammar*, 1891, p. 105, *apud* J. C. Nesfield (62).
- 58 — MEILLET, Antoine, *Linguistique Historique et Linguistique Générale*, Paris, 1958.
- 59 — MESTICA, Enrico, *Dizionario Della Lingua Italiana*, Torino, 1948.
- 60 — MOREIRA, Júlio, *Estudos de Língua Portuguesa*, Lisboa, Clássica, 1913, II.

- 61 — NASCENTES, Antenor, *Léxico de Nomenclatura Gramatical Brasileira*, Rio de Janeiro, 1946.
- 62 — NESFIELD, J. C., *English Grammar*, Londres, Macmillan, 1939, p. 88.
- 63 — NUNES, José Joaquim, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* (fonética e morfologia), Lisboa, Clássica, 1945.
- 64 — OITICICA, José, *Manual de Análise*, Rio de Janeiro, 1953.
- 65 — OLIVEIRA, Bento José, *Nova Gramática Portuguesa*, 6.ª ed., Coimbra.
- 66 — PALMER, Harold E., *A Grammar of Spoken English*, Cambridge, 1955.
- 67 — PAUL, Herman, *Principien der Sprachgeschichte*, Tuebingen, Max Niemeyer, 1960.
- 68 — PEI, Mario e GAYNOR, Frank, *A Dictionary of Linguistics*, Londres, Peter Owen, 1965.
- 69 — PEREIRA, Eduardo Carlos, *Gramática Expositiva*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958.
- 70 — PIKE, Kenneth L., *Language*, Glendale, Summer Institute of Linguistics, 1960, p. 78. *Apud* Elson e Pickett, *An Introduction to Morphology and Syntax*, III, p. 19 (22).
- 71 — RAVIZZA, João P., *Gramática Latina*, 9.ª ed., Niterói, Escolas Profissionais Salesianas.
- 72 — RIBEIRO, Ernesto Carneiro, *Estudos Gramaticais e Filológicos*, Salvador, 1954.
- 73 — RIBEIRO, Ernesto Carneiro, *Serões Gramaticais*, São Paulo, 1950.
- 74 — ROBERTS, Paul, *English Sentences*, Nova York, 1962.
- 75 — ROBINS, R. H., *General Linguistics*, Londres, 1964.
- 76 — SAID ALI, M., *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- 77 — SAID ALI, M., *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro.
- 78 — SAUSSURE, Ferdinand de, *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Payot, 1949.
- 79 — SECHEHAYE, Albert, *Essai sur la Structure Logique de la Phrase*, Paris, 1926.
- 80 — SWEET, Waldo E., *Latin, a Structural Approach*, Michigan, 1957.
- 81 — TESNIERE, Lucien, *Petite Grammaire Russe*, Paris, Henri Didier, 1945.
- 82 — VENDRYES, J., *Le Langage*, Paris, 1950.
- 83 — WEBSTER, Noah, *New International Dictionary*, Cambridge, 1948.

03.03.89

(benta-feira churra)

Adriana Maria

NCB3 15,00

Adriana Maria de Oliveira Melo



Imprensa Modest

Impressão e acabamento
Av. Senador Vergueiro, 1301
Fone: 452-1777
São Bernardo do Campo - SP
Brasil